

A CARÍCIA DO ASSASSINO

“Uma singular combinação de sentimentos,
emoções e psicologia. Fantástico.”

JOYCE CAROL OATES

“Um *thriller* surpreendente e perturbador.”

THE NEW YORK TIMES

A. J. Rich

ASA



Ficha Técnica

Título original: THE HAND THAT FEEDS YOU

Título: A Carícia do Assassino

Autor: A.J. Rich

Traduzido do Inglês por Elsa T. S. Vieira

ISBN: 9789892332123

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, Amy Hempel e Jill Ciment, A. J. Rich

Publicado por acordo com o editor original Scribner,

uma chancela da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leva.com

www.leva.pt

A Carícia do Assassino

Em memória de Katherine Russell Rich

*Quem poderá deixar de tremer ao pensar nos males que
pode causar uma só ligação perigosa!*

– CHODERLOS DE LACLOS
AS LIGAÇÕES PERIGOSAS

Sim ou não:

- Quero que toda a gente seja feliz.
- Sei o que as pessoas precisam sem que tenham de me pedir.
- Já dei sangue.
- Daria um rim para salvar a vida de um amigo chegado.
- Daria um rim para salvar a vida de um estranho.
- De um modo geral, pareço sincera.
- Dou mais do que aquilo que recebo.
- As pessoas aproveitam-se de mim.
- As pessoas, em geral, são merecedoras de perdão.

Hoje não responderia a nenhuma destas questões como respondi há um ano. E fui eu que escrevi o teste. Eu ia ser a pessoa que mudava a definição de predador ao identificar o que constitui uma vítima. O teste: fazia parte da minha tese de mestrado em Psicologia Forense na Faculdade John Jay de Justiça Criminal. Um filósofo disse, em tempos: «O limiar é onde se deve fazer uma pausa.» Eu estava no limiar de ter tudo aquilo que queria.

Eis a pergunta que faria hoje em dia:

Conseguirei perdoar-me a mim própria?

*

A aula tinha sido sobre vitimologia. Será que também existe na composição emocional da vítima uma bizzarria simbiótica como a que existe no cérebro de quem comete os abusos? O modelo que o professor usou foi a síndrome da mulher vítima de violência doméstica. Chamou a atenção para o facto de esta síndrome não aparecer em lado nenhum no *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-5)* mas estar amplamente presente nas leis criminais. Porquê? Eu julgava ter a resposta.

A manhã galvanizara-me; mal podia esperar por chegar a casa e regressar

à minha pesquisa. Sentia-me um pouco culpada por querer ter a casa só para mim novamente, por isso passei pela loja Fortunato Brothers e comprei um saco de bolachas de pinhão para Bennett.

O meu apartamento ficava no último andar de um prédio com fachada de tábuas em Williamsburg, Brooklyn. Não vivia com os *hipsters*; o meu quarteirão tinha raízes no Velho Mundo. Mulheres italianas varriam constantemente os passeios e mafiosos reformados jogavam xadrez no Fortunato's. Numa loja de lápides, a cerca de um quarteirão, vendiam também pão. Bennett chamava-lhe Comer e Morrer. Constava que o homem que a geria trabalhara para uma das grandes famílias da Máfia. O seu grupinho, nenhum deles com menos de oitenta anos, costumava sentar-se no passeio, em cadeiras de plástico, a fumar charutos. A carrinha dos gelados tocava a música de *O Padrinho*. Costumava dizer-se: «Não é televisão, é o nosso bairro.»

Para chegar à minha porta era preciso subir uma escada em espiral com sessenta e oito degraus. Enquanto subia, senti o cheiro do *poutpourri* étnico: alho a fritar no primeiro patamar, couve a cozer no segundo, depois chouriço a assar, e finalmente o meu andar, onde eu nunca cozinhava nada.

A porta estava aberta. Bennett devia ter saído e esquecera-se de abanar a maçaneta partida, como eu lhe pedira que fizesse. Os cães podiam ter saído. Tinha três cães: *Cloud*, uma cadela de montanha dos Pirenéus a quem eu chamava Grande Tela Branca, e *Chester* e *George*, dois arraçados de *pit bull* patetas e carentes que estava a acolher temporariamente. Os cães eram o único motivo de discórdia entre Bennett e eu. Ele queria que eu parasse de tentar salvar cada rafeiro que me aparecia à frente, em prejuízo do meu próprio trabalho, mas eu desconfiava que na realidade ele não suportava ter pelos de cão nas camisolas. Bennett estava sempre com frio, mesmo no verão. Afirmava ter síndrome de Raynaud, uma condição em que as veias nas extremidades se contraem, resultando em mãos e pés frios. Bennett tinha muito medo de ficar com a forma mais avançada da doença, em que os dedos das mãos e dos pés podem atrofiar. Contudo, as mãos dele nunca pareciam frias na minha pele. Em contraste, eu era encalorada. Era sempre a primeira a calçar sandálias na primavera, nunca usava cachecol, nunca me constipava com o ar condicionado. E não era por ser rechonchuda, que não era.

Quando empurrei com o ombro a porta do apartamento, preparada para as

boas-vindas delirantes dos três cães de cauda a abanar que me esperavam do outro lado, reparei que havia pétalas de rosa espalhadas no tapete do vestibulo. Teria sido Bennett a espalhá-las? Parecia piroso, nada típico dele. Um homem que se lembra de tudo aquilo que lhe dizemos não precisa de recorrer a *clichés*. Bennett via-me e compreendia-me de uma forma que eu nunca tinha sentido antes. Não era só prestar atenção, era que ele sabia o que eu queria antes de mim, quer fosse na ementa do restaurante ou num ecrã ou num disco. Claro que este conhecimento se estendia ao quarto.

Baixei-me para apanhar algumas das pétalas e vi que eram pegadas de patas. Portanto, não, afinal não era um gesto romântico batido. O que me parecia agora ser um padrão floral abstrato no soalho de madeira ia na direção do quarto. Teriam os cães acolhidos, *Chester* e *George*, conseguido chegar ao lixo? Cães deixam rastros de molho *puttanesca* pelo chão do apartamento – outro *cliché* que rejeitei de imediato. *Chester* e *George* eram cavalheiros, apesar de Bennett se irritar com os ossos meio roídos que deixavam espalhados pela casa. O facto de andar sempre a tropeçar em ossos e brinquedos de roer era outro dos motivos pelos quais queria que eu lhes arranjasse um lar permanente ou os devolvesse ao canil de East Harlem, onde os tinha ido buscar. Ao que parecia, um donativo feito a uma organização de salvamento de animais local colocara-me numa lista de *e-mails* e, desde então, quase todos os dias recebia fotografias e perfis de cães que teriam poucas horas para viver se eu não fizesse alguma coisa.

Os *pit bulls*, *Chester* e *George*, estavam no corredor da morte, à espera para serem eutanasiados. Na fotografia que recebi estavam encostados um ao outro, ambos com uma pata estendida como que num cumprimento. Não consegui resistir. Quando fui ao canil, os cartões deles identificavam-nos como «sem motivo de preocupações». Um funcionário disse-me que isto significava que tinham muito bom temperamento. Nunca tinham feito nada a ninguém, exceto dar amor e querer amor em troca. Preenchi a papelada, paguei duas taxas de adoção, com a intenção de os acolher apenas temporariamente, e no dia seguinte *Cloud* e eu fomos buscá-los num carro alugado.

Bennett não suportava o caos constante de três cães grandes num apartamento pequeno, e talvez tivesse razão, os cães *estavam* a apoderar-se da minha vida. Seriam estes salvamentos uma forma de altruísmo patológico? Era essa a base da minha pesquisa, um teste para identificar

vítimas cujo altruísmo e hiperempatia eram tão extremos que atraíam predadores.

Bennett precisava de ordem para funcionar, enquanto eu precisava de uma balbúrdia e calorosa. Quando ele me vinha visitar, de Montreal, pendurava as suas camisas e calças em cabides, enquanto eu deixava as minhas *leggings*, colete de cabedal *vegan* e camadas de camisolas de alças amarrotados em cima da cama. Ele esvaziava a máquina da loiça, que enchera e pusera a trabalhar, enquanto eu deixava os pratos sujos no lava-loiça. O mais difícil para mim era que ele não gostava de ter os cães a dormir connosco na cama. Não gostava dos cães, e eles sabiam-no. Os cães sabem. Obedeciam-lhe, mas Bennett dava as suas ordens num tom mais áspero do que seria necessário. Disse-lhe isso mais do que uma vez. Como é que conseguiríamos alguma vez viver todos juntos?

Cloud foi a primeira a chegar junto de mim. Usou o tamanho e a força muscular para afastar os rapazes. Não só não me recebeu da habitual forma exuberante, apoiando as patas gigantes nos meus ombros, como estava nitidamente agitada e assustada. Tinha as orelhas dobradas para trás, encostadas à cabeça, e descreveu círculos ansiosos junto dos meus pés. Um dos lados do corpo dela parecia ter sido encostado a uma parede pintada de fresco. Mas eu não tinha pintado nada e, se tivesse, não teria escolhido vermelho.

Caí de joelhos e afastei o pelo molhado à procura de feridas, mas ela não estava ferida e, de qualquer maneira, a cor não chegava à pelagem inferior. Pedi desculpa a *Chester* e *George* pelas minhas suspeitas injustificadas. Felizmente, já estava de joelhos, caso contrário talvez tivesse caído quando fui acometida pela primeira vaga de tonturas. Comecei automaticamente a examinar *Chester* e *George*, à procura da origem do sangue. Tinha o coração aos saltos. E fui atingida por mais uma vaga de tonturas. Eles também não estavam feridos. Baixei a cabeça para não desmaiar.

– Bennett? – chamei. Empurrei *Chester*, que estava em cima de mim a lamber-me o sangue das mãos.

Vi que o meu novo sofá, um presente do meu irmão mais velho, Steven, por ter saído da casa dos vinte e entrado na idade adulta, estava manchado. Tentei reunir os cães, mas estes continuavam a andar à minha volta, o que tornou difícil a caminhada até ao quarto. O meu apartamento tem o *design* de uma carruagem de comboio, comprido e estreito, com um corredor de

onde se abrem portas para todas as divisões. Uma bala disparada entraria e sairia sem atingir qualquer parede. Da sala, onde me encontrava, vi a metade inferior da cama. Vi a perna de Bennett.

– O que é que aconteceu aos cães? – perguntei.

À medida que percorria o corredor, as manchas vermelhas tornaram-se maiores.

Bennett estava deitado no chão do quarto, com a cara para baixo e uma perna ainda em cima da cama. Depois vi que as duas partes do corpo não estavam unidas. O meu primeiro pensamento foi salvá-lo de se afogar no seu próprio sangue, mas quando caí de joelhos vi que ele não estava virado para baixo. Tinha a cara para cima, ou teria, se ainda tivesse cara. Por um momento, illogicamente, agarrei-me à esperança de que não fosse Bennett. Talvez um intruso tivesse arrombado a porta e os cães o tivessem atacado. Mesmo em estado de choque, a minha formação permitiu-me ver que o assassino não era humano. Os salpicos de sangue não tinham qualquer padrão de emoção. Eu tinha experiência forense suficiente para perceber o que estava a ver. A análise dos padrões de sangue é mais precisa do que se poderia pensar. Diz-nos qual o tipo de ferimento, a ordem pela qual os ferimentos foram infligidos, o tipo de arma que os causou, se a vítima estava em movimento ou imóvel quando fora atacada. Os ferimentos aqui eram perfurações e lacerações. As mãos de Bennett estavam desenluvadas, o que significa que a pele fora arrancada quando tentara defender-se. A perna direita fora arrancada pelo joelho. A «arma» tinha sido um animal ou animais. As feridas eram irregulares, não as linhas retas de uma faca, e faltavam grandes nacos de carne. As manchas de sangue indicavam que ele fora arrastado pelo chão do quarto. A parte inferior da perna direita devia ter sido levada para cima da cama depois do ataque. Havia um padrão arterial no sangue na cabeceira da cama e na parede por trás, provavelmente proveniente da artéria carótida.

Ouvia os cães atrás de mim, a respirarem de forma ofegante, à espera de perceberem o que íamos fazer a seguir. Tentei controlar o terror. Com a voz mais calma que consegui, disse-lhes para se deitarem e ficarem onde estavam. Depois apercebi-me de outro cheiro que se começava a sobrepor ao cheiro do sangue. Parecia vir de mim. Levantei-me devagar e contornei os cães em câmara lenta. *Cloud* levantou-se, e ter-me-ia seguido se eu não lhe tivesse dado novamente a ordem para ficar. *Chester* e *George* estavam

completamente concentrados em mim, embora não se mexessem enquanto eu me dirigia à casa de banho. Finalmente entrei, fechei a porta atrás de mim e encostei-me a ela para o caso de eles tentarem atirar-se contra a madeira. Ouvi ganidos do outro lado.

Ainda não estava em estado de choque. Isso viria em breve. Ainda estava no estado inferior de derramar lágrimas de gratidão por estar viva. Estranhamente, sentia-me embriagada, como se tivesse acabado de ganhar um grande prémio. E tinha – a minha vida. Mas essa sensação não durou mais do que alguns segundos. Arranquei-me a este estranho transe e soube que tinha de chamar uma ambulância. Ele não podia estar vivo, mas, e se me tivesse enganado? E se ele estivesse a sofrer? Tinha o telemóvel dentro da mala, que deixara com as chaves no lintel da lareira. Depois ouvi o som de papel a amachucar-se e a rasgar-se e lembrei-me do pacote de bolachas. Devia tê-lo deixado cair, e agora os cães tinham-no encontrado. Lentamente, abri a porta e, evitando o quarto, fui buscar a mala. Quanto tempo demorariam eles a despachar as bolachas? Eu estava a funcionar à base de adrenalina enquanto continha o impulso de correr para a segurança da casa de banho; em vez disso, peguei na mala, sem nunca tirar os olhos dos cães. Por fim, estava de novo na casa de banho, segura atrás de uma porta trancada. Entrei na banheira vazia, como se a velha banheira de ferro pudesse proteger-me, e marquei o número de emergência. Precisei de duas tentativas. Quando a telefonista me perguntou qual era a emergência, não consegui responder. Nem sequer consegui gritar.

– Está em perigo neste momento? – Era uma voz feminina e madura.

Acenei veementemente com a cabeça.

– Vou entender o seu silêncio como um sim. Pode dizer-me onde está?

– Na casa de banho. – Murmurei a minha morada.

– A polícia vai a caminho. Eu vou ficar ao telefone consigo. Há algum intruso em sua casa?

Ouvi os cães do outro lado da porta. Os ganidos estavam a aumentar de intensidade. Agora estavam também a raspar com as unhas na porta para eu os deixar entrar.

Não respondi.

– Se há um intruso em sua casa, bata com o dedo uma vez no telefone.

Bati três vezes.

– Há armas envolvidas? Bata uma vez.

Bati no auscultador uma vez.

– Mais do que uma arma?

Bati de novo.

– Armas de fogo?

Abanei negativamente a cabeça e pousei o telefone na banheira vazia. A telefonista continuou a falar comigo, mas agora à distância. O abanar da cabeça – não, não, não – dera-me o mesmo conforto de ser embalada.

Um dos cães uivou ao ouvir a aproximação das sirenes. *Cloud*. Eu costumava rir-me quando ela se juntava à versão urbana de uma matilha de lobos, como se a mimada *Cloud*, cujos dentes eu lavava todas as semanas, tivesse uma partícula sequer de selvajaria nela. Agora, aquele uivo aterrorizava-me.

– A polícia chegou – disse a vizinha distante no telefone pousado no fundo da banheira. – Bata uma vez se os criminosos ainda estão dentro de casa.

Os cães ladraram ao ouvir os passos que se aproximavam, ao sentirem uma mão a rodar a maçaneta da porta para ver se estava trancada.

– Polícia! Abram a porta!

Tentei gritar, mas o único som que consegui fazer foi um gemido infinitesimal, ainda mais distante do que a voz que continuava a perguntar-me se os invasores estavam dentro de casa. A única resposta que a polícia ouviu foi latidos.

– Polícia de Nova Iorque! Abram a porta!

Os latidos continuaram.

– Chamem o Controlo de Animais! – ouvi um dos polícias gritar.

O próximo som que ouvi foi a porta a ser arrombada e um único tiro ensurdecador. O ganido que se seguiu foi tão triste como um gemido humano. Os outros dois cães pararam de ladrar.

– Lindos meninos, lindo cãozinho – disse um dos polícias.

– Acho que este está morto.

Os passos aproximaram-se cautelosamente.

– Oh, merda, oh, meu Deus – disse o outro.

Ouvi-o a tentar conter o vômito.

A porta da casa de banho abriu-se e um jovem polícia encontrou-me encolhida dentro da banheira vazia.

Agachou-se ao pé de mim. Senti o cheiro a azedo no seu hálito.

– Está ferida?

Eu tinha as pernas dobradas contra o corpo, o rosto escondido nos joelhos, as mãos cruzadas na nuca.

– Vem uma ambulância a caminho. Oiça, precisamos de ver se está a sangrar. – Pousou a mão ao de leve nas minhas costas e eu gritei. – Está bem, está bem, ninguém lhe vai fazer mal.

Permaneci congelada naquela pose encolhida, a mesma posição que as crianças faziam na escola durante os exercícios para se protegerem de uma explosão nuclear. Viria a descobrir mais tarde que um dos sintomas da perturbação aguda de stress é uma imobilidade rígida.

– O Controlo de Animais chegou – disse o outro polícia.

A ambulância devia ter chegado ao mesmo tempo, porque um paramédico tomou-me o pulso enquanto outra verificava se eu estava ferida. Continuei encolhida dentro da banheira.

– Acho que o sangue não é dela, mas não consigo ver o abdómen – disse ela. – Vou pô-la a soro. É só uma picadinha, querida.

Uma agulha de tricotar espetou-me a mão esquerda. Gritei tão alto que os cães recomeçaram a ladrar, mas agora apenas dois.

– Vamos dar-lhe uma coisa para a ajudar a relaxar, para que possamos ver se está ferida.

Um calor sombrio começou a subir-me pelo braço, como se alguém me tivesse calçado uma luva quente. Depois a escuridão expandiu-se até ser suficientemente grande para eu entrar lá para dentro, um saco preto onde, misericordiosamente, podia desaparecer.

– Precisamos de lhe fazer algumas perguntas. Ela consegue falar? – perguntou um dos polícias.

– Está em estado de choque.

– Chama-se Morgan Prager?

Tentei assentir com a cabeça, mas o saco preto estava demasiado apertado.

– Pode dizer-nos quem é que estava no apartamento consigo? Não encontrámos identificação no morto.

– Ela consegue ouvir-nos? – perguntou o outro polícia.

Puseram-me numa maca e atravessaram o apartamento comigo. Abri os olhos quando passámos pelo quarto. Agora a cena era mais confusa do que aterrorizadora.

– O que aconteceu? – perguntei, no meu novo fio de voz.

– Não olhe – disse a rapariga da ambulância.

Mas eu olhei. Não estava ninguém a tratar de Bennett.

– Ele está a sofrer? – ouvi a minha voz perguntar.

– Não, querida, ele não está a sofrer.

Mesmo antes de começarem a descer as escadas, vi o corpo de *Chester* no chão do vestíbulo. Porque é que o tinham matado? *Cloud* e *George* estavam cada um numa caixa de transporte do Controlo de Animais, ambos rotulados como CÃO PERIGOSO.

Os médicos não encontraram nenhum ferimento em mim, nada físico que explicasse a minha imobilidade rígida, a minha mudez, à exceção de um grito ocasional quando alguém se aproximava de mim. Para minha própria segurança, emitiram uma ordem pela secção 9.27 do código de Nova Iorque: certificação médica de internamento involuntário.

Verdadeiro ou falso:

- ▣ Já viveu ou testemunhou um evento de vida ou morte que lhe causou medo, impotência ou horror intensos.
- ▣ Revive esse evento em sonhos.
- ▣ Revive o evento quando está acordada.
- ▣ Pensa sobre suicídio.
- ▣ Pensa em matar outras pessoas.
- ▣ Compreende que está num hospital psiquiátrico.
- ▣ Sabe porque está aqui.
- ▣ Sente-se responsável pelo evento.

Eu sabia que esta psiquiatra bem-intencionada, que se apresentou como Cilla, estava a fazer as perguntas tradicionais necessárias para avaliar o meu estado mental, mas as perguntas para as quais eu precisava de resposta não se encontravam entre elas.

Ela fitou-me com uma curiosidade serena.

– Não tem de falar comigo agora, nem de responder a estas perguntas. – Abriu a gaveta da secretária, voltou a guardar o teste e tirou uma pastilha de nicotina. – Sou tão viciada nisto como era nos cigarros. – Parecia ter cinquenta e poucos anos, com um penteado simples, o cabelo preso por um travessão de tartaruga. Serviu-se de uma chávena de café e tirou uma segunda chávena de cima do aparador. – Como toma o seu? – Tirou um pacote de leite do minifrigorífico e começou a servir. – Diga quando estiver bom.

Levantei a mão.

– Açúcar?

– Aquilo de que me lembro é verdade? – Eram as primeiras palavras que dizia em seis dias.

– De que é que se lembra?

– O meu noivo está morto. Encontrei-o no quarto. Tinha sido atacado

pelos meus cães.

A psiquiatra esperou que eu continuasse.

– Soube que ele estava morto antes de chamar a ambulância. Escondi-me na banheira até a ajuda chegar. Um polícia matou um dos meus cães. – Não consegui fitá-la nos olhos. – A culpa é minha.

– Estava em estado de choque quando a trouxeram, mas a sua memória não foi afetada. Conseguiu dormir ontem à noite? Tem comido?

Respondi não a ambas as perguntas. Responderia não a qualquer pergunta sobre normalidade. Nunca mais voltaria a sentir-me «normal». Como podia esquecer aquilo que vira? Que mais havia para ver?

– Compreendo que a sua dor é incomensurável, e posso dar-lhe qualquer coisa para dormir agora mesmo, mas não posso dar-lhe medicação para esse tipo de dor. Chorar a morte de alguém não é uma doença.

– Pode dar-me alguma coisa para o sentimento de culpa?

– Talvez se sinta culpada porque a culpa é mais tolerável do que a dor.

– O que hei de fazer?

– Já está a fazê-lo. Está a falar comigo. É a primeira coisa que pode fazer.

– Falar não muda os factos.

– Tem razão, mas não estamos aqui para mudar os factos.

– Ele está morto. Quero saber o que aconteceu aos meus cães.

– Os cães são provas. Estão detidos pelo Departamento de Saúde Pública.

– Vão ser abatidos?

– O que acha que lhes devia acontecer?

Cloud nunca tinha feito mal a ninguém. Estava comigo desde que tinha oito semanas. O que poderia ter provocado os *pit bulls*? Dormiam na minha cama há dois meses. Até dormiam na cama connosco quando Bennett lá estava, embora, nas primeiras vezes, eu tivesse de retirar *Chester* por estar a defender os seus recursos – sendo que eu era o recurso que ele estava a defender. Mas talvez Bennett o tivesse ameaçado fisicamente? O ataque fora brutal. Bennett estava irreconhecível.

– Quero saber o que aconteceu ao corpo do Bennett. Os pais dele trataram do funeral?

– A polícia ainda não os conseguiu localizar.

– Ele disse-me que os pais viviam numa aldeiazinha no Quebec.

– O Bennett tinha vindo visitá-la, do Quebec?

– Ele vivia em Montreal.

- O seu irmão disse-me que não conhecia o Bennett.
- Falou com o Steven?
- O Steven não vive perto de si? – perguntou Cilla.
- Tínhamos sempre tão pouco tempo juntos, que o Bennett só me queria ver a mim.
- Alguma vez o foi visitar a Montreal?
- Ele queria que eu fosse lá, deu-me uma chave e tudo, mas acabava por ser mais fácil vir ele cá.
- Como é que se conheceram?
- Eu estava a fazer investigação para a minha tese em Psicologia Forense.

Depois de seis dias sem dizer uma palavra nas nossas sessões diárias, eu ainda não estava preparada para lhe dizer que o conhecera enquanto testava uma teoria sobre as vítimas de predadores sexuais *online*. Tinha definido e criado cinco perfis de mulheres que estavam especialmente em risco: a «Desejosa de Agradar», a «Pós-Relação Falhada», a «Traumatizada», a «Presa Fácil» e a «Obsequiosa». Coloquei os perfis em vários *sites* de encontros. Criei também uma personalidade de controlo – uma rapariga tímida, séria, generosa, viciada em trabalho, capaz de rir de si própria e que gostava de sexo – por outras palavras: eu. O primeiro *e-mail* de Bennett punha-o no grupo de controlo dos tipos normais. Ao contrário dos outros «tipos normais», cujas respostas eram mais como currículos enviados a um recrutador para um emprego bem pago, Bennett mostrou curiosidade em relação a mim – que livros gostava de ler, que música ouvia, onde é que me sentia mais à vontade. Senti-me fraudulenta até que, à medida que as conversas se intensificavam, não me restou alternativa. Contudo, quando lhe disse o que estava realmente a fazer *online*, em vez de ficar zangado ou magoado, ele ficou fascinado. Fez-me inúmeras perguntas sobre o meu trabalho e eu fiquei lisonjeada com o interesse, mais do que lisonjeada.

O interesse dele no meu trabalho abriu outra arena em que as nossas mentes se encontravam. O seu entusiasmo pelas minhas ideias era maior até do que o dos meus colegas, incluindo o polícia dominicano atraente com quem namorei durante algum tempo. Quando muito, o interesse de Bennett tornou-se um pouco obsessivo. Uma tarde, dei com ele a ler uma resposta na minha conta do Hotmail, a conta que criara para o meu estudo. O autor era alguém que eu considerava ter um desvio sexual, embora ainda não

tivesse a certeza se era ou não um predador. Quando perguntei a Bennett o que estava a fazer, ele disse:

– Deixaste a conta aberta, fiquei curioso. Reparei que este tipo fala sempre de si próprio na terceira pessoa. Isso é característico?

Eu nem sequer me tinha apercebido de que este indivíduo fazia isso; não só esta descoberta se sobrepôs ao meu desconforto com o comportamento presunçoso de Bennett, como sublinhou a qualidade da atenção dele no que dizia respeito à minha pesquisa. Mais uma vez, ele ajudara-me. E ocorreu-me então um pensamento: não podia pedir-lhe desculpa nem agradecer-lhe. O desespero apoderou-se novamente de mim.

– Quando é que saio daqui?

– O internamento involuntário terminou há três dias – disse Cilla. – A sua estada, neste momento, é voluntária.

– Tenho mesmo de sair?

É estranho que tenha tido um sonho erótico enquanto estava internada na enfermaria psiquiátrica. Ou talvez não.

– Diz-me o que gostas mais – dissera Bennett no sonho. Beijou-me os lábios e depois puxou-me o cabelo, com tanta força que doeu.

Surpreendi-me a mim própria com a resposta:

– O cabelo.

Ele acariciou a parte de dentro da minha coxa, e depois mordeu-a. Mais uma vez, perguntou-me o que gostava mais.

– A dentada.

– Linda menina – disse Bennett, e lambeu-me a bochecha, como um cão.

Disse-me para me virar e, no sonho, senti-o entrar em mim duas vezes ao mesmo tempo. Como era possível?

– O que é que gostas mais?

– Não consigo escolher – disse, e ele continuou, como se fosse dois homens ao mesmo tempo.

Quando falei a Cilla sobre o sonho, na nossa sessão seguinte, ela disse que não era invulgar que a dor despertasse sentimentos de natureza sexual, que o meu corpo estava tão enlutado como a minha psique. Disse que o sexo, mesmo em sonhos, é sinal de vida.

As mãos de outros homens eram ágeis e provocantes; o toque de Bennett era seguro. Começava a tocar-me num ponto do meu corpo que fazia com que a carícia parecesse infinita. E a pressão nunca era tímida – era a mesma pressão que um escultor usa para moldar barro molhado.

No nosso primeiro encontro, reservámos um quarto na Estalagem de Old Orchard Beach em Old Orchard Beach, no Maine.

Concordámos que o nosso primeiro encontro em pessoa seria na privacidade do quarto. Fiquei surpreendida ao perceber que estava envergonhada, depois de esperar ansiosamente por este momento ao longo de um mês. Concordámos também que Bennett já estaria no quarto à minha espera. Nesse momento, desejei que tivéssemos antes planeado encontrar-nos em público, algures onde pudéssemos fazer alguma coisa – uma viagem de barco, um passeio, qualquer coisa menos olharmos um para o outro num quarto pequeno com uma cama grande. Antes de Bennett, só tinha estado com rapazes. Não importava a idade que tivessem, os rapazes eram turbulentos, divertidos, intensos, perigosos, egoístas e atraentes, mas não eram confiantes. Mal tinha aberto a porta quando Bennett me pegou firmemente no pulso e me puxou para dentro. Vi um homem que não era de uma beleza convencional. E percebi instantaneamente que isso não interessava. As suas feições não eram simétricas – um lado da boca curvava ligeiramente para baixo. A sua tez traía um caso de acne adolescente. Os olhos azuis, de pestanas compridas, eram particularmente claros em contraste com a pele. O que noutro homem prejudicaria o aspeto, contribuía aqui para o poder de atração que este jovem Tommy Lee Jones exercia sobre as mulheres. O poder era cinético: os seus movimentos eram lânguidos.

O beijo foi lento. Ele soube quando o terminar.

E quando recomeçar.

Segurou-me no rosto enquanto me beijava. Agarrei-me com força à nuca dele. As mulheres são criadas para preferir homens altos, mas Bennett não media mais de um metro e setenta e eu gostava da forma como encaixávamos um no outro. Fiquei contente por ele não ter perfume; cheirava à água límpida de um lago.

Caímos na cama e ele puxou-me para si, mas, desta vez, não foi pelo pulso. O que anulou a minha timidez foi o desejo dele por mim. Quando me

disse que era mais bonita em pessoa, acreditei. Já não me sentia inibida; era como se a confiança dele se tivesse transferido para mim. Ajudei-o a desabotoar a minha blusa; não era preciso lutar com o fecho do *soutien*, pois eu tinha apenas uma camisola interior de seda. Ele puxou-a por cima da minha cabeça. Demorou o seu tempo. Pegou-me na mão e colocou-a na sua ereção. Levantou-me a mão e beijou-a na palma. Enfiou cada um dos meus dedos na boca, por momentos. Ajoelhou-se em cima da cama, ainda completamente vestido, com calças de ganga e uma camisa branca, e despiu-me o resto da roupa. Roçou o queixo em mim e beijou-me no interior das coxas. Eu desejava-o, mas segui o exemplo dele. Não tinha pressa, e eu também não. Fez-me deitar na cama, abriu-me as pernas e introduziu a língua dentro de mim. Nenhum dos rapazes me tinha feito isto, não assim. A velocidade com que me vim deixou-me embaraçada, até ver o prazer que isso lhe dera. Ele endireitou-se e agora era a minha vez de ajoelhar. Ele tinha um velho par de *Levi's* de botões. Desabotoei-os, sentindo a ereção dele. Inclinei-me e rocei os seios nela.

– Anda cá – disse ele.

Enfiou um dedo dentro de mim e beijou-me no pescoço quando sentiu como eu estava pronta para ele. Fez-me esperar mais alguns segundos. Os seus movimentos tinham autoridade. Compreendia que havia poder na imobilidade, e excitação na pausa.

– Anda cá – disse, outra vez.

A minha companheira de quarto em Bellevue era uma caloira da Sarah Lawrence que tentara suicidar-se enchendo a boca de papel higiénico.

– Tinha bebido o álcool todo do meu pai e tomado os comprimidos todos da minha avó, mas nada estava a resultar – disse-me. O nosso quarto não era muito diferente de um quarto num dormitório universitário, mas as janelas eram feitas de vidro ultrarresistente e o «espelho» na casa de banho era de aço inoxidável. Fechar a porta não nos dava privacidade; para lá de uma janela redonda como uma vigia, as luzes do corredor nunca se apagavam. A minha companheira de quarto, Jody, disse-me que Cilla, a psiquiatra que partilhávamos, tinha em tempos cantado no coro de Lou Reed. A vida de Jody lá fora, qualquer que fosse, envelhecera-a ao ponto de parecer muito mais velha do que os seus dezoito anos, e o lápis preto carregado com que

delineava os olhos não ajudava. Os funcionários da recepção tinham-na obrigado a tirar os *piercings* faciais, e tinha uma fila de furinhos no lábio inferior.

Em contraste, Cilla não usava maquilhagem, mas mesmo assim parecia mais nova do que eu imaginava que fosse. O rosto liso era tão tranquilizador como o olhar benevolente. Devia ter sido preciso um esforço consciente para aperfeiçoar aquela expressão – neutra, sem julgar, como se estivesse a olhar para uma paciente, e não para uma mulher responsável pela morte do noivo. Eu tentara alcançar aquela expressão quando me encontrava semanalmente com os vigaristas da Internet e os exibicionistas na prisão de Rikers, como parte da minha formação.

Sentei-me no sofá, e ela numa cadeira de braços com uma almofada ortopédica. Tentei imaginá-la noutros tempos: calças de cabedal pretas, sapatos de plataforma, a cantar atrás do músico de *rock* mais fixe de Nova Iorque.

Ela pegou no pacote de pastilhas de nicotina.

– Importa-se?

O gabinete frio e institucional estava pintado em tons de terra tranquilizantes. Tinha um quadro estilo *color field* laranja e ocre atrás da secretária, o tipo de arte abstrata em tempos considerada radical e que agora decorava as paredes de todos os psiquiatras. O quadro era o único apontamento de cor viva.

– Parece que conseguiu repousar melhor esta noite.

– Se considerar os pesadelos repousantes.

– Posso aumentar a sua dose de *Ambien*.

– Não há dose suficiente para me trazer alguma paz.

– Talvez a paz não seja o objetivo, por enquanto.

– Então o que estamos a fazer aqui?

– Fale-me da última vez em que se sentiu em paz.

Não precisei de pensar muito: tinha sido em junho passado, no primeiro fim de semana que eu e Bennett passámos juntos. Encontrámo-nos outra vez entre Montreal e Brooklyn, numa estalagem antiquada em Bar Harbor que Bennett tinha descoberto. Ele foi de carro e eu apanhei um autocarro. Estávamos a andar de caiaque em paralelo à margem quando um alce saiu do bosque. A armação do animal devia ter uns três metros de envergadura – metade animal, metade árvore. Nunca tinha visto criatura tão majestosa.

Bennett e eu partilhámos um momento de assombro, sem que nem eu nem ele precisássemos de dizer nada.

– O que a está a fazer chorar? – perguntou Cilla.

– Estava com ele.

Ela estendeu-me a obrigatória caixa de lenços de papel, mas optei por não a usar.

– Destruí aquilo que amava. Consegue encontrar a dosagem certa para que eu consiga aceitar isso?

Ela não disse nada. O que havia para dizer?

– E para ver como eu sou horrível... tenho saudades dos meus cães.

Ela fitou-me com aquele olhar neutro e calmo, como se estivesse a desafiar-me a arranjar maneira de a perturbar.

– Às vezes sinto-me tão culpada em relação à *Cloud* como em relação ao Bennett. Por que raio acolhi aqueles dois cães?

– Estava a tentar ser boa.

– Estava? Não foi a primeira vez.

– Já tinha acolhido outros cães antes?

– Os acumuladores usam os animais para se automedicarem.

– Considera-se uma acumuladora?

– O potencial está lá. Eu era aquela miúda que trazia para casa todos os cães e gatos vadios que encontrava, todos os passarinhos bebés que caíam dos ninhos. Sabe que mais? Aqueles passarinhos bebés estavam doentes. Era por isso que as mães os empurravam dos ninhos. Trouxe um para casa, e acabou por matar o meu querido periquito.

– Acha que as pessoas deviam deixar de ser bondosas por causa das consequências imprevisíveis?

Tirei um lenço de papel da caixa que estava em cima da mesinha baixa entre nós, embora não precisasse dele; não estava a chorar. Só queria esmagar algo nas mãos.

– A morte do Bennett era imprevisível? – perguntei. – E a mãe de um recém-nascido que tem uma pitão como animal de estimação? E a mulher que acolhe em casa o namorado que foi despejado e depois não acredita quando a filha lhe diz o que ele lhe faz?

– É esse o tipo de predador que estuda?

– Estudo as vítimas.

Finalmente contei-lhe como conheci Bennett. Ele era o sujeito de controlo

que eu procurava. *Sim ou não. Ele prefere estar certo do que ser feliz. Sente-se frequentemente desafiado. Gosta de se sentir protetor em relação às mulheres. Gosta de se sentir poderoso em relação às mulheres. As mulheres mentem-lhe.* Em todos os critérios, Bennett encaixava numa personalidade de tipo B, o macho não-agressivo, o tipo de homem com quem a nossa mãe quer que casemos. Nunca tive tendência para o tipo de homens que a minha mãe aprovaria. Foi por isso que a forma encantadora como ele reagiu ao meu perfil *online* me apanhou desprevenida. O *e-mail* não era sedutor. Ele não usou o ecrã do computador como um espelho para se pôr bonito. Não usou a palavra *Eu* uma única vez na sua primeira resposta. Eu conto os *Eus*. Em média, os sujeitos que respondem nestas situações usam-no dezanove vezes no *e-mail* de apresentação. *Tu* aparece normalmente menos de três vezes. O *e-mail* de Bennett era um questionário. Que livro nunca levarias para uma ilha deserta? Qual é a tua palavra preferida? Gostas mais de animais do que de pessoas? Que canção te faz chorar mas tens vergonha de admitir? Onde é que nunca irias de férias? Achas que os números irradiam cor?

– Acha que o Bennett foi sua vítima? – perguntou ela.

Porque tivera de o ser? Eu não conseguia ultrapassar o porquê. Os *pit bulls* nunca o tinham ameaçado, exceto o comportamento inicial de *Chester*, para me proteger. Bennett não tinha medo deles, dizia, mas fizera questão de me contar que uma vez *Chester* lhe rosnara quando ele tentara retirar os ossos que eu deixara para os cães. Bennett não gostava particularmente de animais, mas havia uma aceitação provisória. Como é que ele os tratava quando eu não estava lá?

– Porque escolheu estudar vitimologia? – quis saber Cilla.

– Acho que a vitimologia é que me escolheu a mim.

As vítimas só se tornam em sobreviventes depois de o facto se consumir. Como é que uma vítima é escolhida?

Imaginemos que cinco meninas estão a sair de um parque infantil. O predador está sentado no carro do outro lado da rua. O seu método de seleção não se assemelha em nada ao de uma alcateia de lobos a escolher um alce coxo, ou assemelha?

Ele estuda o passo de cada uma das meninas, a forma como o seu traço de personalidade dominante – tímida, descarada, alerta, sonhadora – determina a sua postura e modo de andar. Contém-se e não escolhe a sua vítima até ver uma que satisfaz as suas necessidades. A primeira menina a sair saltita enquanto anda: eu quando era pequena. Seria uma escolha fácil, mas este predador em particular não quer uma «saltitante». As «saltitantes», ao que parece, são presas complicadas. Defendem-se. A segunda menina que lhe chama a atenção está ladeada por amigas risonhas e, embora seja o tipo dele, não quer ter de se esforçar para a separar do grupo e correr o risco de falhar. A terceira menina vai aos gritos ao telemóvel, e a quarta possibilidade está vestida de forma demasiado masculina para o gosto dele. A quinta tem um bocadinho de peso a mais e torce uma madeixa de cabelo enquanto anda. Tem a maior parte do rosto escondida atrás do cabelo, um indício seguro de baixa autoestima e reserva emocional. A «torcedora» nunca se defende ativamente. Já sabe que é uma vítima, se não for hoje, será noutra altura. Ele não tem de se esforçar para a cativar. O lobo tem de cativar o alce coxo?

O *método de abordagem* é uma expressão que se refere à forma como o criminoso se aproxima da vítima. Fornece pistas relativas a ele, tal como as suas capacidades sociais, constituição física e capacidade de manipular. Os três métodos de abordagem gerais são a burla, a surpresa e o ataque relâmpago. A burla descreve alguém que engana a vítima e a faz pensar que precisa de ajuda – por exemplo, Ted Bundy com o braço engessado, a pedir a jovens mulheres que o ajudassem a tirar uma coisa da carrinha sem janelas. A surpresa é quando alguém fica à espera, de atalaia, e depois

domina rapidamente a pessoa – por exemplo, o assassino que se esconde debaixo do carro à espera de que as mulheres acabem as suas compras e abram o porta-bagagens, atacando o tendão de Aquiles para que a vítima não possa fugir. O ataque relâmpago requer um uso de força rápido e excessivo para dominar rapidamente as defesas da vítima – por exemplo, uma invasão doméstica em que a pessoa que tem o azar de lá estar é imediatamente morta, ou violada e morta.

A avaliação de riscos refere-se à probabilidade de uma pessoa em particular se tornar vítima. O risco das vítimas divide-se em três níveis básicos: risco baixo, risco médio e risco elevado. Estas classificações são baseadas nas suas vidas pessoais, profissionais e sociais. A prostituta é o exemplo óbvio de uma pessoa com risco elevado: exposta a um grande número de desconhecidos, frequentemente em contacto com utilizadores de drogas, muito tempo sozinha à noite, e com poucas probabilidades de que alguém dê pela sua falta. Uma vítima de baixo risco tem um emprego certo, muitos amigos e horários imprevisíveis.

Mas e se houvesse um tipo diferente de fator de risco, o risco de ser demasiado confiante, não por credulidade, mas por compaixão? E a menina que é atraída para o carro do predador porque ele lhe pede ajuda para encontrar um gatinho perdido?

É assim que funciona com os seres humanos.

Estudei com um psiquiatra que deixava os pacientes trazerem os seus cães para as sessões. Ele falou-me sobre uma paciente que trazia o seu cão arraçado de pastor alemão, um cão muito bem comportado, que ficava deitado aos pés da dona mesmo quando ela abanava os braços para sublinhar as suas palavras de forma consideravelmente dramática. Mas outro paciente, que estava a tomar medicação antipsicótica, sentava-se invulgarmente imóvel ao lado do seu *setter* Gordon, a falar em tom calmo e inexpressivo, e o cão *dele* levantava-se e percorria nervosamente o gabinete, chegando mesmo a rosnar baixinho, com as orelhas para trás. A conclusão? Os cães conseguem diferenciar entre comportamento neurótico e comportamento que é realmente uma ameaça.

Teria Bennett ameaçado os cães?

Cilla ajudou-me a compor uma carta de condolências para os pais de

Bennett. Bennett mostrara-me uma fotografia deles. O seu velho pai estava a tocar acordeão numa cozinha de campo enquanto a mãe, de avental, dançava. Quando Cilla me perguntou o que ele me contara sobre os pais, tudo aquilo de que me lembrava era genérico. Ele não dizia muito voluntariamente, e desejei ter feito mais perguntas sobre eles. Cilla aconselhou-me a não centrar a carta na *minha* perda.

O meu irmão, Steven, pediu a um dos investigadores do seu escritório de advogados para descobrir uma morada, já que a polícia não estava a conseguir: Monsieur Jean-Pierre e Madame Marie Vaux-Trudeau, em Saint-Elzéar, Quebec, uma cidadezinha com menos de três mil habitantes.

– Os pais não existem – disse-me Steven quando me veio visitar a Bellevue. Era o princípio da minha segunda semana ali e ele tinha vindo quase todas as noites. Sentámo-nos em cadeiras de plástico na sala comunitária enquanto a televisão passava *Happily Never After* no canal Discovery Investigation. Imagine-se, preencher uma temporada inteira com histórias sobre cônjuges que se matavam uns aos outros... *na lua de mel*. A minha companheira de quarto, Jody, colou-se a nós, pois sabia que Steven trazia sempre chocolate. Pôs os auriculares para nos dar privacidade, mas vi que ela tinha desligado o som.

– Queres dizer que o teu investigador não os conseguiu encontrar – corrigi-o.

– Para a próxima, Steve – interrompeu Jody –, podes trazer daquele que tem bocadinhos de *bacon* e sal?

– Chocolate com *bacon*? – disse Steven.

– Se calhar escrevi mal o apelido deles – disse eu.

– O meu investigador experimentou todas as variações. Não há ninguém com esse nome em Saint-Elzéar.

– Se calhar enganei-me na cidade.

– Ele procurou em todo o lado.

– Eles têm de estar em algum lado. Alguém tem de lhes dizer que o filho morreu.

– Pedi ao investigador que verificasse os registos oficiais da cidade e procurasse a certidão de nascimento do Bennett. Nunca houve ninguém com esse nome a viver lá.

– Não te pedi que investigasses o Bennett.

– Não estava a investigar o Bennett, estava apenas a tentar encontrar os

pais dele, como me pediste.

Conheço o meu irmão melhor do que ninguém. Em pequenos, éramos inseparáveis e terrivelmente protetores em relação um ao outro, um padrão que é frequente encontrar em filhos de pessoas maníaco-depressivas. Quando o nosso pai estava deprimido, ignorava Steven, e quando o nosso pai estava na fase maníaca, atacava-o. A doença bipolar é um dos raros casos em que predador e vítima podem ocupar o mesmo corpo, ao mesmo tempo. É uma luta injusta.

– Queres que o investigador continue à procura dos pais do Bennett? – perguntou Steven.

– Claro que quero.

*

Depois de Steven sair, Jody comeu o seu chocolate.

– Aconteceu o mesmo à minha professora de Escrita Criativa na Sarah Lawrence. Conheceu um tipo britânico *online* e apaixonou-se.

– Por que raio é que a tua professora te falou sobre a sua vida amorosa? – perguntei, embora mal me conseguisse concentrar em Jody. Ainda estava presa no momento em que Steven dissera que Bennett não tinha nascido onde me dissera que nascera.

– Temos de nos encontrar em privado meia hora por semana para discutir a minha escrita. Não há nada para dizer. Ambas sabemos isso. De qualquer maneira, acabou por descobrir que o tipo era um miúdo de doze anos.

– Isso deve estar sempre a acontecer. – Estendi a mão para apagar o candeeiro da mesa de cabeceira.

– Espera. Finalmente percebi. Tu és uma má versão daquela atriz, a Charlotte Rampling... os olhos de cama, *sexy*, que mudam de verde para castanho conforme a luz, as maçãs do rosto. Andava maluca a tentar perceber quem é que me fazias lembrar.

– A versão *má*.

– E a versão baixa – disse Jody. – A minha irmã e eu dizemos que somos as versões más da Joan Fontaine e da Olivia de Havilland. Vemos muitos filmes antigos. O teu irmão, por outro lado, é uma versão *boa* do Nic Cage.

– Acho que ele gostaria disso. Não sei quanto à tua irmã, mas não acho que tu sejas a versão má de ninguém – acrescentei, para ser simpática. Desta

vez apaguei a luz. – Dorme bem. – Até virei costas a Jody para sublinhar a minha intenção de pôr fim à conversa. Mas a luz da janela na porta iluminava o quarto, o suficiente para eu não conseguir fingir que estava sozinha.

Porque é que alguém diria ter nascido num sítio onde não nascera?

De todas as mentiras que os homens já disseram às mulheres, esta era a mais estranha. Parecia não servir qualquer propósito, que eu conseguisse identificar. A menos que ele tivesse mudado de nome. Mas as razões pelas quais as pessoas mudam de nome – além do casamento, em que por vezes as mulheres mudam de apelido – têm a ver com um corte de ligações com o passado e um recomeço do zero. E se ele tinha mudado de nome, que mais teria mudado – a história da sua infância? Mas falava dos pais com tanto amor. Seria essa a infância que gostaria de ter tido? Quem eram as pessoas da fotografia? Bennett era parecido com o homem da foto.

Virei-me até estar a olhar para a outra cama. Jody, se não estava a dormir, estava pelo menos sossegada. Não conseguia tirar da cabeça aquele seu joguinho pateta. Bennett seria a versão má de quem? Pensei em todos os atores de outros tempos que vira em filmes na televisão e decidi-me pelo icónico Montgomery Clift. Ele sofrera um acidente de automóvel grave – fora contra uma árvore – nas filmagens de *A Árvore da Vida* e, embora a cirurgia plástica facial a que fora sujeito fosse bastante boa para os anos cinquenta, havia decididamente um antes e um depois no que dizia respeito ao seu aspeto. Bennett, pensei, era a versão má da versão *má* de Montgomery Clift. Assim que pensei isto, fiquei envergonhada – porquê esta visão desagradável? A única coisa que ele fizera fora mentir sobre o sítio onde nascera.

Jody continuava em silêncio. A companheira de quarto que eu desejava ter era Kathy. Não teria apagado a luz e virado costas a *ela*. Teríamos dissecado as possibilidades desta estranha situação, perdendo-nos em cenários cada vez mais loucos até estarmos as duas a rir. Por fim, ela defenderia uma abordagem dupla – diria que eu tinha de fazer uma investigação e correr os riscos de quem tem fé.

A fé fora boa para ela. O seu espírito aventureiro, indómito e sábio guiara-a por uma vida que muitos invejariam – até certo ponto. Aos vinte e oito anos de idade, no seu terceiro ano na Faculdade de Medicina da Universidade de Nova Iorque, foi-lhe diagnosticado um cancro da mama,

que se espalhou imediatamente para os ossos. Ela continuou a ir às aulas e a trabalhar no hospital durante a fase inicial da quimioterapia, e aparecia na enfermaria com a cabeça à mostra – sem peruca, sem lenço. Os pacientes viam a sua coragem todos os dias, viam-na estar ali, por eles, quando outra pessoa teria capitulado.

Viveu oito anos depois do diagnóstico. Durante quatro desses oito anos partilhámos um apartamento em Vinegar Hill, perto da entrada para a Ponte de Brooklyn. Ela morreu pouco antes de eu conhecer Bennett.

E agora eu estava num manicómio com uma estudante da Sarah Lawrence.

O que teria a Kathy feito?

De manhã, compraria um bilhete de avião para Montreal, usaria a chave que Bennett me dera e descobriria o que pudesse.

— **V**ou-me embora esta tarde — disse a Cilla na manhã seguinte. Estávamos sentadas no gabinete dela a beber chá. Eu via-a diariamente desde que fora internada, e ela prometera continuar a receber-me como paciente externa. Puxei os fios das minhas calças de ganga esburacadas, como era moda.

— Não acha que devia ficar mais alguns dias? Pelo menos até ter uma estrutura de apoio montada?

Eu achava que ela era a minha estrutura de apoio, ela e Steven.

— O Steven contratou um serviço de limpeza de cenas de crime para tratar do meu apartamento.

— Tem a certeza de que está preparada para voltar para casa, mesmo com o apartamento limpo?

— Eles terão produtos de limpeza diferentes do que aqueles que nós usamos? Nunca consegui sequer tirar o sangue do nariz de uma toalha — disse eu a Cilla. — Não vou para casa. Tenho de ir a Montreal, ao apartamento do Bennett, ver se encontro a morada e o número de telefone dos pais dele. Não posso voltar para casa enquanto não falar com eles.

— Acha que lhe cabe a si informá-los, e não às autoridades?

— Ninguém os conseguiu encontrar, nem sequer o investigador do Stephen.

— E a Morgan acha que vai conseguir?

— Ele era tão organizado. Pendurava as camisas e gravatas por cor. Tenho a certeza de que consigo encontrar a morada dos pais algures na secretária dele. Era a secretária mais arrumada que alguma vez vi.

— Então já estive no apartamento dele?

— Não, ele mostrou-me pelo Skype.

Costumávamos jantar pelo Skype. Decidíamos-nos por comida chinesa, pedíamos os mesmos pratos e jantávamos como se estivéssemos sentados à mesa, em frente um do outro. A mesa de Bennett tinha uma toalha de pano; eu usava um individual.

— Está preparada para o que poderá encontrar? — perguntou Cilla.

Era uma pergunta terapêutica padronizada, que eu própria já fizera durante entrevistas a prisioneiros em Rikers. Toda a gente responde sempre que sim.

Primeiro, contudo, tinha de ver os meus cães.

Apanhei o comboio expresso até East Harlem. Pensei que fosse o dia da Parada de Porto Rico – a bandeira de Porto Rico esvoaçava em muitos carros, havia buzinas e tráfego intenso – mas depois lembrei-me de que a parada era em junho e estávamos em setembro. O cheiro do canil da cidade atingiu-me a um quarteirão de distância, uma mistura de fezes e medo. A porta de entrada estava coberta de folhetos presos com fita adesiva, a incentivar à esterilização dos animais. No interior, a organizar uma sala de espera cheia de crianças em lágrimas, adolescentes inexpressivos e pais saturados, estavam três mulheres que não pareciam ter mais de vinte anos. Duas estavam ao telefone, o que deixava apenas uma para lidar com a multidão emotiva, algumas pessoas à procura de um cão perdido, outras para entregar cães para adoção. Por este andar, ia demorar horas antes de conseguir falar com alguém.

Captei o olhar de um funcionário do canil, um homem corpulento a que uma das mulheres da receção chamara Enrique. Perguntei-lhe baixinho se sabia onde estavam os dois cães que o Controlo de Animais trouxera dez dias antes.

Ele disse-me que recebiam mais de cem cães por semana.

– Tem o número do canil deles?

Eu não sabia nada de números de canis, por isso respondi:

– São aqueles cães que saíram no jornal, que mataram aquele homem.

– O *pit bull* de nariz vermelho e a branca grande?

– Uma cadela de montanhas dos Pirenéus, sim.

– Estão na Ala Quatro, mas estão em detenção DSP-DH. – Quando o fitei, confusa, ele explicou: – Departamento de Saúde Pública, Dentada em Humano. Embora, pelo que li no jornal, eles tenham feito muito mais do que morder.

– São os meus cães.

– Não posso deixar que os leve nem a posso deixar entrar nos canis. Os cartões deles dizem CUIDADO – EXTREMO.

– Mas posso ao menos vê-los? Pode levar-me até eles?

Vi Enrique olhar para as mulheres de ar preocupado na receção, e depois fez-me sinal para o seguir. Passámos pelo sinal de ÁREA RESERVADA A FUNCIONÁRIOS e entrámos logo num manicómio ululante, não muito diferente de Bellevue. Tentei olhar sem ver – os cães loucos de medo e frustração, aos círculos nas suas jaulas demasiado pequenas, as tigelas de água entornadas, fezes no chão e nas paredes. Porque não havia mais funcionários para cuidar das necessidades dos cães?

Cloud nunca tinha dormido noutro lado sem ser na minha cama.

Ela estava encostada ao fundo da jaula, de cabeça baixa, com as orelhas espalmadas de terror. Aproximei-me e ela ergueu os olhos e ganiu. Gritei o nome dela e estendi a mão.

Enrique deteve-me.

– Não pode tocar-lhe.

Ajoelhei-me e falei com *Cloud*.

– Oh, querida, tenho tanta pena que estejas aqui.

Estaria a olhar para a assassina de Bennett? Ninguém me conseguiria fazer acreditar que *esta* cadela matara Bennett, o que deixava apenas *Chester* e *George*.

– Onde está o *George*, o *pit bull*?

– No canil a seguir. Aqui mesmo.

Percebi que os ganidos que estava a ouvir vinham de *George*, que reconhecera a minha voz, o meu cheiro. Desejei nunca ter conhecido este cão. Desejei conseguir odiar este cão. Se não fosse este cão, e o agora morto *Chester*, Bennett ainda estaria vivo. Talvez *George* estivesse no corredor da morte por bons motivos quando eu o levava para casa. Outros motivos além de um canil demasiado cheio. Mas ele era tão gentil, tão grato. Era o único cão que eu conhecia que não usava os dentes para comer da minha mão, apenas os lábios.

Comecei a chorar. Entre os dois *pit bulls*, *Chester* era o cão dominante. Esse fator pesaria na minha vontade de perdoar *George*? Não queria olho por olho. Era estranho, dadas as circunstâncias, mas não queria que *George* sofresse. E a mãe cujo filho mata o pai, o marido dela? Será que se espera que ela odeie o filho? É o mesmo rapaz que ela amava uma hora antes. Não optará por perdoar? E como é que isso é possível?

– Tenho trabalho para fazer – disse Enrique. – Vou mandar um dos

voluntários. Prometa-me que não toca nos cães.

Agradei enquanto ele fechava rapidamente a porta atrás de nós e sentei-me entre as jaulas dos dois cães, no chão imundo, onde conseguia ver os dois e eles me conseguiam ver a mim, mas não um ao outro. Desejei saber como me sentia. Sentia-me responsável pelo destino de *Cloud*. Ela não estaria aqui se não fosse o meu – a psicóloga que havia em mim veio ao de cima – altruísmo patológico, uma condição em que atos altruístas têm efeitos indesejados e acabam por causar grande mal a terceiros, inadvertidamente.

– É muito corajosa por vir cá – disse uma mulher que acabara de entrar. O meu primeiro pensamento foi que ela estava muito limpa, tendo em conta onde trabalhava. Vestia uma *T-shirt* com o nome do canil. Talvez o seu turno estivesse a começar? – O Enrique disse-me que estava aqui. Sou a Billie. – Agachou-se ao meu lado. Estendeu a mão para a jaula de *George*, esperou que ele se levantasse e reunisse a coragem necessária para se aproximar, e depois enfiou os dedos entre as grades e deixou *George* lambê-los.

– Não tem medo? Sabe o que os meus cães fizeram?

– A sua foto estava *online*. – Sabia toda a história, e apesar disso estava agora a fazer festas a *George*. Ele tinha encostado o flanco às grades de metal para que ela pudesse tocar-lhe o mais possível. Ouvi-o suspirar, um som grave de satisfação. – Ele é um fofo – disse, coçando-lhe o pelo com as unhas.

Eu não queria acreditar no que ela estava a fazer.

– Lamento muito a sua perda – disse ela, retirando os dedos. *George* virou-se na pequena jaula, para ela poder fazer o mesmo do outro lado. Billie percebeu e continuou a fazer-lhe festas. – Era bonito? O seu noivo?

Era a segunda coisa nela que me surpreendia. Quem faria uma pergunta destas a uma pessoa enlutada? No entanto, simpatizei com ela. Era a primeira pessoa, além de Cilla, que falava comigo como se eu fosse capaz de sobreviver a tudo isto. Aprendera com Kathy que era possível sobreviver a uma experiência assim. Só que no meu caso, de momento, tinha de fingir que ia conseguir. Não podia aspirar à fé que estava disponível a outras pessoas, mas agia como se pudesse.

De volta à estranha pergunta de Billie – dei por mim a responder que não. Não, Bennett não era extraordinariamente bonito e, quando o conheci,

reparei nisso e, quase em simultâneo, pus esse facto de lado. Eu reagira a outra coisa nele – a sua confiança, uma espécie de força diferente.

– Os seus cães são mais fortes do que pensa. É melhor irmos andando antes que alguém a encontre aqui. É preciso uma ordem do tribunal para os visitar. Os seus cães são provas.

Disse adeus a *Cloud*, mas não falei com *George*, embora ele ainda tivesse o corpo encostado às grades.

Billie e eu saímos juntas.

– Eles estão seguros? – perguntei.

– Por enquanto. Não lhes acontecerá nada enquanto forem provas.

Não lhe perguntei, *E depois?* Ambas sabíamos o que aconteceria.

– Eu cuido deles. Aqui tem. – Deu-me o cartão dela, onde não constava a profissão, apenas um nome e um número. – Estou cá três vezes por semana. Ligue-me e eu vou-lhe dando notícias deles.

Agradei e perguntei-lhe como começara a fazer voluntariado aqui.

– Também cá tive o meu cão, em tempos, um arraçado de pastor alemão, com um bocadinho de *chow*. Mordeu a filha de um vizinho. Eu também a teria mordido, se ela me tivesse provocado como provocou o *Cubby*.

– O que aconteceu ao *Cubby*?

– Ele não era uma prova.

– E mesmo assim quis vir trabalhar para cá?

– É aqui que sou necessária.

Steven veio buscar-me de carro ao canil. Oferecera-se para me levar ao aeroporto. Pensava que eu era louca por ter vindo visitar os cães.

– Como consegues olhar para eles, sabendo o que fizeram?

Tentei a analogia da mãe com o filho assassino, mas Steven disse:

– São cães, não são crianças.

A analogia resultava, para mim.

– Conheces a *Cloud* desde que ela tinha oito semanas.

– Estou a falar do outro.

Eu não estava a pensar em passar a noite em Montreal. O meu plano era encontrar os contactos dos pais de Bennett e vir-me embora.

Steven fez-me prometer que iria para o seu apartamento quando voltasse.

– Passei pela tua casa ontem para ver o serviço de limpeza. Está impecável, mas não tens onde dormir. Levaram a cama.

– Que mais é que levaram?

– Está com um ar bastante vazio. Mas fizeram o que tinham de fazer. Tens a certeza de que queres voltar para lá?

Este tipo de preocupação por parte do meu irmão tinha precedentes. Uma vida inteira de precedentes. Ele desviava a loucura do nosso pai quando era dirigida para mim. O nosso pai não era um homem violento, exceto quando a sua euforia acalmava e mergulhava na depressão. Nos seus estados de espírito mais sombrios, era capaz de ameaçar a nossa mãe com uma faca. E via-me como uma versão mais pequena dela, e igualmente insubordinada. Uma noite de verão, quando eu tinha dez anos e Steven dezoito, o nosso pai entrou na cozinha e viu a fruteira vazia.

– Quem é que comeu os meus pêssegos? – gritou. Ouvimo-lo da cave, onde Steven e eu estávamos a ver televisão. Ouvimo-lo virar-se contra a nossa mãe. – Deixaste-os comerem os meus pêssegos?

Ouvimos a nossa mãe responder:

– Eram para todos.

Steven começou a subir as escadas para a cozinha e eu segui-o.

– Fui eu que comi a merda dos pêssegos – disse Steven, quando, na

verdade, tinha sido eu.

Ele levou a tareia por mim. Dois meses depois, o nosso pai expulsou-o de casa e Steven foi à boleia até Nova Iorque. Arranjou trabalho nas obras em Hoboken e foi estudar Criminologia à noite, na John Jay. Quando eu cheguei a Nova Iorque, Steven partira para o Afeganistão, para trabalhar como advogado do Departamento de Estado. Viajava até aldeias remotas, encorajando os líderes a seguirem um dos pilares do Islão – apoiar os pobres e estabelecer um sistema de defesa pública. Achava o trabalho tremendamente importante, mas as condições de vida começaram a esgotá-lo. Ele e os colegas viviam num hotel transformado em *bunker*, que os talibãs fizeram explodir poucos meses depois de Steven se vir embora. Quando chegou a Nova Iorque, foi trabalhar para a AVAAZ, uma ONG cujo nome significava «voz» em várias línguas europeias, do Médio Oriente e asiáticas. Sentia-se em sintonia com a sua missão humanitária e os seus programas, desde o tráfico de seres humanos aos direitos dos animais.

*

Aterrei em Dorval mesmo antes da hora de ponta, apanhei um táxi e dei ao motorista a morada de Bennett no Quartier Latin, na Rue Saint-Urbain. Era o equivalente à Bedford Avenue, o epicentro *hipster* perto de onde eu vivia. Embora as casas no Quartier Latin fossem do mesmo estilo que se encontrava em Williamsburg, os Franceses tinham-nas pintado de azul-claro e adornado com as varandas de ferro forjado que se veem em New Orleans; em Williamsburg, as casas eram adornadas com altares à Virgem Maria e tributos *kitsch* a Itália.

Começámos a descer uma rua comercial. Estávamos no princípio do outono e já estava um gelo, mas as pessoas ainda se sentavam nas esplanadas dos cafés.

Ao fim de dois quarteirões, o motorista abrandou para ver os números das portas. Não existia o número quarenta e dois.

- Tem a certeza de que tem a morada certa?
- Esta é a Rue Saint-Urbain? Há um lado norte e sul?
- Devia ser aqui mesmo.

Paguei ao motorista e saí. Pensei que talvez tivesse trocado os números ao escrever a morada e recuei dois quarteirões, mas o vinte e quatro era uma

lavandaria automática. Bennett tinha-me falado sobre o restaurantezinho por baixo da sua casa onde o dono lhe fazia a melhor omeleta que já provara, Deux qualquer coisa. Subi e descii o quarteirão mas não vi restaurante nenhum. Introduzi a morada de Bennett no GPS do meu telefone e esperei pelas indicações, mas a janela dizia que a morada não existia.

– Oh, vá lá – disse, em voz alta. Entrei numa loja e perguntei se havia algum restaurante nas imediações chamado Deux qualquer coisa.

– Estamos em Montreal. É tudo Deux qualquer coisa – disse o funcionário.

Refiz os meus passos como se os números pudessem mudar por magia e a minha crescente inquietação se desvanecesse. Alguma vez lhe escrevera para esta morada? Não, tínhamos comunicado apenas por *e-mail* e Skype. Tentei lembrar-me de mais alguma coisa que ele me tivesse dito sobre o bairro ou os amigos, mas só me lembrava dos músicos que ele representava. Era agente musical de bandas independentes canadianas. Talvez uma delas estivesse a tocar na cidade. Comprei um jornal e um pacote de *Smarties* num quiosque. Encontrei um café com esplanada, na esquina, e sentei-me, apesar do frio. Respirei fundo e abri o jornal na secção de Cultura. Não reconheci o nome de nenhuma banda.

Vi que o café estava a encher-se e as pessoas começavam a pedir jantar. O meu avião de regresso só partia à meia-noite. As luzes da rua acenderam-se. O empregado aproximou-se de novo e desta vez pedi qualquer coisa – *poutine* e uma *Diet Coke*.

– Pode ser *Diet Pepsi*?

Trouxe-me uma garrafa *petite*. Ao contrário do que acontecia na América, o pequeno era mesmo pequeno, e senti-me defraudada.

Sentia que devia saber o que fazer a seguir. Passara os últimos dois anos a memorizar procedimentos e metodologias, a examinar cenas de crime, a interpretar relatórios de incidentes, a investigar pessoas desaparecidas, todo o tipo de vítimas. No entanto, não conseguia pensar em nenhum modelo para seguir aqui. Ocorreu-me um pensamento engraçado: poderia apresentar uma queixa de pessoa desaparecida sobre um homem morto? Por que razão me dera Bennett uma morada falsa? O que estava a esconder? Uma mulher? Uma família? Estaria metido em sarilhos com a polícia? Então era por isto que era sempre ele a ir ter comigo. Então as estalagens com os seus proprietários metedidos e pequenos-almoços demasiado doces eram por

secretismo, não por romance. Que outras mentiras me teria ele dito?
Quem era a pessoa cuja morte eu estava a chorar?

O apartamento de Steven, onde acampei no sofá-cama, ficava muito perto do gabinete do médico-legista de Manhattan, na First Avenue. Era para aí que levavam todos os corpos. Dei por mim cheia de ansiedade e antecipação. Tinham voltado a ligar de lá na noite anterior; precisavam que eu lá fosse. Tentei convencer-me de que não ia ser tão mau como imaginava. Pensei na primeira vez que tinha visto um cadáver, na aula de Anatomia. Tive de fazer um esforço para olhar, depois de conquistar o medo de vomitar ou desmaiar. Aqui, contudo, não era um corpo qualquer que eu ia ver. Bennett – ou quem quer que ele fosse – já não era identificável. Não podiam esperar que eu fosse olhar para o corpo dele, pois não?

Esperava que Steven ficasse zangado quando lhe contei o que acontecera em Montreal, e ficou, mas ficou também zangado consigo próprio por não ter dado voz às suas suspeitas quando Bennett começou a arranjar desculpas para não o conhecer. Como se eu lhe fosse dar ouvidos.

Eu ainda não entrara no meu apartamento desde que saíra de Bellevue, por isso as minhas escolhas de roupa eram limitadas: as calças de ganga da véspera e botins, a mesma camisola canelada de gola alta que vestira na viagem a Montreal.

Steven tinha uma reunião com o consulado do Afeganistão: a AVAAZ estava a lutar para que fosse oferecido asilo aos tradutores afegãos. Pedira-me para esperar até à tarde, quando podia ir comigo, mas garanti-lhe que conseguia fazer isto sozinha. Ele disse-me que eu não ia propriamente tratar da carta de condução. Insisti, porque precisava de saber que forma assumiria a minha nova perceção de Bennett quando visse o seu corpo mutilado. O corpo que eu sabia agora que, afinal de contas, pertencia a outra pessoa.

Em frente do edifício monolítico e cinzento havia uma caldeira móvel. Eu esperava antes uma unidade de refrigeração. Atravessei a ponte de madeira que cobria os cabos elétricos e entrei na receção.

Dei o meu nome à rececionista e disse-lhe que estavam à minha espera no quarto piso. Ela convidou-me a sentar enquanto confirmava a marcação. Reparei num estranho sortido de revistas em duas mesinhas – *Sports Illustrated*, *Parents*, *Garden & Gun* e a estranhamente existencial *Self*. Alguns minutos depois, um jovem de bata branca saiu do elevador e perguntou-me se era Morgan Prager. Convidou-me a acompanhá-lo até outra sala de espera, que cheirava a formol e não tinha revistas.

– Tenho de ver o corpo? – perguntei, apercebendo-me nesse momento de que não seria capaz de olhar.

– Normalmente fazemos as identificações por fotografia, mas não vou pedir-lhe que faça isso. No entanto, tenho algumas perguntas para si. Sei que estava noiva do morto. O seu noivo tinha alguma tatuagem, sinal de nascença, cicatriz ou deformidade?

– Suponho que a cicatriz que ele tinha na sobrancelha não adiante de muito.

– Peço desculpa, mas tenho de fazer esta pergunta.

– Não, eu é que peço desculpa. Nem acredito que estou aqui. O Bennett não tinha tatuagens. Mas nem sequer sei se o nome dele era mesmo Bennett. Era?

– As impressões digitais não constam da base de dados.

– O que vai acontecer ao corpo se ninguém o conseguir identificar?

– O corpo ficará aqui seis meses, e depois será enterrado no cemitério municipal em Hart Island. Fica no Bronx.

Eu não podia identificar o corpo, mas poderia reclamá-lo? E queria fazê-lo?

O detetive disse que o corpo tinha sido trazido sem qualquer identificação pessoal e que também não tinham encontrado nada no meu apartamento.

– E o telemóvel dele? – perguntei. – Tinha-o sempre consigo.

– Estávamos com esperança de que soubesse dizer-nos onde o encontrar. E a carteira.

– Está a dizer que alguém levou essas coisas?

– Estou a dizer que a polícia não as encontrou.

Senti-me como se ele estivesse a criticar-me por não saber o paradeiro do telefone e da carteira de Bennett, como se este detetive estivesse exasperado com a minha incapacidade de ajudar na investigação.

Fiquei surpreendida quando dei por mim a chorar.

– Oiça, eu não sei quem ele era. Pensava que sabia, mas não sabia. Quando descobrir, por favor diga-me, está bem?

Apanhei a linha L de regresso a Williamsburg e fui às Piscinas Metropolitanas, perto da paragem de Bedford, numa casa de banhos públicos dos anos trinta. A piscina coberta ficava debaixo de uma claraboia que a iluminava de uma ponta à outra. Víamos o sol a incidir nos azulejos enquanto nadávamos na água aquecida. Se semicerrasse os olhos, conseguia fingir que estava a flutuar nas Caraíbas.

Nadar era a minha rotina – cinco dias por semana, verão e inverno – e a minha paixão. Na verdade, *nadar* não era a palavra certa. Eu corria em água funda. Usava um *AquaJogger*, um auxiliar de flutuação simples que se coloca à cintura de modo a ficarmos suspensos na água. Algumas pessoas caminham, mas eu corria o mais depressa que podia. A água abrandava-me, travava-me; a sensação era a de tentar apanhar um comboio num sonho.

Os balneários, com as suas ventoinhas estragadas e ralos cheios de cabelos, a cheirar a amoníaco e a laca de cabelo, não preparavam uma pessoa para a beleza da piscina de vinte e dois metros, com três pistas, a brilhar sob a luz.

Usei a pista lenta, reservada para os nadadores mais amadores, os que estavam a aprender e os coscuvilheiros que só chapinhavam e davam à língua. A pista era mais ou menos da largura de uma carruagem de metropolitano e estava ocupada com o mesmo sortido de desconhecidos.

Normalmente eu entrava pela escada, mas hoje saltei e mergulhei – precisava do silêncio e da compressão da água, daqueles poucos segundos em que nada acima da superfície importava. Quando vim à superfície para respirar, comecei a correr com uma urgência que me surpreendeu. Passei pela senhora cega que estava a fazer exercícios no lado raso, pelas velhotas que usavam toucas de duche em vez de toucas de piscina e que não tiravam a maquilhagem, pelo rapaz obeso que estava a nadar sem sair do sítio. Se estivesse em terra firme, teria corrido um quilómetro em quatro minutos.

Fugia do corpo do meu ex-amante no gabinete do médico-legista, da minha própria ingenuidade, da vergonha. Quanto mais lutava contra a água, mais bem esperava sentir-me, mas aquilo que eu enfrentava era tão grande que o meu corpo não sabia se estava relaxado ou apenas cansado.

Quando finalmente saí da piscina, senti de novo a gravidade. Correr dentro de água é como os astronautas aprendem a movimentar-se na ausência de gravidade.

Saí da piscina precisamente quando estava a começar o período Só Para Senhoras, um espaço de duas horas em que só mulheres, na sua maioria judias hassídicas, podiam usar a piscina. Fechavam as cortinas nas janelas de vidro que davam para o átrio e a salva-vidas era uma mulher. No balneário, uma dúzia de mulheres de todas as idades estavam a vestir os seus fatos de banho, vestidos compridos feitos de tecido de fato de banho. Eu nadava com um fato de banho de natação normal, mas nunca senti qualquer desdém da parte delas. Na verdade, tratavam-me como se eu não existisse. Exceto Ethel, que tinha tanta curiosidade em relação a mim como eu em relação a ela. Dissera-me que vivia uma vida calma em Williamsburg com a família do marido, Satmar, exceto no verão, altura em que ocupava orgulhosamente a cadeira de salva-vidas num campo de férias *kosher* para raparigas, nas Catskills. Falou-me sobre a *Aqua Modesta*, a marca original de fatos de banho *kosher*, uma loja *online* que vendia fatos de banho «modestos». No verão, contudo, ela usava a última moda em fatos de banho da *Aqua Modesta*: «calções compridos».

– É preciso é que os cotovelos e os joelhos estejam tapados – explicara-me.

Sequei-me na zona dos chuveiros e saí para os vestiários apinhados. Por um momento pareceu-me que havia escalpes pendurados em cabides. Eram as perucas das senhoras!

– Tiveste de ver o corpo? – perguntou Steven.

– Felizmente, não.

– Disseram-te quem ele era?

– Sem dedos, não há impressões digitais.

A irreverência da minha resposta não refletia o meu estado de espírito. Era mais uma tentativa de conter a histeria crescente.

Esperei que Steven se fosse deitar e depois entrei no Sistema Nacional de Pessoas Desaparecidas e Não Identificadas, uma base de dados aberta ao público e à polícia. Toda a gente na minha aula de Autópsia Psicológica tinha de se registar neste sistema. Cliquei no número do processo que o

homem do gabinete do médico-legista me dera: ME 13-02544.

Idade mínima: 20

Idade máxima: 40

Raça: Branco

Etnia:

Sexo: Masculino

Peso: 67 kg

Altura: 1,72 m, medida

Inventário de partes do corpo (selecionar todas as que se aplicam):

- ☐ Todas as partes recuperadas
- ☐ Cabeça ou parte da cabeça não recuperada
- ☐ Tronco não recuperado
- ☐ Um ou mais membros não recuperados
- ☐ Uma ou ambas as mãos não recuperadas

Notas sobre as partes do corpo recuperadas: São visíveis marcas de dentes caninos em todos os membros e membros parciais, no tronco e no pescoço.

Estado do corpo: Rosto avulso.

A seguir, entrei na base de dados de Pessoas Desaparecidas da polícia. Alguém devia ter contactado a polícia quando Bennett, ou quem quer que ele fosse, não voltara para casa – uma mulher, ou a sua mãe verdadeira, não Madame Marie Vaux-Trudeau.

Fui à página de busca avançada e introduzi a descrição física de Bennett, a data em que fora visto pela última vez, a idade. Havia três casos de pessoas desaparecidas na área que coincidiam com a sua descrição geral e com a data do desaparecimento.

Hesitei. Queria ver os resultados, e ao mesmo tempo temia-os. Mas nenhuma das fotografias se parecia sequer remotamente com Bennett.

Fui ao *website* de Bennett, o que ele me mostrara, para ver a lista de bandas *indie* que ele representava. Ou dizia representar. As bandas eram reais, mas nenhuma tinha um agente chamado Bennett Vaux-Trudeau. Fiz uma curta lista de outros «factos» que ele me contara e que eram fáceis de verificar. Descobri que ele afinal não andara na McGill, não ganhara uma bolsa de estudo na Escola de Música de Berklee e não tocara baixo com os Radiohead.

Haveria alguma coisa em relação à qual não me tivesse mentido?

Estava em casa de Steven há quase uma semana quando lhe pedi que viesse comigo ao meu apartamento, para ir buscar algumas roupas e livros. A fita amarela de cena do crime já tinha sido retirada, mas isso não impediu que dois dos meus vizinhos espreitassem à porta quando me ouviram rodar a chave na fechadura. A senhora Symansky deu-me os seus pêsames e pareceu sincera, mas Grace del Forno fechou a porta quando olhei para ela.

Esprei na sala de estar enquanto Steven, com uma lista que eu fizera para ele, entrava no quarto sem cama para procurar aquilo de que eu precisava. Tal como num filme, olhei para uma fotografia em cima da mesa de centro, tirada no Maine: Bennett com o braço à minha volta, o lago Androscoggin em fundo. Por um momento fiquei confusa, convencida de que o serviço de limpeza de cenas de crime devia ter levado a fotografia também. A minha confusão estendeu-se ao sorriso no rosto de Bennett. Seria uma mentira? Olhei para ele de forma objetiva. Queria encontrar uma frieza que pudesse ter sido uma pista, caso tivesse reparado nela antes, mas, para minha consternação, vi apenas aquilo que sempre vira.

Steven apareceu à porta com dois pares de calças de ganga na mão e uma pergunta no rosto.

– As duas – disse-lhe, sentindo-me uma cobarde por não entrar no meu próprio quarto. A seguir, ele trouxe um pequeno monte de manuais. Pedi-lhe para não se esquecer do meu portátil. Não queria continuar a usar o dele. Não queria que Steven descobrisse o que eu planeava procurar: Lovefraud.com, o primeiro *site* que Cilla me tinha sugerido. Por outro lado, talvez até lhe interessasse, uma vez que fora recentemente enganado por uma nova namorada.

Cilla, que eu consultava agora como paciente externa no seu gabinete no Upper West Side, dera-me os nomes de *sites* onde podia encontrar outras pessoas igualmente defraudadas; Cilla disse-me que isso tinha ajudado vários dos seus pacientes.

Eu conhecia estes *sites*. Usava-os para a minha pesquisa, à procura de mulheres que pareciam encaixar na definição de altruístas patológicas. As mulheres publicavam confissões: «Ele ama, ele pede-me em casamento, ele deita as mãos ao dinheiro, ele desaparece.» «Porque é que *eu* me sinto

culpada?» «O objetivo dele será destruir-me?» «A minha única esperança é que o *karma* exista mesmo.» Eu nunca tinha acreditado em psicologia popular ou «partilha» comunitária. Era quase uma profissional nesta área e considerava-me superior a tudo isso. Mas estava desesperada.

Entrei na cozinha para ir buscar água para a *figueira*. Passei pelo cesto de vime onde costumava guardar os brinquedos dos cães. Levantei a tampa e vi que estava vazio. Steven devia ter dado autorização ao serviço de limpeza para os retirar. Procurei as tigelas da comida dos cães. Estava também à procura de manchas de sangue que eles pudessem ter deixado escapar.

Depois de voltarmos para o apartamento de Steven desculpei-me com o cansaço, mas, assim que cheguei à cama, abri o computador.

Os sociopatas constituem quatro por cento da população, doze milhões de americanos. Não são necessariamente criminosos violentos; na sua maioria, são pessoas encantadoras, inteligentes, e sabem como fingir preocupação e até amor. Mas falta-lhes consciência, não sentem empatia, nem sentimento de culpa ou vergonha pelo seu comportamento. São também excelentes manipuladores. Durante a infância ou adolescência, nove por cento da população de sociopatas tortura ou mata animais.

Qualquer pessoa que estude vitimologia conhece os critérios do *DSM-5* para *perturbação de personalidade antissocial*, o termo clínico para os sociopatas:

Os sociopatas mentem constantemente.

Os sociopatas não pedem desculpa.

Os sociopatas acham que as regras não se aplicam a eles.

Os sociopatas acreditam que aquilo que dizem se torna verdade.

As únicas pessoas que conseguem tolerar os sociopatas durante longos períodos são aquelas que os sociopatas manipulam nesse sentido.

Os sociopatas não tratam bem os animais.

Os sociopatas quase sempre têm aventuras extraconjugais.

Abri o *site* Lovefraud.com. Li sobre uma mulher cujo noivo tinha um nome de rapariga tatuado no peito. Dissera-lhe que era o nome de uma irmãzinha que morrera à nascença. Afinal, era o nome da mulher.

Por volta das quatro da manhã, enquanto lia de forma quase automática, algo me despertou subitamente a atenção.

Publicado em: Apanhada por um sociopata

por Leitora do Lovefraud

5 de junho de 2013

20 comentários

Conheci-o num site de encontros para judeus solteiros. A primeira mensagem que me escreveu era tão encantadora. Em vez de falar sobre si próprio, fez-me perguntas sobre mim. Que livro não levarias para uma ilha deserta? Que canção te faz chorar mas tens vergonha de admitir? Gostas mais de animais do que de pessoas? O Peter L. era agente literário; mostrou-me o seu site, e eu até tinha ouvido falar de alguns dos escritores que ele representava.

Na altura eu estava a viver em Boston e ele em Manhattan. Era sempre ele que me vinha visitar, nunca me convidou para ir a casa dele. Nunca me apresentou nenhum dos seus amigos e nunca quis conhecer os meus. Dizia que tínhamos tão pouco tempo juntos, que queria concentrar-se em mim.

Quando não estávamos juntos, tínhamos conversas íntimas no Skype. Ele punha-me à vontade, quando antes eu era tímida. O interesse dele no meu trabalho também parecia genuíno. Eu analisava relatórios de incidentes para a polícia de Boston. Uma noite, vi que um dos escritores dele ia fazer uma sessão de leitura na Livraria Harvard, em Cambridge. Comprei o livro e, quando lhe pedi que o autografasse, mencionei que conhecia o agente dele. «Como é que conhece a Harriet?» perguntou ele, enquanto pegava na caneta. «Não», disse eu. «O Peter.» Ele pareceu confuso. «Quem é o Peter?» Quando confrontei o Peter nessa noite, ao telefone, ele disse-me: «Porque estavas a espiar-me?» Espiar? Mesmo assim, continuámos a relação, embora eu ache que ele reparou na minha nova desconfiança. Encontrávamo-nos aos fins de semana, como antes; agora, em vez de ele vir à minha casa, íamos para estalagens românticas no Maine.

Pouco tempo depois, ele pediu-me em casamento. Vendi o meu apartamento, despedi-me do meu emprego e cheguei à Penn Station, onde ele devia estar à minha espera. Em vez disso, recebi uma mensagem dele a pedir desculpa, porque tinha de trabalhar até tarde, e a dizer-me para usar a chave que ele me dera e esperar por ele em sua casa...

Já perceberam como isto acaba. A morada não existia.

Deu-me um prazer macabro pôr Steven a par das novidades. Senti-me fortalecida pela fúria dele.

– Se o filho da mãe não estivesse já morto, era eu que o matava – disse Steven. Era o tipo de lealdade de que eu precisava. Steven estava firmemente do meu lado, como sempre estivera, quer fosse para dar os safanões esperados a um rapaz que lançara um rumor desagradável sobre mim na escola, ou para me ensinar a conduzir um carro com mudanças manuais depois de o nosso pai ter desistido.

Steven preparou-nos dois *dirty martinis*; beberricou o seu, enquanto eu despejava o meu de um só trago. Ele vivia no vigésimo nono andar de um edifício estreito na Forty-Eighth Street. Do sofá, viam-se as luzes das Nações Unidas.

– E raios me partam se vou deixar a *Cloud* pagar pelos meus erros – disse-lhe, estendendo o copo para ele mo voltar a encher. – Não podes defendê-la na audiência? Está para breve.

– Gostava de poder, mas não é a minha área. Estarias mais bem servida com um tipo que conheço da faculdade, o Laurence McKenzie. Foi editor da *Law Review*, mas, depois de se formar, recusou ofertas que qualquer um de nós teria agarrado com unhas e dentes e dedicou-se à defesa dos animais. Encontramo-nos de vez em quando para beber um copo. E vemo-nos sempre na gala de beneficência da AVAAZ. Queres que lhe ligue?

– Achas que consigo pagar-lhe?

– És minha irmã. Ele não te vai levar nada.

O escritório de McKenzie ficava num quarteirão duvidoso em Bushwick, perto da paragem de metropolitano de Montrose Avenue, entre uma oficina de automóveis e uma loja de queijo nova e cara. A rececionista era uma jovem com o cabelo cortado à escovinha e a marca de uma pata tatuada no pescoço. Não me fez esperar; conduziu-me diretamente para o escritório de McKenzie.

O homem sentado à secretária parecia ter trinta e muitos anos. Estava ao telefone. Fez-me sinal para me sentar e ergueu um dedo para indicar que não demorava nada. Os instantes de espera deram-me oportunidade de olhar para um quadro de avisos coberto de fotografias de cães, presas com pioneses, um pouco como um obstetra tem as fotografias dos bebés que ajudou a nascer. Numa moldura, vi uma fotografia de McKenzie com a tromba de um elefante na mão, e outra dele rodeado de chimpanzés. Tinha também o brilhante *cartoon* de Shanahan onde, no primeiro quadradinho, se vê um rapaz a afogar-se e a gritar para a cadela *collie* na margem, «*Lassie*, procura ajuda!», e no segundo quadradinho se vê *Lassie* deitada no sofá de um psiquiatra.

As roupas de McKenzie não diziam *advogado*. O homem ao telefone vestia calças de ganga e uma *T-shirt* com a silhueta de uma cabeça de *pit bull*. Tinha um rosto agradavelmente vivido. O cabelo prematuramente grisalho era um pouco comprido, mas não o suficiente para ser uma distração quando estivesse em tribunal. Ouvi barulho debaixo da secretária e, de repente, um galgo apareceu e espreguiçou-se.

A primeira coisa que ele fez quando desligou foi apresentar-me o galgo. Era uma cadela malhada, *Faye*, muito delicada, com uma coleira larga e uma fiada de pérolas falsas por cima. Em vez de me lambe a mão, os dentes dela bateram como se estivesse a tremer de frio. Ele disse-me que era uma coisa que os galgos faziam.

A segunda coisa que fez foi perguntar-me se tinha trazido uma fotografia da *Cloud*.

Procurei nas fotografias do meu telemóvel. Quando vi que todas as fotografias recentes de *Cloud* incluíam *Chester* e *George*, senti-me esmagada pelos remorsos. Parei numa em que *Chester* e *George* estavam deitados lado a lado na minha cama e *Cloud* estava atravessada em cima das almofadas. Levantei o telefone para lhe mostrar.

– Qual deles foi abatido pela polícia?

Apontei para *Chester*.

– E os outros dois estão detidos em East Harlem?

– Nem sequer posso tocar-lhes.

– O Steven contou-me a história toda.

Comecei a chorar.

– Ele mencionou que não tenho dinheiro para pagar a um advogado?

McKenzie levantou-se para me ir buscar um copo de água.

– Não faço isto pelo dinheiro. Quer dizer, olhe à sua volta. – Apontou para as fotografias de animais na parede. – Aqueles clientes não pagaram e consegui julgamentos favoráveis para eles.

– O elefante era acusado de quê?

– A *Jasmine* atacou o seu domador, no circo. Consegui provar que ela estava a defender-se contra o uso de varas elétricas.

– Mas não matou o domador.

– Ele teve sorte.

McKenzie disse-me tudo o que ia precisar: os registos veterinários de *Cloud* e uma avaliação feita pela Sociedade Americana de Testes de Temperamento.

Perguntei-lhe quais eram as hipóteses de a salvarmos e ele deu-me uma resposta feita que fugia à pergunta, mas que viria a revelar-se mais do que verdadeira:

– Sou bom naquilo que faço.

– O Steven admira-o muito. – Dei por mim outra vez lavada em lágrimas, e pedi desculpa.

Faye levantou-se e veio consolar-me.

– Linda menina – disse ele a *Faye*, e depois disse-me: – Ela também é boa naquilo que faz.

Quando abri a porta nova do meu apartamento (os polícias tinham partido a anterior) a luz do dia dera já lugar ao crepúsculo. Era a primeira vez que ia passar lá a noite.

A casa de banho e o quarto eram as únicas divisões onde não tinha entrado quando lá estivera com Steven. Ele mandara substituir a porta da casa de banho – algo que eu só viria a compreender algum tempo mais tarde. E quem é que pusera uma cortina nova na banheira? Era uma cortina básica, de algodão branco, por cima de outra de plástico transparente. A coleção de amostras de champô de hotéis tinha desaparecido. O papel higiénico era de uma marca que eu não costumava usar; o invólucro de plástico tinha um desenho de um cachorrinho brincalhão. Embora a equipa de limpeza tivesse substituído o que estava à vista, não tinham removido o conteúdo do armário. Nas prateleiras de Bennett encontrei a sua lâmina de

barbear. Peguei-lhe com um pedaço de papel higiênico e levei-a para a cozinha, com intenção de a enfiar num saco de plástico para ser testada em busca de ADN. Depois apercebi-me de que isso era um disparate: o corpo dele estava na morgue. Deitei-a fora.

No meu quarto, quase toda a mobília tinha sido retirada. E os tapetes, também. Havia uma armação metálica básica com um colchão novo em cima, encostada à parede errada. Eu dormia sempre do lado direito da cama, e nunca dormia encostada à parede. Tinha falado a Bennett de um episódio de *Quinta Dimensão* que vira quando era ainda uma criança impressionável, no qual uma menina, que dormia encostada a uma parede, caía na quarta dimensão e a parede fechava-se atrás dela. Ao princípio, Bennett achara este meu hábito engraçado, mas da última vez que nos tínhamos encontrado no Maine dissera:

— Se me amas, dormes encostada à parede.

Eu não via como é que isso lhe mostraria que o amava, mais do que dizer-lhe que o amava. Lembro-me de pensar que era um sinal de alerta típico para várias patologias controladoras. Cheguei-me para o lado da parede, mas não dormi. Na manhã seguinte, ele fez amor comigo com uma ferocidade que me seduziu outra vez. Consequia sempre seduzir-me, embora eu soubesse que ele se orgulhava de ser capaz disso, fosse o que fosse que tivesse feito.

Encontrei lençóis lavados e fiz a cama. Mandeir vir comida chinesa do restaurante da esquina e sentei-me à mesa da cozinha a organizar o correio, apenas publicidade e contas. Nada que não pudesse esperar.

Abri o portátil e vi a CNN. É possível que fosse a única pessoa de trinta anos em Williamsburg a ver as notícias àquela hora. Continuei a ver depois de a comida chegar. Só quando acabei de comer é que reparei que não tinha usado molho de soja. Normalmente, misturava-o com mostarda picante e afogava a comida com ele. Não admirava que me soubesse tudo ao mesmo.

Inspecionei rapidamente o armário das bebidas e vi que tinha apenas meia garrafa de tequilha e um rum antigo. Pensava que me apetecia um uísque, mas estava com azar.

O quarto não tinha luz de leitura. Suponho que os profissionais não tinham conseguido tirar o sangue do *abat-jour* de seda que eu comprara no mercado de Meeker. Deitei-me e fechei os olhos. O colchão era mais duro do que o anterior. Os lençóis eram melhores; Steven devia ter aberto os

cordões à bolsa. Contudo, não havia conforto físico capaz de se sobrepor às imagens que se tinham apoderado daquele quarto. A memória daquilo que vira trouxe novamente sintomas de choque e dor – comecei a tremer e a chorar. Como é que pensara que conseguiria entrar no quarto da morte, quanto mais dormir nele? Se vivesse noutra sítio qualquer, teria a opção de me mudar, mas em Nova Iorque, com o mercado de arrendamento como estava, essa opção não existia. No entanto, não tinha de dormir neste quarto.

A cozinha também não era segura. Lembrei-me das manhãs em que Bennett me repreendera por deixar os balcões cobertos de migalhas quando, na verdade, ele é que fora preparar qualquer coisa para comer a meio da noite e não se lembrava. Ele tomava *Ambien* e um dos efeitos secundários mais comuns era comer a dormir. Às vezes, não se lembrava de ter feito amor comigo. Pelo menos, era o que dizia. Nessa alturas, jurava que a única coisa que nunca seria capaz de esquecer era como me amava. Embora fosse piroso, eu deixava-me sempre persuadir.

Com um copo de rum na mão, fui para a sala. Não seria a primeira vez que dormia no sofá. Se conseguisse dormir. E como conseguiria? A televisão estava no quarto (montada na parede), mas eu precisava de companhia, o que me deixava os livros.

Não me apetecia ler *Os Imortais*, e estava-me borrifando para a vida de Winston Churchill. Dificilmente me apanhariam a reler *Crime e Castigo*. Não queria reler nada. Inspecionei as prateleiras e parei num título que não reconhecia: *As Ligações Perigosas*. Tinha visto o filme há alguns anos, mas não me lembrava de ter comprado o livro. Era um exemplar de bolso, bem gasto, com muitas páginas dobradas. Vi comentários escritos nas margens, mas não percebi se tinham sido feitos por Bennett. Apercebi-me de que não conhecia a letra dele. Os gostos dele, em termos de livros, não eram limitados. Por vezes deixava ficar romances que eu ficava feliz por descobrir – *O Quinto Filho* de Doris Lessing, por exemplo. Para mim, era importante que gostássemos dos mesmos livros.

Aqui estava uma passagem sublinhada: «são criaturas imprudentes, pois no seu atual amante não sabem ver o seu futuro inimigo.» Recuei um pouco e vi que era uma mulher a falar sobre outras mulheres.

No filme baseado neste livro sobre aristocratas franceses decadentes no século dezoito, dois ex-amantes entretêm-se um ao outro com as histórias

das suas conquistas sexuais. A marquesa e Valmont transformam numa arte a destruição daqueles que seduziram, aqueles que acabaram por os amar. Não se preocupam minimamente com estas almas abandonadas; para eles, o que interessa é o jogo e a lealdade que têm um com o outro. Porém, quando esta lealdade é comprometida, quando a marquesa acusa Valmont de se apaixonar por um dos seus objetos de desejo, o jogo torna-se mortífero.

Teria sido Bennett a sublinhar a passagem, ou comprara o livro em segunda mão?

Também sublinhado: «O homem goza com a felicidade que sente, e a mulher com a que proporciona... O prazer de um consiste em satisfazer os seus desejos, o da outra, principalmente, em os fazer nascer.»

Esperava que tivesse sido outra pessoa a sublinhar isto, porque me enfureceu. Contradizia tudo o que eu pensava sobre a forma como ele tinha sido comigo.

Levei o livro para o sofá. Oh, a memória do corpo!

Mas depois lembrei-me de outras coisas. Bennett tomava sempre um duche assim que acabávamos de fazer amor.

Bennett obrigava-me a comer até ao fim todas as sobremesas que eu pedia, até que, por fim, deixei de pedir sobremesa. Depois deu-me uma saia de cabedal que era ligeiramente apertada. Um elogio ou um aviso?

Estas coisas não tinham acontecido todas de uma vez. Passava muito tempo entre estes atos tortuosos, o suficiente para eu sufocar os meus instintos e lhe dar o benefício da dúvida, que, afinal de contas, é a atitude certa, é uma virtude. Este era o homem que parava e me virava para nos vermos refletidos numa montra. «Olha para eles», dizia. Orgulho, ou arrogância?

Cilla podia pensar que não havia nada a ganhar em descobrir quem Bennett realmente era, mas não fora Cilla que estivera apaixonada por ele, nem fora ela que criara aquele estudo sobre predadores e sujeitos de controlo, o estudo que o trouxera até mim, para começar.

*

Nessa noite, li páginas de *As Ligações Perigosas* ao acaso, à procura de pistas sobre quem Bennett poderia ter sido, ou quem ele aspirava a ser, se fora realmente ele a sublinhar aquelas passagens. Quanto mais lia sobre a

marquesa, mais perturbada me sentia e mais familiar ela me parecia. Bennett falara-me sobre uma mulher que conhecera – pusera aspas com os dedos na palavra *conhecer* – quando tinha vinte e tal anos. Num casino em Montreal, quando celebrava a venda de dois quadros que «herdara» – estas aspas são minhas – fora abordado por uma bonita mulher que lhe dissera:

– Tens de vir ver isto.

Contou-me que ela o levara até uma *slot machine*, separada das restantes por uma corda, onde uma mulher de cabelo branco colocava fichas de cinco dólares. As luvas da mulher, luvas de cerimónia brancas e compridas, estavam imundas de mexer nas moedas. A mulher bela mostrou-lhe, a pouca distância, um velho com um megafone que pedia repetidamente à mulher para se afastar da máquina. O casino tinha-lhe telefonado quando a mulher atingiu os trinta mil dólares de prejuízo.

Bennett disse-me que pensou que a mulher bela pretendia mostrar-lhe aquilo como um exemplo a não seguir, mas depois ela disse-lhe ao ouvido:

– É um jogo. Eles recebem esta atenção toda. Oferecem-lhes um quarto.

Bennett contou-me que contrapôs com o argumento óbvio, que não recuperavam os trinta mil dólares, e a mulher disse-lhe que o velho tinha milhões. Pedia à mulher para calçar as luvas sujas e para despertar piedade ao ponto em que tinham de o chamar para a salvar de si própria. *O homem goza com a felicidade que sente, e a mulher com a que proporciona.*

Bennett perguntou à bela mulher como sabia tudo isto, e ela disse-lhe que os tinha visto um mês antes, noutro casino. Os casinos não se importam, disse-lhe, pois saem sempre a ganhar.

Fora esta mulher, disse-me Bennett, que definira os três anos seguintes da vida dele.

Horas depois, ainda não tinha pregado olho. Enfiei o roupão e subi as escadas até ao telhado. O meu prédio tinha apenas seis andares, mas era mais alto do que os prédios de madeira dos meus vizinhos, com os seus telhados alcatroados, chaminés tortas e antenas parabólicas. Do meu telhado tinha-se uma vista desimpedida de Manhattan. Quando me mudara para aqui, um ano antes, conseguia ver a Ponte de Williamsburg, mas a construção incessante na costa de Williamsburg fechara gradualmente esse corredor de visão. Trouxera Bennett cá acima para ver o fogo de artifício no

Quatro de Julho, a primeira vez que ele passou o fim de semana em minha casa. Steven e eu costumávamos ver o fogo de artifício juntos desde que éramos pequenos, mas eu mentira-lhe e dissera-lhe que ia para fora. Bennett dissera que ainda não estava preparado para conhecer o meu irmão e que não queria diluir o tempo que tínhamos para estar juntos.

Ano sim, ano não, a cidade troca o rio onde o espetáculo tem lugar. Este ano, fora sobre o Hudson. Bennett dissera que parecia que New Jersey estava a atacar Nova Iorque. Quem *era* ele?

Nuvens fantasmagóricas corriam pelo céu; tive medo de nunca mais me conseguir sentir normal. Bennett cantarolara o clássico dos Drifters, «Up on the Roof», e dançámos. Contou-me que uma das suas bandas *emo* ia fazer uma nova versão desta música. E eu acreditei.

Alguém deixara uma velha cadeira de armar perto do parapeito do telhado, e sentei-me nela. A única altura em que vi estrelas sobre a cidade foi no apagão durante o furacão Sandy. Esta noite, a maioria dos edifícios de escritórios na baixa estavam às escuras, mas não o novo World Trade Center. Este estava iluminado, e uma lua crescente – o símbolo do Islão – estava posicionada de tal forma que parecia tocar na torre.

Consegui. Sobrevivi à primeira noite. Não posso dizer que tenha dormido grande coisa, mas sobrevivi. O armário da cozinha que abri para tirar um filtro de café continha também o muesli de Bennett. Era melhor beber café no caminho para as aulas. Tinha emagrecido um bocadinho, por isso vesti as minhas calças de ganga de magra e uma camisola de gola alta de algodão. Para não dizer que não me maquilhava, passei um pouco de corretor debaixo de cada olho.

Entrar no Lovefraud.com, depois do que lera na noite anterior, realçava a eloquência da marquesa *versus* a ingenuidade da americana enganada. Em resposta à mensagem que lera dias antes, escrevi:

Li sobre a sua experiência terrível com grande empatia e uma crescente sensação de familiaridade. Também eu me envolvi com um homem que me fez essas mesmas perguntas, que fingiu ser um agente, que nunca me convidou para casa dele e se encontrava sempre comigo em estalagens no Maine. Por fim, deu-me uma chave do seu apartamento e, tal como lhe aconteceu a si, a morada não existia. Compreende portanto que eu tenha urgência em falar consigo. Pode contactar-me para yesorno@hotmail.com.

Era o endereço seguro que eu usava para os participantes do meu estudo.

Voltar às aulas não foi fácil. Tinha planeado entrar na sala depois de o professor ter começado a aula e sair alguns minutos antes do fim. Uma das disciplinas que me faltava, depois de dois anos de especialização, era Psicologia e a Lei. Pelo nome, podia parecer uma disciplina de introdução, mas na realidade era um panorama geral sobre as mais recentes interseções entre questões de saúde mental e jurídicas. Eu já tinha perdido um quarto das aulas. A última a que assistira fora na manhã do dia em que encontrei

Bennett morto. Temia ver as cabeças dos meus colegas a virarem-se, e a forma como seria vista: uma vitimóloga transformada em vítima.

O corpo estudantil da John Jay ia desde o polícia de giro à procura de créditos extra para acelerar uma promoção, até um ex-guarda prisional cujo objetivo era ser diretor da prisão, ou a um psiquiatra que queria fazer autópsias psicológicas. O *campus* espalhava-se por cinco quarteirões na zona das West Fifties, perto do Hospital Roosevelt. O edifício que era sempre fotografado, construído em 1903 com mármore e tijolo, aquele que não ficaria a destoar numa universidade da Ivy League, albergava a administração. Todas as minhas aulas eram num anexo genérico e moderno. Passei o meu cartão de identificação pelo leitor eletrónico e subi as escadas até à sala da minha aula. O professor estava a pedir a um dos alunos que o ajudasse a trabalhar com o *PowerPoint*. As luzes ainda estavam acesas, o que permitiu que todos pudessem olhar bem para mim. Evitei estabelecer contacto visual enquanto tirava a mochila das costas e ocupava um lugar vago ao lado do meu amigo polícia dominicano, Amabile, cujo nome era mais do que adequado. Durante o nosso curto namoro, ele disse-me que significava «amabilidade». Estendeu a mão, pousou-a sobre a minha e deixou-a ficar um momento. Reparei que ele tinha uma *T-shirt* a dizer GO BLOODHOUNDS, de apoio à equipa de basquetebol da John Jay. Eu devia ter sido tema de tantas conversas. Não era difícil imaginar que, um dia, um trabalho sobre o meu caso seria incluído na literatura recomendada de Criminologia.

Eu tinha entrado nesta área de estudo para responder a uma pergunta. Não aquela que toda a gente faz – Porque é que certas pessoas passam o limite? – mas sim, porque é que não passamos o limite *todos*. Queria saber o que me impedia de o fazer, e com que intensidade. O meu interesse era mais do que teórico; era pessoal.

Steven e eu éramos naturais do Midwest, com todos os estereótipos que isso acarretava: o nosso pai era conservador, confiante, honesto e obstinado – isto, claro, quando não estava na fase da euforia. Nessas alturas era carismático, aventureiro e sedutor. Fora durante uma destas fases que a nossa mãe casara com ele. Ela, por outro lado, migrara para o Illinois vinda da Califórnia, filha de naturais do Oklahoma que tinham fugido da seca durante a Depressão, não tinham conseguido assentar no Vale Central da Califórnia e tinham acabado a trabalhar com gado em Chicago e a viver no

South Side, com os negros acabados de chegar do Sul. A nossa mãe era maleável, independente, estouvada, vaidosa e muito bonita. Não tinha a mínima intenção de ficar no South Side. Estava grávida de sete meses, de Steven, quando assistiu à primeira ascensão do marido para uma das suas fases maníacas declaradas. Tudo começou quando ele ignorou o aviso do obstetra, que recomendara cuidado com as relações sexuais na fase final da gravidez. Quando ela o rejeitou, ele traiu-a com a sobrinha da minha mãe, de apenas dezasseis anos. Houve mulheres que retaliaram contra os maridos por muito menos. Porque é que a nossa mãe não ultrapassou o limite?

Eu era uma aluna mediana na escola secundária, uma rapariga que sonhava em ser artista, atriz, poeta, de acordo com a tradição de todos os jovens sem rumo, sem perguntar sequer a mim própria se tinha ou não talento para tal. Apanhei um autocarro para Nova Iorque pouco depois de terminar a escola secundária e cheguei ao terminal rodoviário às duas da manhã numa noite chuvosa de verão.

Tinha planeado ficar na YMCA, mas conheci uma rapariga no autocarro que já tinha feito o que eu estava a planear fazer. Tinha ido visitar a mãe a Cleveland e estava de regresso a Brooklyn, onde vivia há seis meses. Trabalhava a servir às mesas enquanto não conseguia trabalho como modelo e convidou-me para ficar em casa dela. Vivia num estúdio num primeiro andar, com vista para os estaleiros. A cozinha era improvisada – apenas uma placa elétrica e um minifrigorífico. As paredes estavam vazias e a tinta verde-clara descascada. Dormi num colchão insuflável, e ela no sofá-cama.

Por volta das seis da manhã, ouvi uma chave na fechadura. Um homem entrou no apartamento. Chamei a minha amiga, Candice, e ela disse, ensonada:

– É só o meu namorado, o Doug.

Doug disse-me olá e sentou-se na beira do sofá-cama a descalçar as botas. Não tinha meias. Por algum motivo, isso alarmou-me ainda mais.

Comecei a levantar-me do colchão insuflável, que, de qualquer modo, já estava meio vazio.

– Posso ir andando. Obrigada por me teres deixado ficar.

– Não precisas de ir – disse ele, e despiu a camisa. – Tenho de estar no trabalho daqui a duas horas.

A minha mochila estava do outro lado da sala e tinha de passar mesmo rente a ele para a ir buscar. E estava a dormir apenas de *T-shirt* e cuecas.

Ele despiu as calças de ganga. Sem tirar os olhos da minha mochila, vi pelo canto do olho que também não tinha roupa interior. Enfiou-se no sofá-cama, ao lado de Candice, e eu disse a mim própria para me acalmar, estava em Nova Iorque e tinha sorte por ter onde dormir.

O colchão insuflável estava a menos de dois metros do sofá-cama, por isso claro que ouvi Candice a dizer ao namorado para estar quieto, mas não o disse em tom zangado. Eu ainda não tinha ido até ao fim, mas tinha saído em pares com amigas várias vezes, por isso sabia o que se estava a passar. Essas foram mesmo as palavras que me ocorreram – ir até ao fim. Já estava a construir a história para os meus amigos do New Trier, em Wineetka, o liceu famoso por alunos tão precoces e talentosos como Ann-Margret e Rock Hudson, embora os meus amigos fossem de desenvolvimento mais lento.

Fechei os olhos, pus a almofada em cima da cabeça e fingi que este tipo de coisa me acontecia constantemente. A dada altura a atividade acalmou e voltei a adormecer.

Acordei a tossir, e a almofada parecia ser o motivo. Ainda estava a tapar-me a cara, mas havia pressão do outro lado. Não conseguia respirar e, quando a tentei afastar, senti os braços que a seguravam.

– Oh, por amor de Deus, seu idiota, deixa-a em paz – ouvi Candice dizer, mas as mãos não abrandaram a pressão. Comecei a esbracejar e dar pontapés.

– Deixa-a respirar, pelo menos – disse Candice.

Uma mão largou a almofada e inspirei uma golfada de ar antes de a mão livre me segurar os braços.

– Agarra-lhe nos pés – disse Doug a Candice.

– Não quero levar outro pontapé – disse Candice, mas senti-a agarrar-me nos tornozelos. Nesta altura, o colchão insuflável estava da altura de um saco-cama.

– Bem te disse que o colchão tinha um furo – disse Doug. – Isto vai dar cabo do meu joelho.

– Ainda ontem estiveste no Walgreens.

– E depois?

– Eles vendem colchões insufláveis.

Apesar do que estava a acontecer, esta discussão disparatada fez-me pensar que talvez ainda houvesse hipótese de me safar.

– Se me deixares levantar, compro-te um colchão insuflável novo. – Senti o efeito das minhas palavras quando ele relaxou a pressão sobre os meus pulsos e depois os apertou com mais força.

– Deves achar que somos estúpidos – disse Doug.

– Candice – implorei. – Não compreendo porque me estás a fazer isto.

– Não é ela, sou eu – disse Doug.

Perdi as esperanças de me safar incólume.

– Eu não digo nada a ninguém se me deixarem ir embora. Nem sequer sei onde estou. Só me quero ir embora.

– Amor, vai buscar a fita adesiva que está debaixo do lavatório.

O corpo dele estava em cima do meu, a prender-me. A almofada ainda me tapava o rosto, mas conseguia respirar. Virei a cabeça e vi que Candice estava vestida como eu, só que a *T-shirt* era de Doug. Estava a cortar um pedaço de fita adesiva.

– Segura-lhe a cabeça – disse Candice a Doug. Depois agachou-se ao meu lado e tapou-me a boca. Estava tão perto de mim que senti o cheiro da ejaculação de Doug. Se não fosse o medo de morrer sufocada, teria vomitado.

– Prende-lhe o pulso ao radiador – ordenou Doug.

Doug pegou no meu pulso direito e encostou-o ao metal. Enquanto Candice cortava mais um pedaço de fita e a enrolava ao meu pulso, Doug trauteou «Crazy Little Thing Called Love». Quando Candice acabou de prender o outro pulso, este à perna de uma cómoda, Doug deslizou sobre o meu corpo e despiu-me as cuecas. Ouvi o meu som de protesto através da fita que me tapava a boca.

– Amor, trazes-me uma cerveja? – pediu Doug.

– Não sou tua criada, e de qualquer maneira acabaram.

– Que merda, ficaste de comprar mais.

– Oh, e quando achas que ia fazer isso? Acabo de chegar de Cleveland.

– Então vai agora.

– Como se houvesse alguma coisa aberta às seis da manhã.

– O Walgreens está aberto.

– Têm cerveja?

– Claro que têm cerveja!

Rezei para que Candice não me deixasse sozinha com ele.

Ela enfiou as calças e procurou dinheiro nos bolsos de Doug.

– Já que ela estava tão ansiosa por nos comprar um colchão, deixa-a pagar pela cerveja – disse Doug.

Candice pegou nas minhas calças de ganga e tirou todo o dinheiro que eu tinha, trezentos dólares.

– Para a próxima, devias arranjar cheques de viagem – disse-me Candice, antes de sair e fechar a porta.

– É uma pena tapar uma boca tão bonita – disse Doug. – E se eu te tirasse a fita, ficavas calada?

Acenei afirmativamente.

– Vai doer um bocadinho. – Pensei que ele a fosse arrancar de repente, como se faz a um penso rápido, mas tirou-a lentamente, como se fossem preliminares. – Já tiveste muitos namorados?

Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

– Ou só um rapaz especial? Aposto que o deixaste brincar debaixo da camisola. – Levantou-me a *T-shirt* e apertou-me os mamilos. – A Candice saiu-se mesmo bem, desta vez. – Enquanto começava a esfregar a ereção entre os meus seios, o telemóvel dele tocou. Pegou-lhe e olhou para o número antes de atender. – Sim? O que foi agora? – Enquanto ouvia, esfregou a ponta do pénis no mamilo que beliscara. – Tanto me faz. *Coors*. – Desligou e disse: – Merda. – Saiu de cima de mim e aproximou-se da janela. Já não estava completamente ereto.

Começou a esfregar-se a si próprio e, quando não aconteceu nada, voltou, sentou-se em cima do meu peito e disse:

– Ajuda-me lá com essa boquinha bonita.

Instintivamente, virei a cabeça para o lado, mas ele agarrou-me no queixo e obrigou-me a abrir a boca. Penetrou-me à força. Sufocada, senti as lágrimas deslizarem-me pelos cantos dos olhos.

Aparentemente, isto excitou-o, porque estava novamente duro.

– Geralmente espero pela Candice, mas acho que desta vez não posso esperar.

Saiu da minha boca, abriu-me as pernas com o joelho e, num instante, deixei de ser virgem. Ele acabou rapidamente e eu ainda estava viva. Estava ainda dentro de mim quando a porta se abriu – era Candice, com a cerveja.

– Filho da mãe, devias ter esperado.

– Bom, se não tivesses demorado tanto tempo...

Apesar disso, ela abriu uma lata de cerveja e estendeu-lha. Abriu outra e

bebeu um grande trago. Depois abriu uma terceira e pousou-a no chão, ao meu lado.

– És empregada de bar, agora? – perguntou Doug.

– Ela também deve ter sede, não é, Morgan?

Sem cerimónia, pegou num canivete suíço e libertou-me uma mão. Consegui sentar-me e, quando o fiz, a *T-shirt* baixou e cobriu-me. A ideia de beber uma cerveja com eles era agonizante, mas não podia correr o risco de os provocar. Peguei na lata e, com esforço, bebi um gole.

Candice olhou para o despertador em cima da cómoda à qual eu ainda estava presa.

– É melhor ires pensando em ir trabalhar.

– Tenho aqui alguma *T-shirt* lavada? E não me digas que estiveste em Cleveland.

Candice abriu o pequeno armário e atirou-lhe uma *T-shirt* de manga comprida.

– Tens tempo para a deixar na estação dos autocarros? – perguntou Candice.

Libertou-me o outro pulso, devolveu-me a mochila e fui conduzida até uma carrinha branca. Na viagem, que eu esperava que fosse até ao terminal rodoviário, Doug teve sempre o rádio sintonizado numa estação de música antiga, um hino atrás do outro. Dei graças por não ter de falar com ele. Ia sentada no banco de trás, a vê-lo abanar a cabeça ao ritmo da música.

Quando chegámos ao terminal dos autocarros, Doug desligou o rádio.

– Quando te deixar sair, quero que contes até sessenta antes de olhares para trás, a menos que queiras voltar a ver-me.

Só olhei para trás depois de contar até seiscentos.

*

Assim que a aula acabou, Amabile pegou-me na mão.

– Vem comigo. – Levou-me da sala de aula antes que qualquer outra pessoa tivesse oportunidade de me dirigir a palavra. Disse que tinha um capacete a mais e ofereceu-me uma boleia até Rikers na sua *Harley*. Ele e eu tínhamos ambos pacientes a esta hora, todas as semanas, e eu tinha muita coisa em atraso. Nunca tencionara praticar psicologia, mas eram precisas setecentas horas clínicas para ter o diploma. Rikers não era uma prisão; era

uma cadeia, o que significa que os detidos estavam a aguardar julgamento ou a cumprir penas inferiores a um ano. Os meus pacientes eram tipos que esperavam que falar com um psicólogo lhes desse pontos aos olhos do juiz. Uma vez que a maioria da população de Rikers (mil e quatrocentos, em média) estava a aguardar julgamento, todos os detidos eram «inocentes».

Agarrei-me com força à cintura de Amabile enquanto ele acelerava sobre a Ponte Francis Buono de Queens – o único acesso à ilha. Na sessão de orientação tínhamos ficado a saber que a Ilha de Rikers fora um campo de treino militar durante a Guerra Civil. Tornara-se uma prisão em 1932.

Em 1957, o Voo 823 da Northeast Airlines caíra na ilha, pouco depois de descolar do aeroporto de LaGuardia, matando vinte pessoas e ferindo setenta e oito, do total de noventa e cinco passageiros e seis tripulantes. Pouco depois do acidente, o pessoal e os prisioneiros correram para o local para ajudar os sobreviventes. Em resultado das suas ações, dos cinquenta e sete prisioneiros que tinham ajudado nas operações de resgate, trinta foram libertados e dezasseis tiveram uma redução de seis meses na sua pena.

Soubemos também que um desenho de Salvador Dalí, feito como pedido de desculpa por não poder estar presente numa palestra sobre arte para os detidos, estivera pendurado no refeitório dos detidos entre 1965 e 1981, altura em que fora transferido para o átrio da prisão, por questões de segurança. O desenho foi roubado em 2003, por uns guardas, e substituído por uma reprodução.

Rikers era quase uma pequena cidade. Havia escolas, clínicas médicas, campos de jogos, capelas, ginásios, programas de desintoxicação de drogas, mercearias, barbearias, uma padaria, uma lavandaria automática, uma central elétrica, uma pista de corridas, um alfaiate, uma gráfica, um terminal de autocarros e até uma lavagem de carros. Era a maior colónia penal do mundo.

Eu via os meus pacientes num pequeno anexo de uma ala sobrepovoada onde as luzes fluorescentes estavam acesas vinte e quatro horas por dia e havia uma televisão ligada das sete da manhã à meia-noite. Os homens vestiam fatos-macaco cor de laranja e pareciam estar a viver num terminal rodoviário, à espera de um autocarro que nunca mais chegava.

Depois de Amabile e eu sermos identificados, revistados e autorizados a entrar, percorremos o labirinto de corredores com grades nas janelas e portas que só os guardas podiam abrir.

O meu gabinete, que partilhava com três outros estudantes, media dois metros por dois metros e meio, era mais pequeno do que uma cela, e continha duas cadeiras de armar idênticas e um cacifo metálico.

O meu primeiro paciente era um tipo magricela, branco, com cabelo cortado à escovinha e uma orelha deformada, condenado a nove meses de prisão por exibicionismo no Museu Metropolitano, na ala das esculturas gregas. Posicionara-se no fim de uma fila de nus em mármore e esperara pelas meninas de uma escola em visita de estudo. Não mostrava qualquer remorso e dizia-se inocente, afirmava que a braguilha das calças estava aberta sem que ele soubesse.

Começava sempre as nossas sessões com uma anedota para tentar abalar-me ou encantar-me, nem sempre era fácil perceber qual das opções. Era mais do que isso – só respondia às minhas perguntas com anedotas.

– Diz o prisioneiro – começou ele. – «Doutor, olhe lá! Já me tirou o baço, as amígdalas, as adenoides e um dos rins. Eu só queria saber se me podia tirar daqui!» Responde o médico: «É o que estou a fazer... pedaço a pedaço!»

– Está a pedir-me para o tirar daqui? – perguntei.

– Um homem foge da prisão, encontra uma casa, arromba a porta e entra, à procura de dinheiro, mas encontra apenas um jovem casal na cama. Manda o homem sair da cama e amarra-o numa cadeira. Enquanto está a amarrar a rapariga à cama, põe-se em cima dela, beija-a no pescoço e depois vai para a casa de banho. Enquanto lá está, o marido diz à mulher: «Ouve, este tipo é um prisioneiro foragido, olha para as roupas dele! Provavelmente não vê uma mulher há anos. Eu vi como ele te beijou o pescoço. Se ele quiser sexo, não resistas, não te queixes, faz o que ele disser. Se o enfurecermos, é bem capaz de nos matar. Sê forte, querida. Amo-te muito.» «Ele não estava a beijar-me o pescoço», diz a mulher. «Estava a murmurar-me ao ouvido. Disse-me que era gay, que te achava muito giro e perguntou-me se tínhamos vaselina na casa de banho.»

– Tem medo de ser violado aqui?

– Certa manhã, um psiquiatra está a fazer as suas rondas no hospital para pacientes mentais. «Como se sente hoje?», pergunta ao primeiro paciente. O paciente está nu, com o pénis ereto, e está a atirar amendoins para cima dele. Vira-se para o psiquiatra e diz: «Não vê que sou maluco? Vou ficar aqui algum tempo.»

– Está a aceitar o facto de que vai ficar aqui algum tempo?

– Sabe, doutora, acho que sou alérgico à sua cara.

Esperei pela conclusão da piada.

– Sim, a minha pila incha de cada vez que a vejo.

– Hoje vamos acabar mais cedo – disse, e fiz sinal através da janela de vidro reforçado para o guarda o vir buscar.

Fiquei sentada na cadeira de armar e tentei recordar por que motivo acedera a fazer este trabalho. Se pelo menos Bennett tivesse sido tão óbvio como o exibicionista das anedotas. Quantos sociopatas são precisos para mudar uma lâmpada? Um. Ele segura na lâmpada enquanto o mundo gira à volta dele.

*

Vi Doug e Candice mais uma vez.

Servi-lhes omeletas com batatas fritas e Doug pediu-me o molho picante. Não me reconheceram – uma combinação do meu uniforme de empregada de mesa e cabelo pintado e do seu estado ressecado. Quando Doug deixou cair a faca e pediu outra, trouxe-lhe uma faca de carne e ainda pensei em cravar-lha no peito, quatro centímetros abaixo da clavícula, onde existe um intervalo natural entre as costelas. Talvez tenha sido a mão da minha mãe que travou a minha nesse momento decisivo. Ou talvez eu tenha percebido que apunhalar Doug seria apenas a forma que a minha *autodestruição* assumiria. Há ainda o facto de a vingança exigir atos cada vez maiores para satisfazer o vingador.

Encontrei um apartamento partilhado em Vinegar Hill, onde vivia com duas alunas de Medicina, uma das quais era Kathy. Arranjei o emprego a servir mesas naquele restaurante em Bushwick para pagar uma disciplina extra de Poesia na New School. A poesia parecia-me a forma mais natural para mim e, na verdade, tinha escrito um ou dois poemas sobre Doug e Candice.

O pequeno-almoço deles custou 21,12 dólares; deixaram-me menos de um dólar de gorjeta.

Vi mais um paciente em Rikers nesse dia – uma brisa de primavera, em

comparação com o exibicionista das anedotas. A seguir, Amabile deixou-me em casa e perguntou-me se queria que ele subisse comigo. Respondi que não era preciso e agradeci-lhe a sua bondade e preocupação. Já não havia nada entre nós quando eu conheci Bennett, e estava contente por termos ficado amigos.

Depois de ele arrancar, fui ao Mother's e comprei um hambúrguer vegetariano, batatas doces fritas e uma *Diet Coke*, consciente da ironia de beber *Diet Coke* com batatas fritas.

Abri as janelas todas do apartamento porque o cheiro aos solventes industriais ainda permanecia no ar. Um amigo budista tinha-se oferecido para vir «defumar» a casa para neutralizar o horror, mas conseguiria eu continuar a viver ali, mesmo depois de tal cerimónia? Senti-me tonta e percebi que estava a sustentar a respiração. Pousei o saco de comida ao lado do computador, tirei duas batatas fritas e verifiquei a minha conta do Hotmail.

Sou a pessoa de quem está à procura. Há outras. Não é a primeira mulher que faz comentários sobre como a minha experiência lhe é familiar. O homem que eu conhecia como «Peter» tem cerca de um metro e setenta, um bocadinho de peso a mais para a altura, cabelo escuro e uma pequena cicatriz na sobrancelha – não é particularmente atraente, mas isso não importava. Tem um ar de confiança que o torna carismático. O homem com quem se envolveu apaixonou-se por si muito rapidamente? Levou-lhe um perfume Bvlgari Green Tea e insistiu que o usasse sempre? Detestava os seus animais de estimação? Se quiser conversar, eu preferia fazê-lo em pessoa e num local público. Está em Boston? Posso encontrar-me consigo no bar Clarke's, mesmo à saída da South Station no lado da Atlantic Avenue. Levo um cachecol de tricô cor de laranja. É conveniente para si?

Na manhã seguinte, apanhei o comboio para Boston.

O Clarke's estava fechado. Não nesse dia, mas para sempre. Tinha um cartaz na montra a dizer «ARRENDAR-SE». Não me lembrava se ela me tinha dito que nos encontraríamos lá dentro ou na rua, mas quando vi o cartaz a minha memória disse-me que era na rua. Fiquei ali parada trinta minutos. Porquê? Pela mesma razão que tinha percorrido a Rue Saint-Urbain para cima e para baixo, à procura do restaurante das omeletas de Bennett. Vi um polícia numa esquina e dirigi-me a ele, mas depois apercebi-me de que não sabia o que lhe havia de perguntar. Não sabia o nome dela, apenas que trabalhava para a polícia e que se apaixonara pelo mesmo homem que eu.

Teria mudado de ideias em relação ao encontro? Concluí que ela já fora corajosa ao publicar o seu relato, ainda por cima sendo das forças policiais. Talvez tivesse surgido uma emergência? Não tínhamos trocado números de telefone. Enviei-lhe um *e-mail* e depois atravessei a Atlantic Avenue e sentei-me num café à espera. Escolhi uma mesa com vista para a montra vazia do Clarke's. Depois da terceira chávena de café, decidi ir à esquadra mais próxima, onde presumi que ela trabalhasse. Na sua publicação no Lovefraud dissera que era analista de relatórios de incidentes. Quantas analistas de incidentes do sexo feminino e jovens podia haver numa esquadra? Trouxera uma fotografia de Bennett, ou metade de uma fotografia, aquela que encontrara na minha mesinha de centro, deixada pela equipa de limpeza. Tinha recortado a parte onde eu aparecia.

A esquadra ficava a dez quarteirões, um grande edifício de tijolo que podia em tempos ter sido um orfanato ou uma biblioteca. Era mais imponente do que a esquadra de Brooklyn por onde eu passava todos os dias a caminho do metro. A minha esquadra local nunca podia ter sido outra coisa senão uma esquadra.

O agente da receção estava a ser importunado por uma mulher mais velha que exigia saber para onde tinham levado o filho. Esperei até ele conseguir acalmá-la o suficiente para se voltar a sentar.

– Não sei se pode ajudar-me – disse-lhe, em tom autoritário, um tom que desenvolvera para falar com polícias e criminosos na minha capacidade profissional. – Sou da Faculdade John Jay de Justiça Criminal em Nova Iorque. Tenho uma marcação com a vossa analista de relatórios de incidentes. Pode dizer-me onde posso encontrá-la?

– Ele, não ela. No segundo andar. Mas preciso de ver a sua identificação.

Mostrei-lhe o meu cartão da John Jay e disse-lhe que estava à procura de uma mulher.

– O Gerald Marks é o nosso novo analista. Não está a falar da Susan Rorke, pois não?

– Talvez. Sei que pode parecer estranho, mas não sei o nome da mulher com quem me vinha encontrar, apenas o trabalho dela e que esta é a esquadra mais próxima do sítio onde ela sugeriu que nos encontrássemos. Sabe onde posso encontrar essa Susan Rorke?

– Lamento muito ter de lhe dizer isto, mas a Susan morreu há seis semanas.

– A mulher de quem estou a falar despediu-se do emprego, mudou-se para Nova Iorque e depois voltou, no verão.

– A Susan realmente deixou o emprego, mas voltou pouco antes de ser morta.

– Disse que ela tinha morrido. Foi assassinada?

– Lamento, mas não posso dar-lhe pormenores de uma investigação em curso.

Fiz uns cálculos mentais rápidos. Ela devia ter morrido pouco depois de ter publicado o seu relato no Lovefraud.com, se se tratava de facto de Susan Rorke. Mas se Susan Rorke estava morta há seis semanas, quem é que respondera ao meu *e-mail*? Perguntei ao sargento de serviço se podia falar com algum dos colegas dela.

Ele pegou no telefone e disse:

– Pode chegar aqui à receção?

Um jovem, com ar de quem podia ter vindo para o trabalho de *skate*, apareceu poucos minutos depois e apresentou-se como detetive Homes.

– Ela está a fazer perguntas sobre a Susan Rorke – disse o agente.

– Talvez – repeti, e expliquei-me a Homes.

– O que sabe sobre esta investigação?

– Nada, a menos que a Susan Rorke tenha conhecido este homem. –

Entreguei-lhe a fotografia de Bennett.

– Onde é que arranjou isto?

Senti que o detetive já vira Bennett antes. Senti que ia ficar a saber alguma coisa que não queria saber. Mas, na verdade, já sabia.

– Este homem estava envolvido com a Susan Rorke?

– Esta investigação é minha. Por favor, responda à pergunta.

– Era o meu noivo.

– Como é que ele se chama?

– Diga-me o senhor. – Eu não conhecia Bennett, em nenhum aspeto; nem a sua história, nem as suas capacidades, nem as suas motivações. A ignorância deixou-me tonta, agoniada.

– Importa-se de subir e ver algumas fotografias?

Não disse nada enquanto subíamos as escadas. Precisei de me segurar ao corrimão. O meu estado de espírito alternava entre a confusão e a vergonha por ter sido tão completamente enganada por um homem que amava.

A secretária do detetive estava surpreendentemente arrumada. A única coisa que tinha em cima era um pequeno monte de pastas, uma das quais ele abriu depois de me ter convidado a sentar. No interior, presa com um clipe, estava a fotografia de uma mulher. Parecia ter mais ou menos a minha idade, uma mulher atraente, com um Jack Russell zarolho ao colo.

– Reconhece esta mulher?

– Presumo que seja a Susan Rorke. Mas não, não a reconheço.

Ele mostrou-me outra fotografia. Desta vez, era Susan Rorke com um sorriso radiante, numa paisagem soalheira e montanhosa. E a cabeça encostada ao ombro de Bennett.

– É este o homem que afirma ser o seu noivo?

– Como é que ela morreu?

– Por favor, responda à minha pergunta.

Eu alternava entre a náusea intensa e a serenidade absoluta.

– Posso beber um copo de água?

Onde é que aquela fotografia fora tirada? Teria sido antes de eu conhecer Bennett? O detetive voltou e deu-me um copo de plástico com água.

– Quando é que esta foto foi tirada? – perguntei, quando acabei de beber.

– Quando é que a *sua* fotografia deste homem foi tirada?

– Ele é suspeito?

– Por favor, preciso que me responda diretamente.

– Está bem. A minha foi tirada no Maine, cerca de um mês antes de ele morrer.

– Ele está morto?

– Talvez tenha lido sobre o assunto. Foi morto por cães. Fui eu que encontrei o corpo.

– Isso foi em Nova Iorque.

– Em Brooklyn. No dia vinte de setembro.

– Não sabia que era esse o homem de quem estávamos à procura. – Pediu licença e levantou o auscultador. Presumi que fosse para informar o capitão. Sentia-me como que a flutuar, sem peso. Pensaria ele que Bennett era um assassino?

Quando o detetive desligou, deu-me o seu cartão e disse que voltaria a entrar em contacto comigo.

– Como é que posso contactá-la?

Dei-lhe os meus contactos e abri a mala.

– Acho que deve ver isto. – Dei-lhe as publicações do Lovefraud que tinha imprimido.

Esperei que ele acabasse de as ler e pedi-lhe que me dissesse como é que ela tinha morrido.

– Caiu de uma altura de três andares, no lar de apoio aos sem-abrigo onde fazia voluntariado. Acreditamos que foi empurrada.

– O que o leva a pensar isso?

– Havia arranhões no caixilho da janela que indicam que ela lutou.

– E acha que foi o Bennett que a empurrou?

– Conhecemo-lo por outro nome.

– E não pode dizer-me, não é?

– Posso fazer uma cópia dessa fotografia?

Dei-lhe a metade da fotografia cortada e, quando ele a devolveu, nem consegui olhar para ela. Enfiei-a entre os dois pedaços de cartão que usara para a proteger na minha mochila, mas desta vez nem sequer abri o fecho da pequena bolsa onde a trouxera, separada do resto da tralha que tinha na mala – a maquilhagem por usar, as canetas vazias, uma barra energética meio comida com mais calorias do que o chocolate que eu realmente queria.

Lá fora, tive a velha sensação de surpresa por o mundo continuar como era antes de eu saber aquilo que acabara de descobrir. Quando todas as

pessoas estão nas mesmas circunstâncias, por exemplo uma comunidade depois de ser devastada por um tornado, vem ao de cima uma camaradagem cautelosa. Eu estava sozinha com a minha descoberta e nunca me sentira tão isolada, nem com tanto medo.

Outra mulher talvez se tivesse dirigido a um bar. Mas aquilo que me ocorreu não foi nada que eu fizesse – apenas o imaginei. Vi-me a mim própria a empurrar um carrinho com um saco cheio de lençóis e toalhas sujos, detergente e amaciador. Queria levar a minha roupa suja para uma pequena lavandaria automática de bairro, e fazer perguntas simples ao proprietário sobre como juntar o amaciador. Queria sentar-me numa cadeira de plástico e ver a roupa suja andar à roda, ficar limpa. Queria dobrá-la, quente da máquina de secar, e voltar para trás pelo mesmo caminho, empurrando até casa a pequena prova de que conseguia funcionar neste mundo e tornar melhor uma pequena coisa.

Ter-me-iam os meus cães salvado a vida?

Onde estava o homem que eu conhecia como Bennett seis semanas antes, na altura da morte de Susan Rorke?

Ia no comboio, de regresso a Nova Iorque. Consultei o calendário do meu telemóvel e vi que tinha razão – Bennett estivera comigo nesse fim de semana, na Estalagem Old Orchard Beach, um edifício vitoriano amarelo, numa falésia virada para o mar, muito perto do cais.

Susan fora morta na sexta-feira. De Boston a Old Orchard Beach, no Maine, era uma viagem de carro de duas horas. Poderia Bennett tê-la empurrado da janela em Boston e conduzido o seu carro alugado cento e sessenta quilómetros até uma estância balnear para passar um fim de semana romântico comigo? Sim, tinha tido tempo para isso. Eu já estava na estalagem quando ele chegou. Quando é que teria comprado as rosas brancas que me deu? Beijou-me como de costume e perguntou onde podíamos beber qualquer coisa. Eu disse-lhe que a estalagem estava a servir vinho junto à lareira e ele disse que queria uma bebida a sério. Lembro-me de ficar surpreendida com isso. Ele disse que queria tomar um duche e mudar de roupa primeiro. Disse que saía de Montreal às nove da manhã; significava que tinha conduzido seis horas sem parar, portanto não achei estranho. Pareceu-me bastante animado, e muito atencioso comigo. Estava com fome; comemos lagosta ao jantar e, claro, fizemos amor. Ele teria algum arranhão? Susan teria lutado muito? A seguir, ele insistira que déssemos um passeio junto ao mar, ao luar, apesar de estar frio. Percorremos o paredão, que estava praticamente vazio, dada a hora e a temperatura. Ouvi alguns transeuntes que passaram por nós falar no dialeto do Quebec e perguntei-lhe o que eles estavam a dizer. Ele disse-me que estavam a dizer que queriam ir ver o jogo do dia seguinte entre os Maple Leafs e os Montreal Canadiens. Pensei na minha busca infrutífera pelo apartamento dele em Montreal e questionei se ele falaria sequer francês. Procurei no Google o calendário da Liga Nacional de Hóquei e vi que os Montreal Canadiens nem sequer tinham jogado nesse dia.

Mais tarde, no quarto, quando ele despiu as calças, vi uma grande nódoa

negra recente na parte de baixo da perna dele. Quando lhe perguntei como a fizera, disse-me que tinha batido com a canela ao ajudar uma das suas bandas a arrumar o equipamento. Uma das bandas que ele não representava.

Nessa noite, deitei-me no lado direito da cama, como de costume. O lado esquerdo estava encostado à parede e Bennett conhecia o meu medo de infância de dormir encostada a uma parede e desaparecer através dela. Quando eu estava quase a adormecer nos braços dele, murmurou:

– Se me amas, dormes encostada à parede.

E se eu não lhe tivesse feito a vontade? O que me teria ele feito? Na manhã seguinte... oh, nem queria lembrar-me de como tínhamos feito amor. Ao vê-lo agora, à luz daquilo que descobrira em Boston, era repugnante. Contudo, pareceu-me que nessa noite ele nunca me largou a mão. Ainda a segurava quando acordámos.

Cheguei à Penn Station pouco depois da meia-noite. Estava exausta, mas sem sono. Assim que cheguei a casa, li todos os artigos que consegui encontrar sobre a morte de Susan Rorke, por ordem cronológica.

Ela era descrita como uma analista de relatórios de incidentes da polícia, de trinta e cinco anos de idade, que fazia voluntariado no lar de apoio aos sem-abrigo do Sul de Boston todas as semanas. Ao princípio, a morte fora atribuída a um acidente. Ela tinha ido tentar arranjar os estores de uma janela no terceiro andar e não voltara a descer. O corpo da senhora Rorke fora encontrado no beco atrás do abrigo. A polícia dizia que parecia que a senhora Rorke caíra de uma janela aberta e morrera com o impacto. O artigo seguinte informava que a polícia estava a investigar a morte, como possível homicídio. Estavam à procura de um sem-abrigo que passara a noite no lar. Havia testemunhas que o tinham visto a discutir com a senhora Rorke nesse dia. O homem foi encontrado, interrogado e libertado. A polícia continuava a classificar a morte como um homicídio e a investigação estava em aberto.

A seguir entrei no Facebook. A fotografia de perfil dela era a mesma que o detetive me mostrara, com o Jack Russell zarolho ao colo. Perguntei-me o que teria acontecido ao cão. Passei os olhos pelos últimos meses de publicações dela e encontrei o seguinte: uma fotografia da sua mão esquerda, de dedos esticados, a mostrar o anel de noivado de diamante. O diamante de corte tradicional era aproximadamente de um quilate, encastrado em ouro branco ou platina. Os comentários por baixo diziam

todos basicamente o mesmo: quando é que vamos conhecê-lo?

Dirigi-me à minha gaveta e tirei a pequena caixa de cabedal, forrada a veludo, onde guardava o anel que Bennett me dera. Idêntico. Senti-me tentada a deitá-lo fora mas depois apercebi-me de que era uma prova. Era prova de que eu pertencia a esta irmandade de enganadas. Se Susan e eu éramos irmãs nesse aspeto, o mesmo se podia dizer da mulher que me escrevera no Lovefraud a fazer-se passar por ela. Ela também suspeitava da existência de outras. Se havia três, porque não quatro? Ou mais?

Entrei no Lovefraud e deixei uma mensagem privada à número três.

Quem é você? Porque fingiu ser a Susan Rorke? Porque pensa que o homem que conheceu como «Peter» enganou outras mulheres? Fui ao seu encontro, de boa fé, e descobri que a mulher que afirmou ser foi assassinada há seis semanas. Tenho informações sobre o homem que conheci como «Bennett» que podem interessar-lhe. Não estou a inventar nada para a tentar atrair. Estou a falar muito a sério. Não sei por que motivo não foi encontrar-se comigo, mas, se tem medo dele, não precisa de ter. Espero ter notícias suas.

Estava com fome e, pela primeira vez em semanas, queria qualquer coisa saudável. Caminhei alguns quarteirões e fui ao Champs. Abria às seis da manhã. Como de costume, eu era a única cliente sem os braços e as pernas tatuadas. Os funcionários estavam sempre animados. Consegui uma mesa só para mim e sentei-me, por baixo de um sinal de néon dos anos cinquenta na parede. Pedi uma dose dupla de ovos mexidos com tofu e as suas especiarias misteriosas, e as bananas-da-terra salteadas. Pus açúcar de cana verdadeiro no café. Quando estava à procura do empregado transexual para me reabastecer a chávena, vi a porta abrir-se. Demorei um instante a reconhecê-lo. Estava a tirar um capacete de bicicleta. Quando lhe vi o cabelo reconheci-o: era McKenzie, o meu advogado. Vestia uma *T-shirt* manchada de suor e calções de ciclista pretos que, nele, não pareciam uma fantasia.

Ele olhou para o meu prato.

– Espero bem que não fossem as últimas bananas-da-terra.

– Quer uma? – Apontei para o lugar vazio à minha frente.

Ele sentou-se e, sem olhar para a ementa, pediu exatamente o que eu tinha

pedido. Espetou o garfo numa fatia de banana no meu prato.

– Quando trabalhei em Porto Rico, praticamente só comia isto.

– Quando foi isso?

– Estive a representar um cavalo em Vieques. Um agricultor perto de um dos locais de teste de bombas da Marinha reparou que o seu cavalo premiado tinha parado de se reproduzir. Conseguimos uma sentença favorável ao agricultor e ao garanhão.

Levantei a chávena num brinde.

– Já marcou o teste de temperamento? – perguntou ele.

– Na próxima sexta-feira, em Staten Island.

– Excelente. Desejo-lhe boa sorte.

Quando a comida dele chegou, quis mudar de assunto, para que não pensasse que só o tinha convidado a sentar-se para aproveitar o aconselhamento jurídico gratuito.

– O mais perto que estive de Vieques foi do outro lado da água, em Saint Thomas.

– Adoro as ilhas. O que esteve lá a fazer?

– Fazia sempre férias de mergulho, para poder trazer uns *patty-cakes*. – Quando vi a pergunta no rosto dele, expliquei: – São cães vadios das ilhas, que sobrevivem de bolos de farinha de milho que encontram no lixo. Trabalho com uma organização sem fins lucrativos que coloca cães das ilhas em lares no continente.

– Como era o mergulho por lá?

– Os recifes estão a sofrer. Sempre que um navio de cruzeiro despeja no mar dois mil turistas cobertos de protetor solar, o coral perde a cor e morre. Tenho sorte por ter visto os recifes antes que desapareçam de vez. Mergulhou em Vieques?

– Um pouco.

– Não é espantoso? Nadar por entre aqueles desfiladeiros de coral. As cores. Alguma vez mergulhou à noite, quando os corais macios saem? É como nadar por um roseiral só com uma lanterna. E os peixes. Chegou a ser seguido por aqueles cardumes de cirurgiões-paleta azuis? A forma como se viram todos ao mesmo tempo e se tornam iridescentes.

Ele pousou o garfo, embora ainda não tivesse acabado as bananas. Senti que tinha metido o pé na argola, de alguma forma.

– Deixe-me oferecer-lhe o pequeno-almoço – disse ele, e enfiou a mão no

bolso para tirar algum dinheiro.

Agradei e ele disse que tinha de ir entregar uns papéis ao tribunal na baixa.

– De bicicleta?

– Assim o guarda pensa que sou um estafeta e não tenho de ir lá acima fazer conversa de chacha.

Observei-o através da montra enquanto tirava o cadeado da bicicleta e se afastava na direção da Ponte de Williamsburg.

Acabei as bananas-da-terra dele, agradei ao empregado e voltei para casa. Antes mesmo de ir ver se tinha recebido alguma resposta à minha última mensagem no Lovefraud, entrei no Google e procurei Laurence McKenzie. Passei as suas conquistas profissionais sem as ler, até encontrar um artigo que me fez sentir horrível. Cinco anos antes, fiquei a saber, ele e a mulher estavam a fazer mergulho em Vieques quando ela desapareceu. Separou-se do resto do grupo durante uma subida através de correntes invulgarmente fortes. Encontraram-na minutos depois, a flutuar de barriga para baixo e inconsciente, com um colete parcialmente insuflado e o tanque de oxigénio vazio.

Não conseguiram reanimá-la.

As probabilidades de ser atingido por um relâmpago nos Estados Unidos são de uma em seiscentas mil. É seis vezes mais provável ser atingido por um relâmpago do que ser morto por um cão, de qualquer raça. E quatro vezes mais provável ser morto por uma vaca do que por um cão.

Estava em frente daquilo que parecia ser um picadeiro de exibição de cavalos, em Staten Island, à espera que o tratador trouxesse *Cloud* para a primeira parte do seu teste de temperamento, quando vi Billie a atravessar o parque de estacionamento. Chamei-a para lhe perguntar pelos meus cães.

Ela acenou.

– Também participa nisto? – perguntei.

– Não podia deixar estes cãezinhos serem testados sem estar aqui a torcer por eles.

Algo dentro de mim rejeitou esta afirmação tão descontraída. Seria uma daquelas pessoas que se alimentam do drama dos outros?

Uma vez que só a vira no canil, um local tão violento para os sentidos, não me apercebera de como ela era atraente e atlética. Vestia calças de ganga e botins cor de caramelo. Apesar do primeiro fresco do outono, tinha o casaco de linho desabotoado, por cima de uma *T-shirt* justa que reconheci de uma organização de salvamento; dizia SHOW ME YOUR PITS¹. Eu tinha uma igual, mas nunca tive coragem de a usar.

– Nem acredito que veio – disse-lhe.

– Já assisti a muitas coisas destas. Quem me dera que tivessem testes de temperamento para homens.

Levou-me para trás de uma pequena elevação de terreno, de onde podíamos ver sem ser vistas. Disse que a nossa presença podia distrair a *Cloud*.

– Tenho uma surpresa para si – murmurou, enquanto uma treinadora entrava na arena com *Cloud* presa por uma trela curta. – Vai ver.

Cloud e a treinadora viraram-se para os quatro juízes, três dos quais eram mulheres de meia-idade, sendo o quarto um homem que parecia ter trinta e tal anos. *Cloud* parecia tão feliz por estar ao ar livre, que temi que o espaço

e o sol a distraíssem!

Billie explicou que esta primeira parte do teste mediria a reação do cão a desconhecidos. Primeiro vimos o desconhecido «neutro» aproximar-se de *Cloud*, parar e dizer bom dia à treinadora. *Cloud* não reagiu. A seguir o desconhecido «amistoso» aproximou-se com passo alegre e rápido, dirigiu algumas palavras carinhosas a *Cloud* e fez-lhe uma festa na cabeça. *Cloud* abanou a cauda e lambeu-lhe a mão. O terceiro desconhecido aproximou-se com passo irregular, a abanar os braços e a falar em tom alto e agitado.

Billie inclinou-se para mim.

– Vão ver se exhibe agressividade provocada, se tenta afastar-se com veemência ou se entra em pânico.

– Se eu fosse a *Cloud*, mostraria as três coisas.

– Depois daquilo que passaram, também eu.

Mas *Cloud* passou com nota máxima. Não mordeu o isco.

Enquanto a treinadora contornava lentamente a arena com *Cloud* pela trela, passaram por várias estações que pareciam casotas. De cada uma saía uma provocação diferente: o som discordante de moedas sacudidas dentro de uma caixa metálica, um chapéu de chuva que se abria subitamente. *Cloud* assustou-se e escondeu-se atrás da treinadora.

– O teste do chapéu de chuva trama mais cães do que qualquer outro. A reação que eles pretendem é curiosidade, e depois seguir caminho – disse Billie.

– Mas ela sempre teve medo de chapéus de chuva. Eles levarão isso em consideração?

– Não é só por si motivo de chumbo, se ela passar em tudo o resto. E esconder-se é melhor do que mostrar agressividade.

Depois de *Cloud* passar no teste do tiro – um cartucho vazio disparado perto dela – os juizes levantaram os polegares. Vicki Hearne, a falecida filósofa e treinadora de cães, escrevera sobre «o que a ilusão da ferocidade obscurece». *Cloud* era uma cadela grande, com grandes mandíbulas, e, coberta de sangue, parecera um cão feroz, mas era uma ilusão, e o que isso obscurecia era medo.

Tinham-me dito que não podia visitar *Cloud* depois do teste, por isso peguei na mala e no casaco e, quando me virei para me despedir de Billie, vi a mesma treinadora entrar na arena com *George*.

Olhei para Billie e ela estava a sorrir.

- Surpresa.
- Quem é que lhe deu autorização para mandar testar o *George*?
- Não acho que ele seja um assassino, só isso.
- Não lhe cabia a si tomar essa decisão.

Na arena, a treinadora mandou *George* sentar-se. De seguida, ele passou sem problemas em todos os testes – o desconhecido normal, o amigoso e o doido, as moedas, até o chapéu de chuva. Nada o distraiu o suficiente para não obedecer à treinadora. Lembrei-me de como ele estava sempre ansioso por me agradar. Com essa recordação, veio outra: Bennett empurrara uma mulher de uma janela. O que poderia ele ter feito a este cão? *George* estava magro, como na primeira vez que o vi – espera-se que os cães comam ossos, não que os seus se vejam através da pele. Fora parte da razão que me levava a recolhê-lo. É um prazer tão grande simplesmente alimentar um cão faminto.

O teste do tiro, contudo, aterrorizou-o.

Correu para trás da treinadora e tentou continuar a fugir, mas ela puxou a trela com força e trouxe-o de volta para o seu lado.

– Ele ouviu o tiro que matou o *Chester* – disse eu. – Devo dizer aos juízes?

– Não é uma reação assim tão invulgar – disse Billie. – Fogem mais cães de casa durante o fogo de artifício do Quatro de Julho do que em qualquer outra altura do ano.

A treinadora demorou um ou dois minutos a acalmar *George*. Por fim, conseguiu sentá-lo e disse-lhe que era um lindo menino. Mesmo a esta distância, vi-o lambendo a mão dela. Porém, depois de caminhar sem problemas por cima da folha de plástico barulhenta, recusou-se a atravessar a grade metálica. Fincou as patas, fez peso morto e recusou-se. A treinadora puxou a trela e ouvimos *George* rosnar.

– Merda – disse eu. – Ele tem as patas sensíveis, depois de anos numa jaula húmida. Será que esta gente não compreende que há contingências?

A impossibilidade da situação deixou-me lavada em lágrimas – estava a defender o meu cão, um cão que matara uma pessoa. Teria Bennett tentado puxar *George* por cima da grade do aquecimento do meu apartamento? Estava à procura de motivos para justificar o que acontecera.

Em resposta à minha aflição, Billie passou-me o braço pelos ombros por um instante.

– Só acaba quando acabar.

Quando acabou, os juízes anunciaram que estavam dispostos a voltar a testar *George* mais tarde. A ansiedade de assistir aos dois testes deixou-me exausta e desesperada. Billie perguntou-me se tinha comido alguma coisa nessa manhã e, quando lhe disse que não, disse que havia um restaurante com boas panquecas e mau café a dois quarteirões. Ofereceu-se para me dar uma boleia até lá.

Os bancos de cabedal do seu *Volvo* estavam, surpreendentemente, limpos de pelos de cão, tendo em conta o tempo que passava no canil – ao contrário do sofá de cabedal que Steven me dera, que eu tinha sempre de tapar com uma manta quando Bennett me vinha visitar.

– Obrigada por ter trazido o *George* – disse-lhe.

O restaurante era muito diferente do Champs. As tatuagens que se viam nos clientes eram militares e corações com a palavra MÃE lá dentro. As panquecas não eram sem glúten. Pedi uma dose de panquecas de pepitas de chocolate com *chantilly* e Billie bebeu o café.

Eu não trocava confidências com uma amiga desde a morte de Kathy. Embora mal conhecesse esta Billie, dei por mim a contar-lhe tudo sobre Bennett e o logro que ele levava a cabo. Quanto mais falava, mais falava. Quase sem parar para respirar, contei-lhe toda a história enlouquecedora, com as suas lacunas e pontos de interrogação, como nos tínhamos conhecido *online* enquanto eu fazia pesquisa sobre sociopatas e vítimas, até à morada falsa em Montreal e a chave que ele me tinha dado. Billie disse que ele lhe fazia lembrar um tipo com quem andara uns tempos, que lhe mentia constantemente e, quando ela o confrontava com as mentiras, dizia que estava apenas a tentar entretê-la.

– «Estou sempre a mentir a mim próprio» – citou Billie.

– «Mas nunca acredito em mim.» – terminei.

– *Os Marginais* – dissemos, em coro. – S.E. Hinton.

Descobrimos que ambas tínhamos visto muitas vezes o filme baseado neste romance, sobre dois marginais em Tulsa, Johnny e Ponyboy, um dos quais mata um membro de um gangue rival. Matt Dillon, Patrick Swayze, Rob Lowe e Tom Cruise tinham entrado no filme, antes de serem estrelas.

– Também há um crime na história do Bennett. – Contei-lhe o que sabia sobre Susan Rorke.

– Acha que o Bennett a matou?

- A polícia pensa que sim.
- Porquê? – perguntou Billie.
- Suspeitam sempre do marido ou do namorado.
- O Bennett também estava noivo dela?
- Deu-lhe um anel igualzinho ao que me deu a mim.
- A sério? Espero que fosse caro.
- Eu pensava que sim. – Céus, tinha saudades disto. – Posso fazer-lhe uma pergunta pessoal? Está sempre no canil, tem um dia livre para vir aqui... o que é que faz para ganhar a vida?
- Vivo à conta do dinheiro da família. Sob supervisão atenta. A minha avó não confia em mim.
- A empregada pôs finalmente as panelas à minha frente.
- Então o que é que a polícia faz quando o principal suspeito está morto? Não podem levá-lo a julgamento – disse Billie.
- Não me parece que a Susan Rorke e eu tenhamos sido as únicas mulheres que o Bennett enganou. Acho que tive conhecimento de uma terceira.
- No *site* Reportyourex.com?
- Lovefraud.com. Ela disse que queria conhecer-me em pessoa, mas depois não apareceu.
- Há muitas razões pelas quais pode não ter aparecido.
- Fez-se passar pela Susan Rorke. Talvez não soubesse que ela estava morta.
- Ou talvez soubesse.
- Quando a conta chegou, Billie pagou, apesar de só ter bebido café.
- No carro, de regresso à cidade, disse-lhe:
- Ele usou um nome diferente com ela. Peter. Mas era ele. Mostrei uma fotografia ao detetive e ele confirmou.
- Então quem é esta terceira mulher?
- Talvez seja a décima.
- Talvez os cães lhe tenham feito um favor.
- Não é nada que não me tivesse já ocorrido.
- Quer dizer, ele empurrou-a de uma janela.
- Nunca foi violento comigo. Mas como é que eu não percebi?
- Os cães sabiam.

Pedi a Billie que me deixasse em Delancey Street para poder atravessar a pé a Ponte de Williamsburg. Precisava de fazer qualquer coisa física que não requeresse esforço mental. A vista era da baixa de Manhattan, com as duas pontes imponentes – a de Manhattan e a de Brooklyn – sobre o East River. A Ponte de Brooklyn foi a primeira a ser construída – a maior ponte suspensa do seu tempo, e uma das mais belas. A de Manhattan foi a terceira, uma grelha de vigas metálicas. No meio vinha a de Williamsburg, que se dizia ser a mais feia do rio. Mas não é isso que se vê quando a atravessamos a pé. A vista sobrepõe-se ao barulho de camiões, carros e comboios que circulam à volta dos pedestres e ciclistas. Até Edward Hopper pintou uma paisagem intitulada *Da Ponte de Williamsburg*. O passadiço termina no bairro hassídico, onde as mulheres ainda usam perucas e os homens patilhas compridas e encaracoladas e barbas. Mesmo no calor do verão, quando chega o Sabat, os homens usam os grandes chapéus de aba larga conhecidos como *shtreimel*. Numa área de dez quarteirões, ouvem-se conversas em iídiche, depois em espanhol, depois em chinês, depois em italiano. É uma das razões pelas quais me mudei para aqui.

Subi os cinco lanços de escadas até ao meu apartamento e encontrei uma mensagem telefónica do detetive de Boston. Ainda não eram cinco horas, por isso liguei-lhe imediatamente.

– Senhora Prager, tenho algumas perguntas para si, relacionadas com a investigação do homicídio da Susan Rorke. É boa altura?

– Tão boa como outra qualquer.

– Gostava de lhe perguntar sobre o fim de semana em que ela foi morta, quando se encontrou no Maine com o homem que conhecia como Bennett.

– O que precisa de saber?

– Disse que ele tinha ido de carro de Montreal até Old Orchard Beach. A que horas é que chegou?

– Chegou uma hora depois de mim, por volta das quatro, mas não sei se veio ou não de Montreal.

– Reparou em alguma coisa fora do normal no comportamento ou na aparência dele?

– Pareceu-me normal, mas mais tarde vi que tinha uma grande nódoa negra na canela. Disse-me que a tinha feito a ajudar uma banda com o equipamento, mas era mentira. Ele não representava banda nenhuma.

– E quando é que descobriu que ele lhe tinha mentido em relação ao trabalho?

– E a tudo o resto. Poucas semanas depois de ele morrer. Tiveram alguma sorte em descobrir quem ele era?

– Há um protocolo que temos de seguir nas investigações de homicídio. Voltou a ser contactada pela mulher que se fez passar pela Susan Rorke?

– Não, mas quem era *ela*? Essa é a minha pergunta para si. E como é que ela sabia sobre o Bennett e a Susan e eu?

– Estamos a tentar descobrir.

– Mas o que é que *já* descobriram? Sabem quem era o Bennett?

– Eu digo-lhe quando soubermos.

– Mas acha que ele é culpado?

– Só um juiz e um júri o poderiam declarar culpado – disse o detetive – e os mortos não podem ser julgados.

¹ Mostra-me os teus *pits*. «Pits» pode referir-se à raça de cães, mas também significa «sovacos». (*N. do E*).

Nessa noite fui ao Turkey's Nest em Bedford, engatei um tipo e fui para casa com ele. Não o planeei, simplesmente aconteceu. O Turkey's Nest tem a *jukebox* menos moderna de Williamsburg e a sua clientela é constituída maioritariamente por operários. Num momento de esplêndida ironia, pus umas moedas na *jukebox* e escolhi Patsy Cline a cantar «Crazy». Quando a canção acabou, um tipo bem-parecido perguntou-me porque escolhera essa canção. Eu já tinha bebido dois uísques e disse:

– Para ver quem era suficientemente doido para me convidar para dançar.

Ele enfiou a mão no bolso das calças de ganga apertadas e tirou várias moedas, que colocou na *jukebox*. «Crazy» recomeçou a tocar e ele puxou-me para si.

– És doida, é?

– Nem queiras saber – respondi.

– Até quero. – Conduziu-me para a pista de dança, um espaço estreito entre o bar e a mesa de bilhar.

– Nem sei por onde começar.

– Eu começo sempre pela minha ex-mulher – disse ele.

– O que é que ela fez?

– Cortou a manga direita de todas as minhas camisolas.

– O que é que o teu braço direito fez?

– Nada que o esquerdo não tenha feito também. Agora é a tua vez.

– O meu noivo estava noivo de duas mulheres ao mesmo tempo. Deu um anel idêntico a cada uma de nós.

– Subo a parada: a minha ex-mulher pintou a palavra *cabrão* nas portas do quartel. Sou bombeiro.

– Eu cubro a tua aposta: o meu noivo assassinou a outra noiva.

– Oh! – O tipo parou de dançar. – A sério?

– Parece que sim. Mas vim aqui para não ter de pensar nisso.

– Está preso?

– Morto.

O tipo pegou-me na mão e puxou-me para o bar.

– O que é que estás a beber?

Bebi mais dois copos daquilo que estava a beber, e ele acompanhou-me. Vivia em Greenpoint, perto do Transmitter Park, num apartamento que dividia com dois outros tipos, também bombeiros. Nenhum deles estava em casa quando chegámos. O quarto dele era uma confusão e agradou-me. Os beijos dele também. Não beijava ninguém desde Bennett. E esse pensamento não me saía da cabeça.

Será que preferia estar a beijar Bennett?

Conhecia-o tão bem como conhecia este bombeiro.

Estava outra vez perdida nos meus pensamentos, e o meu corpo reagia apenas de forma automática. Ele parou enquanto ainda estávamos ambos vestidos e disse:

– Não estás aqui, pois não? – Não parecia zangado.

– Quem me dera estar.

– E se eu te chamasse um táxi? – disse ele, sem qualquer vestígio de irritação na voz.

Pôs-me no táxi e deu uma nota de vinte ao taxista.

– A tua ex-mulher está errada em relação a ti – disse-lhe.

*

Estava de volta ao temido apartamento. Talvez Cilla tivesse razão e devesse pensar em mudar-me, mas não estava pronta, nem podia dar-me a esse luxo, financeiramente falando. Esta casa passara por um mau bocado, mas a pouca estabilidade que eu tinha neste momento devia-a a ela. Sentei-me junto da janela da sala que dava para os quintais dos meus vizinhos – o dos arbustos esculpidos, o da roupa a secar, o das pedras a formar um jardim Zen. Fiquei ali sentada, sob uma meia-lua, com a minha chávena de chá intacta, até ao nascer do dia.

Quando contei a Steven que Bennett era suspeito de homicídio, ele disse:

– Aqueles cães são uns heróis.

Quando contei a Cilla, ela perguntou se saber disso me ajudava a perdoar-me a mim própria por aquilo que acontecera.

Quando contei a McKenzie, ele disse:

– Ora aí está algo que me pode ajudar.

Estávamos novamente no Champs. Tinha-lhe pedido para nos encontrarmos lá. Agora queria que ele defendesse também o *George*.

– Quem é que suspeitam que o Bennett matou?

Eu já tinha ultrapassado a vergonha inicial por ter sido enganada.

– A outra noiva. – Vi McKenzie absorver esta informação. Estava a estudar-me, para tentar avaliar como eu estava. Parecia-me desonesto não lhe contar, embora não quisesse ser vista como uma vítima.

– Como é que ela morreu?

Contei-lhe o que sabia e ele disse que pediria o relatório policial.

– No relatório, verá que ele usou um nome diferente com a mulher que a polícia pensa que ele matou.

Dei-lhe o nome e o contacto do detetive de Boston. Dei-lhe o nome da vítima. Não podia dar-lhe nenhum nome do meu ex-noivo.

Quando lhe perguntei se podia defender também o *George*, ele recusou-se a dourar as hipóteses de *George*, mas disse que faria o que eu quisesse. Isto acalmou o meu desespero. Apercebi-me do tipo de intimidade que surge quando duas pessoas desejam a mesma coisa e estão ambas concentradas em algo exterior a si próprias. Nós queríamos a mesma coisa.

Sáímos juntos e, antes de eu me dirigir a Lorimer Street, estendi-lhe a mão. Mas ele deu-me um abraço. O facto de ter durado mais um bocadinho do que seria de esperar foi algo de que me lembrei várias vezes nos meses seguintes.

Geralmente, quando recebo más notícias, gosto de andar a pé. Depois de deixar McKenzie, a sensação dos braços dele à minha volta impeliu-me pelo bairro. Precisava de reabastecer a cozinha; queria as coisas básicas, apesar de nunca cozinhar. Dirigi-me ao C-Town na Graham e passei pelo restaurante onde, todas as tardes, um casal de velhotes se sentava à porta. O banco era só para clientes, mas ninguém tinha coragem de os mandar embora. Já faziam parte da mobília e cumprimentavam calorosamente os transeuntes. Eram também afetuosos um com o outro – sempre que os via, pensava na mesma coisa: eles ainda se amavam. Eram o tipo de casal de idade que parecia feito para despertar esses sentimentos, e fiz um esforço para não ter a reação que se esperava que tivesse.

Um tipo com uma tatuagem de uma teia de aranha a cobrir metade da cara saiu do restaurante. A velhota disse ao marido:

– Ninguém pode dizer que não está comprometido com o seu estilo de vida.

*

Quando cheguei a casa, entrei no Lovefraud e encontrei este *e-mail*:

Tenho seguido as suas publicações sobre o homem a quem chama «Bennett» e peço-lhe que pare, por favor. Seja qual for a informação que pensa ter a respeito dele, não estou interessada. Esse homem é a última pessoa de quem teria medo, e a sua insinuação de que ele engana as mulheres é uma mentira. Eu estou noiva dele. Não me fiz passar pela Susan Rorke, mas, se continuar a procurá-la, o melhor será fazer umas perguntinhas aos malucos dos amigos dela. No entanto, estou disposta a falar consigo, mas só porque o devo a ele.

Senti-me como se estivesse a viver do outro lado da parede, como se me tivesse aproximado demasiado dela e, durante a noite, tivesse atravessado para outro mundo.

Encontrei-me com Samantha no dia seguinte, num dos Pain Quotidien no Upper East Side. Nunca conseguia ler o cartaz com a pronúncia francesa; para mim, significava *pain*, dor, e por isso achei apropriado que ela o tivesse escolhido como local do nosso encontro.

Como nos encontrámos num fim de semana de manhã, as mesas pequenas estavam todas ocupadas. Teríamos de nos sentar na comprida mesa comunitária. Inspecionei os clientes à procura de uma mulher com um lugar vazio ao seu lado. Havia três que cabiam nessa descrição. Uma tinha a mala descuidadamente aberta em cima da mesa, ao seu lado; outra estava a enviar mensagens no telemóvel, com as unhas pintadas de preto; outra estava a ajeitar a camisola que colocara nas costas da cadeira. A da mala aberta era de uma beleza convencional, com as feições realçadas por uma maquilhagem cuidadosa. Parecia ser mais ou menos da minha idade, mas também parecia demasiado confiante para o gosto de «Bennett». A das unhas pretas era demasiado gótica para ele. Isso deixava a mulher nervosa que, depois de ajeitar a camisola, estava agora a arrumar melhor os talheres. A faca e o garfo brilhavam tanto como o seu anel de noivado. Observei-a até ela erguer o rosto e olhar para mim. Corou e desviou o olhar por um momento – corou de raiva, não de embaraço.

Dirigi-me à cadeira vazia.

– Samantha?

– Tenho apenas quinze minutos.

Quando concordei em encontrar-me com Samantha, queria ver quem mais cativara o coração dele. Queria ver quem mais fora seduzida por ele. Queria comparar os danos que tínhamos sofrido às mãos dele. Queria libertar estas mulheres da ilusão da devoção de Bennett. Queria que elas soubessem que estavam em segurança. E uma parte mais feia de mim queria ser aquela que dizia às outras mulheres dele que Bennett estava morto.

Chamei um empregado e pedi um *cappucino*.

Uma vez que não sou pessoa de fazer suspense, e sabendo que ela só tinha quinze minutos, disse-lhe logo que «Bennett» estava morto.

– Não está nada – respondeu ela, com certeza.

Tirei a fotografia de Bennett que mostrara ao detetive em Boston e perguntei-lhe se era este o noivo dela.

Ela não disse nada.

– Morreu há seis semanas.

– Ele mandou-me flores.

– Fui eu que encontrei o corpo.

– Não está a perceber. Ele mandou-me flores há três dias. Recebi um *e-mail* dele esta manhã. Está escondido, graças àqueles incompetentes da

polícia de Boston. E graças aos malucos dos amigos da Susan Rorke.

Esta certeza sobre o facto de Bennett estar vivo apanhou-me de surpresa. Antes que conseguisse pensar racionalmente outra vez, um cenário hipotético passou-me pela cabeça. E se o corpo não fosse de Bennett? Ninguém o conseguiu identificar. Não tinha rosto. Não tinha impressões digitais. E se Bennett estivesse vivo? A ideia agonizou-me e assustou-me, mas a possibilidade de o poder confrontar era empolgante.

Em vez disso, confrontei Samantha.

– Não respondeu à minha pergunta. – Levantei a fotografia. – Este é o seu noivo?

– Porque é que tem uma fotografia dele?

– Também estive noiva dele.

Ela soltou uma fungadela desdenhosa.

– Foi algum dos amigos da Susan Rorke que lhe mandou a foto? Foram eles que a mandaram encontrar-se comigo? Está a tentar descobrir onde ele está, para o denunciar à polícia? Eu sei o que é uma armadilha.

Abri a mala e tirei a pequena caixa de cabedal, forrada a veludo, onde estava o anel que Bennett me dera. Enfieei-o no dedo para lhe mostrar que servia. Encostei a mão à dela.

– Já percebi, tem o anel da Susan. Os amigos dela são capazes de qualquer coisa para o incriminar. – Falou mais alto do que o murmúrio geral na mesa comunitária. Vi algumas pessoas olharem. – Eu já sabia disso. A Susan recusou-se a devolver o anel da avó dele, por isso teve de mandar fazer uma cópia para mim.

Pouco antes de Bennett morrer, eu tinha batido com o carro alugado na traseira do táxi que travara à minha frente. Estava a olhar para a frente, mas, no momento do impacto, apercebi-me de que não vira o que estava mesmo debaixo do meu nariz. Samantha era agora a condutora. Percebi que podia mostrar-lhe as provas que quisesse da duplicidade de Bennett, que ela não as conseguiria ver. Tentei outra abordagem.

– Quem é que acha que matou a Susan Rorke?

– A Susan Rorke matou a Susan Rorke. Ela disse-lhe que se ele não casasse com ela, se mataria de maneira a que as pessoas pensassem que fora homicídio. Até arranhou o caixilho da janela de onde saltou para fingir que tinha havido uma luta. Cabra desesperada. – Estava a falar tão alto que eu queria pedir-lhe que baixasse o volume, mas não me atrevi a interrompê-la,

agora que estava finalmente a dizer alguma coisa.

– Ela podia ter saído disto com alguma dignidade, mas não... a Susan Rorke tinha de levar tudo consigo. Não teve vergonha nenhuma. Não suportava saber que nós éramos felizes e estávamos a planear o casamento. Sabe o que ela fez, na manhã antes de se matar? Mandou publicar um anúncio do noivado dela no *Boston Globe*.

As pessoas à nossa volta já não estavam a tentar disfarçar a curiosidade. Samantha, na sua agitação, exagerou os gestos e derrubou um moinho de pimenta. Continuou a falar. Senti que aquelas mãos seriam capazes de empurrar um corpo por uma janela.

Samantha continuava lançada, e já estávamos a falar há bem mais do que os quinze minutos que me dissera ter disponíveis.

– E mais uma coisa. A Susan só fazia voluntariado no lar de sem-abrigo por interesse. Não queria saber dos pobres. Só queria ser promovida e achava que isso ficaria bem no seu currículo.

Interrompi-a.

– Que tipo de voluntariado é que faz?

– Como sabe que faço voluntariado?

– Faz ou não?

– Só lhe digo que isso não tem nada a ver com o meu currículo!

Um empregado aproximou-se e pediu a Samantha para baixar a voz.

– Vi uma mulher a mudar a fralda ao bebé em cima de uma mesa e ninguém lhe disse nada! – retorquiu Samantha.

Ainda assim, pediu a conta e depois largou uma bomba.

– Talvez deva falar com a ex-mulher dele.

– Ele foi casado? – Reparei na alteração do equilíbrio do poder entre nós.

– O seu noivo nunca lhe disse que já tinha sido casado? A Susan sabia.

Enquanto arrumávamos as nossas coisas para sair, tive um momento para organizar os pensamentos.

– Como é que posso contactá-la?

– Vem na lista telefónica. De Sag Harbor. Usa o nome de solteira. Lowei, Pat.

Samantha despediu-se bruscamente. Vi-a afastar-se e senti que as suspeitas dela se iam confirmar; eu ia falar dela ao detetive de Boston. Como é que ela sabia que havia arranhões no caixilho da janela?

Não lia Shakespeare desde o liceu, mas abri um exemplar da obra completa para dar uma vista de olhos em *Otelo*. Na peça, o amargurado suboficial de Otelo, Iago, faz com que o general acredite que a mulher, Desdémona, anda a dormir com um tenente do exército de Otelo. Otelo acredita na mentira e, enraivecido, estrangula a inocente Desdémona com as suas próprias mãos. Só na universidade tive conhecimento da síndrome de Otelo, um tipo de ciúme mórbido que acaba em violência. Nem todas as sociedades punem os crimes de paixão. Por exemplo, em Hong Kong, se uma mulher descobrir que o marido está a ser infiel, tem justificação legal para o matar, mas só pode usar as mãos. Contudo, a amante do marido pode ser morta da forma que a mulher escolher. Esta lei antiga ainda consta dos livros. Segundo as estatísticas criminais, os ciúmes são um dos três principais motivos para o homicídio.

Sentei-me à mesa da cozinha a ponderar os meus motivos para informar o detetive de Boston sobre a existência de Samantha. Teria alguma importância se as minhas suspeitas estivessem tingidas pelos ciúmes? Lembrei-me da primeira vez em que Bennett e eu tivemos a habitual conversa sobre os nossos amores passados, só que no caso de Bennett os casos não eram passados – eram simultâneos. Recordei algo da mesma aula de Literatura em que li *Otelo*, uma citação de William Faulkner: «O passado não acabou, nem sequer é passado.» A mentira de Bennett sobre a matrícula na McGill podia conter este grão de verdade: uma amante a quem ele chamava Sam. Abreviatura de Samantha? Disse-me que, ao princípio, tinha sido ela que o perseguira, ao ponto de ser quase obsessivo. Disse-me que tinha trocado de número de telefone e esquecido o assunto, mas a persistência dela não abrandara. Disse-me que ela o assustava. Afirmou que ela seguira até casa uma mulher com quem ele namorava e lhe cortara os pneus. Isto não o impedira de pedir esta Sam em casamento. Ela tinha o anel. Ele era o tipo de mentiroso que levitava pouco acima da verdade.

Liguei para o detetive de Boston. Nesta altura, já tínhamos falado vezes suficientes para não ser preciso conversa de circunstância.

Falei-lhe das minhas suspeitas em relação a Samantha.

– Ela sabia dos arranhões no caixilho da janela.

– Isso saiu nos jornais. Esta Samantha é a terceira noiva do Bennett? – Não se deu ao trabalho de disfarçar o tom sarcástico.

- A terceira, tanto quanto sei. – Não mencionei a ex-mulher.
- Além de ela saber dos arranhões na janela, a única coisa que a faz suspeitar dela é o facto de afirmar que a Susan Rorke se suicidou?
- Manifestou ciúmes mórbidos e fúria irracional. Digo isto como profissional.

Sabia que pouco importava qual o curso que estava a tirar – se alguma vez conseguisse encontrar tempo e concentração para acabar a minha tese. Tudo o que este detetive ouviria na minha voz era os ciúmes de uma amante traída.

As luzes da rua acenderam-se quando desliguei o telefone. O crepúsculo em novembro começava às quatro e meia. Não comia nada desde o Pain Quotidien e mesmo aí só bebera um *cappuccino*. A cozinha estava mais limpa do que nunca. Não tinha sequer estrelado um ovo desde o meu regresso. Tirei os poucos ingredientes que tinha – *ketchup*, um pacote de batatas fritas e um pedaço de queijo Stilton que me tinha custado vinte e nove dólares na loja de queijos. Pus um pedacinho de Stilton numa batata frita e mergulhei-a no *ketchup*: proteínas, hidratos e legumes. Deixei a escuridão espalhar-se. Steven achava que era imprudente continuar a viver aqui, depois do que acontecera. Mas se me mudasse, continuaria a mudar-me para sempre sem nunca me sentir em casa.

Aproximei-me da janela que dava para as traseiras. As velhas italianas ainda penduravam a roupa em cordas na rua. Vi o braço grosso de uma mulher puxar uma fila de lençóis pela janela aberta.

Então Bennett tinha uma ex-mulher. De todas as mentiras que ele me dissera, essa era a que magoava mais. Afinal de contas, contara às suas duas outras noivas sobre a ex-mulher. Uma rajada de vento soprou o último lençol, arrancando-o das mãos da vizinha. Aterrou no jardim dos arbustos esculpidos, em cima de um arbusto em forma de cogumelo.

Liguei a Steven e perguntei-lhe se queria vir até cá.

- Estou de meias. E a ver o *Cortado em Pedacos*.
- Isso é no canal do crime?
- No de culinária. Os ingredientes de hoje são melancia, sardinhas em lata, queijo com pimentão e meia curgete.
- Eu acabo de fazer uma refeição com batatas fritas, Stilton e *ketchup*.
- Se estivesse no programa, terias feito uma lasanha com isso. O que é que estás a ver?

– Um episódio de *Happily Never After*. «A Noiva Vestida de Sangue». Ele já tinha sido casado.

– O noivo?

– O Bennett.

Ouvi Steven silenciar a televisão.

– Ele está morto, Morgan. As suas mentiras foram enterradas com ele.

– Não podem enterrá-lo enquanto ninguém reclamar o corpo.

– Como sabes que ele já tinha sido casado?

Contei-lhe sobre Samantha.

– Achas que ela é perigosa?

Respondi que não sabia.

– Vou chamar um táxi e já apareço aí.

– A Samantha não pode atirar-me da janela. Tenho grades.

Meia hora depois, Steven tocou à campainha. Apareceu com uma escova de dentes e a roupa para o dia seguinte, um fato escuro ainda no saco transparente da lavandaria, para uma reunião nas Nações Unidas. Dormiu no sofá que me tinha oferecido cinco meses antes, como prenda do meu trigésimo aniversário.

Ao contrário dos acusados humanos, *Cloud* e *George* não tinham direito a um julgamento breve, nem havia fiança para cães. Definhavam atrás das grades enquanto os tribunais trabalhavam a passo de caracol. Dizer que definhavam não é correto. Todos os dias, deterioravam-se física e espiritualmente, dentro da jaula imunda, naquele canil barulhento e sem funcionários suficientes.

Depois McKenzie ligou com uma notícia que me deu esperança – conseguira uma data para a audiência, daí a duas semanas. Encontrámo-nos no Champs, como de costume. Pela primeira vez, ele já lá estava quando cheguei. A sua expressão era animada; percebi que estava satisfeito com o que conseguira. Deu-me a notícia como o presente que era: eu sabia que os casos de cães perigosos podiam demorar um ano ou mais a serem ouvidos em tribunal.

Fiquei surpreendida por a primeira coisa que ele disse ter sido que eu estava com melhor aspeto. Melhor do que quando? Devo ter parecido confusa, porque ele explicou-se:

– Quero dizer, parece mais repousada, mais calma.

– A sério? – perguntei, incrédula. Pelos vistos, passar a noite inteira sem pregar olho, a tentar localizar a ex-mulher do meu amante morto, era rejuvenescedor. – Obrigada. Igualmente.

– Não é preciso retribuir. Fico contente por ver que me parece bem. – McKenzie chamou a empregada. Quando ela trouxe as ementas, nem olhou para a sua.

Disse-lhe que tinha trazido a declaração do meu veterinário e entreguei-lhe a pasta, cheia com anos de registos médicos de *Cloud*. Quando era pequena, *Cloud* comera um par de *collants*. A operação para as retirar do estômago dela custou-me quatro mil dólares, mas a veterinária devolveu-me os *collants*. Uma vez que estes tinham custado sessenta e cinco dólares, calculei que o prejuízo era de apenas três mil, novecentos e trinta e cinco dólares.

– Gastou sessenta e cinco dólares nuns *collants* – disse ele, ao folhear a

pasta.

Continuou a ler. *Cloud* tinha sido picada no nariz por uma vespa e o seu focinho inchara tanto que nem conseguia abrir os olhos. De outra vez, fora mordida por uma cobra enquanto nadava num lago, na Florida.

A pasta de *George*, em contraste, continha apenas três meses de registos, referentes só às vacinas e *check-ups* normais.

– Porque é que não tem nenhuma fatura do *George*?

Disse-lhe que a veterinária não me levava nada pelas consultas de *Chester* e de *George*, pois ela própria tinha um fraquinho por cães recolhidos.

A empregada trouxe a McKenzie uma bebida verde-viva, feita de sete vegetais. Pedi um café, simples.

– Também trouxe fotografias. – Espalhei-as em cima da mesa: os três cães a conhecerem um bebé no parque, e a jogarem à bola com um grupo de crianças de seis anos.

Dei-lhe os testemunhos dos vizinhos, que conheciam *Cloud* desde que era pequena.

– Foi muito minuciosa – disse ele em tom de apreciação, e enfiou tudo na mochila.

– Posso fazer mais alguma coisa?

– Algum dos vizinhos conhecia o *George* suficientemente bem para testemunhar em defesa dele em tribunal?

– Os meus vizinhos viram a *Cloud* crescer, mas tinham medo do *George*. Fiquei desapontada quando percebi que era por ele ser um *pit bull*. O *George* nunca fez nada de mal e, mesmo assim, evitavam-no. – Foi então que me lembrei de Billie, a enfiar a mão entre as grades para acariciar *George*, quando ele e *Cloud* tinham acabado de chegar.

– Uma das voluntárias no canil conhece-o e é capaz de aceitar. É aquela de quem lhe falei, que marcou o teste de temperamento para o *George*.

– Isso talvez nos ajudasse.

Fiquei sensibilizada por ele ter falado no plural. Dizia-me algo sobre ele. Estava tão grata por não estar sozinha nisto. E isso fez-me sentir calma, repousada. Não estava habituada a sentir-me assim com um homem. Era uma sensação boa. Mas não confiei nela. Normalmente, era atraída por homens que, como Bennett, pareciam amáveis e atenciosos ao princípio e acabavam por se revelar algo muito diferente. A minha reação a essa descoberta era contraintuitiva: envolvia-me ainda mais. Quanto mais

controlador e dissimulado era um homem, mais próxima eu me sentia dele. Não por ele despertar a minha compreensão, mas precisamente por não o fazer. Esforçava-me mais para merecer a confiança dele. Quanto mais me esforçava, *menos* ele confiava em mim. Eu ia ficando cada vez mais ansiosa e confundia esta ansiedade com paixão. Quanto mais ansiosa estava, mais obcecado por mim ele era, e eu confundia essa obsessão – Onde estiveste? Porque chegaste atrasada? – com amor.

– Como posso contactar essa voluntária?

Dei-lhe o número que Billie me dera quando a conheci no canil.

– Tenho uma coisa para si. – Enfiou a mão na mochila. – É uma cópia do relatório da polícia de Boston sobre a morte da Susan Rorke. – Peguei na pasta pesada, mas, antes que a guardasse, ele perguntou: – Está habituada a fotografias de cenas de crime, certo?

– Não há problema – menti. As vítimas das centenas de fotografias de cenas de crimes que eu tinha estudado não tinham estado envolvidas com o meu noivo.

– Quer mais alguma coisa, além do café?

Disse que não e despedi-me. Estava tão ansiosa por ler o relatório que só queria sair dali o mais depressa possível. (Há uma linha muito fina a separar a apreensão do entusiasmo.)

Terei imaginado uma leve expressão de desapontamento no rosto dele enquanto arrumava as minhas coisas? Se foi isso que vi, estaria desapontado por eu estar mais interessada em Susan Rorke do que nos cães, ou por eu não ficar mais tempo com ele?

Não suportava a ideia de ler o relatório da polícia no apartamento onde Bennett morrera. Percorri um quarteirão, até à filial de East Williamsburg da biblioteca pública, um pequeno edifício de tijolo de um só piso, coberto de trepadeiras.

Passei pela área dos livros infantis, que estava vazia, pela multidão na zona de aluguer de filmes, pela fila de sem-abrigo que esperavam a sua vez para aceder aos computadores, e sentei-me a uma mesa comprida destinada aos leitores. Normalmente entristece-me que tão poucas pessoas leiam, mas hoje isso até me convinha.

Espalhei as fotografias da cena do crime. Não sabia que Susan Rorke

aterrara em cima de um carrinho de venda ambulante. O corpo estava ao contrário, as pernas presas no carrinho, a parte superior do corpo pendurada. A camisola subira e tinha os seios expostos. Uma ginasta retorcida. Um veado pendurado. Tentei encontrar sentido, anatomicamente, naquilo que via. A justaposição do carrinho de comida *halal* e do corpo quebrado era obscena, e os meus pensamentos seguiram um rumo obsceno – teriam destruído o carrinho depois? Com vergonha de mim própria, recordei as fotos do Facebook onde ela exibia o anel de noivado, que não aparecia em nenhuma das fotos do crime. Teria sido levado pelo assassino? Como recordação, ou para esconder provas? Se tivesse sido Bennett – fizera-o para esconder provas. Se tivesse sido Samantha – fizera-o para tirar aquilo que pensava ser o anel da avó dele, e para ficar com o que julgava ser seu por direito.

O relatório da autópsia dizia que ela tinha morrido de traumatismo contuso. Como eu sabia dos meus estudos, traumatismo contuso é a definição do médico-legista para acidentes, suicídios e homicídios. As mortes por traumatismo contuso acontecem por uma grande variedade de razões, enquanto as mortes por ferimentos de balas ou facas, por exemplo, estão limitadas a um número mais reduzido de possibilidades. Li rapidamente, à procura da resposta a uma pergunta chave: o traumatismo fora causado pela colisão com o carrinho, ou a lesão mortal fora sofrida antes da queda? O relatório da autópsia era bem claro neste aspeto: a causa da morte era uma pancada na parte de trás da cabeça, desferida com um instrumento do tamanho de um dólar de prata, provavelmente um martelo. No entanto, não fora encontrado qualquer martelo na cena, nem nas extensas buscas ao edifício e áreas circundantes.

Uma coisa era empurrar uma pessoa de uma janela num acesso de raiva, outra coisa era trazer um martelo consigo. A morte devia ter sido instantânea.

Saltei as condições ambientais na cena do crime – não precisava de saber a «temperatura ambiente no exterior».

Saltei a parte dos relatórios dos agentes, a descrição do local e a «extensão dos ferimentos», a ocupação, e comecei a ler quando cheguei ao inventário de provas.

As análises não tinham encontrado álcool ou drogas no sangue. Ela não estava debilitada de forma alguma, até ser atacada pela figura não

identificada fotografada pela câmara de segurança de um banco do outro lado da estrada. A câmara do abrigo estava avariada.

As testemunhas incluíam o segurança do abrigo, que afirmava ter ouvido uma mulher gritar «Não, não, não, não!» quando saiu para fumar um cigarro, a que se seguiu o som do corpo de Susan Rorke a aterrar a menos de trinta metros. Outras testemunhas – três residentes do abrigo que se encontravam na enfermaria – diziam ter visto uma figura vestida com uma camisola com capuz a correr pelo corredor. Dois voluntários da cozinha que preparavam o almoço desse dia tinham visto a mesma figura, com o rosto escondido pelo capuz, sair do edifício pouco depois da hora da morte.

Olhei para a fotografia do carro de Bennett a passar por uma portagem na I-93 às 13h57m – quarenta minutos depois da morte de Susan Rorke – a caminho de Old Orchard Beach, onde ia encontrar-se comigo.

Depois, a prova mais incriminatória: o ADN do sémen encontrado em Susan Rorke coincidia com o ADN do corpo de «Bennett» que estava no gabinete do médico-legista em Manhattan.

Respirei fundo. Nesse momento estava mais perturbada pela descoberta de que Bennett se encontrara comigo no Maine depois de inseminar outra mulher, do que pela possibilidade de ele ter vindo ter comigo depois de a matar. Se eu estava com tantos ciúmes, porque não Samantha? O relatório da polícia incluía um telefonema para o número de emergência que Susan fizera na semana antes de ser morta. Os seus pneus tinham sido cortados, disse ela. Era o *modus operandi* de Samantha, se ela fosse de facto a «Sam» de quem Bennett me falara. O capuz e as roupas largas ocultavam o sexo do atacante. Bennett podia ter dormido com Susan Rorke na noite anterior e estar em Boston no dia em que ela fora morta, mas não era garantido que fosse ele o assassino. Uma vez que sessenta e oito por cento dos homicídios de mulheres são cometidos pelos maridos ou namorados, a polícia de Boston certamente que teria suspeitado de Bennett em primeiro lugar. Não o faria eu também, se conseguisse ser imparcial? Mas não era. Na minha experiência, a fúria de Bennett não era aniquiladora, era controladora. Mas havia outras pessoas com experiências diferentes em relação a ele, algumas talvez até mais conhecedoras do que eu. Como a sua ex-mulher. Talvez ela soubesse se ele era capaz de matar.

Apanhei o autocarro na paragem do cruzamento da Eighty- -Sixth com a Third, em Manhattan, para conseguir arranjar um bom lugar. A falta de lugares no outono não era um problema tão grande como na época alta, mas era um hábito de verões passados, quando partilhava uma casa no East End. Estava a planear usar a viagem até Sag Harbor para trabalhar um pouco na minha tese, da qual já concluía três quartos. A viagem demorava, em teoria, duas horas, mas é sempre hora de ponta na autoestrada de Long Island.

Escolhi um lugar à janela a meio do autocarro e abri o portátil. Pela milésima vez, revi os dados que tinha recolhido ao longo de dois anos. Os *sites* de encontros trabalham com um modelo de resolução de problemas, à procura de uma solução. É um algoritmo básico – recolher informação para encontrar padrões nos dados em bruto. Até o *site* Petfinder funciona assim, só que melhor, porque mais encontros acabam em amor. Geralmente, contudo, os *sites* de encontros mais populares fazem perguntas superficiais que são demasiado genéricas para definir padrões: Gosta de filmes de ação/aventura ou de comédias românticas? Prefere a praia ou a montanha? Que tipo de animal seria, se fosse um animal? Eu estava a trabalhar num plano diferente: reunira perguntas que podiam ser formuladas tanto para potenciais vítimas como para potenciais predadores. Por exemplo: Gosta que um homem peça por si num restaurante sem lhe perguntar o que vai querer? / Gosta de pedir pela mulher em restaurantes? Sente-se lisonjeada pela atenção quando um homem a contacta frequentemente? / Sente necessidade de estar sempre em contacto com as suas namoradas? Gosta de homens ciumentos? / Tem interesse em conhecer o passado romântico de uma mulher? Considera que a honestidade é sempre a melhor política? Com dados suficientes, é possível apanhar correlações inesperadas. Por exemplo, a estatística Amy Webb, na sua procura de um marido, descobriu que «homens que bebem uísque mencionam de imediato sexo bizarro».

Mais arrepiante é a descoberta feita pelo psicólogo forense Adrian Raine. Descobriu que os psicopatas partilham um fator biológico – pulsação baixa.

O significado desta descoberta é que eles necessitam de níveis de risco cada vez mais elevados para criar uma sensação intensificada de excitação. O doutor Raine descobriu também que os psicopatas bem-sucedidos – aqueles que conseguem evitar a captura – conseguem elevar a sua pulsação o suficiente para serem cuidadosos. Menos bem-sucedidos são os psicopatas que não têm uma subida significativa da pulsação; as suas tentativas de sentir excitação tornam-se cada vez mais imprudentes, até que são apanhados.

Nem todos os sociopatas são psicopatas. Não é apenas uma questão de grau. A predisposição para a violência num psicopata é elevada, enquanto isso varia num sociopata. Em comportamento criminoso o psicopata deixa pistas, enquanto o sociopata planeia de modo a minimizar a exposição. O mais pertinente para a minha pesquisa era que um psicopata é incapaz de manter uma relação normal, enquanto um sociopata pode parecer normal, à superfície, e funcionar simultaneamente como um predador social.

As definições clínicas são diferenciadas com base na capacidade de sentir empatia – convencionalmente, crê-se que os psicopatas não a sentem, enquanto os sociopatas têm uma forma reduzida de empatia, mas optam por a ignorar. Os psicopatas são destemidos; os sociopatas não. Os psicopatas não compreendem a distinção entre certo e errado; os sociopatas sim, embora isso em nada modifique o seu comportamento. Bennett era um sociopata, para ser capaz de mentir de forma tão confortável e completa, a mim e a toda a gente. Mas era um psicopata se matara Susan Rorke e depois seguira para o Maine para um fim de semana romântico comigo.

A minha teoria era provocadora: tanto os sociopatas como os psicopatas podem não possuir empatia, mas os sociopatas estão suficientemente conscientes dos sentimentos dos outros para perceberem aquilo que estão a perder – amor – e querem parte disso. Procuram a bondade nas suas vítimas, além da fraqueza (Speck matava enfermeiras, Bundy pedia ajuda), porque onde há bondade, há, geralmente, amor.

Trabalhar na minha tese foi uma distração bem-vinda daquilo que me esperava: o encontro com Pat Loewi que tinha sido combinado na noite anterior. Disse-lhe que tinha informações sobre o ex-marido que precisava de discutir com ela. Quando senti a sua hesitação, ofereci-me para ir eu ao seu encontro, e ela aquiesceu. Reconheci-a antes de sair do autocarro, porque ela disse que levaria o cão consigo. Havia duas mulheres com cães

pela trela, à espera. Uma era uma mulher corpulenta com calças e botas de montar, que puxava um *retriever*; a outra, tive a certeza, era a ex-mulher de Bennett. Uma mulher delicada, com cabelo ruivo encaracolado, pelos ombros, grisalho nas raízes. Vestia um casaco demasiado grande, calças de ganga e galochas. Sentado ao seu lado estava um *rottweiler* elegante e de aspeto poderoso.

Quando me dirigi a ela, vi-a segurar na trela com ambas as mãos.

– A *Audie* precisa de conhecer a pessoa antes que possam tocar-lhe.

Esta mulher trouxera, não uma companhia, mas um guarda-costas. Afastámo-nos da paragem e subimos lentamente a Main Street, na direção oposta ao cais. Preferi caminhar do lado direito de Pat, uma vez que ela tinha *Audie* do lado esquerdo. Agradei-lhe por ter acedido a falar comigo. Passámos por três lojas turísticas antes de ela dizer:

– Pensei que podíamos levar a *Audie* até à praia de Haven. É uma caminhada de quinze minutos, mais ou menos.

Começámos a andar num ritmo calmo e, depois de mais dois quarteirões, disse-lhe que precisava de um café e ofereci-me para lhe trazer um. Ela disse que não bebia café, apenas chá, mas quando eu disse que lhe podia trazer um chá, respondeu que só bebia chá verde e o café onde eu ia não o tinha. Entrei e saí minutos depois com o meu café.

Continuámos a subir a Main Street até que Pat virou para uma rua residencial. Tudo o que eu tinha pensado dizer ou perguntar-lhe parecia-me agora demasiado inapropriado. A notícia que planeava dar-lhe era o tipo de notícia para a qual nunca há uma altura certa. Mesmo assim, achei que devia esperar até estarmos na praia.

A praia de Haven, na época baixa, estava quase vazia de pessoas, mas havia vários cães, sozinhos, que corriam à beira-mar, na rebentação suave da baía. Tive receio de que Pat tirasse a trela à sua cadela pouco digna de confiança, e foi o que ela fez. *Audie* farejou a minha mala, onde ao longo do tempo eu tinha guardado tantas guloseimas para cães.

– Ignore-a – disse Pat.

Saiu-me de uma vez. Disse-lhe que o seu ex-marido estava morto.

– Nunca fomos casados.

Teria Samantha mentido, ou não saberia mesmo?

Assim que Pat disse isso, *Audie* colocou-se ao lado dela e olhou fixamente para mim. Embora Pat não tivesse falado em voz muito alta, a

cadela apercebera-se de que ela estava perturbada e encontrava-se pronta.

Contei-lhe as circunstâncias da morte dele. Disse-lhe que estávamos noivos, na altura. Contei-lhe que não era a única que estava noiva dele, na altura, e que outra das noivas tinha sido assassinada, possivelmente pelo ex-amante de Pat.

Não havia mesmo maneira de suavizar notícias destas.

– Ele nunca gostou de cães e os cães nunca gostaram dele – disse Pat. Parecia admiravelmente composta, embora a cadela estivesse cada vez mais agitada, em reação, presumi, aos verdadeiros sentimentos da dona. Esperei que ela continuasse. Pat apanhou um pedaço de vidro polido da areia e examinou-o. – Então ele não mudou. Só duas noivas?

– Isto não a surpreende?

– Ele vivia pelas suas próprias regras. – *Audie* correu até à água. – Mas homicídio, essa é nova.

– A polícia pensa que foi ele.

– E você, não?

– Não sei o que pensar. – Só reparei que *Audie* já tinha voltado da água quando ela se sacudiu ao pé de mim.

– Sei que não estou a reagir da maneira que esperava. Mas esse homem fez-me passar por muito.

– Quanto tempo estive com ele?

– O suficiente para ele quase destruir a minha vida. E você?

– Eu safei-me sem grandes danos. Relativamente. – Não queria competir com ela de forma alguma. Queria que ela me contasse o que ele lhe tinha feito.

– Eu ia dar um curso e estava a entrevistar os alunos durante as matrículas, quando me aparece um rapaz arrogante, de calças de ganga justas e *T-shirt* branca, a perguntar à secretária do departamento se ainda havia vagas na minha aula. Eu estava ocupada com outro aluno. O rapaz... parecia ter uns vinte e um anos... não podia ou não quis esperar até eu estar livre. Quando se virou para sair, eu sussurrei à secretária: «Arranja-se sempre vaga para ele.» A acústica da sala traiu-me e ele ouviu; vi-o parar. Eu era doze anos mais velha, mas daí em diante começou a perseguir-me.

«Na altura eu pintava, andava à procura de uma galeria. Ele mostrou-se muito entusiasmado com o meu trabalho e falou em abrir uma galeria, um dia. Não havia nenhum relógio biológico a trabalhar, mas sim o relógio da

minha galeria. Sabe aquela velha piada sobre como o Túnel Holland foi construído: deram colheres de chá aos artistas de New Jersey e disseram-lhes que o primeiro a escavar até Manhattan teria a sua galeria. Demorei anos a perceber o que ele tinha visto em mim: uma oportunidade.

«Ele não tinha dinheiro. Tinha charme. E com o seu charme tirou-me tudo aquilo que era importante para mim.»

Estávamos a caminhar lado a lado pela areia molhada, atirando um pau à vez para *Audie* ir buscar.

– A ironia é que lhe ensinei tudo o que ele sabia sobre arte, sem sequer saber que estava a fazê-lo. E quando ficou a saber o suficiente para perceber o valor dos quadros do meu avô, roubou as duas únicas telas dele que eu tinha. Um presente de despedida para si próprio.

– Céus.

– Espere pelo melhor: fiquei magoada por ele não ter roubado o *meu* trabalho.

– Ele magoou muitas de nós.

– De quantas estamos a falar?

– Incluindo eu, quatro, que eu saiba. Em simultâneo, não consecutivamente.

Isto fê-la soltar uma risada. *Audie* pareceu partilhar a mudança de humor; deitou-se de barriga para cima na areia, com as patas no ar, depois endireitou-se e sacudi a areia. Estávamos a caminhar contra o vento e, em sincronia, virámo-nos para voltar para trás. Pat perguntou-me se gostaria de ver o estúdio dela.

Caminhámos mais vinte minutos antes de ela virar para um caminho estreito de terra batida através do bosque. Apesar da temperatura baixa, receei que pudesse haver carraças. A partir de que ponto é que não tínhamos de nos preocupar com elas? Passámos entre carvalhos e pinheiros, sobre solo arenoso. Desejei não ter calçado as minhas botas de camurça boas. Este bosque não tinha sido limpo dos estragos das tempestades, e tínhamos de passar por cima de ramos partidos.

O estúdio de Pat era um celeiro de cedro descorado pelas intempéries, mais ou menos do tamanho de uma garagem de três carros, com uma velha porta de correr fechada com um trinco e um cadeado. Depois de rodar o botão da combinação para a direita, esquerda, e novamente direita, Pat empurrou com o peso do corpo e a porta abriu-se. Acendeu um interruptor

na parede e a luz fluorescente invadiu o espaço. Era muito maior do que parecia do exterior.

Eu esperava marinhas genéricas e fiquei surpreendida com as fotografias em tamanho real de Pat, nua, com um coração ensanguentado encostado ao seio esquerdo.

– Não se preocupe, é um coração de porco.

Estaria preocupada? Agora estava. Nas fotografias, ela parecia dez anos mais nova do que a mulher que tinha ao meu lado. Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, Pat falou.

– Muito subtil, não é? Fiz estes logo depois de ele partir; fui buscá-los ontem à noite, depois de ter falado consigo. – Apontou para outra parede. – Isto é o que ando a fazer agora.

Aqui estavam as marinhas, modernizadas por padrões esbatidos de ondas cinzentas. Se Vija Celmins não tivesse lá chegado primeiro, talvez Pat tivesse aqui alguma coisa. Assim sendo, estava apenas a acrescentar àquilo que já existia no mundo, em vez de criar algo novo. Parecia que Bennett lhe roubara também a coragem.

Fez chá verde para nós e deu a *Audie* um enorme fémur fumado para roer. Eu estava incrédula por Pat não parecer ver como isto era horrível, depois do que lhe contara sobre a morte de Bennett. O som dos dentes no osso era perturbador.

Nesse momento ouvimos um ruído lá fora – como ramos a partirem-se debaixo de pés. *Audie* correu para a janela e começou a ladrar e a rosnar. Com as luzes acesas no estúdio e o sol agora posto, nem Pat nem eu conseguíamos ver nada lá fora. *Audie* atirou-se contra o vidro e temi que o partisse. Olhei rapidamente em volta para ver se tinha onde me esconder. Estava de pé no meio de um espaço aberto, muito iluminado. Senti-me perto do pânico, mas Pat parecia estranhamente indiferente.

– Mudei para tinta acrílica nesta série. Não sei se gosto tanto das superfícies, mas sou demasiado impaciente para esperar que a tinta de óleo seque.

– A *Audie* costuma fazer isto? Não devíamos ir ver o que se passa lá fora?

– Ou é um guaxinim a tentar entrar no caixote do lixo, ou um coiote. De uma maneira ou de outra, não vou deixar a *Audie* sair. O meu outro cão foi morto a semana passada por coiotes.

– Oh, meu Deus, lamento muito.

– Bom, os vizinhos acham que foram coiotes, mas eu não tenho tanta certeza.

– Que outra coisa poderia ser?

– *Audie*, chega! – A cadela finalmente afastou-se da janela com um rosnado grave. Pat aproximou-se dos seus autorretratos. Enquanto olhava para a versão mais jovem de si própria, disse: – Sei o nome verdadeiro dele.

Senti a boca seca.

– Quem era ele?

– Custou-me cinco mil dólares descobrir.

Fiquei à espera que continuasse, mas, quando não o fez, perguntei a mim própria se estaria à espera de pagamento por me dar a informação.

– Contratei um detetive privado para localizar os quadros do meu avô. Ele descobriu que tinham sido leiloados no Qatar por mais de um milhão de dólares. Disse-me que o vendedor era anónimo, mas conseguira determinar que era do Maine.

– Disse que sabia o nome dele.

– Sei o nome com que ele começou: Jimmy Gordon. O detetive nunca encontrou os quadros, mas deu-me a morada da mãe do Jimmy.

– Como era ela?

– Nunca a contactei. Por que raio havia de a querer na minha vida?

– Importava-se que eu a contactasse?

– Pergunte-lhe onde estão os quadros do meu avô.

Levei as canecas vazias para o lavatório ao canto do estúdio. *Audie* observou-me da sua cama. Passei ao largo. Perguntei se podia usar a casa de banho antes de irmos.

– Não tenho casa de banho no estúdio. Faço no bosque.

Agradei-lhe pelo chá e por ter arranjado tempo para se encontrar comigo.

Pat perguntou-me se tinha alguma fotografia recente de Bennett. Tirei a metade de fotografia que ainda trazia comigo e estendi-lha. Ela olhou e devolveu-a rapidamente.

– Ainda inescrutável. Esse corte de cabelo... céus.

Eu queria fazer-lhe uma pergunta – se ela se considerava capaz de cometer um homicídio – mas percebi que não confiaria na resposta.

Pat abriu a porta apenas o suficiente para me deixar passar e fechou-a de novo assim que eu saí. A lua estava em quarto minguante e não se viam outras luzes. Ao fim de dez passos, saí do trilho estreito. Procurei um lenço de papel na mala, agachei-me e aliviei-me, morta de medo de urtigas, carraças, cobras, aranhas e coiotes. Puxei as calças para cima. Conseguia ouvir *Audie* a latir como louca dentro do estúdio; pelo menos esperava que fosse lá dentro.

Avancei na direção que esperava que fosse a correta para sair dali. Um ramo arranhou-me a cara, o suficiente para fazer sangue, torci o tornozelo, atravessei uma teia de aranha com a cara, tudo na escuridão. Tive de fazer um esforço consciente para não entrar em pânico. Tentei ouvir o som de carros. A única coisa que ouvia era latidos.

Uma nuvem encobriu as estrelas, não que eu conseguisse orientar-me por elas. Peguei no telemóvel, mas não tinha rede. Por que raio não tinha descarregado a aplicação da lanterna?

O meu casaco não era adequado para este frio húmido. Depois tive uma ideia: se encontrasse a praia, saberia para onde ir. Tentei detetar algum cheiro, além do cheiro a pinheiros que me rodeava. Não sei se era realidade ou mera alucinação olfativa, mas senti de facto um leve cheiro a maresia.

Avancei cautelosamente nessa direção, mas, após alguns minutos, perdi o cheiro e, com ele, a minha pouca confiança. Ouvi um som como o que ouvira no estúdio, um ramo a partir-se. O que restava da minha compostura abandonou-me. Afastei-me do som o mais depressa que consegui, mas não foi suficientemente depressa. Ouvi-o de novo e disse, em voz alta:

— A sério?

Isto era material de incontáveis filmes de terror: uma mulher sozinha foge de um predador desconhecido pelo meio do bosque escuro. Quem era o predador? *Audie*? Coiotes? Pat? Samantha? A pessoa que se fizera passar por Susan Rorke? Nesse instante, como se a estivesse a ler, recordei uma citação de Helen Keller: «Evitar o perigo não é mais seguro, a longo prazo, do que a exposição. Os temerosos são apanhados tantas vezes como os corajosos.» Quer dizer, se passar a vida inteira cega e surda não ensina a uma pessoa o que é o medo, nada o fará.

O meu coração abrandou, respirei fundo e continuei a caminhar na direção onde julgava estar o mar. Atrás de Helen Keller, veio-me à cabeça algo que Cilla me dissera: «A curiosidade conquista o medo, mais do que a

bravura.» Enquanto caminhava às apalpadelas no meio da escuridão, fiz a pergunta que me tinha guiado até aqui. A pergunta não era se Bennett seria ou não capaz de matar alguém. A pergunta era como é que eu fora capaz de o amar.

Senti o cheiro do mar. Melhor ainda, vi um horizonte mais claro e lembrei-me de que um corpo de água reflete sempre a luz ambiente. Um instante depois, ouvi o som da rebentação.

Sabia exatamente onde estava.

Apanhei o metro na Seventy-Second Street para poder percorrer os últimos vinte quarteirões a pé, através do parque, e desanuviar a cabeça antes da sessão com Cilla. Havia rosas espalhadas sobre o mosaico *Imagine*, o tributo a John Lennon em Strawberry Fields. Na noite anterior, tinha procurado Jimmy Gordon *online*. Não havia nada sobre o Jimmy Gordon que eu procurava, mas a verdade era que ele desaparecera em 1992, aos dezassete anos de idade. Consegui encontrar apenas um gato Maine coon chamado *Jim Gordon*, com a sua própria página na Internet, e o famoso baterista de *rock* Jimmy Gordon, que fez digressões com John Lennon e com os Beach Boys antes de ser detido por ter apunhalado a própria mãe.

Enquanto esperava pela minha vez para comprar uma garrafa de água num carrinho de comida no parque, vi o vendedor pescar uma salsicha de um recipiente de água quente que provavelmente só seria mudada na primavera. Eu também tinha fome, mas não tanta. Quando ele me deu a garrafa de água, dei-lhe duas notas de um dólar.

– São três dólares – disse ele secamente.

Passei pelo parque infantil, cheio de crianças acompanhadas pelas suas amas, e entrei na Ramble, a única parte do parque onde me perdia. Embora os caminhos arborizados e íngremes por vezes terminassem numa parede rochosa ou num regato, aqui eu nunca temia a natureza. No Central Park nunca seria atacada por uma matilha de coiotes ou uma aranha venenosa; aqui, a ameaça eram as pessoas. Lembrei-me de Robert Chambers, o assassino que matou uma adolescente não muito longe de onde me encontrava, ou do gangue de «selvagens» que tinha sido acusado de atacar e quase matar o corredor de Central Park. As condenações tinham sido retiradas quando Matias Reyes, um violador e assassino condenado, a cumprir uma pena de prisão perpétua por outros crimes, confessou o ataque.

Antes de sair de casa, tinha telefonado para o gabinete do médico-legista

para identificar o corpo de «Bennett». Liguei também para o detetive de Boston, para lhe dar o nome verdadeiro de «Bennett». Ele aceitou a informação sem grande entusiasmo e apeteceu-me dizer-lhe, *O caso pode estar encerrado para si, mas não para mim*. Reiterei os meus receios em relação a Samantha. Tinha a forte sensação de não ter estado sozinha no bosque, na noite anterior, e a única pessoa que sabia que eu ia visitar Pat era Samantha. Porém, não tinha provas de nada.

O gabinete de Cilla ficava no rés do chão de um prédio na West Eighty-Seventh Street. Ela abriu a porta do prédio e aguardei na sala de espera que terminasse a consulta do paciente anterior. Peguei num exemplar de *Tricycle*, a revista budista, e li parte do artigo «A Arte de Estar Errado». Sorri ao ver também a revista *Rolling Stone*, um resquício do passado de Cilla na banda de Lou Reed.

Embora tivesse estado com ela apenas há uma semana, acontecera muita coisa entretanto. Sentei-me no sofá e não esperei que Cilla me perguntasse como estava.

Contei-lhe tudo o que acontecera relativamente a Samantha e Pat.

– Será que o Bennett procurava mulheres perturbadas e inseguras como alvos, ou será que as criava? – perguntei.

– Qualquer mulher pode ser enganada por um psicopata experiente. É o que eles fazem. Não é isso que a sua tese pretende provar?

– Já não estou muito segura da minha tese.

– Acha que o Bennett mudou aquilo que você é, a um nível fundamental?

– Como posso ter sido tão cega? Até que ponto é que dar o benefício da dúvida a alguém abre a porta a comportamentos perigosos? Deveria ter percebido quando ele se recusou a mostrar-me onde vivia? Ou quando não quis conhecer os meus amigos? – Apercebi-me de que estava sentada na beira do sofá. – A vulnerabilidade da Pat era querer ter sucesso como artista. Qual era a minha? Todas devíamos ser semelhantes, em algum aspeto, em alguma falha de carácter. O que é que tínhamos em comum?

– Tem mesmo de haver alguma coisa em comum?

– Fomos todas enganadas.

– Acha que a confiança tem de ser substituída pela desconfiança?

– Parece que sim. Não quero parecer frívola. E não quero ser cínica; não quero tornar-me uma pessoa azeda. Mas preciso de compreender. É por isso que vou falar com a mãe dele.

- Descobriu a identidade dele?
- A Pat disse-me que o verdadeiro nome dele é Jimmy Gordon. Disse-me onde podia encontrar a mãe dele.
- O que acha que vai conseguir retirar de um encontro com a mãe dele?
- Ela pode querer reclamar o corpo.
- Não, não. O que pensa que *você* vai retirar do encontro?
- O que quer que descubra, será melhor do que tudo o que possa imaginar. – O peso da situação atingiu-me.
- Esse trabalho será para si ou para a polícia?
- Para eles, o caso está encerrado. Ele matou a Susan Rorke. Os meus cães mataram-no a ele.
- E as suas aulas? Está a prosseguir com a sua investigação?
- Isto é a minha investigação. Dizia-me se eu estivesse a enlouquecer, não dizia? Quer dizer, se eu estivesse mesmo a ultrapassar os limites?
- Os seus instintos são bons. Confie neles.

*

Voltei para Williamsburg e estava esfomeada quando saí do metropolitano em Lorimer Street. Comprei uma sanduíche Padrinho – salpicão, queijo *provolone* e pimentos vermelhos assados – na Bagelsmith da esquina. Caminhei lentamente – não havia vento – e tinha comido cerca de metade quando vi um cãozinho branco, sem trela, a correr pela rua. Procurei o dono do cão, mas vi apenas dois jovens que estavam a tentar chamá-lo. Agachei-me no passeio e tirei um pedaço de salpicão da sanduíche que tinha na mão. Tentei chamar a atenção do cãozinho com sons de beijos. Vinha um camião a descer a rua e corri para a frente dele, a abanar os braços para o fazer parar. Os jovens continuavam a chamar o cão, que não parou de correr. Temi que isto não fosse acabar bem.

Depois um homem de bicicleta parou de pedalar e aproximou-se lentamente do cão, sem olhar para ele. Lembrei-me de que era assim que se conquistava a confiança de um cão vadio – não olhar diretamente para ele. O homem bateu na perna – como se fosse uma cauda a abanar – e sabia que devia movimentar o braço da direita para a esquerda, para imitar o abanar da cauda de um cão amistoso. Da esquerda para a direita mostra agressividade. Estava a recordar-me agora das coisas certas para fazer.

Quando me aproximei mais, reconheci-o: era McKenzie.

– Olá – disse-lhe –, sabe de quem é o cão?

– Espere um minuto.

Pedi-me que lhe levasse a minha sanduíche, pousou metade no chão, à sua frente, sentou-se e disse-me para não me mexer. Nesta altura, os jovens no passeio já se tinham apercebido de que este era um homem que sabia melhor do que eles o que fazer e estavam agora a assistir ao que podia, afinal de contas, vir a ser um salvamento.

O cão estava encolhido debaixo de um carro estacionado. Sentei-me ao lado de McKenzie, e esperámos, sem dizer nada. Ao fim de cinco minutos, o pequeno cão branco saiu de baixo do carro e despachou a sanduíche em duas dentadas.

Um amador talvez tivesse tentado agarrar no animal, mas McKenzie abriu a mochila, tirou uma corda elástica já muito usada, fez um laço rápido numa ponta e prendeu-a ao pescoço dela – afinal era uma cadelinha – como se fosse uma trela, sempre a falar com ela em voz baixa e amistosa. A cadela parecia aliviada, não apanhada.

Por fim, McKenzie virou-se para mim.

– Tenho um compromisso e já estou meia hora atrasado. Pode ficar com ela até encontrarmos um lar de acolhimento?

Eu tinha dois cães presos pelo Departamento de Saúde Pública, mas era impensável não levar esta pobre cadelinha comigo para casa.

Aceitei a trela improvisada da mão de McKenzie.

– Ligo-lhe mais tarde – disse ele.

A cadelinha puxou a corda, tentando ir com ele.

– Tenho de ser eu, pequenota. – Tinha muita comida para ela e seria a primeira vez que tinha um cão em casa desde o dia da morte de Bennett.

Levei-a para o meu apartamento e enchi uma das tigelas dos cães com água e outra com ração. A cadelinha atacou logo. Sempre adorei o som de um cão a comer. Depois de estar satisfeita, saltou para o meu colo, com tanta delicadeza que quase fiquei surpreendida quando a vi lá. Acariciei-a suavemente entre as omoplatas, à procura de um *microchip* do tamanho de um grão de arroz. Senti as vértebras, mas nada mais. Ela não devia pesar mais de cinco quilos. Enchi o lava-loiça de água morna e enfiei cuidadosamente a cadelinha lá dentro. Ela não tentou resistir e entregou-se à sensação agradável enquanto eu a massajava com um champô suave.

Sequei-a com uma toalha e ocorreu-me um nome. Os seus grandes olhos pretos pareciam azeitonas, portanto dei-lhe o nome de *Olive*. Mais tarde, convenci *Olive* a vir comigo para o quarto. Quando acordei, pouco depois da meia-noite, encontrei-a a dormir em cima do meu peito. Como precisava de me virar, movi-me devagarinho para não a assustar, mas não precisava de me preocupar; *Olive* ajeitou-se e continuou a dormir em cima de mim, sem acordar.

De manhã, quando ainda estava deitada, McKenzie ligou-me para me dizer que tinha encontrado uma organização de salvamento disponível para recolher a cadelinha.

– Vou ficar com a *Olive* durante uns tempos.

McKenzie riu-se.

– *Olive*? Tem a certeza de que se quer meter nisso agora? A audiência é na segunda-feira.

– A audiência será na segunda-feira, quer eu fique com ela ou não. Tenho motivos para estar preocupada?

– Conseguiu convencer a sua vizinha de baixo a testemunhar?

– Ela disse que não queria aquele cão assassino de volta ao prédio.

– Bom, não perdemos nada em tentar. Suponho que não ficará a tomar conta das plantas dela quando ela for de férias.

– Quantos casos destes é que ganhou?

– Não os suficientes.

– Mas continua a fazê-lo.

– O desfecho individual é apenas parte do que estou a tentar fazer. É através da lei que posso tentar mudar a forma como as pessoas tratam dos animais.

A sua eloquência simples tranquilizou-me e agradei-lhe novamente a ajuda.

Quando ele desligou, liguei o computador e entrei no FidoFinder, um *site* de busca de cães perdidos. Selecionei *perdido*, *branco*, *pequeno* e introduzi o meu código postal. Preparei-me para as descrições angustiantes dos animais perdidos, mas nenhum dos cães parecia ser a cadelinha que eu recolhera. Imprimi um folheto de *Perdido*. O *site* recomendava colocar os folhetos num raio de oitocentos metros de onde o cão fora encontrado, se se tratasse de um cão pequeno. Levei *Olive* comigo e espalhei os cartazes pelo bairro. No regresso a casa, deixei o último folheto no parque para cães

McCarren. Vi uma mulher pegar no seu cachorrinho por cima do recinto vedado e mergulhá-lo no grupo de cães que ali brincavam, e depois voltar a tirá-lo, como se fosse um saquinho de chá.

Liguei a Billie quando cheguei a casa para lhe recordar a audiência na segunda-feira e para lhe contar como fora a minha visita a Pat. Gostava do que acontecia quando punha Billie a par das novidades: o que lhe estava a contar, por mais horrível que fosse, tornava-se uma narrativa; transformava-se, enquanto contava, numa história e, assim, parecia-me mais distante do que realmente estava. Era como as ocasiões em que Kathy e eu nos divertíamos com um jogo chamado *Ele Acha Mesmo*. Ele acha mesmo que me pode ligar na véspera de Natal à noite para irmos beber um copo. Esse tipo de coisa. Se transformarmos algo que nos incomoda num jogo ou numa história, conseguimos ultrapassá-lo, talvez mesmo ao ponto de já não nos afetar.

Quando contei a Billie que Pat me tinha mostrado a série de autorretratos em que aparecia nua, com um coração de porco sobre o seio esquerdo, Billie disse:

– Eu é que não queria ser a musa dessa mulher.

– E a cadela dela... Parecia um míssil. Ao mais pequeno som no exterior atirava-se contra os vidros.

Disse a Billie que tinha recolhido uma cadelinha vadia e fui apanhada de surpresa quando ela disse:

– Não devias estar concentrada nos teus próprios cães?

– E estou completamente concentrada neles. – Fiquei magoada com o tom de censura na voz dela.

Ouvi o sinal de chamada em espera, mas ignorei-o, consciente de que Billie também o ouviria e perceberia que eu estava a ignorar outra chamada para continuar a falar com ela – uma oferta de paz. Resultou, e a tensão desapareceu. Ela disse-me que tinha pedido a Enrique, o chefe dos funcionários do canil, para escrever uma referência sobre o carácter dos meus cães. O telefone apitou de novo e, desta vez, Billie disse-me para atender.

– Vemo-nos na segunda-feira, na audiência – disse.

Atendi a outra chamada e desejei de imediato não o ter feito.

– Ouvi dizer que conheceu a Pat – disse Samantha.

Demorei um instante a formular a pergunta óbvia.

– Como é que sabe?

– Ela mostrou-lhe os autorretratos nus? Mostra-os a toda a gente. Viu aquele coração de porco?

O meu próprio coração estava a bater mais depressa.

– Ela também lhe disse que o ex roubou os quadros do avô? Foi ela que lhe deu, para vender, e ele não tem culpa que a leiloeira nunca lhe tenha dado o dinheiro.

Era evidente que Samantha estava a tentar provocar-me, mas as palavras dela cansavam-me. Não queria interagir com uma pessoa doida, possivelmente uma assassina. Queria ajuda. Queria que esta mulher louca me deixasse em paz. Mas o que realmente me assustava era o que tínhamos em comum, embora eu já não estivesse a defendê-lo. Como abordar uma conversa destas? Melhor ainda, como lhe pôr fim? Assumi uma postura submissa, pois não queria provocar a pessoa que me devia ter seguido até Sag Harbor. De que outra forma podia saber da minha visita? A Pat que eu conhecera nunca teria ligado a Samantha.

– Vi os corações de porco – disse, num tom tão neutro e calmo quanto é possível a quem está a dizer uma frase destas.

– Ela acusa-o de lhe ter destruído a carreira. Pff! Quem é que penduraria um quadro com um coração de porco por cima do sofá?

– Eu não.

– Não disse à Pat que fui eu que lhe dei o nome dela, pois não? – Antes que eu conseguisse responder, Samantha continuou: – Ele só casou com ela porque ela fingiu que estava grávida.

– Ainda há mulheres que fazem isso? – respondi, sabendo que eles não tinham casado. – O que é que o Bennett fez quando descobriu que ela tinha mentido em relação à gravidez?

– O mesmo que fez quando descobriu que ela tinha fingido um aborto espontâneo... teve pena dela.

Eu sabia que a pena era uma emoção condescendente. Bennett era incapaz de empatia.

– Ele ainda acha que ela se quer vingar – disse Samantha.

Enervava-me ouvi-la falar de Bennett no presente. Recusava-me a alinhar nesta visão irreal. Fiquei aliviada quando Samantha desligou abruptamente o telefone. Ela era louca ou perigosa ou ambas as coisas. E eu não queria ter nada a ver com isso.

Era sexta-feira à tarde e eu não tinha planos para o fim de semana. Enquanto, há um ano, isto me teria incomodado, agora estava contente por ter estes dias livres pela frente. Precisava de ser uma pessoa normal, não alguém prestes a enfrentar uma audiência em tribunal ou preocupada com as outras noivas do meu noivo assassinado. Peguei na pequena *Olive* e, em vez de lhe perguntar se queria ir dar um passeio, disse:

– Queres ir almoçar fora?

Enfiei-a na minha mala, esquecida de que era onde costumava ter as guloseimas para cão. Não admirava que ela se tivesse instalado de imediato. Faltava pouco tempo para o Dia de Ação de Graças, pelo que já se viam decorações de Natal pelas ruas. Eu tinha prometido a Steven que levaria uma tarte para o jantar festivo, por isso dirigi-me ao Blue Stove, na Graham, para a encomendar.

O tempo estava frio mas limpo, com aquele céu branco tão típico do inverno em Nova Iorque. Decidi enfeitar o apartamento e fui à Abode na Grand. Inspeccionei as prateleiras: um abre-garrafas que era apenas um prego numa tábuia (18,99 dólares) e aquelas mesinhas a imitar caixotes de carga empilhados (59,99 dólares). Passei por um candeeiro preto, suspenso, que parecia conter uma galáxia (12 500 dólares). Vi uma almofada preta com um padrão que fazia lembrar espirais de fumo (270 dólares), e percebi que não encontraria nada dentro do meu orçamento. Parei na loja *vintage* Mystery Train, mas não tinham almofadas, apenas roupas. A loja Two Jakes, na Wythe, tinha maioritariamente mobília, e encontrei «almofadas decorativas» numa cor chamada giz. A trinta e nove dólares cada, pareceram-me um bom negócio, e comprei uma. A seguir fui até ao Great Ferry Park, a pensar em *Olive*. Sentei-me num dos bancos junto ao East River e tirei a cadelinha da mala. Ela quis sentar-se no banco ao meu lado. O horizonte de Manhattan merecia a reputação que tinha. Nunca ouvira uma metáfora que o descrevesse melhor do que aquilo que era.

Voltei a enfiar *Olive* na mala e seguimos para a loja de utilidades domésticas, que tinha uma área de plantas com mais de quatrocentos metros quadrados. O bónus era um porco de trezentos quilos chamado *Franklin*; vivia num recinto bastante grande (do tamanho de um estúdio em Williamsburg, para terem uma ideia) entre os milhares de plantas para

venda. Escolhi vários pequenos vasos de ervas aromáticas para a cozinha e um frasco de alfavaca para perfumar o quarto.

Depois de chegar a casa, larguei a almofada e as plantas, dei comida a *Olive* e voltei a sair sozinha. Há imenso tempo que não ia ao cinema. Apanhei o metro da linha L para Union Square, onde existem meia dúzia de cinemas num raio de poucos quarteirões. As salas maiores estavam a passar os mais recentes *blockbusters*, nenhum dos quais me interessava. Fui ver o que estava no Village East, e descobri que era o documentário *A Dois Passos do Estrelato*, sobre cantoras de coro negras. Uma das mulheres que mais me afetou nunca tivera qualquer interesse numa carreira a solo. Dava valor à harmonia criada por um conjunto de vozes. Claro que pensei em Cilla. Ela dissera-me, numa das últimas sessões, que chegara a uma altura em que deixara de conseguir harmonizar. Profundamente perturbada, parara de cantar. Por fim, disse-me, acabou por perceber que esta incapacidade significava apenas que estava na altura de criar outro tipo de harmonia; agora trazia harmonia às pessoas com problemas e ajudava-as a dar a volta à sua vida.

— Não digas já que não — disse eu —, mas esta voluntária que vem testemunhar hoje, talvez gostes dela.

Steven e eu estávamos à procura de um lugar de estacionamento perto do tribunal em Schermerhorn Street.

— Morgan...

— Tu gostas de mulheres atléticas.

— Não depois de a Claire me obrigar a treinar para a maratona com ela.

— Isso é que acabou com a relação? Nunca estiveste em melhor forma.

— Fisicamente.

Steven não tinha grande capacidade de recuperação nesta área, ou em qualquer outra. Eu sabia que ele ainda não tinha recuperado da saída de Claire de casa, depois de estarem juntos dois anos. Ela queria que ele fosse para o setor privado ganhar mais dinheiro e ele queria continuar a trabalhar para a AVAAZ.

— É gira?

Nunca deixava de me surpreender, esta pergunta da parte de um homem — porque era sempre a primeira.

— Ali, à direita. — Apontei para um espaço onde conseguiríamos enfiar o carro. — Já a vais ver no tribunal.

A sala destinada à audiência era velha e pobre. O banco onde nos sentámos tinha iniciais gravadas na madeira. O juiz sentou-se atrás de uma secretária igualmente usada.

Dei um toque a Steven.

— Ali está ela. — Tentar arranjar namorada para o meu irmão era um regresso bem-vindo à normalidade, algo de que eu me desabituara ultimamente, para dizer o mínimo.

Billie já estava sentada ao lado de McKenzie. Nunca o tinha visto vestido para comparecer em tribunal. De fato, bem arranjado, ele parecia mais do que competente — parecia autoritário. Billie, por seu lado, trocara as botas de motociclista por umas botas elegantes de pelica. Tinha o cabelo preso num rabo de cavalo e vestia um casaco preto simples por cima de uma

camisa branca, com calças de ganga pretas e justas.

Steven inclinou-se para mim e murmurou:

– Uau.

Depois de termos feito o juramento, McKenzie fez as observações iniciais ao juiz.

– Em primeiro lugar, gostaria de citar o artigo sete da Lei de Agricultura e Mercados de Nova Iorque. «Um cão não pode ser declarado perigoso se o tribunal determinar que a conduta do cão foi justificada por a pessoa ferida, ameaçada ou morta ter atormentado, maltratado, atacado ou ameaçado fisicamente o cão ou as suas crias, ou tiver no passado atormentado, maltratado, atacado ou ameaçado fisicamente o cão ou as suas crias.»

McKenzie pegou numa pasta grossa.

– Gostaria de apresentar a Prova A, uma cópia do relatório da polícia de Boston sobre o homicídio de Susan Rorke. A polícia crê que a senhora Rorke foi atacada com um martelo, que lhe fraturou o crânio, e depois atirada de uma janela. James Gordon, também conhecido como Bennett Vaux-Trudeau, era o principal suspeito. O ataque que pôs fim à vida dele teve lugar menos de um mês depois do homicídio de Susan Rorke. Este homem tem um historial comprovado de comportamento violento. *Cloud*, a cadela de montanha dos Pirenéus, vivia com Morgan Prager desde as oito semanas de vida e não tem qualquer historial de comportamento agressivo. A senhora Prager adotou *George*, o *pit bull*, há seis meses, e ele também não mostrou desde então qualquer tipo de agressividade.

McKenzie apresentou os relatórios da veterinária relativos a ambos os cães, bem como a declaração desta. Apresentou também os resultados do teste de temperamento de ambos os cães.

– Gostava de chamar uma testemunha, voluntária no canil onde os cães têm estado em quarentena nos últimos dois meses.

Billie levantou-se, identificou-se perante o juiz e respondeu a perguntas sobre a frequência com que lidava com os dois cães. Fiquei impressionada e satisfeita com a postura dela neste ambiente, nesta ocasião. Foi confiante e sucinta, decidida e convincente. Transmitiu bastantes observações inteligentes sem exagerar em nada. Troquei um olhar com Steven, que parecia partilhar a minha opinião em relação ao testemunho dela.

Steven foi o próximo a falar. Confirmou que nenhum dos cães alguma vez mostrara qualquer agressividade em relação a ele.

- Eu estava com a minha irmã quando ela adotou a *Cloud*.
- Quanto tempo passou com o *pit bull*? – perguntou o juiz.
- Vejo a minha irmã, pelo menos, de duas em duas semanas, e sempre gostei de brincar com o *George*. Ele nunca foi bruto.

O juiz perguntou a McKenzie se tinha mais alguma coisa a acrescentar em defesa dos cães antes de ele se retirar para tomar a sua decisão. McKenzie disse que gostaria de recordar ao tribunal que, no dia 4 de abril de 2013, o Supremo Tribunal de Nova Iorque citara o caso *Roupp vs. Conrad* no seu Memorando: «A condenação de um cão individual, no contexto de um processo de determinação de perigosidade, unicamente com base na sua raça não tem qualquer base legal.»

*

O juiz dissera a McKenzie que teria uma decisão até às três da tarde desse dia, por isso Billie sugeriu que fôssemos almoçar num restaurante próximo que ela conhecia. Quando lá chegámos, troquei um olhar com Steven – o edifício era um templo Hare Krishna. O único aspeto de arquitetura indiana era três arcos de estuque por cima da fachada de tijolo. Billie levou-nos para a cave, onde uma espécie de cantina servia pratos vegetarianos. Reparei que Steven escolheu apenas batatas e cenouras, os dois vegetais que reconhecia.

Eu nunca gostei de esperar. Não consegui deixar de perguntar a McKenzie se achava que o juiz ia decidir a nosso favor. Assim que fiz a pergunta, pedi imediatamente desculpa por estar a pressioná-lo. Billie sentara-se ao lado de McKenzie, de frente para o meu irmão. Eu já tinha chegado à conclusão de que um arranjinho entre duas pessoas tinha muito mais hipóteses de ultrapassar a fase de embaraço e pressão se uma das pessoas não soubesse que se tratava de um arranjinho.

- Acho que o juiz pode usar este caso para mandar uma mensagem à comunidade em geral – disse Billie. – Tolerância zero para os *pit bulls*.

- Ou talvez nos surpreenda – disse McKenzie. – Depois de ler o relatório da polícia.

Quando Steven falou, ouvi um otimismo cauteloso na sua voz. Reparei que, mesmo quando Steven estava a falar, Billie não tirava os olhos de McKenzie. E, se eu tinha reparado nisso, Steven também.

Estava tão ansiosa em relação à decisão do juiz que tive de visualizar a

coisa mais calmante de que me lembrei para aguentar estar sentada o almoço inteiro. Imaginei-me a boiar de barriga para baixo no mar quente das Caraíbas, de olhos abertos na água pouco funda, a ver a ondulação suave na areia branca do fundo.

Quando saí do meu sonho e me juntei à conversa, Billie estava a desafiar Steven em relação a um aspeto legal e percebi que ela se considerava tão entendida como ele. Steven disse apenas:

– Não vamos precipitar-nos e antecipar o desfecho.

McKenzie interveio, como uma espécie de árbitro, dando razão a Steven. Billie rapidamente se tornou humilde e pediu desculpa por estar a fazer presunções sobre questões jurídicas.

No regresso ao tribunal, Billie colocou-se ao lado de McKenzie e eu deixei-me ficar para trás com o meu irmão, sentindo-me usurpada. Steven inclinou-se para mim e murmurou:

– Aquela rapariga não é tua amiga.

– Tem sido quase tão dedicada aos meus cães como eu.

Steven lembrou-me que a dedicação dela ultrapassara os limites quando marcara o teste de temperamento para *George* sem falar comigo primeiro. E eu recordei-lhe que essa ação da parte de Billie, embora arrogante, significava que *George* tinha agora uma oportunidade.

Quando entrámos no elevador para subir até ao quarto piso do tribunal, McKenzie chamou-me para o seu lado com um gesto.

– Vamos a isto – disse, e pousou a mão nas minhas costas enquanto nos dirigíamos à sala de audiências.

Eu podia ter entrado numa sala de tribunal no passado por outros motivos, e senti-me envergonhada ao pensar nisso agora. Depois de atender Candice e Doug no café onde trabalhei durante algum tempo como empregada de mesa, encontrei forças para ir à polícia. Ou melhor, a insistência de Kathy em acompanhar-me é que me deu forças para o fazer. Nessa altura só nos conhecíamos há cerca de um mês, mas eu já sabia que ela era uma força do bem. Não participara o ataque quando podia ter servido de alguma coisa – depois de Doug me deixar no terminal rodoviário, com as provas ainda dentro de mim. Pelo menos, foi o que disse a mim própria na altura. Pus a minha necessidade de me distanciar daquele horror acima da

responsabilidade cívica. O pensamento de que podia ter impedido que eles continuassem a fazer o mesmo não era uma prioridade. Tinha de me proteger a mim própria.

Quando Kathy e eu fomos à polícia, foi mais uma ação simbólica do que em busca de justiça. Não tinha quaisquer provas físicas, entrara voluntariamente no apartamento, nem sequer sabia a morada e já passara um mês desde o ataque. Um agente simpático registou as minhas declarações e depois levou-nos no seu carro pelas ruas perto dos estaleiros, para ver se eu reconhecia algum ponto de referência. Mas era de noite quando eu chegara e na manhã seguinte, na carrinha, estava escondida. Pedi desculpa ao agente por o fazer perder tempo, e ele garantiu-me que não era uma perda de tempo. Disse-me que tinha feito bem em apresentar queixa. Eu sabia que se o tivesse feito na altura talvez tivesse de ir a tribunal testemunhar contra aquele casal de tarados, talvez até os tivesse conseguido mandar para a prisão.

Estávamos sentados na primeira fila quando o juiz entrou com passo decidido. Pegou num papel e começou a ler.

– De acordo com a Lei de Agricultura e Mercados 123 (2) que rege este tribunal, e dadas as circunstâncias e a necessidade de proteção do público, aqui se ordena que a cadela de montanha dos Pirenéus seja transferida para um abrigo para animais especializado em lidar com cães perigosos, sendo esta a melhor opção para proteção tanto do público, como do animal.

McKenzie pousou a mão no meu braço, como se quisesse segurar-me, enquanto o juiz lia a sentença de *George*: morte por, numa expressão jurídica sem qualquer sentido, «eutanásia sem sofrimento». Deu a *George* apenas mais vinte e quatro horas de vida e declarou a sessão encerrada.

– Ainda não acabou – murmurou McKenzie. – Podemos recorrer.

– Para os dois?

– Primeiro podemos pedir um adiamento da sentença do *George*. Posso tentar defender que ele seja enviado também para um abrigo.

– Mas os melhores não têm espaço – disse Billie. – Já nem sequer aceitam nomes para lista de espera.

– Então o que vai acontecer à *Cloud*, se não há espaço? – perguntei.

– Temos tempo para nos preocuparmos com a *Cloud*. Preciso de entregar

imediatamente uma petição para adiar a execução do *George* – disse McKenzie. – Steven, podes acompanhá-las? Ligo-te assim que souber alguma coisa.

Steven disse-me que devíamos ter mais notícias ainda essa tarde e dirigimo-nos os três – Billie à nossa frente – ao metropolitano.

– Os *pit bulls* não têm sorte nenhuma – disse Billie.

– Fui buscar o *George* ao corredor da morte no canil, e agora está de novo exatamente onde o encontrei – disse eu.

– Deste-lhe amor, que de outra forma nunca teria tido – disse Steven.

Não era de grande consolo ouvir isso, embora Steven tivesse boas intenções ao dizê-lo. À entrada do metropolitano, Steven dirigiu-se ao carro para regressar a Manhattan, Billie despediu-se de nós sem dizer para onde ia e eu apanhei o metro da linha G para Williamsburg.

Uma vez, li uma história com uma cena entre um homem e uma mulher envolvidos numa relação longa e turbulenta; a mulher vira-se para o companheiro e diz: «Podia ser tão fácil.» Esse comentário comoveu-me, a sua resignação, o desejo tão simples. Alguma vez seria fácil?

A notícia de McKenzie, ao final da tarde, não foi a que eu queria ouvir: o juiz recusara o pedido de adiamento da execução de *George*. Seria morto por injeção letal no dia seguinte. A voz de McKenzie era tensa. Disse que estava a preparar-se para apresentar um pedido para que *Cloud* pudesse voltar para casa, mesmo que tivesse sempre de usar açaime e fosse obrigada a ter um seguro.

– Lamento muito – disse ele.

Eu não queria acreditar que não havia mais nada a fazer.

– Queres que vá contigo ao canil, para o veres? – ofereceu-se McKenzie.

– Podemos encontrar-nos lá amanhã de manhã.

– Obrigada por te ofereceres. – Eu já estava a planear uma visita ainda hoje, mas concordámos em encontrar-nos no átrio imundo do canil às onze da manhã.

Liguei a Billie e disse-lhe que queria levar um bom jantar a *George* e perguntei-lhe se conseguia deixar-me entrar às escondidas para que fosse eu a dar-lho. Ela disse-me que não podia estar de serviço, oficialmente, mas que ia passar por lá de qualquer maneira e que sim, podíamos dar-lhe juntas

o seu jantar especial.

Fui ao mercado e comprei um quilo de carne de lombo assado, mal passado. Depois comprei meio quilo de presunto. E um pacote de batatas fritas *Lays* onduladas.

No metro, para o canil, distraí-me com música. Procurei nas minhas *playlists* até encontrar «Love Interruption» de Jack White. Mesmo nos dias bons esta canção assombrava-me, e procurei-a para condizer com o meu estado de espírito. O amor é sempre interrompido, não é? «Quero que o amor...crave uma faca dentro de mim...»

Saí na 116th Street e subi a 119th em direção ao rio, fustigada por rajadas de vento. Vários voluntários passeavam cães vestidos com casacos finos que tinham a palavra ADOTE-ME impressa em letras grandes de lado. Tal como no vídeo viral da mulher a dançar sozinha numa paragem de autocarro, uma mulher hispânica de idade baloiçava-se ao som de uma canção que só ela ouvia, enquanto esperava pelo autocarro. Da janela de um apartamento no primeiro andar, uma mão estendeu-se entre as grades e despejou um miniaspirador para o passeio, que já estava coberto do habitual mistério de ossos de frango. Um trio de mulheres dominicanas namoriscava com dois homens que lhes tinham chamado a atenção; reparei porque eram as mulheres que tinham o poder, e sabiam disso.

Billie estava à minha espera à porta do anexo do canil. Abraçou-me calorosamente e levou-me pela entrada lateral, evitando o átrio. Evitei o contacto visual com os funcionários do canil e agi como se tivesse todo o direito de ali estar. Entrámos na ala trancada onde os meus cães se encontravam. Billie fazia-me lembrar uma anfitriã experiente numa festa, a manter o espírito animado, a coreografar subtilmente, mostrando a cada pessoa onde se sentar, sem ceder, neste sítio terrível, aos sentimentos que seriam de esperar. Senti-me grata por ela estar a assumir o controlo de forma tão natural e bondosa. Isso acalmou-me, e tinha o mesmo efeito nos cães.

Billie e eu sentámo-nos no chão imundo, tão juntas que os nossos ombros se tocavam. À vez, enrolámos fatias de carne e enfiámo-las entre as grades para ambos os cães. Tentámos ajudá-los a saborear segurando uma ponta da carne, para os obrigar a mastigar antes de engolir. Depois de esvaziarmos o

saco de lombo assado, presunto e batatas fritas, demos-lhes biscoitos de manteiga que Billie trouxera.

Apesar do jantar sumptuoso, os cães pareceram surpreendidos por não haver mais.

Na manhã seguinte, McKenzie estava à minha espera à porta do canil.

– Tentei ligar-te. Levaram-no mais cedo.

Estaria a mentir a mim própria se não admitisse que fiquei aliviada por a minha última memória de *George* ser alegre, dele a comer o melhor jantar da sua vida. Mas isso não me impediu de, ao mesmo tempo, cambalear um pouco. McKenzie estendeu os braços para me apoiar e deixou-os ficar à minha volta, e ficámos ali parados ao frio, em silêncio. Ele sabia que não podia dizer nada para me consolar.

Ia a caminho da casa de Steven para um jantar de Ação de Graças para o qual não tinha grande apetite. Ele oferecera-se para comprar o necessário na Cotarella e disse-me para levar apenas a tarte. Estava a cerca de um quarteirão do apartamento dele quando Billie me ligou para o telemóvel.

– Sei como te sentes, e só queria que soubesses que não estás sozinha.

– O que vais fazer esta noite? – perguntei, pensando que, se ela não tivesse planos, podia convidá-la para se juntar a nós.

– Faço voluntariado numa sopa dos pobres, na paróquia de Santa Cecília em Greenpoint.

Senti-me inferiorizada e tentei afastar o sentimento. O que ela estava a fazer era simpático; não queria dizer que eu fosse egoísta por festejar com o meu irmão.

– Se acabares antes das oito, estás convidada para vir comer uma fatia de tarte de abóbora comigo e com o meu irmão.

– Obrigada pelo convite, mas o McKenzie convidou-me para beber um copo com ele quando estivesse despachada.

Vi a aura que as vítimas de enxaquecas sentem antes de a dor se instalar. Senti-me impotente e cega por uma luz efervescente.

– Estás aí?

Apercebi-me de que não tinha respondido.

– Estou.

– Disse alguma coisa errada? Espera... não estás interessada no McKenzie, pois não?

– É demasiado cedo para pensar nessas coisas – consegui responder.

– Claro. Mas compreendes porque é que eu estou. Humanitário e giro.

– Estou a entrar no metro – menti.

Billie mandou cumprimentos para o meu irmão.

Steven tinha comprado comida suficiente para uma dúzia de convidados.

– Espero que tenhas espaço para os restos no congelador – disse-lhe.

A televisão estava ligada, a dar um documentário que já tínhamos visto duas vezes sobre Danny Way, o tipo que saltou da Grande Muralha da China num *skate*. *Waiting for Lightning* fazia parte da coleção de DVD de Steven sobre heróis dos desportos radicais. Víamo-los juntos muitas vezes: Laird Hamilton e Travis Pastrana também entravam. Achávamos inspirador ver as pessoas que eram as melhores do mundo naquilo que faziam, e que conseguiam estas proezas contra todas as expectativas.

Steven já tinha posto a mesa e até acendera velas. O efeito seria completo se ele não estivesse vestido com umas calças de pijama de flanela e uma *T-shirt* a dizer THRASHER.

– Era capaz de o ver todos os dias – disse eu.

– Queres vinho?

– Quero uma bebida a *sério*. Tens vodca?

Ele tirou uma garrafa de *Stoli* do congelador.

– Bem mereces – disse.

Servi-me de uma dose dupla. Steven fez o mesmo. Erguemos os copos.

– Ao *George* – disse ele.

Sentámo-nos à mesa, rodeados por comida tão bonita que merecia ser fotografada. Pus um bocadinho de tudo no prato, embora soubesse que não conseguiria comer.

– A Billie ligou-me ainda agora, quando vinha para cá. Convidei-a para se juntar a nós, mas ela vai encontrar-se com o McKenzie – disse, à procura de uma reação. Às vezes, pedimos precisamente aquilo que nos destruirá.

– Vai sair com ela outra vez? – perguntou Steven, e depois viu no meu rosto o peso das palavras *outra vez*. – Ouve, não vai durar mais do que três minutos. Na verdade, os três minutos provavelmente já acabaram.

– Merda, ele já foi para a cama com ela?

– Ela só tem uma velocidade: máxima.

– Foi ele que te disse isso, ou é uma observação tua?

– Tu já a viste.

O que é que eu vira? Uma mulher bonita e enérgica cuja confiança a fazia ultrapassar os obstáculos. Que homem a rejeitaria?

– Mas não estava à espera disso – disse Steven.

– Porque não?

– Não chegaste a conhecer a mulher do McKenzie, a Louise. E eu acho que ele ainda não a esqueceu completamente. Ela andou connosco na

universidade. Era uma pessoa que estava sempre a olhar para os outros, não para si própria. Até eu tive um fraquinho por ela. Eu e todos os outros tipos da nossa turma.

– Era assim tão cativante?

– Estava muito à vontade consigo própria. Tinha uma aura de confiança. Não havia nela um pingão de timidez. Nunca percebi porque é que algumas mulheres acham que os homens gostam dessa timidez afetada. É uma parvoíce. A Claire também tinha essa confiança; para essas pessoas, não há meios-termos.

– Eu sei da morte da Louise.

– Foi ele que te contou? Nunca fala no assunto.

– Encontrei a notícia *online*.

O prato de Steven já tinha espaço para a segunda ronda. O meu estava intocado.

Podia ter feito mais perguntas sobre o ex-colega do meu irmão. Mas o que estava a tentar descobrir? O porquê de ele ter convidado Billie para sair e não a mim? Steven não tinha essa resposta.

Em vez de se levantar para se servir outra vez, Steven trocou o prato vazio pelo meu, que estava cheio. Teve a consideração de não fazer comentários sobre a minha falta de apetite. Servi-me de outro *Stoli* para lhe fazer companhia durante mais meia hora.

O meu terceiro *Stoli* foi servido pelo empregado de bar no Isle of Skye. Pensei em ligar para Amabile, que vivia perto. Não estava preparada para ir para casa. Mas sabia que ele estaria com a sua grande família dominicana, e era melhor assim; não era de familiaridade que eu precisava. Nunca tinha estado neste bar; geralmente ia ao Barcade, onde jogava os jogos de vídeo antigos, como o *Tapper*. Fazia-me sentir como uma miúda outra vez. O Isle of Skye tinha um ambiente diferente: escocês, cabedal preto, um *pub* cheio de escoceses que não celebravam o Dia de Ação de Graças. Atrás do balcão havia uma fotografia emoldurada da rainha em frente de uma fila de escoceses de *kilt*, sentados. O *kilt* do homem à direita dela tinha subido e revelava os órgãos genitais nus.

Estudei a multidão – mais homens do que mulheres, mais *hipsters* do que escoceses – e depois peguei no telemóvel e entrei na conta do Tinder que

tinha aberto antes de conhecer Bennett. Uma fotografia de um homem em tronco nu, de calções, apareceu no meu ecrã, com o nome de utilizador Monstro do Pântano. *Queres conhecê-lo?* perguntou a aplicação. *Sim? Não? Talvez?* Carreguei em *Talvez*. *Queres ver onde está Monstro do Pântano?* Cliquei em *Sim*. Ele estava a dois quarteirões dali. Assim que cliquei em «sim», ele passou a ter acesso ao meu perfil e fotografia. O perfil dele dizia que era um ator que dava aulas de artes marciais mistas. Dizia gostar de filmes de Bollywood, vodka russa e mulheres americanas. Mande-lhe uma mensagem: *Estamos de acordo em duas dessas três*.

Quase tinha acabado a bebida quando recebi uma mensagem do Monstro do Pântano a perguntar-me onde estava. Respondi com o nome do bar. Minutos depois, um tipo alto entrou e, mesmo a metros de distância e com a iluminação fraca do bar, vi que ele tinha olhos azuis. Com o cabelo escuro a cair sobre aqueles olhos, era de morrer.

– Não és parecida com a tua fotografia – disse ele em vez neutra. Estaria a dizer que a fotografia não me fazia justiça, ou que eu cometera uma fraude?

– Tu és igualzinho à tua – disse-lhe, tentando imitar o tom de voz neutro.

– Ainda bem que entraste na aplicação esta noite. Os feriados são sempre mais mortos.

Uma amiga muito sábia disse-me uma vez que o facto de um homem ser atraente não significa *necessariamente* que seja um filho da mãe. Apercebi-me de que já estava a arranjar desculpas para ele, e o rapaz não fizera mais do que responder ao meu contacto.

– Queres outra bebida? – perguntou ele, e fez sinal ao empregado antes de eu responder.

– Claro – respondi, tardiamente.

Comecei a fazer-lhe perguntas sobre ele. Não por querer informação, propriamente, mas para poder ouvir-lhe a voz. Sempre tive um fraquinho por vozes masculinas. A dele era profunda e falava como se estivesse a confidenciar-me segredos. De longe a longe, havia um leve sotaque sulista; Louisiana? Oh, por favor, espero que ele seja de New Orleans.

Quase: disse-me que era de Lafayette e que a família do lado do pai era *cajun*. E que papéis é que já tinha feito? Era uma pergunta complicada, potencialmente embaraçosa. Ele disse que tinha tido um pequeno papel secundário num filme de Gus Van Sant e que ia participar numa série na HBO.

Eu nunca quisera aparecer no ecrã ou no palco, mas isso não me impedia de ter o mesmo interesse que muitas pessoas por quem o fazia. Como é que os atores conseguiam perder-se em frente de desconhecidos? E se ainda estivessem a tentar *encontrar-se*?

– Queres que continuemos a – e aqui fez aspas com os dedos – «conhecer-nos um ao outro», ou queres ir divertir-te?

Consegui a ao mesmo tempo ser trocista e sedutor. Era um desafio. Tive um momento de pensamento mágico que me persuadiu de que nada de mau podia acontecer no Dia de Ação de Graças.

Fomos para casa dele em Dumbo. O caminho era complicado; tivemos de contornar um armazém renovado até às traseiras, onde ele enfiou a chave na fechadura e sacudi a porta para a abrir. Se não fossem as luzes acesas em algumas das janelas do edifício, teria desistido de entrar.

Dentro do apartamento, em frente de uma janela virada para a Ponte de Brooklyn, estava um saco de pugilismo. De cabedal, cor de conhaque, parecia mais um adereço de um filme.

– É aqui que treinas?

– Não – respondeu ele, lacónico.

Aproximei-me da janela para ver a vista, mas ele interrompeu a minha admiração da paisagem. Despiu-me o casaco e atirou-o para cima de uma cadeira. Depois agarrou-me no cabelo e enrolou-o ao pulso. Ficou parado atrás de mim. Segurei-lhe o pulso. Ele largou primeiro. Quando me virei para ele, pegou-me ao colo como um noivo pegaria na noiva e levou-me para a cama.

Minutos depois, acendeu a luz da mesa de cabeceira.

– Quero ver-te.

Vi que as janelas do quarto dele não tinham cortinas nem persianas e que o quarto estava virado para uma parede de janelas altas no edifício moderno do lado. No mesmo momento em que me senti exposta, e em exposição, senti-me também segura. Estava visível. Ele despiu-me o resto das roupas. Disse que estava surpreendido por me achar tão atraente, que eu não era o tipo dele.

Teria McKenzie dito uma coisa dessas, pensado tal coisa? Respondi à minha própria pergunta: de certeza que ele não estava sequer a pensar em mim.

Foi apenas um instante fugaz, e voltei ao presente.

– E as mulheres do teu tipo fazem isto? – perguntei, e comecei a tocar-me, sem tirar os olhos da cara dele. – E isto? – Introduzi o dedo dentro de mim própria.

Aquilo que me incomodara momentos antes – o quarto iluminado, exposto aos olhares dos vizinhos – estava agora a encorajar-me de forma inesperada. Pensei em Billie. Senti que estava a competir com ela em frente deste homem, e ao mesmo tempo queria ser ela.

Mostrei-me à altura.

Enquanto olhava para mim, ele começou a despir-se. Disse-lhe «Não» e ele ficou vestido e agachou-se aos pés da cama, onde podia ver o meu corpo ao nível dos olhos – se eu, que estava de joelhos, me deitasse. Senti a pressão nele, a pressão de estar a conter-se. De esperar. Continuei. Demorei-me. Levei-me ao orgasmo em frente dele naquele quarto bem iluminado.

Ele ficou onde estava, ao fundo da cama, enquanto eu me vestia. Nenhum de nós disse uma palavra. Vi uma luz apagar-se no edifício da frente.

Ele não fez qualquer tentativa de pedir reciprocidade. Terá sido o espanto que o deixou ir-me embora?

Faltava uma semana para as férias do fim do semestre e eu estava em Rikers para uma última sessão com uma paciente, uma transexual com quem tinha conversado várias vezes ao longo do último ano. Ela ia ser libertada na semana seguinte. Shalonda conseguiria convencer qualquer pessoa de que era do sexo feminino. Tinha feições delicadas, uma voz quente e melodiosa e seios para os quais tinha começado a poupar ainda na escola secundária. Levara com as culpas em vez do amante num caso de fraude com cheques, mas ainda tinha esperança de que pudessem retomar a sua vida doméstica em Ozone Park.

– Sei que o JJ é um aldrabão, mas também sei que ele me ama – disse Shalonda.

– Como é que ele o demonstra? – Estava mesmo interessada em saber.

– Diz aos amigos, e eles dizem-me a mim.

– E nunca lhe diz a si?

– Comprou-me um vestido, para quando eu sair. Quer que eu faça a última operação.

– E o que é que *você* quer?

– Quero fazer o JJ feliz. Sei que não considera isso uma boa razão.

Senti que não tínhamos feito qualquer progresso. Ela ainda não conseguia admitir os seus próprios desejos e necessidades.

– Já aceitei há muito tempo – disse Shalonda –, que podemos ser felizes, ou ter razão. E eu sou feliz quando o JJ pensa que tem razão.

O meu caso com Bennett fora um segredo tão completo que a sessão da noite anterior, naquele quarto tão bem iluminado, com um desconhecido, fora uma espécie de antídoto radical; fizera-me sentir que era eu que estabelecia as condições.

– Desculpe? – perguntei a Shalonda.

– Onde é que estava? – Ela sorriu. – De repente ficou muito longe daqui.

Corei com este lapso tão pouco profissional. Disse-lhe que me tinha deitado tarde e concentrei de novo a minha atenção na paciente.

– Estava a dizer que sei quem sou, seja qual for a minha forma exterior. A operação não me vai tirar nada. Bom, além do óbvio.

Senti-me como se estivesse a fazer batota – estava a tirar tanto proveito da sessão como Shalonda, talvez até mais. A sólida noção de identidade dela, a sua sabedoria calma – quanto mais falávamos, mais bem eu me sentia.

Disse a Shalonda que tinha sido um privilégio trabalhar com ela e que esperava que me fosse dando notícias de como lhe corriam as coisas depois de sair. Dei-lhe um cartão de visita e acrescentei o meu número de casa. Abraçámo-nos e Shalonda disse:

– É uma sensação boa, surpreendermo-nos a nós próprias... vai ver.

Conseguiria Shalonda ler os pensamentos? Não havia dúvida de que eu me surpreendera a mim própria na noite anterior.

Decidi atravessar a pé a ponte para Queens, apesar de parecer uma zona militarizada, com o arame farpado e os postos de controlo. O vento soprava de forma cortante.

Graças a Bennett, tivera todas as surpresas de que precisava. Pelo menos, era o que pensava. Quando passei por um café com um quiosque, parei ao ver a primeira página do *Post*. O cabeçalho dizia «Sem coração». A história era sobre uma mulher de cinquenta e dois anos de idade, encontrada no seu estúdio de pintura em Sag Harbor com o coração arrancado do corpo e colocado em cima do peito.

Sentei-me num caixote e baixei a cabeça para não desmaiar. Quando

consegui, levantei-me e comprei o jornal. O empregado teve de me chamar para me dar o troco.

O repórter escrevia que o corpo tinha sido colocado de forma a imitar os autorretratos que a vítima fizera, onde aparecia com um coração de porco encostado ao peito. O médico-legista calculava que a morte se dera uma semana antes. Ainda não havia pistas quanto ao autor do crime macabro.

Eu tinha estado naquele estúdio uma semana antes. A cadela de Pat atirara-se contra a janela ao ouvir um som lá fora. Se não tivesse saído quando saí, teria sido também assassinada? Senti os cabelos da nuca arrepiados como se estivesse a ser percorrida por uma corrente elétrica. O assassino de Pat podia ter-me visto através da janela. Estaria a observar-me neste momento? Mandei parar um táxi e dei ao motorista a morada de Steven. Teria de pedir ao meu irmão que lhe pagasse, pois não tinha comigo dinheiro para a viagem desde Queens.

– Esta noite dormes aqui – disse Steven, depois de eu lhe contar o que acontecera.

– E a *Olive*?

– Trazemo-la às escondidas. – O prédio de Steven não permitia animais de estimação.

– Foi a Samantha que me disse onde a Pat vivia. Ela ainda pensa que o Bennett está vivo. Diz que ele lhe escreve e lhe manda flores.

Steven perguntou-me se achava Samantha capaz de um ato de tamanha selvajaria.

– Acho que ela me seguiu até Sag Harbor.

– Não me contaste isso. Tens de dizer à polícia.

– Não me levaram a sério quando liguei com as minhas suspeitas em relação à Susan Rorke.

– Não estavas lá quando a Susan foi morta. – Steven estendeu-me o seu telemóvel.

Fiz o que ele queria. Passaram-me a chamada para um detetive da polícia de Suffolk County e contei-lhe as minhas suspeitas no tom de voz mais calmo e «não sou maluca» que consegui. Disse-lhe que achava que esta pessoa já tinha matado duas vezes e falei-lhe sobre o caso de Susan Rorke. Ele marcou uma hora comigo, na manhã seguinte, para ir prestar declarações.

Quando desliguei, estava exausta. Deixei-me cair numa cadeira na sala de

Steven, com a cabeça apoiada na mão, o retrato da derrota. Depois Steven perguntou-me se estava pronta para ir buscar *Olive*. Vi que, enquanto eu estava ao telefone, ele esvaziara o saco do ginásio e colocara lá dentro uma manta macia e toalhas ainda quentes da máquina de secar, para a minha cadelinha.

As notícias locais, nas reportagens sobre a morte de Pat, realçaram o facto de ela ser neta do expressionista abstrato Paul Loewi. Loewi era contemporâneo de Kooning e Pollock, famoso pelas suas pinturas da série *Matadouro*, telas negras gigantescas, com formas vermelhas a fazer lembrar carcaças. Um «artista para artistas», não partilhara a riqueza ou reconhecimento internacional dos amigos, mas os seus quadros eram valorizados pelos mais entendidos.

Steven e eu vimos as reportagens em todos os canais noticiosos. Eu precisava de ouvir todos os relatos do homicídio macabro. Contudo, por mais repórteres que ouvisse falar do caso, não conseguia livrar-me de uma sensação de incredulidade.

Nancy Grace estava imparável: uma teoria punha a culpa do homicídio num culto religioso da área, que praticava sacrifícios animais como parte das suas cerimónias. Ela disse que tinham desaparecido vários animais de estimação no East End nos últimos seis meses. A cadela da mulher assassinada continuava desaparecida. Outra teoria falava de uma morte cometida sob o efeito de drogas, disse ela. Mas não havia suspeitos detidos.

– A Nancy Grace devia conhecer a Samantha – comentei.

O convidado seguinte era um especialista em assassínios rituais religiosos. Ele disse que retirar o coração de um animal não é invulgar, que em muitas religiões o coração simboliza força; ao mordê-lo, a pessoa que o remove adquire a força da criatura. Porém, remover um coração humano e colocá-lo em cima do corpo é uma profanação, inédita em qualquer religião conhecida. É um ato de violência sem qualquer contrapartida espiritual, disse o especialista. Nancy Grace perguntou-lhe se achava que este homicídio era algo mais no género de um culto como o dos seguidores de Charles Manson.

– A violência, neste caso, é pessoal – disse o especialista.

Pedi a Steven para me passar o telemóvel, que estava na mesa ao lado dele.

Liguei a Amabile e pedi-lhe que fosse comigo à esquadra. Precisava de

um polícia que acreditasse em mim, não que desconfiasse de mim. Sabia que ele tinha um primo que era detetive na polícia de Suffolk County.

– Ele vai ouvir-te – disse Amabile. – É um tipo às direitas. Se não te importares de ir de mota, posso levar-te.

Amabile é que era um tipo às direitas. E disse-lhe isso mesmo.

Andar de mota por estradas geladas, cobertas de sal, no princípio do inverno, fez-me lembrar o que costumavam chamar às motorizadas: *donorcycles*². Eu já tinha tido alguns sustos com motas quando era adolescente e, embora Amabile me tivesse emprestado um capacete, as minhas pernas estavam vulneráveis se derrapássemos. Por outro lado, estar agarrada a um homem e encostada ao corpo dele era uma viagem *sexy*. Tive receio de que Amabile tirasse ilações erradas da situação – estava bastante certa de que ele ainda desejava que as coisas entre nós tivessem resultado.

Quando desci da motorizada, tinha as pernas bambas e cambaleei um bocadinho. Amabile segurou-me no braço e apoiei-me nele. Passou o braço à minha volta até eu recuperar o equilíbrio. Entrámos na esquadra com os capacetes na mão.

O primo de Amabile, Bienvenido, convidou-me a entrar para uma sala vazia e trouxe-me um café quente.

– É possível que eu tenha sido a última pessoa a ver a Pat Loewi viva. – Contei-lhe porque a tinha ido visitar e disse que fora a primeira e última vez que estivera com ela.

– Quando é que chegou, e a que horas se veio embora?

Era a primeira pergunta, ao fim de uma hora de conversa, que visava eliminar-me ou confirmar-me como suspeita. Ele deu os seus apontamentos a outro polícia, para confirmar a minha história, e depois perguntou-me se tinha reparado em alguma coisa estranha no comportamento de Pat nessa tarde. Disse-lhe que seria mais fácil se me perguntasse o que não tinha sido estranho. Perguntei-lhe se Amabile lhe contara que Pat tinha em tempos vivido com o meu ex-noivo.

– Estou a par da história – disse Bienvenido. – Que mais pode contar-me?

– Devia falar com a Samantha Couper – disse-lhe, e expliquei porquê.

Quando acabámos, Amabile disse:

– Obrigado pelo teu tempo.

Agradei também a Bienvenido por nos ter recebido e ele disse:

– Não tem que agradecer, foram bem-vindos.

– Não, o senhor é que é «bem-vindo» – disse-lhe eu. – Sei um bocadinho de espanhol. *Bienvenido*.

Amabile insistiu em levar-me a casa. Atrás dele, na mota, com o vento frio a passar através do casaco e calças, pus em causa a força das minhas suspeitas. O que é que *eu* sabia? Talvez não houvesse qualquer relação entre a morte das duas mulheres.

E depois lembrei-me de uma terceira mulher que também estava envolvida.

*

Steven era contra a minha ida. Para dizer o mínimo.

– Como sabes se a Samantha não tem razão, se o Bennett não está ainda vivo? A polícia nunca identificou o corpo.

– Eu sei que era o corpo dele.

– Estavas em choque. E se esse Jimmy Gordon ainda anda por aí e tu estás prestes a bater à porta da mãe dele? E se ele estiver em casa da mãe?

– A polícia de Boston comparou o ADN encontrado na Susan Rorke com o do corpo encontrado no meu quarto e pertencem à mesma pessoa.

– Alguém tem mandado flores à Samantha – disse Steven.

– Ela é maluca. Provavelmente é ela que as manda.

– Não podes ter a certeza.

– Emprestas-me o carro?

– Não sabes o que podes encontrar. Além disso, e se houver *mesmo* alguém a mandar flores à Samantha? Não quero que sejas um dano colateral se alguém anda a manipular a Samantha. Talvez seja a mesma pessoa que te manipulou para te fazer ir a Boston.

– Tenho quase a certeza de que foi a Samantha que fez isso.

– Quase a certeza não é a mesma coisa do que a certeza absoluta – disse Steven. – O que esperas descobrir?

– O que preciso de descobrir é algo que mais ninguém, a não ser a mãe dele, me pode dizer: como é que me apaixonei por aquele homem.

– Porque achas que ela te pode dizer isso?

– Porque ela também o deve ter amado.

² Combinação das palavras «*donor*», «dador», e «*motorcycle*», «motorizada». Referência ao elevado número de motociclistas que, por morte cerebral após acidentes de viação, se tornam dadores de órgãos. (*N. do E.*)

A viagem de nove horas de carro até Rangeley, no Maine, deu-me demasiado tempo para pensar naquilo em que me ia meter. Parei junto do rio Androscoggin para caminhar um pouco, apesar do frio, e tentar encontrar dentro de mim alguma compaixão pela mãe de Bennett antes de entrar na Lake House, a estalagem de que ela era proprietária.

Rangeley no inverno é uma cidadezinha calma, coberta de neve, muito diferente do que devia ser no verão, com os turistas a ocuparem as pequenas cabanas e a encherem o lago de caiaques e barcos à vela.

Não me apressei a chegar à Lake House. A mãe de Bennett só me esperava ao fim da tarde, e já estava arrependida por ter deixado que ela me persuadisse a ficar lá instalada. Quando lhe disse ao telefone que tinha estado noiva do filho, a mãe dele – que só há dez dias fora informada da morte desse filho há muito desaparecido – pensou que eu estava a ligar por querer ir ao funeral, que estava marcado para este domingo. Engoli em seco, surpreendida, mas não lhe disse o verdadeiro motivo pelo qual queria falar com ela. Ela disse que era muito importante para ela conhecer-me e que eu estivesse presente na cerimónia. Dei por mim a ceder aos desejos de uma mãe. Aproveitaria a ocasião para tentar descobrir o máximo possível sobre o filho dela em criança. Seria bom para a minha pesquisa.

Estacionei o velho *Saab* de Steven a cerca de dois quarteirões e passei pela Lake House sem parar. Queria estudar o local antes de entrar. Passei por duas lojas de artigos desportivos, uma loja de *donuts* caseiros e um *pub* com dois velhotes sentados ao balcão. Do outro lado da rua, por trás de uma fila de cafés e uma estação de serviço, ficava o lago Rangeley, já coberto de gelo em algumas zonas, com as casas dos barcos fechadas. Presumi que a estalagem da mãe fosse semelhante àquelas onde Bennett costumava levar-me, mas, em vez de cortinas de renda e candeeiros com velas, as janelas da Lake House estavam cobertas por persianas escuras. Embora eu não esperasse canteiros com flores nas janelas no princípio de dezembro, fiquei surpreendida por o caminho de pedra até à porta não estar sequer assinalado com luzes, na escuridão. A porta era de vidro, sem qualquer tipo de

cobertura, e consegui ver a sala de entrada antes de tocar à campainha. Nada de feminino, apenas painéis de madeira nas paredes e mobílias utilitárias.

Uma mulher magra, de cabelo branco, abriu-me a porta.

– Sou a mãe do Jimmy.

Daí para a frente, tive de fazer um esforço para pensar em Bennett como «Jimmy». Renee abraçou-me, apesar de eu lhe ter estendido a mão para a cumprimentar. Pousou-me a mão nas costas e convidou-me a entrar para o calor da sala. Tinha uma chaleira a aquecer água para o chá na cozinha, e perguntou-me se já tinha comido.

Eu não me lembrava.

– Vou aquecer uma canja que alguém me trouxe ontem à noite. As pessoas têm sido muito simpáticas.

– Obrigada. – Pensei que nada que ela pudesse dizer-me sobre Jimmy compensaria isto.

– Esta noite pode escolher o quarto que quiser. Depois de jantar mostro-lhe a casa. Somos só nós as duas. As irmãs do Jimmy não podem vir.

Merda.

Instintivamente, olhei para a porta, avaliando a minha estratégia de saída. Preferia que as irmãs se juntassem a nós do que ter de jantar sozinha com uma mãe enlutada em sofrimento. Mas estaria ela realmente a sofrer? Movia-se pela cozinha como uma atleta – eficiente e hábil. Não estava maquilhada. Teria talvez sessenta e cinco anos, e o cabelo branco estava preso numa trança caída sobre as costas. Vestia calças de ganga e uma camisola de gola alta, com uma camisa grossa de xadrez vermelha e preta por cima. Devia ter o aquecimento baixo para poupar dinheiro, pensei. Estava frio dentro de casa. Ela tinha os olhos vermelhos e inchados, como se tivesse estado a chorar – pela morte do filho, ou por toda uma vida a ser magoada por ele?

Entrei na sala e olhei para as fotografias emolduradas espalhadas pela divisão. Havia várias imagens de duas raparigas ainda jovens, que deviam ser as filhas, numa praia rochosa. Com elas – um rapaz. O irmão, Jimmy. As raparigas estavam concentradas em algo dentro dos baldes de plástico que tinham na mão, mas Jimmy estava a olhar para a máquina fotográfica. Tinha de ter cuidado para não projetar aquilo que sabia sobre o seu comportamento posterior nesta imagem de um rapaz que parecia não ter mais de oito anos. Mesmo assim, o olhar dele tinha uma intensidade que eu

não associava a uma criança.

Outra fotografia de família mostrava as irmãs a brincarem com um gatinho. Ao lado estava uma foto das raparigas, mais ou menos da mesma idade, a brincarem com um cão. O que teria acontecido ao gatinho? Jimmy não estava em nenhuma destas fotografias. Tentei controlar a minha imaginação, que já estava a construir cenários aterradores, mas por que razão não estaria ele nas fotografias com os animais? E onde estava o pai? Em cima da lareira havia uma fotografia de Jimmy adolescente, talvez com uns dezassete anos. Eu teria tido uma paixoneta por ele na escola. Vestia um blusão de cabedal por cima de uma *T-shirt* branca e calças de ganga – a moda universal para os maus rapazes, que ele continuara a usar durante anos. Tinha o cabelo comprido e uma atitude agressiva; havia ali potencial. Perguntei a mim própria se a mãe sempre teria tido a fotografia ali ou se a colocara apenas depois de ter conhecimento da morte do filho.

Renee chamou-me para a cozinha e perguntou-me se me importava de comer ali, numa pequena mesa. Disse que estava mais quente, por causa do fogão. Eu tinha espreitado para a sala de jantar dos hóspedes, e era escura e pouco convidativa.

Sentada a centímetros da mãe de Jimmy senti-me subitamente tímida. Fiquei contente quando ela me fez logo uma pergunta sobre o filho.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? Como era o meu filho?

Eu nem sabia como havia de começar a responder a essa pergunta.

– Eu sei, é uma pergunta demasiado genérica. Mas há vinte anos que não sei nada do Jimmy. E aqui está a noiva dele.

O fardo era desmesurado. Fora eu que a contactara, recordei a mim própria. Eu é que a procurara. Devia-lhe uma resposta. Mas será que lhe devia a verdade?

– Era carismático. Era aventureiro. Adorava o Maine.

– Ele esteve aqui, no Maine?

Tudo o que eu lhe dissesse podia vir a causar-lhe sofrimento. Respondi com uma mentirinha inocente.

– Falava muito no Maine. – Parecia uma boa maneira de evitar a verdade.

– Ele falava sobre a família?

– O Jimmy vivia no momento.

– Era mesmo.

Pensei que ela tinha sido muito rápida a concordar comigo. Tentei evitar

mais perguntas fazendo uma.

– Como era ele em rapaz?

– Muito encantador, não há dúvidas quanto a isso. Conseguiu convencer as irmãs mais velhas a fazerem tudo o que queria. Uma vez, fez um paraquedas improvisado e pôs a Vanessa a experimentá-lo, a saltar do telhado da garagem. Ela teve sorte de não partir uma perna, ou coisa pior.

O seu tom de voz disse-me que a recordação deste evento a divertia – mas só porque a filha não se magoara.

– Era o mais inteligente dos três, mas detestava a escola. Não suportava que os professores lhe dissessem o que tinha de fazer. Mandeí-o para a escola militar, mas ele fugiu. O pai tinha estado na Força Aérea. O Jimmy não chegou a conhecê-lo.

Queria saber se o pai morrera ou abandonara a família, mas não tive coragem de perguntar.

– O que é que ele queria ser quando crescesse?

– A última vez que soube dele, queria ser artista ou músico. Mas nunca o vi desenhar, e não tinha paciência para praticar um instrumento. O que é que ele fazia quando o conheceu?

Esta mulher ia enterrar o filho no dia seguinte. Disse-lhe que ele tinha tido uma galeria de arte e, mais tarde, se tornara agente de vários músicos, uma mentira que lhe daria alguma paz. Mas queria obter a verdade dela.

– Ele sempre foi um mistério para mim – disse Renee.

E era essa a verdade.

Acabámos de comer. Eu devia parecer cansada da viagem e Renee disse-me para a acompanhar ao piso de cima, onde me deu a escolher entre dois quartos com decoração semelhante.

– Este tem mais luz de manhã – disse, portanto escolhi o outro, na esperança de dormir até mais tarde. O funeral era só à uma.

Dissemos boa noite uma à outra – sem abraços, desta vez – e, depois de fechar a porta do quarto, pendurei o vestido preto que trouxera para o funeral. Já o tinha usado uma vez, numa festa, mas desta vez vestiria *collants* pretas em vez de meias de liga de renda.

Na manhã seguinte, acordei com o som de uma discussão lá em baixo.

– Como pudeste deixá-la ficar aqui? – A mulher não fez qualquer

tentativa de baixar a voz.

Ouvi Renee dizer:

– A culpa não é *dela*. Conduziu nove horas para vir ao funeral. Tenho muito espaço.

– Então agora temos de fazer conversa com a namorada dele o dia inteiro?

– Estavam noivos – corrigiu Renee.

– Azar o dela. – Qual das irmãs estaria tão zangada por eu estar aqui?

– Ela é muito simpática. Vais ver.

Escolhi este momento para descer. Precisava de café e esperava que Renee tivesse feito café, apesar de só ter uma hóspede. Preparei-me para conhecer a irmã.

– Morgan, esta é a minha filha Vanessa.

Vanessa era Bennett em versão feminina. Jimmy em versão feminina. Alguns centímetros mais baixa do que o irmão, Vanessa tinha o mesmo cabelo escuro e olhos azuis, e até a postura era a mesma, apoiada numa anca. Ainda não vestira a roupa para o funeral, ou talvez não planeasse mudar de roupa para isso. Vestia roupas de inverno básicas, como as que se compram em qualquer armazém L.L. Bean. Vanessa mirou-me de alto a baixo, sem tentar disfarçar. Eu falei primeiro e disse-lhe que lamentava muito a morte do irmão.

– É a primeira vez que ele vem a casa em vinte anos – disse ela. – Suponho que desta vez não pode ir-se embora a seguir.

Perguntei a Renee se tinha café na cozinha e, quando ela se ofereceu para me ir buscar uma chávena, disse-lhe que podia ir eu, mas Renee insistiu, pelo que me vi sozinha com Vanessa.

– O que ele a fez passar... – disse Vanessa, e não precisou de dizer mais nada. Não havia nada que eu pudesse responder. Muito menos sem ter bebido café.

Tentei outra abordagem.

– Quando é que vou conhecer a Lisa?

– Ela há de aparecer – disse Vanessa, sem entrar em mais detalhes.

Embora Vanessa estivesse a ser antipática, eu estava fascinada com o quanto ela se parecia com Jimmy, tanto fisicamente como na voz. Queria provocá-la, ver essa semelhança ganhar vida.

– É muito parecida com ele – disse-lhe, sabendo que ela ia refutar a

afirmação.

– Ele é que é parecido comigo. Ou melhor, era.

– A sua mãe sabe como ele morreu?

– Foram os seus cães, segundo nos disseram. Imagino que tenha sido o sentimento de culpa que a trouxe aqui.

– Queria saber mais sobre o homem com quem ia casar – respondi, sem morder o isco.

– Também nós. Mas a minha mãe não aguenta mais más notícias.

Renee trouxe o café e uma travessa com bolos de canela comprados. Pediu desculpa por não fazer um pequeno-almoço mais substancial, e Vanessa recordou-lhe que era a manhã do funeral do filho e que ninguém esperava que estivesse a preocupar-se com essas coisas.

– Sentem-se, sentem-se – disse-nos Renee.

Sentei-me à mesa, mas Vanessa continuou de pé.

– Não vais mudar de roupa, querida? – perguntou Renee à filha. – Sempre decidiste vir ao funeral?

Eu não me apercebera de que isso era uma possibilidade, de que a irmã de Jimmy podia não estar presente no funeral dele.

– A Lisa chega ao meio-dia. Pode dar-nos boleia – disse Renee.

– Estando aqui, vou. – Vanessa enrolou um bolo de canela num guardanapo para levar consigo.

– Ela é muito protetora em relação a mim – disse Renee depois de Vanessa sair. – Não posso censurá-la por isso.

– Quero que saiba o quanto lamento. Nada a podia ter preparado para isto.

– Pensei que a palavra *isto* era suficientemente genérica para poder significar tanto ou tão pouco quanto a mãe quisesse. Não tencionava visitar o dia da morte dele. Deixá-la-ia comandar a conversa.

– Agradeço-lhe muito ter vindo de tão longe, mas gostava de ficar um pouco sozinha.

Peguei no casaco e nas luvas e saí o mais graciosamente que pude; caminhei ao longo da margem do lago até à antiquada loja de *donuts* que vira na véspera. Percebi que as raparigas atrás do balcão estavam curiosas em relação a mim. Seria assim tão raro ver uma pessoa de fora na época baixa?

Não precisei de pensar muito no assunto, pois uma mulher mais ou menos da idade de Jimmy ofereceu-me a cadeira vazia na sua mesa.

– Veio para o funeral do Jimmy?
– Conhecía-o?
– Desde a escola primária. Então você é a tal que o conseguiu fazer assentar.

A tal ?

– Também tive um fraquinho por ele, mas parece que escapei de boa.
O que é que todos sabiam sobre ele que eu desconhecía?
– Está a falar de quê? – Até agora, à exceção de Renee, toda a gente estava a ser muito desagradável comigo.
– Já não tem importância, pois não?
– Para mim tem.
– Talvez também tenha escapado de boa. Ele roubou as poupanças da mãe antes de desaparecer da cidade.

Lembrei-me de uma amiga me ter dito uma vez que, para sabermos como um homem nos vai tratar, devíamos ver a forma como ele trata a mãe.

– Isso, e... oh, não sei... o facto de ter provado todas as raparigas da cidade.

Esta informação agonizou-me e, ao mesmo tempo, deixou-me empolgada. Queria que esta mulher continuasse a falar, tanto como não queria ouvir nem mais uma palavra. Ela tomou a decisão por mim.

– Foi um prazer – disse, e levantou-se. – Mande os meus cumprimentos à Renee.

Deixou-me com o meu café e a sensação de que tinha escolhido a profissão errada. Não sabia nada sobre pessoas.

Lisa veio buscar-nos num velho *Jeep Cherokee* preto. Deu o braço a Renee enquanto a conduzia ao carro. Vanessa saiu do lugar do passageiro para deixar a mãe sentar-se à frente, o que significava que ela e eu iríamos juntas no banco de trás. Ela não tinha mudado de roupa para o funeral. Renee vestia uma saia e um casaco de lã pretos por cima de uma camisola de gola alta com um padrão, meias pretas e sapatos rasos. Lisa fizera um esforço. Vestia um simples vestido preto e justo por baixo de um casaco castanho-claro e botas pretas pelo joelho.

– Podes ligar o rádio? – pediu Vanessa.

Lisa ficou chocada.

– Estás a brincar?

– Que mal tem um bocadinho de música?

Renee disse que não se importava, desde que pusessem uma estação de música clássica.

– Esquece, então – disse Vanessa.

A minha pulsação acelerou quando ela o disse: era como se tivesse sido o irmão a falar.

Depois disso seguimos viagem em silêncio, exceto quando as irmãs discutiram qual o melhor caminho para a igreja. Bennett dissera-me que tinha sido criado como católico, por isso não fiquei surpreendida quando vi Lisa entrar no parque de estacionamento da Nossa Senhora dos Lagos em Oquossoc, uma elegante igreja católica de tijolo vermelho a dez minutos de Rangeley. O interior fez-me lembrar uma cervejaria alemã, com as vigas bávaras a cruzarem o teto.

Não me teria surpreendido encontrar todos os bancos ocupados, nem me teria surpreendido vê-los vazios. No primeiro caso, pensaria que as pessoas estavam ali por Renee, não pelo filho distante. Estava certa – a congregação incluía apenas pessoas da idade de Renee, na sua maioria mulheres – e errada, porque os bancos estavam longe de estar cheiros. Um organista tocou «Não Tenhas Medo», que eu sabia ser um dos hinos habituais em funerais católicos. Dá-me uma razão, pensei, para não ter medo.

– Quanto é que gastaste no caixão? – perguntou Vanessa à mãe.

Lisa mandou-a calar.

– A sério – insistiu Vanessa. – Precisas é de uma fornalha nova.

– Para com isso – disse Renee.

Depois o padre aproximou-se. O padre Bernard cumprimentou a família e acenou-me com a cabeça quando Renee me apresentou. Pegou nas mãos de Renee e falou com ela em voz suave, as palavras de consolo gastas pelo tempo. Quando se afastou para se dirigir ao púlpito, debati comigo mesma se devia ajoelhar-me com o resto dos congregantes durante a missa, ou se devia ficar sentada. Não era católica, mas não queria atrair mais atenções nesta cidadezinha tão pequena. Mesmo que me ajoelhasse, não poderia fazer a comunhão. Presa por ter cão, presa por não ter.

A missa fúnebre foi em latim – Renee disse-me que tinha sido ela a pedi-lo – e deixei os sons sem significado passarem por mim. Achava os rituais reconfortantes, embora não fossem os meus rituais.

O último funeral onde tinha estado fora o de Kathy, um funeral «ecológico». Sem caixão, sem lápide; levámos o corpo dela, enrolado num sudário, num carrinho de mão, para as profundezas de uma floresta na Virgínia, de onde ela era natural, até uma área designada onde nós, os amigos, cavámos a sua sepultura. Kathy não pesava praticamente nada, no fim. Tirámo-la do carro e pusemo-la no chão. Depois de taparmos a sepultura, espalhámos folhas sobre a terra remexida e limpámos as nossas pegadas com ramos.

Depois desta missa, o padre chamou vários homens mais jovens da congregação para levarem o caixão da igreja. Era costume a família ir atrás do caixão, à frente dos restantes, mas seria eu considerada família?

Junto da campa, o padre convidou os presentes a fazerem «um gesto de despedida adequado». Renee, que chorava baixinho, atirou uma rosa branca para cima do caixão. Lisa atirou um punhado de terra para dentro da campa. Vanessa olhou para baixo, para o caixão do irmão. Tive a terrível sensação de que ela ia cuspir-lhe em cima, mas simplesmente virou costas sem fazer nada. Perguntei a mim própria se ela me puxaria para trás caso eu me aproximasse para me despedir. Não tinha nada a dizer, e nada para atirar para cima do caixão.

Vanessa apoiou a mãe enquanto se afastavam da campa. Lisa ficou para trás, sozinha, a chorar.

Eu não era uma atriz suficientemente boa para convencer Lisa de que partilhava a perda dela, mas tentei manifestar algo do género. Ela agradeceu-me e disse que ia sentir a falta dele, embora já a tivesse sentido nestes anos todos desde que ele deixara a família. E depois disse que a perturbava saber que ele tivera uma morte tão violenta.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? *Ele* alguma vez foi violento?

– Como assim? – Lisa parecia surpreendida com a minha pergunta. – Ele era violento consigo?

Disse-lhe que a polícia de Boston pensava que ele tinha assassinado uma mulher.

– Ninguém nos disse isso. Quem é que pensam que ele matou?

– A noiva.

– Então quem diabo é você?

– Ele tinha mais do que uma.

– Não compreendo. O que quer dizer?

Vanessa reparou na agitação da irmã e deixou a mãe rodeada por amigos. Aproximou-se e perguntou o que se passava.

– Ela diz que o Jimmy era um assassino – disse Lisa. – Que matou a noiva. A *outra* noiva. Que me dizes disto?

– Não sei quem é nem o que quer de nós, mas é melhor ir-se embora e depressa – disse Vanessa.

Era tão parecida com Bennett, a voz tão semelhante, que foi como se ele me ordenasse para sair do seu próprio funeral. Era a última vez que eu lhe obedeceria.

Antes de partir para o Maine tinha contactado alguns abrigos de animais que poderiam recolher *Cloud*, começando pelo melhor – Best Friends, em Kanab, no Utah. Queria que *Cloud* estivesse o mais perto possível de mim, e pensei que talvez pudessem indicar-me algum bom abrigo no Nordeste. Porém, todos os sítios que contactei tinham listas de espera que por vezes eram de um ano. E uma vez que um «cão perigoso» teria de ficar isolado, sem poder brincar com outros cães nem socializar com outras pessoas além do tratador que o levaria ao exterior para fazer as necessidades, seria uma vida de prisão e isolamento. Eu conhecia pessoas no mundo dos direitos dos animais que consideravam que havia algo pior do que a eutanásia, e era a isto que se referiam. Os cães enlouqueciam nessas condições, e a sua infelicidade manifestava-se de muitas maneiras. Poderia eu sujeitar a minha cadela a isso? Seria escolher o mal menor o melhor que podia fazer por *Cloud*? Qual *era* o mal menor? Queria saber a opinião de McKenzie.

Ainda estava a dormir no sofá-cama de Steven. Fiz um café e liguei para o escritório de McKenzie.

– Escritório de Laurence McKenzie – disse uma voz familiar.

– Billie?

– Sim, quer deixar alguma mensagem?

– Sou eu, a Morgan.

– Morgan! Já tínhamos pensado onde é que andarias.

– O que estás a fazer aí?

– A dar uma ajuda. A secretária dele despediu-se. – Billie estava a fazer-se indispensável para ele.

– Quando é que ele volta?

– *Faye*, para de bater os dentes – disse Billie à cadela de McKenzie. – Desculpa, o que é que perguntaste?

– Queria falar com o McKenzie sobre a *Cloud*. Todos os abrigos que contactei têm uma grande lista de espera.

- Então o que vais fazer?
- Começo a pensar se o *George* não foi o que teve mais sorte – confessei.
- Há duas semanas não pensavas assim.
- Preciso de falar com o McKenzie. Podes perguntar-lhe?
- Ele está aqui. Eu estou na receção. Vou chamá-lo.

Antes que eu assimilasse esta informação, McKenzie já estava a dizer-me que era bom ouvir a minha voz.

Expliquei-lhe o motivo do meu telefonema e perguntei-lhe se podia encontrar-se comigo no Crown Vic's depois do trabalho. Este café, uma ex-estação de serviço de carros da polícia na South Second Street, era novo, por isso terreno neutro. Esperava que ele não trouxesse Billie; queria algum tempo a sós com ele. O pensamento era obsceno, dadas as circunstâncias. Íamos falar sobre o que faz com que valha a pena viver para um cão, e os ciúmes não tinham qualquer lugar aqui. Porém, mesmo com a vida da minha cadela em jogo, não consegui evitar pensamentos mesquinhos, e estava magoada por ele ter preferido Billie a mim.

Quando entrei, ele já estava sentado ao balcão. Fiquei contente por ter escolhido um lugar perto da lareira; estava cheia de frio. Ele saltou do banco e cumprimentou-me com a mão estendida. Uma mudança radical em relação ao abraço que me dera da última vez que o vira. Empurrou o copo para mim.

– Prova isto – disse, um gesto surpreendentemente íntimo depois do aperto de mão, pensei. – Chama-se Guarda do Pomar Zangado. Uísque com cidra.

Obedientemente, bebi um gole. Fiz que sim com a cabeça e ele pediu um para mim. Era cedo, pelo que os clientes da hora de jantar ainda não tinham chegado. Gostava de estar sentada num banco de bar ao lado dele, aquecida pela lareira. Deixei-me relaxar por um instante, antes de pôr o meu dilema moral em cima da mesa.

– Conheces a tua cadela melhor do que ninguém – disse ele. – Aqui não há nenhuma decisão claramente certa ou errada.

– Talvez o *George* tenha tido sorte, afinal de contas – disse, para testar as águas.

– Se queres saber a minha opinião, acho que devemos aos nossos cães a melhor vida que pudermos dar-lhes, e, quando essa vida não for suficientemente boa, deixamo-los ir, com amor. Não quero sugerir que esse

momento seja fácil de identificar... o momento em que deixa de ser suficientemente boa.

Vi que ele estava a recusar-se a aconselhar-me diretamente determinada opção, e fiquei grata por isso. Foi vago o suficiente para eu poder adotar o sentimento dele, se assim o entendesse. Vi também que ele não me julgaria, fosse qual fosse a decisão que eu tomasse. Fiquei grata também por isso.

– Alguma vez tiveste de tomar uma decisão destas? – perguntei.

– Tive de decidir se *eu* continuaria a viver. Depois de a minha mulher morrer.

– O Steven falou-me sobre o acidente de mergulho.

– Fui eu que a convenci a começar a fazer mergulho. Ela estava disposta a ultrapassar o medo que tinha de águas profundas, por mim.

Tentei ser a boa ouvinte que ele fora para mim. Sem julgamentos. Sem palavras de consolo fáceis. Deixei-o falar.

– Até procurei uma razão em livros. *Dor*, de C. S. Lewis... ele escreveu-o depois de a mulher morrer, mas era tanto sobre a sua perda de fé em Deus como sobre a dor por ter perdido a mulher.

Contei-lhe o que sabia de C.S. Lewis, que quando era pequeno, com quatro anos, o seu cão, *Jack*, fora atropelado por um carro e morrera. O futuro escritor, daí em diante, só respondia pelo nome de Jack, e mesmo depois de velho os amigos mais chegados e família ainda o tratavam por Jack. Esperava que McKenzie não pensasse que eu estava a equiparar a dor de um menino que perdera o cão à de um homem que perdera a mulher. Depois vi que não tinha de me preocupar com isso.

McKenzie riu-se.

– Finalmente, uma razão para gostar de C.S. Lewis.

– Queres comer alguma coisa? Tens tempo? Se eu pedisse macarrão com queijo, dividias uma dose comigo?

– Adorava, mas tenho um compromisso às sete.

Olhei para o relógio e vi que tínhamos apenas mais quinze minutos. Pensei que ele ia encontrar-se com Billie, mas recusava-me a perguntar.

– Então o C.S. Lewis não ajudou – disse-lhe –, mas encontraste alguém que ajudasse? Em livros ou na vida real?

– Não sei se ajudou ou não, mas pouco tempo depois, estava a trabalhar num caso em que uma escola primária no Connecticut não deixava uma menina de dez anos com paralisia cerebral levar para a escola a sua macaca-

ajudante, uma pequena macaca-capuchinho. A macaca portava-se perfeitamente, usava fralda para não sujar nada na sala de aula e era basicamente uma cidadã modelo. A menina precisava da ajuda dela em coisas fundamentais. Os outros pais e a direção da escola tinham medo das doenças que pensavam que a macaca podia transmitir, apesar de não haver quaisquer provas disso e de ela ter as vacinas em dia.

«Quando chegou o dia, a menina deixou-me pouco para fazer em tribunal. Fez uma descrição eloquente da sua vida antes de ter a *Maddie* e depois explicou ao tribunal o que conseguia fazer agora com a ajuda essencial da *Maddie*. Um dos exemplos mais comoventes era também o mais simples. Ela disse ao tribunal que, antes de ter a *Maddie*, nunca ninguém falava com ela na escola. Desde que começara a trazer a macaquinha, tornara-se popular. Todas as crianças queriam conhecer a pequena macaquinha ajudante. “Depois disso, nunca mais tive pena de mim própria”, disse ela. E eu segui-lhe o exemplo.»

– Deixaste de sentir pena da menina, ou de ti?

– As duas coisas.

A ironia era quase demais para mim, o facto de McKenzie se estar a abrir comigo de forma mais íntima do que quando eu pensava que ele estava interessado em mim. Talvez se sentisse suficientemente seguro para partilhar estas confidências comigo agora que estava com outra pessoa. Mas porque tinha de ser Billie? E porque não havia de ser Billie?

McKenzie vestiu o casaco e pediu-me que lhe ligasse depois de tomar a minha decisão em relação a *Cloud*. À despedida, não me estendeu a mão. Deu-me um abraço, demasiado breve.

Fiquei no Crown Vic's e, desta vez, não tinha o mínimo interesse em encontrar um homem com quem desperdiçar uma noite. Acabei a bebida e olhei para a televisão por cima do bar. Estava a dar as notícias e quase não conseguia ouvir o repórter por causa da música. Mas reconheci a mulher cuja fotografia apareceu no ecrã: Pat. A fotografia seguinte era de um homem hispânico, identificado como um trabalhador migrante no East End de Long Island. Segundo a polícia, ele acabara de ser detido pelo homicídio de Pat Loewi. O repórter usou a expressão que tinha pegado e referiu-se ao homicídio como o caso «Sem Coração».

Dei graças por estar num sítio onde ninguém me conhecia nem sabia o que eu estava a pensar. O anonimato diminuía a necessidade de me sentir

embaraçada. Até agora, tinha estado convencida de que fora Samantha a responsável pelo homicídio de Pat. Agora podia optar por acreditar na polícia, que, afinal de contas, sabia o que fazia. A notícia era como um convite para pôr de lado aquilo que, percebi, se tornara uma obsessão, esta certeza da culpa de Samantha. Mas porque não poderia ter sido um trabalhador migrante o responsável? Recordei o homicídio de Christa Worthington, em CapeCod, alguns anos antes. Toda a cidade estava convencida de saber quem era o assassino, e havia também um segundo suspeito, mas não – três anos depois, um funcionário da recolha do lixo chamado Christopher McCowen foi detido e, um ano depois, condenado pelo crime.

Eu fora uma idiota por pressionar os detetives a investigarem a existência de uma ligação entre os homicídios de Susan Rorke e Pat. Fora uma idiota por desconfiar de Samantha.

A momentânea sensação de alívio foi afastada por um facto sombrio e duro que eu não queria enfrentar. Apaixonara-me por Jimmy Gordon, um delinquentezinho de província que acabou por crescer e se tornar no tipo de predador que eu estudava; o meu conhecimento especializado não só não me protegera, como me levava diretamente ao predador, e eu apaixonara-me por ele!

Etta James estava a cantar «At Last». Aproximei-me mais da lareira e pedi o macarrão com queijo.

Estava três meses atrasada na minha tese e com esperança de que Leland, o meu orientador na John Jay, me desse um desconto, por consideração aos motivos do meu atraso. Escolhera-o para trabalhar comigo com base nos seus livros, que, além de fascinantes, estavam muito bem escritos. Eram o tipo de livros que eu gostaria de escrever – embora não conseguisse escrever poesia, não escrevia mal de todo.

O *cartoon* que ele tinha colado na porta do gabinete era de Gary Larson e mostrava um psiquiatra, com um paciente deitado no sofá, que escrevera apenas uma frase no seu bloco de notas, sublinhada três vezes: *Doido varrido!*

O gabinete de Leland era um regresso aos anos sessenta – com um candeeiro de lava e caçadores de sonhos nas paredes. Os pais dele tinham sido *hippies* antes de encontrarem um lar no mundo universitário, contara-me ele. Leland preferira uma vida académica, estritamente limitada por regras às tendências iniciais dos pais. Dizia que gostava de ver o artesanato da mãe nas paredes. O companheiro, que ele tratava pelo apelido, Emory, dera a Leland uma grande bola de exercício, e Leland estava a tentar equilibrar-se em cima dela em vez de se sentar na sua cadeira confortável. Era cómico, e os seus esforços deram-me vontade de rir.

– Espero que esta moda passe depressa – disse ele, desistindo e voltando à cadeira.

Sentei-me em frente da secretária e comecei por pedir desculpa.

Ele interrompeu-me e disse que estava contente por me ver e que lamentava muito tudo o que eu tinha passado. Já mo tinha dito por escrito, logo depois da morte de Bennett, mas eu não respondera a nenhuma das missivas de condolências que me tinham enviado, nem mesmo à de Leland.

A simpatia dele desencadeou aquilo que eu tinha esperança de evitar: lágrimas. Não valia a pena tentar fingir que estava recuperada e com força; qualquer pessoa conseguiria ver o meu estado deplorável. Leland disse-me para me preocupar primeiro em cuidar de mim. Quando lhe perguntei o que ouvira dizer sobre Bennett, disse-me que sabia que ele era um impostor e

suspeito de homicídio. Leland apoiar-me-ia se eu decidisse tirar uma licença, mas disse que o trabalho diário podia ser uma ajuda neste momento, nem que fosse apenas uma hora por dia.

Conseguiria eu concentrar-me durante uma hora por dia, tendo em conta como os meus dias tinham sido ultimamente? Ainda acreditaria na minha tese?

– Isto não são as dúvidas normais de final de tese. Fui obrigada a fazer uma profunda reavaliação daquilo que pensava saber. Quando comecei, julgava ser capaz de identificar uma nova tipologia de vítima. Acreditava que as mulheres compassivas atraem um certo tipo de predador. Pensava ter os dados para o provar. Mas agora que estive envolvida com um deles, onde está a minha objetividade, a minha credibilidade?

– Quem melhor para examinar o fenómeno?

– O problema é esse. O perfil *online* que criei e que atraiu o «Bennett» foi concebido para formar um grupo de controlo, não para atrair predadores.

– Que dirias de um polícia que é assaltado? Eu diria que talvez isso faça dele um polícia melhor. Olha para todas as cartas, não apenas para aquilo que pensavas ser o teu trunfo. Encontrarás uma nova forma de interpretar o material.

Agradei-lhe muito pela compreensão e orientação. Quando fechei a porta atrás de mim, esperei que ele não tivesse escrito no seu bloco *Doida varrida*.

Tinha vários compromissos seguidos agendados para esse dia, como se estivesse a fazer uma corrida de estafetas. Dali, segui diretamente para o gabinete de Cilla, para passar o testemunho, por assim dizer. Não falava com ela desde que regressara do funeral no Maine, na semana anterior. Pensei que íamos conversar sobre isso, mas desde que falara com Leland, o Maine já não era a minha prioridade.

Cilla ofereceu-me chá, algo que costumava fazer quando eu parecia mais perturbada, o que ultimamente era mais a regra do que a exceção.

– O meu orientador foi compreensivo, mas ainda acho que o meu perfil passou uma mensagem muito diferente daquela que eu pretendia. No perfil, todos os meus romances preferidos eram variações do mesmo tema: as coisas não são o que parecem. Disse que a minha canção preferida era

«Love Interruption», de Jack White.

– Não conheço.

Cantei-lhe os primeiros versos.

– Meu Deus. – Cilla riu-se até se engasgar. – Foi por isso que foi para casa com o *cajun*?

– O Monstro do Pântano. Mas não era ele que estava no controlo.

– Isso podia ter mudado de um momento para o outro.

– Tinha público nos outros apartamentos. Muito *Janela Indiscreta*.

– Mas depois de se expor a vizinhos desconhecidos, voltou para casa sozinha, à noite, a pé, por uma zona industrial deserta.

– É verdade.

– Querida, tenho de lhe dizer que esse é o comportamento de uma potencial vítima.

– É assim que me vê?

– Foi para casa de uma mulher que tinha acabado de conhecer num autocarro e foi violada pelo namorado dela. Há muito tempo que tem comportamentos de risco. Não a vejo como uma vítima... de todo... mas vejo um padrão de comportamento autodestrutivo. Pode tê-lo aprendido quando vivia com a sua mãe, e todos os problemas dela, ou ter uma predisposição neurológica para isso. Neste caso, isso requer alguma forma de ativação externa... como a violação a que foi sujeita.

– Está a dizer que eu estava «a pedi-las»?

– Ninguém pede algo como o que lhe aconteceu.

– Mas quer dizer que eu sou precisamente o tipo de mulher que ando a estudar?

– Correndo o risco de soar freudiana, o que é que *você* acha?

Tive vontade de lhe dar uma resposta ríspida, mas fiquei um instante em silêncio. Depois ocorreu-me algo. A questão não era *ou*, era *e*. Eu era assim *e* assado. Era uma mulher que estudava vitimologia *e* uma mulher cujas ações tinham contribuído para que fosse vitimizada. Não era esta dualidade que nos tornava humanos? E não era menos mau pensar em mim como ambas as coisas, em vez de apenas uma?

Quando saí do gabinete de Cilla, passei pelo Delacorte Theater. A última peça que lá tinha visto fora *Mãe Coragem* com Meryl Streep, num

desempenho inspirador. Era a primeira vez que saía com o tipo que me acompanhou, e foi também a última. Não teria pensado que ver *Mãe Coragem* me deixaria excitada, mas depois da peça, quando passámos pelo Belvedere Castle, o meu companheiro e eu demos por nós a apalpar-nos mutuamente. Virámos para o labirinto da Ramble e a minha lógica distorcida deixou-me segui-lo por um caminho pedregoso e escuro. Distorcida porque pensei realmente que estava segura, uma vez que o local era primariamente usado por casais homossexuais. O que me teria passado pela cabeça? Que, se me visse em perigo, homens *gay* interromperiam o sexo para me vir salvar? Nenhum homem heterossexual o faria.

McKenzie não me teria levado para a Ramble. Oh, olá! Aqui estava McKenzie, de novo nos meus pensamentos. Cilla e eu tínhamos terminado a sessão a discutir por que motivo eu tinha tantos Monstros do Pântano e nenhum McKenzie. Se eu conseguia aquilo que queria – os maus rapazes – como é que uma pessoa podia mudar aquilo que queria? Aquilo que quer. Mas eu queria McKenzie. E ele escolhera Billie. Billie oferecera-se para o ajudar, enquanto eu lhe pedira que me ajudasse a mim.

Continuei até ao ringue de patinagem no gelo. Não me apetecia patinar, mas era onde havia o melhor chocolate quente da cidade. Um inverno, eu tinha ido patinar duas ou três vezes por semana, sentindo-me como uma criança a deslizar sobre o gelo, apesar de estar sempre cheio. Finalmente, fora a música que me fizera deixar de lá ir – parecia que, fosse a que hora fosse, o sistema de som estava sempre a passar um *medley* de Lionel Richie.

Vi um sem-abrigo enrolado em roupas quentes, sentado num banco, a ler um velho exemplar de bolso de *Guerra e Paz*. Um vendedor de castanhas assadas aquecia as mãos enluvadas na lâmpada de calor que mantinha as castanhas quentes. Pessoas passeavam cães vestidos com casacos, com trelas de cabedal entrançado. Um homem bem vestido, com luvas de cores diferentes, fez-me continência ao passar por mim. Se era simpático ou maluco, não percebi bem.

O sal nos caminhos deixou marcas brancas nas minhas botas pretas; teria de as olear quando chegasse a casa. Ao aproximar-me do meu prédio, pensei no estudo que tinha sido feito sobre o momento em que um cão sabe que o dono está a chegar a casa; havia filmagens de cães que se iam sentar ao pé da porta da rua assim que os donos saíam do trabalho, mesmo quando

os horários eram irregulares. Ainda não tinha aberto a porta do prédio quando ouvi *Olive* começar a ladrar. Histericamente. Corri pelas escadas para a acalmar antes que os vizinhos se queixassem.

Dei um passeio pequeno com *Olive*, pois estava cansada. Ela não pareceu importar-se, pelo contrário: parecia contente. Em casa, enrolou-se aos meus pés enquanto eu esperava que a água fervesse para fazer chá. Ouvi o murmúrio dos meus vizinhos do lado e os sons vagos eram agradáveis – era companhia, sem ter de ter companhia. Era aquela hora em que as luzes interiores transformam as janelas em espelhos, a hora em que já não se consegue ver cor no céu. Apaguei a luz da cozinha para não ter de ver o meu reflexo. Era o oposto do que fizera no apartamento do *cajun*. A escuridão interior permitia-me olhar para os outros apartamentos, embora não visse nada como aquilo que eu fizera, apenas desconhecidos a tratarem do jantar.

No pacote incompreensível de Internet, telefone e televisão por cabo que um comercial me convencera a adquirir – os primeiros dois meses eram grátis – todos os meus aparelhos eletrónicos estavam ligados uns aos outros, quer eu quisesse, quer não. Isso significava que eu podia estar a ver televisão e o número de telefone da pessoa que me estava a ligar aparecia a piscar ao canto do ecrã, interrompendo os meus programas sobre crimes reais, que eram tudo o que eu queria ver. Antes, gostava deles porque nem acreditava na facilidade com que as pessoas eram enganadas, em quão mundano era aquilo que espoletava o crime que se seguia. Agora, via-os pelos olhos de uma das enganadas; no programa que mais me afetava, as mulheres descobriam com quem estavam realmente casadas, depois de se terem juntado com bígamos, assassinos e violadores.

Um telefonema apareceu no canto do ecrã, a uma hora já bastante tardia.

– Teve notícias do homem a quem você chama Bennett? Não sei nada dele há dez dias. – Era Samantha, e parecia aflita e assustada.

– Desde que voltei do funeral dele, não.

– Do que é que está para aí a falar?

– A mãe dele convidou-me. O funeral foi no Maine.

– O que é que lhe aconteceu? – A confusão de Samantha era palpável.

Podia ter sido cruel e dado a informação aos bocadinhos. Podia ter sido

sarcástica e troçado com ela por se recusar a admitir aquilo que eu sabia ser verdade. Mas também sabia que esta mulher estava transtornada e desesperada, ou que alguém estava a fazer-se passar por Bennett para a atormentar. A parte de mim que era uma psicóloga madura veio ao de cima. Conteí a Samantha que, depois de eu ter localizado a mãe dele, esta tinha pedido que os restos mortais do filho fossem para a sua cidade natal, Rangeley, no Maine, onde seria sepultado. O seu nome verdadeiro, disse-lhe, era Jimmy Gordon. Disse-lhe que ele tinha morrido em setembro, e que lamentava muito ter de lhe dar esta notícia duas vezes.

– Nunca ouvi falar desse Jimmy Gordon, mas o meu noivo está no Canadá e até há dez dias comunicávamo-nos por *e-mail*.

– *Alguém* estava a enviar-lhe *e-mails*, mas não era ele.

– Quero o número de telefone dessa mulher.

– Não deve incomodar a mãe dele neste momento. – Tentei manter um tom de voz calmo e neutro. Sabia que seria muito fácil dar um passo em falso. O que seria preciso para a convencer de que ele estava morto? E, se a convencesse, quem é que ela pensaria que se estava a fazer passar por ele? Isto não faria dela duplamente vítima?

– Está a ser tão cruel comigo porque ele a trocou por mim? – Ouvi Samantha tentar encontrar uma razão que desse sentido àquilo que estava a ouvir.

– Estou apenas a dizer-lhe aquilo que sei. Não sei que mais posso fazer.

– Pode ligar-me se tiver notícias dele.

Uma vez, num exercício numa aula de Psicologia na John Jay, fomos distribuídos em pares e uma das pessoas tinha de dizer apenas «Não, não podes», enquanto a outra devia responder «Sim, posso.» E isto prolongar-se-ia indefinidamente. Lembro-me de nos estarmos todos a preparar e o professor dizer:

– Podem começar... *agora*.

Amabile, o meu parceiro, virou-se para mim na cadeira e disse:

– Não, não podes.

Eu respondi de imediato:

– Sim, posso.

Ele sorriu e disse:

– Não, não podes – em tom ligeiramente mais firme.

– Sim – corrigi-o –, posso.

Repetimos isto mais algumas vezes, até que os sorrisos se dissiparam dos nossos rostos. Ficámos chocados ao perceber a rapidez com que estas frases simples nos enraivecera. Senti a minha cara ficar vermelha. Ele não me estava a ouvir. Amabile levantou a voz. Apercebi-me de que se estava a passar algo semelhante com todos os outros pares.

Era assim que eu me sentia quando falava com Samantha. Ela não me ouvia. Eu não a afetava minimamente.

Seguei o conselho de Leland e passei o dia seguinte na biblioteca da John Jay, na base de dados MEDLINE. Li artigos de Laurence Tancredi sobre as formas como a estrutura e o funcionamento do cérebro são profundamente afetados por hormonas, drogas, anomalias genéticas, lesões e experiências traumáticas. A falta de discernimento, diz ele, pode ser resultado de anomalias fisiológicas. Esta era uma teoria que eu queria incluir na minha tese, esta ideia de que estamos «programados» para agir da forma que agimos.

Estava particularmente interessada num fenómeno chamado células-espelho. O neurocientista V.S. Ramachandran disse: «Os neurónios-espelho farão pela psicologia aquilo que o ADN fez pela biologia.» As células-espelho foram descobertas em macacos, em 1992. Uma equipa de cientistas italianos reparou que os mesmos neurónios se ativavam quando um macaco pegava num objeto e quando via outro macaco pegar num objeto. Ramachandran, entre outros cientistas, acredita que as células-espelho são os blocos constituintes de uma série de capacidades humanas essenciais – imitação, a capacidade de intuir o que outra pessoa está a pensar, e, principalmente, a empatia. A teoria de Ramachandran é que o autismo resulta de células-espelho avariadas. Eu estava a tentar encontrar dados para confirmar a minha própria teoria: os sociopatas também sofrem de sistemas de neurónios-espelho avariados.

A única mensagem que tinha no gravador quando cheguei a casa era de Billie, para me dizer que tinha encontrado um abrigo para animais com uma lista de espera curta nos arredores de New Milford, Connecticut. Perguntava-me se queria que ela fosse lá comigo, ver se seria adequado para *Cloud*.

Veio buscar-me no seu velho *Volvo*, com o interior tão imaculado como no dia em que aparecera em Staten Island para o teste de temperamento. Ofereci-me para pagar a gasolina, mas ela disse que tinha atestado o depósito e que não era necessário. Estava um dia limpo quando começámos a viagem de hora e meia até ao Connecticut.

Billie disse-me que tinha encontrado o abrigo através de uma amiga que trabalhava com a Bad Rap em Oakland, na Califórnia. A amiga fora para a Costa Oeste depois de anos a trabalhar na rede de salvamento de animais no Nordeste. Fundara a For Pitties' Sake, o sítio onde íamos agora, a pensar nos *pit bulls*, embora não recusassem outras raças se precisassem de ajuda.

– Nunca tiveram um cão de montanha dos Pirenéus – disse Billie.

Durante algum tempo, não falámos mais de cães. Como se tivéssemos combinado, ficámos caladas até à saída para Rye, sem apanharmos trânsito.

– A minha mãe costumava levar-nos à Playland – disse Billie. – Fica a poucos minutos daqui. Havia uma diversão chamada Steeple Chase, um carrossel com cavalos que pareciam estar a fugir, aterrorizados. Eram quatro lado a lado, talvez uns cinquenta, no total. E aquilo andava a oitenta quilómetros por hora. Estranhamente, nunca ninguém morreu nele, mas um rapaz de sete anos morreu quando bateu com a cabeça na diversão Ye Old Mill, que era lenta e calma.

Billie sintonizou o rádio Sirius na *Coffee House*. Música calma, com um toque *indie*.

– A minha avó tem uma casa aqui – disse Billie, quando passámos por Greenwich. – Era aí que eu montava em cavalos a sério.

– Que bom – foi tudo o que consegui dizer.

Quando virámos na saída para New Milford, a paisagem tornou-se mais bonita durante alguns quilómetros, com árvores mais agradáveis à vista. Onde eu esperava ver gado a pastar, passámos por pequenos negócios e centros comerciais. Billie perguntou-me se queria parar para beber café ou continuar sem parar. Fiquei contente com a sugestão, e parámos para ir comprar café para a viagem.

Quando voltámos para o carro, tínhamos dois copos de café quente mas apenas um suporte para bebidas. Divertida, imaginei a luta de poder para ver qual de nós reclamaria o suporte, embora este pertença geralmente ao condutor, quando há apenas um. Como se me lesse os pensamentos, Billie abriu-o um pouco mais e vi que, na verdade, tinha espaço para os dois copos.

Saímos da estrada principal para uma estrada de terra batida que percorremos por cerca de quatrocentos metros até Billie parar o carro em frente de uma casa de rancho pintada de vermelho. Não tinha qualquer letreiro a anunciar o que era, mas vi que os terrenos se estendiam por vários

hectares, com uma pista de agilidade de um dos lados da casa e um ribeiro congelado do outro. Antes que tocássemos à campainha, a porta abriu-se e fomos recebidas por um homem ainda jovem, de cabelo escuro e bigode.

– A diretora foi comprar comida, mas posso fazer-lhes a visita guiada.

Levou-nos primeiro ao piso inferior, onde cada divisão tinha duas ou três jaulas de arame espaçosas. Em cada uma havia um cão, com montes de cobertores, uma tigela de água e ossos e brinquedos para roer.

– Os cães vivem dentro de casa? – perguntei, habituada às condições horríveis do canil.

– Cada um tem a sua divisória dentro de casa, mas há grandes áreas para socialização lá em cima, onde podem andar à vontade e brincar juntos. Lá fora temos a pista de agilidade e também os prendemos com trelas longas, quando o tempo está bom.

«A ideia aqui é aliviar o *stress* dos cães, proporcionar-lhes exercício, cuidados veterinários se precisarem, e treino de obediência se for essa a necessidade deles, tudo o que os possa ajudar a conseguir um “lar para sempre” – disse Alfredo. – Lá em cima é igual. Podemos ter trinta cães de cada vez.»

– Como é que pagam por tudo isto? – perguntei.

– Recebemos donativos; a diretora é boa a angariar fundos. São anjos, pessoas que não pedem nada em troca do dinheiro que nos dão... *muito* dinheiro. Eu vim da Guatemala para trabalhar como jardineiro. Fui contratado para fazer a manutenção do espaço, e um dia a diretora pediu-me para a ajudar a passear seis cães mais turbulentos. Quando peguei nas trelas, eles pararam logo de lutar e caminharam perfeitamente em grupo. Nem um deles ladrou. Não tentaram perseguir outros cães no parque. Não tive de lhes levantar a voz.

– E quanto aos cães para os quais não é possível encontrar lar? A minha cadela ficaria aqui o resto da sua vida.

– É uma cadela de montanha dos Pirenéus que foi considerada «perigosa» – explicou Billie.

Alfredo conduziu-nos ao que fora em tempos a garagem, e que estava agora vazia de carros e aquecida, como o resto da casa. Num dos lados havia uma máquina de lavar e secar industrial, e prateleiras cheias de equipamento de tratamento e suportes para dezenas de trelas. Havia uma jaula de arame ainda maior do que as outras em cima de uma plataforma,

cerca de trinta centímetros acima do chão, de modo a que o cão no seu interior conseguisse ver pela janela. Dentro desta jaula enorme – cheia, como as outras, de mantas e brinquedos – estava um pastor alemão, confortavelmente deitado.

Seria aqui que *Cloud* ficaria? Numa garagem?

– Passamos o dia dentro e fora – disse Alfredo. – Os cães que aqui ficam têm estímulo, têm «enriquecimento»... levamo-los lá para fora para brincar, mas não com os outros cães.

Na parede oposta, estava outra jaula. Ao princípio, não vi o cão – era uma cadela e estava enfiada debaixo das mantas. Mas quando Alfredo passou ela pôs o focinho de fora e lambeu o arame da rede. Era arraçada de um cão de caça, com o focinho esbranquiçado – uma cadela já velha, de olhos baços. Seria a morte dela a abrir espaço para *Cloud*? Odiei-me a mim própria por este pensamento oportunista.

– Como está a cadela que eu trouxe? – perguntou Billie.

– Está a ser passeada neste momento. A Bridget levou-a. – Alfredo disse-nos que Bridget era uma voluntária nova, que arranjava tempo para os ajudar depois do seu trabalho de enfermeira num hospital próximo. Alfredo disse que a cadela *rottweiler* acalmara bastante desde que chegara à For Pitties' Sake.

– Ainda bem – disse Billie. – Estava preocupada com ela.

– Quando poderiam receber a *Cloud*? – perguntei a Alfredo.

– O veterinário diz que a *Boss*, o galgo que viram, provavelmente não viverá mais do que algumas semanas, na melhor das hipóteses.

Eu queria ficar e conhecer a diretora, mas Billie disse que precisava de voltar – tinha bilhetes para o teatro no St. Ann's Warehouse. Disse *bilhetes*, no plural, portanto presumi naturalmente que sabia com quem ela ia.

Só quando chegámos a Greenwich é que Billie me perguntou se me importava que passássemos rapidamente por casa da avó dela para ir buscar as barbatanas e a máscara de mergulho.

– Tenho tempo – respondi.

Billie saiu da autoestrada e minutos depois virou para a Round Hill Road, e depois para a Clapboard Ridge Road. O caminho de acesso à casa era tão comprido que Billie teve de abrandar duas vezes.

– Lombas de velocidade no caminho de acesso à casa, por estes lados, são um símbolo de estatuto – disse ela em tom seco.

A casa da avó parecia uma casa de quinta exageradamente grande. Contornámo-la e estacionámos nas traseiras.

– Parece que ela tem companhia – disse eu.

– Estes são só os carros da casa. – Quando viu que eu não estava a perceber, acrescentou: – Para os hóspedes.

Os «carros da casa» eram modelos mais recentes do que aquele que Billie conduzia.

– Vamos entrar pela porta das traseiras. Quero cumprimentar a Cozinheira.

Da maneira que o disse, quase consegui visualizar a maiúscula.

A cozinha era espaçosa, espetacular, mas também acolhedora. Não parecia um sítio onde os criados trabalhavam. Havia tachos de cobre – dezenas – pendurados em suportes por cima do fogão de dez bicos. A Cozinheira, que se chamava Jennifer, era uma mulher de meia-idade com sotaque irlandês que recebeu Billie com um abraço e um beijo na face. Não usava uniforme, apenas um avental por cima de um vestido simples.

– A sua avó está num daqueles dias – confidenciou-lhe. – Ontem à noite foi a gala do Hospital Pediátrico e ela estava à espera de angariar mais dinheiro.

– Nunca fica satisfeita com o que consegue – disse Billie. – O dinheiro que ela angaria numa só gala sustentaria uma organização de salvamento de animais durante um ano. Não que ela pensasse em oferecê-lo.

– Vão ficar para jantar? – perguntou a cozinheira.

– Tenho bilhetes para o teatro – disse Billie.

A cozinheira perguntou-me o que íamos ver. Olhei para Billie, que disse:

– Tenho um encontro.

– Bom, eu dou-lhe uma tarte de pêssago para levar – disse a cozinheira. – A sua avó está na biblioteca.

Eu tinha montes de livros, mas ainda estavam guardados em caixotes.

Billie conduziu-me por vários corredores e um lanço de escadas. A porta da biblioteca estava aberta. Vi paredes vermelhas e estantes com portas de vidro. Os sofás pareciam camas de penas de contos de fadas.

A avó de Billie estava sentada à secretária, de costas para nós. Tinha o cabelo grisalho e comprido, solto, caído sobre os ombros. Era uma atitude de rebeldia, pensei, continuar a usá-lo comprido mas não o pintar.

Ela acabou de assinar um cheque antes de se virar.

– Querida, a menina cheira a canil.

– A cozinheira disse que a avó tinha ficado desapontada com a gala ontem à noite.

– Quem é a sua amiga? – perguntou ela, sem olhar para mim.

– É cliente do advogado para quem estou a trabalhar. Morgan Prager.

Disse-lhe que era um prazer conhecê-la. Estendi a mão, mas depois baixei-a antes de ela ter tempo de a apertar, e disse-lhe que não tinha tido oportunidade de a lavar depois da visita ao abrigo. A avó de Billie pareceu aliviada por não ter de estabelecer contacto.

– Lembra-se de onde é que deixei as minhas barbatanas e a máscara de mergulho? – perguntou Billie.

– Para onde é que vai agora?

– Vou buscar uns come-bolos a Saint Thomas.

Billie não disse nada sobre a *minha* viagem anual para salvar esses cães. Nem sequer sabia o que era um come-bolos antes de eu lhe dizer. Mesmo assim, como podia ficar ressentida com o lapso? Ela ia fazer algo bom. Podia, no entanto, ficar ressentida com ela, já que presumia que o ia fazer com McKenzie.

– Não lhe chegam os cães vadios que há cá? – perguntou a avó.

Percebi que esta era uma velha discussão.

– Vou aproveitar para dar uns mergulhos. Descansar um pouco.

Desejei que a avó lhe perguntasse se ia sozinha. Em vez disso, pediu a Billie que procurasse uma velha amiga sua na ilha.

– Ela tem lá um barco.

– Como se eu tivesse tempo.

– Não custa nada ser simpática – disse a avó, e depois virou-se para mim.

– Aposto que a *menina* arranjará tempo.

– Eu não vou.

Billie olhou para mim.

– Até parece que a minha avó não gosta de cães, não é?

– O *Winston* não era um cão.

– O *Winston* era um buldogue inglês – disse-me Billie. – Estava sempre a soltar gases e, nas festas da minha avó, ela andava atrás dele de vestido de noite, a acender fósforos para disfarçar o cheiro.

– Mas *filantropia* significa «amar os humanos» – recordou-nos a avó. – Não os cães.

Billie pareceu magoada e obrigou-se a dar um beijo na face da avó antes de irmos à procura do equipamento de mergulho.

– Deve estar no meu antigo armário.

Billie levou-me até ao seu – não era um quarto, mas sim uma suite. Nem uma suite – toda uma ala! Onde estavam os troféus e fitas equestres? Onde estava qualquer indício de uma menina obstinada? Nada nestas divisões dizia que uma criança tinha crescido nelas. O que faltava, além de quaisquer recordações de infância, era mobília. Os soalhos estavam cobertos, de uma parede à outra, com uma alcatifa de lã branca como a neve. As paredes estavam pintadas do mesmo branco – e o brilho disse-me que tinham usado uma têmpera cara. Nas paredes havia quadros que até *eu* reconhecia: Franz Kline, Ellsworth Kelly, de Kooning, Motherwell – era uma autêntica galeria.

– O Kline foi a primeira aquisição do meu avô – disse Billie. – Talvez aches graça a isto: quando Kline levou a mãe à sua primeira exposição de grandes pinturas abstratas... pinceladas de tinta preta sobre telas brancas... a mãe disse-lhe: «Sempre soube que escolherias o caminho mais fácil.»

– Como eram estas salas quando eras pequena?

– A minha avó mandou o decorador habitual fazer um quarto de menina. Tinha uma cama de dossel com lençóis *Frette*, gravuras equestres emolduradas nas paredes, uma casa de bonecas vitoriana. Na casa de banho havia copos *Baccarat*; o elixir bucal era decantado. Tal como Rebekah Harkness disse da mansão da família em Manhattan: «Não é um lar, mas é uma grande coisa.»

Billie abriu a porta de um dos quartos de vestir, que estava tão atafalhado de coisas como os outros quartos estavam vazios: caixas de cavalos de plástico, jogos de *Scrabble* e *Parcheesi*, inúmeros bonecos de peluche, jogos de computador, uma grande caixa cheia de soldadinhos de brincar, uma fila de molas *Slinky*, patins e raquetes de *badmington*, um saltitão, esquis, mas nada de equipamento de mergulho.

Haveria alguma coisa que Billie não tivesse tido em criança?

– Merda – disse, quando viu que não encontrava o equipamento de mergulho. Bateu com a porta do quarto e saímos sem ir buscar a tarte de pêssego.

Quando eu tinha dezasseis anos, arranjei um emprego de verão num centro comercial, enquanto a minha melhor amiga ia fazer uma viagem pela Europa. Enquanto eu vendia brincos baratos a raparigas que tinham acabado de furar as orelhas, Julia mandava-me um chocolate de cada país que visitava. Eu devia ter ficado sensibilizada, mas atirava-me a cada chocolate novo com fúria, invejosa por estar enfiada no centro comercial enquanto Julia tinha tudo. Há anos que não me lembrava de Julia, até ver Billie na casa da avó. Perguntei a mim própria o que me mandaria Billie de Saint Thomas e senti-me estúpida por estar a pensar assim.

– Liga a televisão – disse Steven, quando atendi o telefone nessa noite. Tinha acabado de comer quatro chocolates de cem calorias cada um.

– Em que canal?

– Na CNN.

O suspeito do homicídio de Pat, o trabalhador migrante, fora formalmente acusado. A família de Pat oferecera uma recompensa por informações, algo que eu sabia que só servia para atrasar uma investigação, pois atraía todo o tipo de malucos e oportunistas. A televisão mostrou um homem centro-americano de constituição delicada a ser retirado de um carro da polícia e conduzido para o tribunal de Suffolk.

– Acabou-se. Podes recuperar a tua vida. – Stephen achava que a minha vida me podia ser devolvida como se eu simplesmente a tivesse colocado no sítio errado. – Encontraram os cartões de crédito da Pat na posse dele. Afirma que os encontrou no bosque.

– A Billie e eu fomos ver um abrigo para a *Cloud*.

– E?...

– Consigo ver a *Cloud* a ter uma vida lá. – Afinal de contas, recordei a mim própria, o objetivo era esse.

– Eu gostava era de te ver a *ti* a ter uma vida *aqui*.

– Até onde vai a capacidade de recuperação de uma pessoa?

– Ficarias surpreendida.

O repórter estava agora a falar de outra história, por isso tirei o som à televisão.

– Chega de surpresas.

Limpei os restos do *pad thai* que tinha comido ao jantar, recordando o que a minha amiga Patty dizia: em Nova Iorque, «comida caseira» era tudo o que comprássemos num raio de seis quarteirões de casa. Levei *Olive* para uma última voltinha curta. Depois de voltar para casa, encontrei o gel de banho caro com que me tinha mimado há algum tempo e enchi a banheira de água quente. Pouco depois, a casa de banho cheirava a jasmim. Abrandei os movimentos, em contraste com os pensamentos acelerados. Servi-me de um copo de *prosecco* e entrei na banheira, a banheira onde me tinha escondido naquele dia.

Embora estivesse sozinha em casa com *Olive*, fechara a porta da casa de banho. A janela dava para um poço interior do edifício, mas, a uma certa hora da noite, se inclinasse a cabeça no ângulo certo, conseguia ver a lua. Olhei para os meus pés na outra ponta da banheira, a espreitarem entre as bolhas: Frida Kahlo no seu autorretrato *O Que Vi na Água*, embora esse quadro tenha imagens surrealistas – um arranha-céus a sair de um vulcão, duas mulheres minúsculas deitadas numa esponja, um funambulista a partilhar a corda com uma cobra – a flutuarem na banheira com ela.

Recostei-me, com o pescoço encostado à pequena almofada impermeável que adquirira para este fim. Fiz aquele exercício em que relaxamos conscientemente todas as partes do corpo, à vez. De olhos fechados, já tinha chegado aos ombros quando ouvi *Olive* a arranhar a porta para sair. Raio da cadela.

Era a porta nova, a que Steven mandara instalar por causa dos estragos que os cães tinham feito na antiga na manhã da morte de Bennett. As marcas de garras no interior chegavam à altura da maçaneta. Fez-me lembrar aquelas histórias macabras sobre as pessoas que eram enterradas vivas nos tempos vitorianos e acordavam depois do seu transe dentro do caixão. Porque estariam os meus cães tão desesperados por sair? Quem é que os fechara na casa de banho?

Esperem. Quem é que os fechara na casa de banho? Estavam soltos quando eu entrara no apartamento e encontrara o corpo de Bennett. Não

estavam na casa de banho. Quando é que tinham ficado aqui fechados? O interior da porta da casa de banho estava intacto quando eu saí de casa nessa manhã. Não demorara mais de duas horas. Bennett estava a dormir quando saí.

Senti um arrepio, apesar da água fumegante.

A polícia teria questionado a porta arranhada? Os cães arranhavam o armário onde eu guardava a ração deles, e arranhavam a porta da rua quando queriam sair, por isso uma porta de casa de banho arranhada não teria dado nas vistas. Mas estes arranhões eram novos, e fundos. Eu vira-os quando fechara a porta para me esconder na banheira. Os cães estavam a ganir do lado de fora para eu os deixar entrar. Como é que não me ocorrera questionar como podiam ser eles os assassinos se tinham estado trancados? Por que raio a polícia não fizera essa pergunta?

Teria Bennett fechado os cães na casa de banho? Talvez, se alguém tivesse batido à porta. Os cães não eram muito calmos nos seus cumprimentos. Mas ele não conhecia ninguém na cidade, pelo menos era o que dizia. E devia conhecer a pessoa que o viera ver, quem quer que fosse, porque tivera de abrir a porta do prédio. Enquanto uma pessoa subia as escadas, ele teria tempo para fechar os cães na casa de banho. Mas e depois?

Tirei a tampa do ralo, deixei sair um pouco de água e abri a torneira da água quente para a substituir.

Nenhum ser humano poderia ter feito aquilo que fora feito a Bennett.

Desejei ter trazido a garrafa de *prosecco* comigo para a banheira. Não estava disposta a sair da água quente para a ir buscar. Não podia parar os meus pensamentos, mas queria abrandá-los. Lógica – usar apenas lógica. Mas não – recordei o horror do coração de Pat, arrancado do seu peito. Obviamente que nenhum cão poderia fazer isso, e a cadela dela estava desaparecida. Mas no meu apartamento eu vira os cães ensanguentados e o corpo mutilado de Bennett. O que é que *não* estava a ver?

E se Bennett tivesse sido morto por uma pessoa que ele deixara entrar no apartamento, e essa pessoa tivesse soltado os cães da casa de banho antes de sair? E se os cães tivessem atacado apenas um cadáver? O médico-legista que examinara o corpo de Bennett devia conseguir distinguir entre ferimentos infligidos por um humano e por cães. Mas talvez alguma coisa lhe tivesse passado despercebida, já que toda a gente partira do princípio de

que tinham sido os cães os criminosos.

Mas voltando atrás – quem é que queria ver Bennett morto? Susan Rorke morrera antes dele. Pat tinha motivo, mas quem é que a matara a ela? Samantha há meses que andava a receber *e-mails* de um homem morto – seria isso apenas uma encenação, para se proteger? Eu fora simpática com ela na nossa última conversa, mas recusara-me a alinhar nos seus delírios – nunca é boa ideia alinhar com delírios. Não lhe dissera que acreditava que Bennett estava vivo, mas tentara ser gentil com ela. Mas seria realmente um delírio? Talvez ela própria estivesse a enviar os *e-mails*. Ou talvez estivesse a mentir quando me dizia que ele a estava a contactar por *e-mail*. A polícia saberia como verificar, se eu conseguisse convencer um detetive a arranjar um mandado de busca.

Saí da banheira e tirei a tampa do ralo. Enrolei-me numa toalha e fiquei a ver a água desaparecer. Steven dissera que eu podia recuperar a minha vida. Estava enganado.

— Há uma coisa que me está a incomodar, e não foi mencionada no relatório da polícia.

Ouvi saturação na voz de Steven quando me perguntou do que estava eu a falar. Quando lhe falei dos arranhões no interior da porta da casa de banho, disse que se lembrava de ver arranhões no exterior da porta, não no interior.

— Acabaste de voltar do funeral do tipo. Esquece o assunto de uma vez.

— Acho que estou certa.

— Penso que me lembraria disso. E, mesmo que estejas certa, qual é a diferença? O que é que isso prova?

— Prova que estava mais alguém no apartamento com o Bennett.

— Gostava mesmo que falasses com a Cilla.

— Isto não é um problema psicológico — respondi. — Trata-se de provas que foram ignoradas.

— Quem é que achas que estava no apartamento com ele?

Se lhe dissesse que achava que tinha sido Samantha, ele era capaz de me mandar internar.

— A Samantha. Preciso de entrar no *e-mail* dela.

— Tens a certeza de que queres provocar uma louca? — perguntou Steven.

— Não é provocação se ela não souber que eu o fiz. Conheces alguém que eu pudesse contratar para fazer isso?

— Posso perder a licença, mas não é por isso que não te vou ajudar. Promete-me que ligas à Cilla.

Em vez disso, liguei a McKenzie. Foi ele que atendeu, porque eu ligara para o telemóvel. Tanto quanto conseguia perceber, parecia contente por ouvir a minha voz. Mas não podia confiar nas minhas perceções em relação a ele, por isso pus o pensamento de lado. Na minha preocupação, fui direta ao assunto. Disse-lhe que precisava de verificar uma coisa no relatório da polícia sobre a morte de Bennett.

— Tens uma cópia, não tens?

E expliquei-lhe o que precisava de verificar.

Ele ofereceu-se para passar pelo meu apartamento depois do trabalho. Fiz um inventário rápido de tudo o que precisava de uma limpeza, pensei «que se lixe» e agradei-lhe.

Uma hora depois, estava a varrer o chão com uma velha vassoura de palha. Nunca tinha aprendido a trabalhar com uma *Swiffer*. Abri um pacote de toalhetes húmidos antibacterianos e ajoelhei-me para limpar o chão da casa de banho. Desejei que Steven não tivesse substituído a porta da casa de banho tão depressa. No entanto, se McKenzie trouxesse uma fotografia que mostrasse o interior da porta sem arranhões, esqueceria o assunto. Até lá, entreguei-me às limpezas com uma abordagem zen. Abrandei os movimentos e trabalhei cuidadosamente. É impossível não ser minucioso nesse estado de espírito. Devia fazer isto mais vezes, pensei. Por outro lado, não.

Estava a ouvir «You Go Down Smooth» dos Lake Street Dive com auriculares, o *iPhone* em segurança no meu bolso, quando a música parou e o telefone tocou. O número tinha o indicativo do Maine. Era Renee e estava furiosa. Disse-me que não estava nada satisfeita por eu ter dado o número dela a uma maluca, que a mulher estava a incomodá-la, que a acusara de mentir sobre a morte do próprio filho. Renee disse que ela afirmara estar noiva de Jimmy. Não precisava deste aborrecimento, disse-me, e pediu-me que respeitasse a sua privacidade daqui em diante.

– Não fui eu que lhe dei o seu número – garanti-lhe. – Lamento muito, Renee.

Mas quem falou comigo a seguir não foi Renee, mas sim Vanessa, tão zangada como no dia do funeral.

– Isto pode ser uma grande piada para vocês, uma data de raparigas a afirmar que estavam noivas do meu falecido irmão, mas nós não achamos graça nenhuma, e estão a dar cabo da minha mãe.

– Não é uma piada. Não tem graça absolutamente nenhuma.

– Então diga a esta doida que deixe a minha mãe em paz – exigiu Vanessa.

– Eu não tenho nada a ver com isso. Ela é alucinada.

– Vocês são *todas* alucinadas – disse Vanessa, e desligou.

Precisava de caminhar um pouco para descontraír depois daquela conversa e das questões que ela levantava, por isso enfiei um cartão de crédito no bolso do casaco e dirigi-me à loja de queijo caro. Precisava também de vinho – ou não. O que servir à pessoa que nos vem visitar com fotografias policiais do nosso ex-amante desmembrado e mutilado? Escolhi azeitonas *kalamata* descaroçadas, os aperitivos de queijo mais caros do planeta e várias garrafas de uma cerveja artesanal local chamada *Evil Twin*.

Tinha acabado de virar para a Grand Street quando vi McKenzie. Ele não me viu. Desta vez não vinha de bicicleta. Eu nunca o tinha espiado. Sempre caminhara ao lado dele, mas, a esta distância, observei-o com objetividade. O seu passo era elástico, como os atletas e jogadores de futebol costumavam caminhar na escola, e já na altura eu gostava daquela forma de andar. Não se pavoneava, e não corria como se o seu tempo fosse mais precioso do que o dos outros. Caminhava com confiança, como se o fizesse ao som de uma canção que só ele ouvia mas que eu gostaria de ouvir também.

Embora me sentisse desonesta, continuei a observá-lo sem revelar a minha presença. Segui-o, a meio quarteirão de distância, até ele chegar à minha porta. Depois escondi-me atrás de uma carrinha da FedEx, contei até dez, voltei para o passeio, chamei-o e corri na direção dele como se estivesse atrasada.

Reparei que o sorriso dele não condizia com o conteúdo macabro da sua pasta. Embora talvez me tivesse abraçado se nos estivéssemos a encontrar num bar, à minha porta eu tinha um saco numa mão, as chaves na outra, e ainda tínhamos muitos degraus pela frente. Hesitei à entrada porque não queria que ele fosse a olhar para mim enquanto eu subia cinco lanços de escadas, mas sabia que ele insistiria para eu passar à frente. Não era tão mau como nos tempos das camas elevadas, em que os casais se despiam antes de subir a escada e um deles dava sempre uma visão embaraçosa ao que vinha atrás.

Steven era a única pessoa que estivera dentro do meu apartamento desde a morte de Bennett. De súbito, pensei que talvez McKenzie ficasse impressionado por lá estar. Bom, era tarde demais. *Olive* apareceu e ladrrou uma vez antes de reconhecer o homem que lhe dera uma sanduíche de *provolone*. Sentou-se aos pés dele, a abanar a cauda a toda a velocidade. Quando ele se agachou para a cumprimentar, a cauda abanou tão depressa

que quase se tornou invisível.

– Não acredito que ninguém ligou à tua procura – disse ele a *Olive*. Ofereci-me para pendurar o casaco dele. Para o despir, teve de pousar a pasta, que era agora como um centro de mesa explosivo.

– Admiro a tua coragem de ter continuado a viver aqui – disse McKenzie.

– Se não o fizesse, passaria o resto da vida a mudar de casa, sem nunca parar.

– Mesmo assim, foi corajoso. – Ele não ia deixar que eu minimizasse o elogio.

Vi como fora idiota por ter comprado comida – isto não era uma visita social. No entanto, ofereci-lhe uma cerveja.

Quando voltei para a sala, vi que McKenzie tinha uma pasta de cartão no colo.

– É confortável, não é? Foi o Steven que me ofereceu este sofá. – Queria Steven na sala connosco.

McKenzie sabia que eu tinha visto as fotografias da cena do crime de Susan Rorke, mas não protestei quando ele se ofereceu para filtrar as fotografias da cena do homicídio de Bennett que interessavam. McKenzie estudou-as e eu observei-o a olhar para aquilo que eu me recusava a voltar a ver. Mas vi – na expressão de McKenzie. Finalmente, ele estendeu-me uma fotografia. As pegadas ensanguentadas nos azulejos do chão da casa de banho eram minhas. Eu devia ter puxado a cortina quando me escondi na banheira, porque estava no chão, amachucada. Havia um *soutien* a secar no suporte das toalhas, e fiquei envergonhada por McKenzie o ter visto.

Os arranhões pareciam ter quase meio centímetro de profundidade, sobrepostos onde os cães tinham tentado abrir caminho à força, e mais claros do que a restante madeira porque tinham ultrapassado a camada de tinta.

Nem sequer tive de apontar o dedo para o que estava a ver. Sabia que McKenzie estava a ver o mesmo.

– Acho que ele não estava sozinho – disse eu. – Acho que recebeu alguma visita, e os cães estavam a atrapalhar. O que preciso de saber é quem é que os deixou sair. Conheces alguém que eu possa contratar para entrar numa conta de *e-mail*?

E falei-lhe das minhas suspeitas.

Ele escreveu um endereço, hackyou@gogo.jp.com, e empurrou o papel por cima da mesa.

– Não fui eu que te dei isto.

– Quanto é que ele cobra?

– Ela. Menos de três meses de Internet.

– Mas isso significa que qualquer pessoa pode entrar onde quiser – disse eu.

– E toda a gente o faz.

Olive instalara-se no colo dele. Lembrei-me dos aperitivos de queijo e azeitonas que tinha no frigorífico. Perguntei-lhe se tinha tempo para mais uma cerveja. Sem olhar para o relógio, ele disse que parecia ótima ideia.

Fiz um pequeno prato com as coisas que tinha comprado e trouxe-o para a sala, com mais uma cerveja para ele. Lembrava-me de fazer exatamente a mesma coisa com Bennett. A recordação abalou-me de tal maneira que nem sequer trouxe outra cerveja para mim.

McKenzie levantara-se do sofá e estava ao pé da estante. Quando se virou, tinha na mão um pedaço de coral do tamanho de um punho, que eu encontrara numa praia em Saint Croix e usava como suporte para os livros.

– Alguma vez mergulhaste à noite? – perguntou.

– Uma vez, mas a visibilidade era tão má que a única coisa que vi foi o clarão da minha lanterna.

– É espetacular. Os corais florescem e o recife fica fosforescente. Há peixes completamente diferentes, ainda mais bonitos do que os que se veem durante o dia. À noite – ergueu o coral de cores esbatidas – isto é da cor de uma safira.

Não podia perguntar-lhe se estava a pensar ir mergulhar com Billie em breve, portanto perguntei:

– Estás a pensar ir mergulhar em breve?

Odiava este meu lado tímido e desconfiado.

– Esta noite que descrevi foi em Saint John. Gostava de lá voltar.

Mas toda a gente que apanha o avião para Saint Thomas apanha depois o barco para Saint John, e Billie dissera que ia para Saint Thomas. Apanhar come-bolos.

– O queijo é muito bom – disse McKenzie, pegando na faca e noutra bolacha de água e sal.

Estava a mudar de assunto, mas eu ainda não estava satisfeita.

– Deve ser difícil para ti, voltar a mergulhar.

– Ainda não voltei a fazê-lo. Mas acho que já estou pronto para isso.

Agora era eu que queria mudar de assunto. Agora tinha medo de ficar a saber que eles iam fazer uma viagem de mergulho juntos. Já estava arrependida de ter falado no assunto. Assim, forcei McKenzie a regressar ao papel de meu advogado.

– Se conseguíssemos provar que a *Cloud* estava fechada na casa de banho, achas que ela poderia voltar para casa?

– Teríamos motivos para recorrer da decisão. – Olhou para o relógio.

Antecipei-me à desculpa dele para se ir embora e agradeci-lhe por ter trazido as fotografias. Não lhe agradeci a informação sobre a *hacker*, porque ele deixara bem claro que não queria ter nada a ver com isso. À porta, ele disse-me para ficar bem.

Desci a Grand Street em direção à autoestrada Brooklyn-Queens. Reparei, como era habitual, no número de *pit bulls* que os residentes mais jovens do bairro passeavam pela rua. Nunca vira, em lado nenhum, tantos *pit bulls* bem tratados e acarinhados como animais de estimação. Tinha as minhas teorias quanto ao motivo – que eles eram a raça mais mal compreendida e mais condenada, que eram, de certa forma, como tatuagens, como uma reputação de mauzão instantânea para quem os tinha (embora a maioria dos *pit bulls* fossem uns doces), que os jovens queriam adotar cães em vez de os comprar e que a raça que enchia todos os canis era o *pit bull*. Já tinha visto várias vezes nas montras um cartaz com um *pit bull*: «Nascido para amar, ensinado a odiar.» E outro: «Por cada *pit bull* que morde, há mais de dez milhões e meio deles que não o fazem. Parem de atacar a minha raça.»

Perto de uma zona de obras, encontrei a morada que hackyou me tinha dado. A montra estava repleta de imagens religiosas baratas, como as que se encontravam nas janelas de casas particulares ou em igrejas pobres da vizinhança. Confirmei o número da porta, confusa pelo que se via na montra, e vi que estava no sítio certo. Entrei, uma sineta tocou e uma mulher voluptuosa de uns trinta anos, com um vestido preto que mais parecia um hábito de freira, apareceu vinda das traseiras e perguntou-me em que podia ajudar.

– Deram-me esta morada, mas se calhar enganei-me quando a escrevi. Arranjam computadores?

– É a amiga do McKenzie?

– Então estou no sítio certo. Mas porquê as estátuas religiosas?

– Sabe aquela anedota do *mohel* na relojoaria? Um tipo anda à procura de um *mohel*, um especialista para a cerimónia de circuncisão do filho, e recomendam-lhe um no número 273 da Main Street. Quando lá chega, a loja está cheia de relógios. Vira-se para o tipo que está ao balcão e diz: «Estou à procura de um *mohel*.» E o tipo responde: «Sou eu mesmo.» «Mas porque é que tem a montra cheia de relógios?» E o tipo diz: «Bom, o que é que *queria* que eu pusesse na montra?»

Segui-a até à sala dos fundos, que era tão surpreendente como a da frente. Havia apenas um único computador portátil, não a grande quantidade de equipamentos que mostram sempre nos filmes. Disse-lhe que estava surpreendida por ela conseguir piratear só com um computador normal.

– Entrar num *e-mail* não é piratear. Piratear é uma arte. É descobrir e explorar os pontos fracos da tecnologia. Sem piratas informáticos, não teríamos qualquer hipótese de ter privacidade.

– Parece-me que isso é o oposto de privacidade.

– O que um *hacker* faz não é pessoal. Tem a ver com descentralização de informação e distribuí-la de graça. Estou a falar de informação governamental e empresarial, não de apanhar um congressista qualquer a ver pornografia em casa. Então, diga-me o que posso fazer por si. – Ela não me dissera o nome.

– Preciso de descobrir se uma pessoa enviou *e-mails* para si própria como se viessem de outra pessoa, ou se esses *e-mails* foram, de facto, enviados para ela por alguém.

– Posso ver se foram enviados pelo mesmo IP. É possível desviar uma mensagem para que pareça ter origem num IP diferente, mas só um profissional o saberia fazer. E consigo ver se foi o que aconteceu.

Pedi-me o servidor e o utilizador e começou a escrever no teclado. Disse-me que a *password* mais popular é *password*. A segunda mais comum é 123456. A terceira é 12345678. E uma em cada seis pessoas usa o nome de um animal de estimação.

– A Samantha tem algum animal de estimação?

Disse-lhe que não sabia.

– Vamos ver se tem algum seguro para animais. – A mulher procurou o nome de Samantha numa base de dados qualquer. O computador estava virado para ela, pelo que eu não conseguia ver exatamente o que estava a fazer. Olhei para as estátuas religiosas: uma Virgem Maria lascada, um apóstolo desbotado, um São Cristóvão sem um braço. Haveria alguém que as reparava?

– A Samantha Couper tem um seguro para animais na ASPCA, para um pastor alemão de seis anos chamado *Pal*, que sofre de doença de Cushing.

Então todas tínhamos cães doentes, feridos ou resgatados. Se era coincidência, não deixava de ser estranho, para um homem que não gostava de ter pelos de cão na roupa. Se não fosse coincidência, então Bennett era um predador que se sentia atraído pela bondade que lhe faltava. Nesse caso, era o homem no qual eu podia basear toda a minha tese. O meu coração bateu mais depressa e, desta vez, não era de medo.

A mulher escreveu mais qualquer coisa. E mais qualquer coisa. E outra vez. À sexta tentativa, sorriu.

– MeuPal. Qual é o nome de utilizador que desconfia que ela esteja a usar para escrever para si própria?

Dei-lhe o endereço de *e-mail* de Bennett – themainevent@gmail – o único que ele alguma vez usara comigo. A mulher introduziu-o e virou o computador para que eu conseguisse ver o ecrã. Apareceram centenas de mensagens, cerca de um quarto das quais enviadas depois da morte dele. Mais uma vez, quase desfaleci com o choque de ver o nome de utilizador que em tempos fazia o meu coração bater com mais força.

Pedi-lhe que abrisse a primeira mensagem com data posterior à morte dele. Comecei a ler.

Sam, chegaste a ir ao banco? Encontraste o teu passaporte? Confio em ti. Amo-te. Está quase.

– Consegue ver se foi ela que enviou isto para si própria?

– Se foi, não usou o mesmo computador. – A mulher clicou num ícone que eu nunca tinha visto antes. – Fazemos *ping* a um endereço, isto envia um sinal para um URL, como um sonar, e o sinal volta para trás e podemos determinar quanto tempo demorou a viagem. Carregamos em *return* e o endereço IP aparece, seguido por quantos segundos ou milissegundos o *ping* demorou. Sei que isto foi enviado desta zona.

Ou ela estava a enviá-los para si própria da área da minha casa e a seguir-

me, ou alguém que eu não conhecia estava a enviá-los da minha zona. Ambos os cenários eram assustadores; não conseguia pensar em nenhuma forma razoável de me proteger.

– Pode fazer mais uma coisa por mim? Pode descobrir a *password* do *e-mail* themainevent?

Ela eliminou rapidamente as *passwords* mais populares.

– Há um tipo, Jeremy Gofney, que criou um grupo de vinte e cinco computadores ligados, capaz de dar trezentos e cinquenta mil milhões de palpites por segundo. Mas eu vou demorar entre trinta minutos e seis horas. É melhor ir à sua vida, eu envio-lhe uma mensagem quando conseguir.

Comprei um café no Gimme! Coffee e fui para casa, com a intenção de ir dar uma volta com *Olive*. Decidi levá-la ao Cooper Park, para variar. Não era tão grande como o McCarren mas ficava na Olive Street, o que tinha piada. E lá tinha mais hipóteses de encontrar cães mais pequenos para a *Olive* brincar. Porém, nesta tarde de inverno, nem a camisola tricotada de *Olive* era suficiente para a aquecer, por isso enfiei-a dentro do meu casaco e sentei-me num banco.

Onde estaria Samantha a planear ir, para precisar do passaporte? Ou onde estava a ser forçada a ir? Seria isto o tipo de coisa que ela escreveria para si própria? Só se estivesse à espera de que outra pessoa lesse os *e-mails*. E porque deixaria de escrever a si própria depois disto? Ou por que motivo a pessoa que enviara esta mensagem deixara de escrever?

Olive agitou-se dentro do meu casaco e trouxe-me de volta ao presente, às necessidades simples de uma criatura viva. Pensei que ela quisesse fazer chichi e pousei-a no chão, mas não era isso. Assim, voltei a enfiá-la dentro do casaco e caminhei até casa com passo rápido. Dei por mim a fazer os gestos batidos de quem pensa ser perseguido – a olhar por cima de um ombro, depois do outro. Não tinha forças para fingir o passo confiante que, supostamente, desencoraja os atacantes.

A *hacker* ia entrar na conta de Bennett. Talvez fosse melhor para mim não saber tudo aquilo de que ele fora capaz. Era sem dúvida uma troca: informação por mais humilhação. Não teria fim a minha capacidade de aguentar tanta humilhação? Por outro lado, a informação – se conseguisse controlar a minha reação pessoal – seria valiosa para a minha tese. Veria em primeira mão a mente que espoleta esse comportamento – veria o predador a aproximar-se da presa. O sociopata e a sua vítima: eu.

Provavelmente ainda tinha algumas horas até ter notícias da *hacker*. Tinha de me preparar para o que aí vinha. Já só me restavam quatro *Xanax* de 0,25 mg, mas ainda tinha uma receita que Cilla me passara. Saí para ir à Napolitano na esquina da Graham com a Metropolitan. Era uma farmácia italiana à moda antiga, onde as pessoas ainda se tratavam pelo nome. A proprietária, com o seu cabelo ruivo e raízes perpetuamente brancas, cumprimentou-me com afeto. Toda a gente na vizinhança sabia o que eu tinha passado. Quando lhe dei o frasco com os *Xanax* restantes, ela avisou-me:

– É a última receita que tem. – Pelos vistos, eu estava com cara de quem ainda precisava de mais.

Olhei para o telemóvel, para ver se tinha mensagens, embora ele não tivesse vibrado. Disse-lhe que esperava enquanto ela aviava a receita. Imaginei alguém com um almofariz e pilão nas traseiras. Examinei os sabonetes italianos que não se encontravam nas outras farmácias. Sentia-me relativamente em paz, por saber que me iam dar mais tranquilizantes. E se descobrisse que Bennett nunca me amara? Isso sugeriria, claro que eu ainda pensava que ele me tinha amado, em tempos. Mas eu nunca fora pessoa de passar por um acidente na estrada sem olhar para os feridos.

Paguei, saí, e mesmo antes de chegar a casa recebi uma mensagem de hackyou: *Entrei*.

Podia ter tomado um dos novos comprimidos, mas decidi antes aproveitar o entusiasmo da descoberta, o que quer que me trouxesse. Quando cheguei à loja, hackyou estava com outro cliente, uma freira. Quem é que a freira queria piratear?

– Já a atendo – disse-me a *hacker*.

A freira tinha na mão uma pequena estátua da Virgem. A *hacker* disse-lhe que a reparação demoraria uma semana. Então a loja não era apenas uma fachada.

– Entre por aqui – disse-me. – Podemos falar lá dentro.

Segui-a e sentei-me na cadeira de armar que ela me indicou.

– A menos que a Samantha seja uma profissional, não foi ela que enviou os *e-mails*. – Deu-me um *Post-it* amarelo e uma caneta e disse-me para escrever a *password* que me ia ditar. Presumi que não queria deixar provas escritas pela sua própria mão.

– Quanto lhe devo? – perguntei. Tinha trazido dinheiro vivo, conforme as

indicações.

McKenzie tinha razão: saía-me mais caro pagar três meses de Internet.

A *password* era mesmo quando dormes.

Pensei na parede. Em como ele me obrigara a dormir encostada à parede.

Sentia-me como se me estivessem prestes a servir um banquete envenenado. Estava esfomeada e seria obrigada a envenenar-me a mim própria. Talvez se comesse qualquer coisa primeiro – uma torrada seca – isso me forrasse o estômago e o veneno não me matasse.

Não havia nada de extraordinário nestes *e-mails*, a não ser o facto de terem sido escritos por um homem morto. Apenas as garantias esperadas de que estava a pensar em Samantha e mal podia esperar por a voltar a ver (embora viesse mesmo a esperar). Eu estava à espera de ler e reler cada palavra e tentar extrair-lhe não só o significado aparente mas também o oculto. Na verdade, as mensagens eram tão banais que comecei a ficar impaciente. A mesma coisa, sete vezes seguidas. Porém, na seguinte, ele dizia a Samantha que uma ex-namorada maluca se tinha matado e que, por algum motivo, a polícia desconfiava *dele*. Se precisasse de Samantha para lhe fornecer um álibi, escrevia, podia contar com ela?

Samantha não escreveria a si própria um *e-mail* destes.

Despi a camisola de malha. O apartamento não estava quente, mas eu estava a transpirar.

A mensagem seguinte de Bennett respondia a uma pergunta assustada de Samantha: *Estive sozinho em casa o dia todo, mas isso não serve como álibi.*

No dia em que afirmava ter estado sozinho em casa, estava a caminho do Maine para se encontrar comigo.

Li mais uma dúzia de mensagens. Quem quer que fosse que estava a enviá-las a Samantha, afirmava estar escondido no Canadá, mas eu já sabia disso – a própria Samantha mo dissera. Continuei a ler, à procura de alguma coisa que não soubesse já. E ali estava. «Bennett» pedira a Samantha para se encontrar com ele em Toronto, e depois veriam o que fazer. E, tal como eu acabava de descobrir, seria ela a pagar por este prazer (*Já foste ao*

banco?). O primeiro *e-mail* onde falava na viagem – ou lua de mel? – era do dia após o homicídio de Pat. Senti um aperto no estômago. Deveria dizer alguma coisa à polícia? Que polícia? Eu invadira ilegalmente a conta de *e-mail* onde encontrara a informação. O que lhes diria, que um homem morto estava a planejar encontrar-se com a noiva em Toronto depois de ele, o homem morto, ter assassinado uma ex-amante?

O meu estômago roncou, mas era incapaz de comer. Em vez disso, servi-me de uma dose dupla de *Stoli*.

Escrevi *Susan Rorke*, à procura do último *e-mail* que Bennett lhe enviara, na véspera da sua morte. Agora sim, estava a ler algo que ele escrevera realmente. Esvaziei o copo.

Não vou conseguir ir ter contigo, amor. Tenho reuniões o fim de semana todo. Depois compenso-te.

Andei para baixo para ler a mensagem à qual ele estava a responder. Susan Rorke convidara-o para passar o fim de semana em Boston.

Lá porque lhe dissera que não podia ir passar o fim de semana com ela, isso não significava que não tivesse estado lá, pensei. Estranhamente, o álcool estava a trazer ao de cima o meu lado racional. Em vez de me tornar mais lenta, a *Stoli* funcionou como estimulante.

Desci mais no ecrã. Comecei a ler as respostas de «Bennett» com uma atenção especial à linguística, à sintaxe. Tenho tendência para me tornar fria e analítica quando me sinto mais vulnerável. Reparei em dois sinais claros do sociopata na comunicação escrita: ele usava repetidamente as expressões *para que*, e *visto que*, indicando a sua visão das causas e efeitos das suas ações. E referia-se frequentemente a dinheiro, a preocupações financeiras. Por outro lado, essa não era uma preocupação comum a toda a gente? Talvez fosse de ignorar. Mesmo assim, era difícil fechar os olhos a uma frase como *Pedi-te para pagares o depósito para o catering do casamento, para que eu tivesse dinheiro que chegasse para o smoking de que gostaste*. E outra: *Visto que não lhes deste o número de cartão de crédito certo, perdemos a suite de lua de mel*. Vi que ele lhe deu uma oportunidade de corrigir as coisas, dando o número de cartão de crédito correto a um hotel ainda mais caro para reservar a suite de lua de mel.

Ele oferecera-se para me deixar pagar o bolo do casamento de modo a poder comprar um *smoking*.

Bennett continuara a escrever a Susan Rorke durante dois dias depois da

morte dela. Quando deixou de ter respostas, o seu tom mudou, tornou-se apreensivo: perguntou-lhe onde estava, pediu-lhe que lhe respondesse. Depois o tom mudou de novo. A última mensagem que mandou a Susan Rorke era curta e concisa, mas não original. Recorreu às palavras de incontáveis amantes rejeitados e furiosos: *Estás contente agora?*

Por mais que tudo isto me agoniasse, também estava aliviada por saber que não tinha estado prestes a casar com um assassino. Servi-me de mais um prato do banquete envenenado e procurei grupos de *e-mails* enviados para endereços que eu não reconhecesse. À procura de mais mulheres. De ainda mais encontros.

Pelo lado positivo, eu não me tinha apaixonado por um assassino. Contudo, tinha-me deixado levar por um sociopata mulherengo que me adicionara ao seu harém.

Apareceu-me o utilizador Libertine635, uma e outra e outra vez. A palavra não teria tido o efeito que teve em mim se não tivesse lido há pouco tempo sobre os libertinos Valmont e a marquesa. Supus que agora ia encontrar a palavra por todo o lado. O número 635 disse-me quantos mais libertines existiam *online*.

Vi a data da última mensagem de Libertine para Bennett; fora no dia da morte dele. Recuei até ao início da correspondência entre ambos. Recuei anos, até à noite em que eles se conheceram no casino.

Foi Libertine que escreveu primeiro, estabelecendo um padrão de domínio. Desafiou-o a partilhar os seus segredos; ela não tinha qualquer interesse num namoro convencional e rapidamente rejeitou as primeiras tentativas dele nesse sentido. Rejeitava tudo o que era mundano – não haveria encontros para almoço, jantar ou cinema; ela não queria saber como fora o dia dele; queria a experiência intensificada, o misterioso, o transcendente. Queria ser entretida. Quanto a Bennett, recebia um tipo de atenção até então desconhecida, da parte de uma mulher bela que estava sempre a surpreendê-lo. E tinha ainda uma parceira sexual disponível e hábil que o surpreendia também na cama.

Ela insistia em lealdade, embora numa forma de lealdade que Bennett desconhecia, na altura. Mais precisamente, convenceu-o de que a sua fidelidade devia ser em primeiro lugar para com ela. Isto ganhou relevância

quando, ao fim de seis meses, o encorajou a ir para a cama com outras mulheres para lhe mostrar que, longe de sentir ciúmes, podia usar estas ocasiões para aprofundar a intimidade que partilhavam. Ele interpretou o encorajamento dela como confiança, o que permitiu a Libertine intensificar a sua manipulação.

Aplaudia-o quando ele seduzia as mais sérias, as mais altruístas, as mais virtuosas. Ria-se das hesitantes declarações de amor dessas mulheres quando ele lhas contava. Incentivava-o a não se privar de nada – e ele obedecia.

Ao fim de um ano, tiveram a sua primeira discussão. Ela queria que ele largasse Samantha Cooper; achava enfadonho o homem que Bennett se tornava quando estava com ela. Quando Bennett se descaiu e admitiu admirar o trabalho que Samantha fazia numa linha telefónica de prevenção do suicídio, Libertine escreveu: *Ela devia era dizer a esses falhados para se fazerem à vida*. Depois de quatro semanas de silêncio, Bennett convidou Libertine a ir ao cinema com ele – e com Samantha. Sugeriu-lhe que se sentasse atrás deles. Quando o filme acabou e perguntou a Samantha o que achara, a resposta insípida de Samantha foi o seu presente para Libertine.

Ao fim de dois anos, ele trouxe-lhe Susan Rorke. A segunda discussão. Ele também achava o trabalho dela louvável – não só na esquadra, mas também o aconselhamento que prestava como voluntária no lar para sem-abrigo. O acordo que propôs para voltarem a aproximar-se deixou Libertine encantada. Tratou de tudo para que os três se encontrassem num campo de tiro onde Susan ensinaria Libertine – que Bennett apresentaria como uma amiga da família – a proteger-se com uma arma de fogo. Li os elogios de Libertine a Bennett depois da aula; a sensação das mãos de Susan Rorke a guiarem as suas enquanto manejava a arma tinha sido um bónus.

Quanto mais me aproximava da data em que eu e Bennett nos tínhamos conhecido, mais apreensiva ficava.

Nova e interessante, ou apenas nova? escreveu Libertine. E, poucas horas depois: *Então?*

Bennett respondeu à segunda mensagem. *Estás mais entusiasmada com ela do que eu.*

Estavam a falar de mim. É espantoso, a quantidade de dor que um homem morto ainda consegue infligir.

Ele troçava da minha pesquisa.

A canção que a fez chorar mas tem vergonha de admitir... Ha!, escreveu Libertine.

Eu estava quase a fazer um telefonema de emergência a Cilla.

Libertine: *Conseguiste alguma coisa dela?*

Bennett: *Pareces um miúdo de dez anos.*

Afastei-me do computador e dirigi-me à janela da sala. Estava a nevar um pouco, mas ainda não o suficiente para se acumular no passeio. Eu não estava tonta, nem agoniada. Não estava enraivecida, não tinha vontade de atirar um copo contra a parede. Sentia algo menos exuberante, mas igualmente devorador. Vergonha. Humilhação é aquilo que sentimos à frente de outras pessoas; vergonha é o que sentimos quando estamos sozinhos. A vergonha é mais difícil de afastar.

Um floco de neve pousou na minha janela, com a sua geometria primitiva, e, quando o calor da sala tocou no vidro, vi a geometria derreter. Demorou menos de um segundo. O que podia acontecer num segundo?

Dei graças por ter ido levantar a minha receita; tomei um *Xanax* inteiro. Sabia que não ia esperar que este fizesse efeito antes de tomar outro. Não conseguia ler mais, por isso pus umas calças de fato de treino maiores e continuei a ler.

Estava à procura de pistas sobre quem Libertine seria. Ela nunca enviou a Bennett fotografias de si própria. No entanto, descobri fotografias minhas que Bennett lhe enviara. Nada de comprometedor – apenas invasivo: eu a fazer-lhe uma omelete, eu com uma toalha enrolada ao cabelo molhado, até uma fotografia minha a dar de comer a *Cloud*, *Chester* e *George*. Ela sabia onde me encontrar, e eu não podia dizer o mesmo dela. Entrei na casa de banho e tranquei a grade da saída de incêndio, um pequeno gesto perante a violação a que fora sujeita. Não conseguia enfrentar mais as conversas trocistas deles.

Já tinha sentido este tipo de aniquilação uma vez, quando um casal íntimo me desfez com a sua tortura trivializada. Tirar-me os meus trezentos dólares para comprar cerveja, não me desamarrar quando teve oportunidade. Candice. Doug. Li estes *e-mails* como duas mulheres – eu agora, e eu na altura. Era como ver um filme de terror com o som ligado e legendas – o horror era-me servido em dose dupla. Ele não me poderia magoar mais se tivesse lido que ele lhe dissera que eu era má na cama.

Libertine: *Ela ainda continua com a pesquisa? A vítima a estudar*

vitimologia?

Bennett: *Uma coisa tenho de admitir – ela é ávida. Gosta de aprender.*

Libertine: *Deixa-te de presunções. Ela também se faz de vítima na cama?*

Bennett: *Um cavalheiro nunca conta.*

Cavalheiro o tanas, pensei. Tentei respirar fundo e tive medo de desmaiar. Pus a cabeça entre os joelhos, fechei os olhos e tentei respirar normalmente. Dei um salto quando senti o nariz frio de *Olive* na testa. Ela viera confortar-me. Ganiu baixinho e peguei-lhe ao colo. Enquanto a acariciava, a minha pulsação normalizou e consegui respirar de novo.

– Doutora *Olive* é chamada à enfermaria – disse à pequena cadelinha branca. Ela não parava de me lambe as mãos, ao ponto em que o drama das minhas emoções se transformou em melodrama perante as suas tentativas de me acalmar, de me trazer de volta do local onde eu me perdera.

Subi para a cama demasiado esgotada para ler ou ver televisão. Tentei repetir a prática de meditação que tinha feito na banheira há pouco tempo, e relaxar uma parte do corpo de cada vez. Não conseguia dobrar os joelhos. Tentei relaxar primeiro um, depois o outro. Teria de voltar a eles mais tarde. Braços: sem problema. Ombros e trapézios, tudo bem. Voltei aos joelhos para uma segunda tentativa. Nada. Lembrei-me de que os Gregos acreditavam que a vida residia nos joelhos, e era por isso que caíamos de joelhos quando tínhamos de suplicar para nos pouparem a vida. Deveria eu estar de joelhos a suplicar para me deixarem viver?

Pensei em todas as pessoas a quem tinham acontecido coisas piores. Havia pessoas que suportavam crueldades indizíveis. E o que faziam era aguentar. Algumas até encontravam em si a capacidade de perdoar. Eu estava convencida de que também conseguiria suportar isto, mas essa convicção em nada contribuía para diminuir a dor neste momento.

Virei-me de lado, surpreendida comigo própria. Onde estava a amargura? Seria normal que eu quisesse desistir dos homens, do amor, do romance. No entanto, dava por mim a desejar novamente todas essas coisas, e em breve, que aquilo que lera nessa noite não afastasse essa possibilidade.

Por um momento, confundi um candeeiro de rua com a lua.

O que me consumiu de manhã foi o pensamento de que Bennett podia ter convidado Libertine a observar-me, como fizera com Susan e Samantha. Estaria ela sentada atrás de nós no cinema quando fomos ver *Grizzly Man*? Seria uma das outras hóspedes nas estalagens no Maine? Ter-me-ia pedido os apontamentos de uma das aulas na universidade? Ter-nos-íamos conhecido? Tentei não atravessar a linha que separava as questões racionais da paranoia, mas depois de ler aqueles *e-mails* venenosos na noite anterior lembrei-me das pessoas que contraem o vírus que devora a carne humana. Ainda teria braços? Ainda teria pernas? Como é que conseguia estar de pé em frente ao fogão à espera de que a chaleira de água fervesse?

Quando o telefone tocou, dei um salto.

– Tenho boas notícias – disse Billie. – Mas sinto-me terrível por dizer isto. Acabo de saber que a cadela doente no For Pitties’ Sake não passa de amanhã, na melhor das hipóteses.

– Porque é que ligaram para *ti*?

– Estou aqui com o Alfredo, viemos deixar os come-bolos. Conseguimos transportar quatro. O Alfredo acabou de os instalar nas suas novas casas confortáveis. Já arranámos donos para três deles.

A minha admiração por Billie nesse momento era genuína. Mesmo assim, tive de me esforçar para reconhecer o bom trabalho que ela fizera.

Mesmo que não consiga proteger-me a mim própria, pensei, posso proteger a minha cadela.

Pus a trela a *Olive* e fui com ela à rua. Em breve *Cloud* poderia também apanhar ar. Caminhámos na direção de Peropia. *Olive* acelerou o passo assim que reconheceu o caminho para a loja de brinquedos para cães. Quando virámos a esquina, ia a correr a toda a velocidade. Dentro da loja, vi uma cadela *beagle*, sozinha, aproximar-se de um recipiente baixo cheio de guloseimas de roer, remexer com o focinho, escolher uma e sair porta

fora com ela. Ri-me e perguntei ao empregado se tinha visto aquilo.

– A Rudy tem conta aberta – disse ele. Rudy trabalhava na agência de viagens do lado. Saímos da loja com uma caixa de pedacinhos de fígado congelados para *Cloud*.

A simples alegria de agradar a um cão deu-me forças suficientes para regressar ao trabalho que tinha pela frente. Sentei-me de novo ao computador. Havia algo obsceno em ter de chafurdar na correspondência irreverente de Bennett e Libertine à procura de pistas sobre quem ela era.

Libertine: *Já estás no testamento dela?*

De quem?

Bennett: *O apartamento é arrendado e ela não tem carro. A família não é rica e dá a maior parte do dinheiro que ganha.*

Os meus donativos às instituições de ajuda aos animais?

Libertine: *Nada como estar ocupada sem ganhar um tostão!*

Bennett: *Não é isso que tu fazes?*

Libertine: *Mas eu posso dar-me a esse luxo, como sabes.*

Bennett: *Tenho pensado naquele documentário de que gostámos, Grizzly Man, como a paixão do Timothy Treadwell por ursos pardos acabou por levar à morte dele, ironicamente. Quer dizer, um sem-abrigo? No sítio onde trabalha para os ajudar?*

O alívio que senti foi duplo: alívio por não ser de mim que estavam a falar e, mais forte ainda, alívio por Bennett estar morto. Pensava que sabia o que era um sociopata; conseguia descrever as suas características. Porém, até àquele momento, nunca tinha compreendido visceralmente o que eles faziam.

Ele estava a falar desta maneira sobre uma mulher com quem planeava casar, uma mulher que fora morta enquanto trabalhava ao serviço de outros. Até me ocorreu o velho lugar-comum: *Será que já não há nada sagrado?* E a história do *Grizzly Man*? Segundo o *e-mail*, ambos gostavam do documentário, mas eu também o vira e lembrava-me de que a namorada de Treadwell o acompanhava e também fora morta pelo urso pardo que o atacara.

Li até ao ponto em que o sem-abrigo suspeito da morte de Susan Rorke fora ilibado e libertado. Depois disso, o tom dos *e-mails* de Bennett mudou. Começou a ficar preocupado com a possibilidade de a polícia suspeitar dele. Em vez de o tranquilizar, Libertine não levou as suas preocupações a sério.

Até mudou de assunto, começando a falar de sítios para as suas próximas férias. Bennett, contudo, voltou a puxar o assunto. Continuei a ler, a ver as formas como a manifestação de medo dele a afetavam. A dada altura ela escreveu: *Não te conheço!* E depois dei de caras com uma frase que reli, uma e outra vez, à procura de vestígios de sarcasmo, mas sem os encontrar. Era Bennett a defender-me perante ela: *A Morgan é profundamente boa. Nunca me trataria como tu me tratas.*

Fiquei desapontada comigo mesma por me sentir lisonjeada.

Libertine não mordeu o isco. Ou talvez tenha mordido. Lançou um desafio a Bennett: *Quero que me fodas na cama dela. Amanhã de manhã.* Bennett respondeu: *Ela sai de casa às nove.*

Não havia mais mensagens de Libertine. A última fora enviada na véspera da morte de Bennett.

Precisava de me movimentar. Não aguentava ficar em casa nem mais um momento. Peguei num casaco e num cachecol, num chapéu e numas luvas, e saí para fazer uma caminhada, sem destino. Precisava de passar por pessoas cujos erros desconhecia. Sentia-me mais segura no meio de gente. Passei pelas Piscina Metropolitanas, por um suporte de bicicletas para alugar, pela *roulotte* de comida colombiana e por um bar de sumos. Quem é que não precisa de sumo? Entrei e comprei um sumo de cenoura pequeno, para dizer que ingeria alguma coisa saudável.

Quanto mais me aproximava da água, mais forte se tornava o vento frio. Dirigi-me ao cais onde os homens costumam pescar, mas não estava lá ninguém. O vento fazia-me arder a cara e trouxe-me lágrimas aos olhos. Rendi-me ao torpor. Essa rendição permitiu que me rendesse também àquilo que acabara de saber, que Libertine estivera no meu apartamento na manhã da morte de Bennett.

Teria sido isso que desencadeara a fúria dos cães? Estarem trancados na casa de banho e ouvirem os sons de Bennett a ter sexo com esta mulher na minha cama? Teria desencadeado a minha fúria, sem dúvida. Dei por mim a sentir-me quente. Deixei de sentir o frio; o sangue aquecia todas as partes do meu corpo. A confusão dissipou-se e senti uma compreensão clara e penetrante invadir-me. Este sentimento é também conhecido por raiva. Normalmente, a raiva cegava-me, mas desta vez abriu-me os olhos. Era uma

sensação revigorante e bem-vinda, mais forte do que o medo. Esta clareza era preciosa; não queria que desaparecesse. Libertine estivera no meu quarto com Bennett.

*B*oss, a cadela, morreu durante a noite. O telefonema de Alfredo, da For Pitties' Sake, chegou de manhã. Agora havia espaço para *Cloud*. Alfredo disse que estaria pronto para tratar da admissão dela nessa tarde.

Finalmente, algo bom. Eu conseguira, por um triz, proteger uma criatura que amava até a poder colocar em segurança. Estava cheia de alegria por a minha cadela ir para um sítio onde cuidariam dela com amor.

Antes de alugar um carro, liguei para Billie. Há quase seis meses que estávamos a trabalhar para este momento. Perguntei-lhe se queria ir comigo e ela disse que me viria buscar. Quando chegou, tinha café e *scones* para a viagem. E uma guloseima de roer para *Cloud*. Quanto a mim, trazia presunto fatiado dentro da mala.

– Conseguimos! – exclamou Billie.

Tinha razão para falar no plural. Eu não teria chegado até aqui sem ela, e disse-lho. Ela levantou a mão e bati-lhe com a minha. Reparei então que o seu braço e o seu rosto estavam tão pálidos como os meus. Não estava nada bronzeada, apesar de ter acabado de chegar das Caraíbas. Billie não me parecia o tipo de pessoa que andava sempre de luvas e chapéu de abas largas para se proteger do sol, mas nunca se sabia. No entanto, mesmo as pessoas que evitam o sol direto se bronzeiam nas Caraíbas.

– Estava à espera de te ver com uma corzinha.

– Só lá estive quarenta e oito horas. Não fui para apanhar banhos de sol na praia.

– Eles já acabaram o canil novo? Estiveste com a Lesley?

– A Lesley não estava na ilha. Fui buscar os cães ao canil velho.

No entanto, de todas as vezes que eu lá tinha ido buscar cães, Lesley, a diretora da Sociedade Protetora dos Animais, trouxera-os, com a papelada em ordem, até ao aeroporto.

Apercebi-me de que estava a testar Billie e pareceu-me que ela sabia disso. Mesmo assim, queria saber se ela tinha ido com McKenzie.

Perguntei-lhe se tinha trazido pacotes de açúcar para o café.

– Vê no porta-luvas.

Encontrei vários batons – embora nunca a tivesse visto com batom – mas nada de açúcar. Peguei num batom de um tom chamado tiramisu.

– E se eu comesse isto? – disse, numa tentativa mal sucedida de dissipar a tensão com uma piada.

– Esse é difícil de encontrar. Já não se fabrica.

Estávamos a avançar a boa velocidade na FDR Drive em direção a norte. Havia pessoas a fazer *jogging* à beira-rio, bem protegidas contra o frio. Viam-se poucos barcos no rio esta tarde, apenas uma barça a ser puxada por um rebocador. Os cruzeiros de festa eram um fenómeno da primavera e do verão. Estes eram barcos de trabalho, a fazer o melhor que podiam na água gelada e nas correntes difíceis do pequeno braço de mar conhecido como East River.

Virámos para a saída da Ninety-Sixth Street e passámos pelos muitos estabelecimentos baratos com a mercadoria exposta no passeio, apesar do frio, pela loja de desconto, o White Castle, pelos bairros sociais e por estações de serviço cheias de táxis. Um jardim coberto de gelo interrompia uma fila de prédios mesmo antes de virarmos para a 119th Street.

– Tens a trela dela? – perguntou Billie.

Tínhamos acabado de estacionar num parque sem parquímetros, junto dos portões de ferro em frente da estrutura de betão praticamente sem janelas. A minha cadela estava presa desde setembro, e estávamos prestes a libertá-la.

– Trela e coleira – disse. A coleira de *nylon* tinha símbolos da paz e um arco-íris de cores, além da placa do nome, da licença e das vacinas. Billie deve ter percebido que eu me estava a ir abaixo, porque disse:

– Age como se viesses aqui constantemente.

Passámos pela receção depois de ela acenar a um funcionário que conhecia. A mulher na receção reconheceu Billie e abriu-nos a porta. O barulho atacou-nos de imediato, combinado com um forte cheiro a urina e fezes. Segui Billie sobre o linóleo escorregadio – ela movia-se com a determinação de um soldado, o que me devia ter inspirado força mas só me fez sentir desequilibrada.

Na parede, havia vários dispensadores de gel antibacteriano, que teriam sido úteis se estivessem cheios. Passámos por várias portas para as diferentes alas do canil. Em cada uma havia cerca de duas dúzias de cães, os maiores numa fila de jaulas, os mais pequenos em gaiolas empilhadas. O excesso de população tornava necessário ter uma parede coberta destas

jaulas empilhadas no corredor principal. Vi que havia gatos assustados, lado a lado com os cães. As luzes fluorescentes piscavam e crepitavam, uma dor de cabeça instantânea. As portas das alas eram de um dos lados do corredor; do outro havia uma porta que dizia ALA MÉDICA.

– Não entres aí – disse Billie.

Espreitei lá para dentro quando um técnico veterinário a abriu e vi sangue no chão de linóleo.

– Eu avisei – disse Billie.

O armazém da comida ficava do mesmo lado do corredor, a seguir à ala médica. Aí, havia uma bacia funda cheia de taças de água e latas de comida abertas, por baixo de uma torneira que pingava.

– Olhos para a frente – disse Billie, ao reparar que eu estava distraída, mas continuei a observar o que me rodeava.

Na porta de cada uma das alas havia um painel de vidro estreito, à altura dos olhos, e espreitei para os cães lá dentro. Alguns estavam nitidamente deprimidos – sentados ao fundo das jaulas, virados para a parede. Outros, assim que estabeleciam contacto visual, mesmo que fugaz, com um potencial salvador, começavam a fazer os truques que alguém lhes ensinara em tempos – uma pata levantada para um aperto de mão, apesar de não haver ninguém para a segurar. Senti-me à beira da desintegração. Devo ter soltado uma exclamação, porque Billie se virou para mim e disse:

– É por isso que aqui estou.

O horário das visitas para adoções ainda não terminara e passámos por pequenos grupos de pessoas que olhavam para os cães atrás das grades. Os que estavam habilitados a serem adotados encontravam-se nas duas primeiras alas, com os mais pequenos numa sala à parte. Os cães pequenos tinham sempre mais visitantes à procura de um animal de estimação. Vi crianças com chihuahuas e caniches anões trémulos nos braços, bem como rafeiros orelhudos. Vi famílias passarem de jaula para jaula nas alas de adoção dos cães grandes, a debaterem os méritos de um ou do outro, que cão era mais engraçado, qual precisaria de menos exercício. Parei por um instante enquanto Billie continuava a caminhar. Tinha ouvido um tipo de vinte e tal anos a avaliar as probabilidades de um jovem *pit bull* macho no ringue das lutas. Apressei o passo para apanhar Billie e lhe dizer, e ela disse:

– Já o conhecemos. Na receção sabem que não podem entregar-lhe cão

nenhum.

Na ala para onde nos dirigíamos, não eram permitidas visitas do público.

Eu não teria durado uma hora aqui. Sempre tivera essa consciência, mas agora era uma certeza, já que vinha buscar a minha própria cadela. A única coisa que suavizava este horror era a generosidade com que os funcionários e voluntários do canil tratavam os animais, outras mulheres como Billie, pois ela dissera-me que os voluntários eram quase todos mulheres. Dissera-me também que a maioria dos funcionários, que tinham um trabalho difícil e esgotante, eram bons para os cães e tratavam-nos pelo nome, apesar de, geralmente, os nomes lhes terem sido atribuídos à chegada.

– Ao fundo do corredor, aquela porta dá para um jardim – disse Billie. – É o único sítio onde os cães podem andar sem trela. Embora jardim não seja a palavra certa... não tem relva nenhuma.

Estávamos quase na ala onde *Cloud* se encontrava quando Billie disse:

– Se o elevador estivesse a funcionar, verias tudo isto duplicado no primeiro andar.

Quando interiorizei esse facto, fui esmagada pelo sentimento de culpa por não poder tirar mais cães daqui, além de *Cloud*. Mas onde é que isso levaria, e onde acabaria?

– Sei o que estás a pensar – disse Billie. – Não podemos salvá-los a todos. Para mim, é uma questão de tradução, estou sempre a traduzir aquilo em que gasto dinheiro no que isso pagaria num sítio destes. Aquele par de sapatos daria para vacinar vinte e cinco cães contra a tosse dos canis. Aqueles óculos de sol dariam para castrar dez cães.

Billie pegou num porta-chaves e abriu a porta da Ala 4A, onde estavam os cães perigosos. Nesta ala, em cada uma das jaulas havia um cartão afixado nas grades com as palavras, a vermelho: CUIDADO – EXTREMO. Era a classificação de temperamento deles. Na parede de betão em frente da fila de jaulas havia grossas argolas de aço penduradas de parafusos expostos, que estes cães fortes tinham arrancado da parede. A um canto vi uma vara com um laço na ponta, ao lado da mangueira preta industrial.

Cloud não estava no sítio onde a vira da última vez, a primeira jaula ao pé da porta. Em vez de *Cloud*, nessa jaula estava um grande cão branco com orelhas cortadas e olhos vermelhos, sentado a olhar para as grades, impassível.

– Onde é que ela está? – perguntei.

– Foi transferida para o fim da fila.

Senti um momento de culpa por não dar atenção aos cães nas jaulas pelas quais passei a correr para ir ao encontro da minha. Quando vi a minha menina, com o pelo branco imundo, gritei o seu nome e desatei a chorar. Ela aproximou-se das grades e Billie abriu a porta apenas o suficiente para lhe pôr a coleira e a trela. Billie disse-me para a deixar levar *Cloud* até à porta, do lado oposto ao das jaulas, com o corpo de Billie entre ela e os cães presos. Quando chegámos à entrada, vi o cão branco de orelhas cortadas, mas não estava na primeira jaula a contar da porta. Estava na segunda, onde *George* estivera em tempos, ao lado de *Cloud* mas sem a conseguir ver. Apercebi-me de que havia dois cães com as orelhas cortadas e os olhos vermelhos, em poses iguais, cada um na sua jaula. Os cães tinham pelo curto e peitos largos e musculados. Não eram *pit bulls*, mas pareciam ser molossos, os antepassados das raças de luta. Os cães pareciam pesar uns sessenta quilos, ainda maiores do que *Cloud*.

– São dogues canários? – perguntei a Billie. Anos antes, quando Steven vivia em São Francisco, um par de dogues canários não treinados tinha escapado do apartamento do dono para o corredor de um prédio em Pacific Heights e atacado uma jovem mulher que não conseguira enfiar a chave na fechadura suficientemente depressa. A mulher morrera dos ferimentos, que incluíam quase oitenta dentadas; só o couro cabeludo e os pés tinham escapado intactos. O julgamento que se seguiu condenara os donos negligentes – um dos quais era advogado – a quinze anos de prisão por homicídio involuntário.

– São dogues argentinos – disse Billie. – Mas na realidade são bodes expiatórios, trazidos ontem à noite.

– Qual é a história deles?

– A do costume.

Ou achava que eu sabia do que ela falava, ou estava a tentar acabar com a conversa.

Quando passámos pelas jaulas, os dogues levantaram-se e percorreram a jaula; os seus movimentos eram idênticos, como nadadores sincronizados, apesar de não se conseguirem ver um ao outro nem terem forma de saber o que o outro estava a fazer. Ambos os cães olharam para mim, a rosar.

Assim que saímos, ajoelhei-me e abracei a minha cadela. Ela ainda tinha as orelhas dobradas para trás, com medo, mas começou a abanar a cauda e

encostou-se a mim, empurrando a grande cabeça contra o meu peito.

– Já estás em segurança – disse-lhe.

Por mais contente que estivesse por me ver, sentiu o cheiro do presunto e enfiou o nariz na minha mala.

Billie esperou só o tempo suficiente para *Cloud* encher a boca e depois enfiou-lhe um açaimo.

– Vamos tratar dos papéis para a tirar daqui.

No átrio apinhado, um rapazinho hispânico aproximou-se e perguntou por que é que a minha cadela tinha uma jaula no focinho e que nome é que eu lhe ia dar.

– Chama-se *Cloud*.

– Fixe. Posso fazer-lhe uma festa?

Dirigimo-nos à secretária e ouvi Billie dizer ao rapazinho para não fazer festas a *Cloud* porque era uma cadela perigosa. Vindo de Billie, esse comentário fez-me olhar para trás. Acreditaria ela nisso, ou estaria apenas a seguir as regras?

Um homem com um *chow* de ar assustado estava ao meu lado, furioso com a mulher atrás da secretária, que lhe dissera que tinha de pagar uma taxa de trinta e cinco dólares para deixar o cão.

– Nem pensar. Vou deixá-lo amarrado lá fora e pronto.

Billie disse-lhe para deixar o cão, que ela pagaria a taxa.

– Outra vez? – disse a mulher atrás da secretária.

Como Billie a conhecia, o processo foi rápido e poucos minutos depois estávamos a sair do canil com *Cloud*. Depois da barulheira lá dentro, os ruídos do East Harlem eram bem-vindos. Esperei que *Cloud* fizesse as suas necessidades no passeio. Distraída pelo mundo de cheiros normais, ela parecia assoberbada com as informações que estava a receber do passeio, da boca de incêndio, das árvores. Dizemos que uma pessoa tem de «cair em si» quando queremos dizer que tem de aceitar a realidade, mas aqui eu estava a ver uma criatura a reencontrar-se realmente com a realidade, e era comovente. Não tinha pressa nenhuma de a puxar; era *Cloud* que estava a ditar o passo. Percebi que ela estava dividida entre o seu interesse por aquilo que a rodeava e o desejo de estar nos meus braços. Agachei-me e *Cloud* simplesmente encostou-se a mim. Billie inclinou-se, coçou-lhe as orelhas e tirou-lhe o açaimo, conquistando uma lambidela e uma cabeçada.

Percebi que me estava a rir, e depois Billie desatou a rir também, tentando

manter-se de pé enquanto a minha grande cadela se empoleirava em cima de nós.

Billie dirigiu-se ao carro, mas eu disse que primeiro devíamos deixar *Cloud* caminhar um pouco. Virámos para leste, na direção do rio. O vento acalmara e havia no ar a sensação da primavera iminente, ou pelo menos foi o que imaginei, na minha felicidade. Não havia propriamente flores a despontar, apenas uma suavidade no ar que estava ausente antes. A leve brisa do rio chegou a *Cloud*, que ergueu a cabeça. Lembrei-me de que a minha cadela não pisava relva desde o seu teste de temperamento, cinco meses antes. O pequeno parque da esquina teria de servir, por enquanto. Também tinha um poço de areia comprido para os saltos. Billie apanhou um pau e atirou-o, mas *Cloud* não era um *retriever*. Ficou onde estava e rebolou-se na areia.

Abri o saco e tirei o seu jantar de festa, o meio quilo de fiambre polaco fatiado. Depois de ela o devorar em duas dentadas, Billie ofereceu-lhe um dos nossos *scones*. Eu tinha uma garrafa de água com bocal e *Cloud* bebeu do arco de água quando a apertei.

Havia um barco da polícia a patrulhar o rio. Do outro lado ficava Wards Island, onde se encontravam o Centro Psiquiátrico de Manhattan e o Centro Kirby de Psicologia Forense. Os edifícios de tijolo castanho-claro eram intimidantes, com longas filas de janelas com grades e um ar de desolação. Pareciam um monumento ao sofrimento e ao desespero, mas nem eles podiam tirar o brilho deste dia.

Regressámos ao carro e colocámos *Cloud* no banco de trás, que Billie tapara com uma manta limpa. *Cloud*, contudo, foi-se enfiando entre os bancos da frente até ao ponto de eu não conseguir ver Billie ao volante. Antes de ligar o carro, ela pegou no telefone.

– Conheço uma pessoa que vai gostar de saber disto. – Apontou o telemóvel para *Cloud*, que estava agora praticamente no banco da frente connosco, e tirou algumas fotografias. – O McKenzie vai ficar contente.

Ela saberia melhor do que eu.

Pusemos os cintos e subimos a FDR até à ponte de Willis Avenue – a melhor maneira de evitar as portagens – para sair da cidade.

Billie ligou o rádio: Lolawolf.

– Sabes – disse Billie –, temos de perguntar a nós próprios o que queremos e tentar primeiro alcançar a primeira opção. Se não conseguirmos,

então passamos à segunda coisa da lista. Mas, primeiro, tentar sempre a primeira opção.

– Eu tenho corrido riscos. Só que de outra espécie. Costumava escrever poesia.

Billie soltou uma gargalhada.

– Fizeste-me lembrar o que o outro tipo disse, que se não fosse a poesia as miúdas de vestidos de bombazina e *collants* pretos na escola secundária seriam forçadas a fazer amigos.

– Eu não era assim tão má. Simplesmente gostava de ler e tentava escrever de vez em quando. Tentava, a questão é essa. Quando vi que não estava a ir a lado nenhum, foi quando comecei o trabalho que tenho agora.

– Nunca me disseste qual é o tema da tua investigação.

– Altruísmo patológico. – Bastava-me dizer as palavras em voz alta para me sentir mais calma. Fazia-me lembrar que estava a trabalhar em algo digno de atenção, que tinha uma vida que incluía um trabalho de valor.

– Parece um oxímoro. Como é que o altruísmo pode ser patológico?

– Não causa danos apenas aos outros, mas também à própria pessoa. Imagina: aquela pessoa que trabalha incansavelmente pelos outros e não cuida de si e acaba por adoecer. Penso que encontrei um elo de ligação estatístico entre o excesso de voluntariedade e a vitimologia, mulheres realizadas, inteligentes e motivadas que são vítimas de predadores por causa da profundidade da sua compaixão. Isso deixa-as cegas a um tipo de predador que está fortemente consciente dessa característica, que predispõe as mulheres a darem-lhe o benefício da dúvida. Penso que os predadores procuram mulheres com uma abundância excessiva precisamente daquilo que eles têm em falta. Os predadores alimentam-se da compaixão.

Olhei para Billie, para ver se estava a dar importância ao que eu estava a dizer. Ela não fez nenhum comentário superficial; na verdade, parecia estar a pensar no assunto. Depois perguntou-me se eu achava que *ela* era uma altruísta patológica, se eu pensava que ela estava a expor-se a ser vitimizada dessa maneira.

– É difícil ver-te como vítima seja de quem for.

– Foi isso que o Bennett viu em ti?

Poderia dar-lhe uma resposta honesta? Mas que resposta? Andava com essa pergunta às voltas na cabeça desde a morte de Bennett.

– Talvez eu não seja a melhor pessoa para o avaliar.

Ela virou para a saída de Cross River e Katonah.

– Onde vamos?

– Temos tempo. Há um sítio muito bonito a cinco quilómetros daqui onde podemos deixar a *Cloud* dar mais um passeio. Sem trela.

Reserva de Ward Pound Ridge. Passámos pelo reservatório junto da saída e quando virámos para o parque de estacionamento vimos que não havia outros carros estacionados. *Cloud* estava delirante, a descobrir os cheiros do campo. Deixámo-la beber do regato. Agradei a Billie por ter deixado *Cloud* ter este intervalo entre o canil e o santuário.

– Há uma parte de mim que quer pegar nela e continuar a conduzir. Levá-la para outro estado e começar do zero, longe de tudo o que aconteceu em Nova Iorque – disse, abrindo-me com ela.

– Mas nunca farias isso.

– Como sabes?

– Porque *eu* faria.

Olhei para a minha cadela, que estava a adorar a sua liberdade.

No trilho, alguns metros à nossa frente, apareceu um veado, que parou, a olhar para nós. *Cloud* estacou, mas não o perseguiu.

– Linda menina – disse-lhe. Ficámos em silêncio, imóveis, até que as vozes de outras pessoas no trilho atrás de nós nos sobressaltaram a todos e o veado desapareceu no bosque.

– Devíamos ir andando – disse Billie. – É melhor chegarmos antes de anoitecer.

Fizemos o resto do caminho até New Milford sem música nem conversa. Depois de percorrermos a estrada de terra até ao For Pitties' Sake, aos solavancos nos sulcos deixados pelo gelo a derreter, parámos em frente da garagem, ao lado de outros carros. Alfredo ouvira o carro e saiu para nos receber. Deu um biscoito a *Cloud*, depois outro.

Alfredo perguntou se podíamos ficar o tempo de ele dar um banho a *Cloud*. Assim, explicou, podia secá-la com o secador, com a cabeça dela entre os meus joelhos e eu a segurar uma toalha à volta da cabeça dela para a proteger do barulho do secador. Respondi que claro que ficaríamos.

Ele levou-nos para uma casa de banho no piso de baixo que tinha sido transformada numa espécie de *spa* para cães. Ajudei *Cloud* a entrar na banheira e afastei-me enquanto Alfredo a lavava. Assim que o pelo molhado ficou colado ao corpo dela, percebi a quantidade de peso que tinha perdido.

Esfreguei-lhe as orelhas através da toalha e pensei de novo no que Billie dissera, que eu seria incapaz de fugir com ela e começar de novo noutro lado. Que ela o faria, mas eu não. De qualquer modo, já não acreditava que alguém pudesse começar do zero. Podemos continuar e crescer, mas não recomeçar. As pessoas que acreditam que isso é possível não compreendem o contínuo da vida.

Não queria ver *Cloud* ser enfiada na sua jaula, por mais espaçosa e limpa que fosse, por isso viemos embora enquanto Alfredo a escovava. Estava grata por ter tido esta imagem da minha menina – limpa, macia, a ser tratada por alguém que se importava com ela. Billie saiu à minha frente para o pátio lamacento. Os terrenos pantanosos de um dos lados da propriedade eram um dos motivos pelos quais a tinham adquirido tão barata, segundo o que Alfredo nos dissera. Os cães não se importavam por um dos lados da propriedade ser pantanoso. Fiquei contente por estarmos a sair enquanto ainda era dia. A janela da garagem aquecida, a nova vista de *Cloud*, dava para os pântanos, e *Cloud* adorava água.

– Recebi uma mensagem do McKenzie – disse-me Billie quando entrámos no carro.

– Agora?

– Depois de ele receber a fotografia da *Cloud*.

– O que é que ele disse?

– Que pode finalmente arquivar o teu caso.

Finalmente? Remexi na mala, à procura de um lenço de papel, só para fazer alguma coisa e afastar esse pensamento.

– Devia avisá-lo de que não vou chegar a tempo. Podes tirar o telemóvel da minha mala?

Peguei no telemóvel dela e Billie pediu-me se podia escrever uma mensagem para ele, já que estava a conduzir. Agora eu era a intermediária.

Ela ditou: *Tenho de cancelar. A menos que fiques acordado até mais tarde?*

– Tens fome? – perguntou Billie.

– Apetecia-me uma bebida.

– Há um bar em Danbury, alguns quilómetros mais à frente. Podemos jogar bilhar enquanto bebemos um copo.

Billie levou-nos até um *pub* irlandês, o Molly Darcy's. Havia uma bateria e alguns amplificadores em cima do palco, mas ainda não eram sete horas,

demasiado cedo para música ao vivo. Até havia uma pista de dança, agora vazia, embora as marcas no chão prometessem que não ficaria vazia muito tempo. Havia talvez uma dúzia de clientes, sentados em bancos vermelhos, virados para um jogo de futebol sem som na televisão montada na parede. A mesa de bilhar estava livre. Pedi duas cervejas enquanto Billie juntava as bolas.

Ela pôs giz na ponta do taco, tirou as bolas da prateleira por baixo da mesa e arrumou-as no triângulo. Depois contornou a mesa.

Perguntei a mim própria por que motivo Billie estaria a perder tempo a jogar bilhar comigo quando podia estar com McKenzie. Era uma escolha que eu nunca faria.

Vi-a enfiar mais duas bolas nos buracos.

– Não me tinhas dito que eras jogadora.

Era mais uma exibição do que um jogo; sempre que ela se inclinava para dar a tacada, o decote da camisola de alças deixava ver o *soutien* preto de renda.

Billie falhou a jogada seguinte e passou-me o taco.

– Não sou muito boa nisto – disse eu, preparando-me para uma demonstração inferior. Não haveria pele exposta comigo; estava vestida de forma mais discreta, com uma *T-shirt* e calças de ganga justas. Prendi o cabelo num rabo de cavalo para não atrapalhar, mas a franja que tinha cortado há pouco tempo, por capricho, caía-me na mesma sobre os olhos.

– Deixa-te de desculpas.

Enfiei duas bolas nos buracos dos cantos, depois falhei.

Billie despachou as quatro seguintes, depois pegou no apoio para fazer uma jogada difícil – tinha de fazer três tabelas para meter a bola. Não hesitou em despachá-la.

Acabei a cerveja e vi-a enfiar o resto das bolas.

– A próxima rodada pago eu – disse, admitindo a derrota. – A menos que queiras ir andando.

– Acho que ganhei uma cerveja. Vou arrumar as bolas.

Pegou no triângulo e começou a enchê-lo. Dois tipos que estavam a beber ao balcão aproximaram-se da mesa. Não sabia há quanto tempo estavam a observar-nos.

Pelo aspeto, pareciam ter acabado de sair do trabalho nas obras. Vestiam camisas de flanela enfiadas em calças de ganga largas, botas gastas e

pareciam homens – muito longe do aspeto andrógino dos homens que se via em Williamsburg. Quando viram Billie a olhar para eles, levantaram as cervejas e sugeriram uma aposta. Billie aceitou. Quando podia estar com McKenzie.

– Anda conhecer os nossos novos amigos – disse Billie, chamando-me com um aceno.

Não gostei muito de me ver metida nisto, mas cumprimentei-os com um «olá» neutro e disse a Billie que estava cansada, pois tinha sido um longo dia.

– Não sejas desmancha-prazeres. – Billie recordou-me que estávamos a festejar a transferência de *Cloud* para o seu novo lar.

No entanto, não me convenceu; isto não tinha nada a ver com *Cloud*.

O homem mais alto perguntou-lhe onde aprendera a jogar bilhar tão bem.

– Com a minha avó. Foi assim que ela conheceu o meu avô. Desafiou-o e ganhou.

O homem levantou a garrafa de cerveja, num brinde.

– Queres abrir? – perguntou Billie.

– Achas que preciso da vantagem? – Olhou para o amigo e eu reconheci o olhar que eles trocaram: o mais alto estava a perguntar ao outro se não se importava de ficar comigo, uma vez que ele já escolhera Billie.

– Importas-te que fique com este? – perguntou-me Billie. Não percebi se estava a falar do jogo ou do homem. Ela deve ter percebido a minha dúvida, porque se virou e juntou as bolas.

Billie abriu o jogo, enfiou uma bola e não falhou uma única jogada daí em diante.

O jogo, se é que se pode chamar-lhe isso, foi tão rápido que nem me vi obrigada a fazer conversa de circunstância com o outro homem. O mais alto aceitou bem a derrota.

A banda tinha começado a tocar pouco antes do fim do jogo. O parceiro de Billie pousou a cerveja e pegou-lhe na mão. A banda estava a tocar «How Do You Like Me Now?» de Toby Keith, que não era das canções mais fáceis de dançar. Quando o outro homem me convidou para dançar, desculpei-me com uma distensão muscular e ele pareceu aliviado. Sentámo-nos a uma mesa e ficámos a ver o amigo dele e Billie na pista de dança.

Alguns casais estavam a tentar fazer uma espécie de dança em linha. Eram apenas dois casais, além de Billie e o seu parceiro, por isso não era

difícil vê-los. Toda a gente sabe que um homem que sabe dançar entra numa pista de dança de forma muito diferente de um homem que não sabe. O modo como o mais alto conduziu Billie para a pista transmitia propriedade. Era algo digno de se ver – Billie a deixar-se conduzir por um homem. Ela tinha a confiança necessária para poder ser submissa; não perdia nada com isso.

Para minha surpresa, Billie não conseguia acompanhá-lo. Ele conduziu-a pela pista, mas ela trocou o passo e riu-se. Puxou-o para si e marcou ela o passo para a segunda parte da dança. Lenta e insinuante, mesmo quando a banda acabou a canção e começou a tocar «White Liar» de Miranda Lambert. Vinha mesmo a propósito – cantei silenciosamente: *A verdade aparece aos bocadinhos*.

Deixei o tipo mais baixo pagar-me outra cerveja.

Billie e o companheiro juntaram-se a nós quando a canção acabou. Ele deixou ficar o braço à volta dela, até que Billie o sacudiu. Depois pousou-o nos ombros dela, e Billie virou-se para ele:

– O que pensas que estás a fazer?

Percebi pela cara dele que achava que ela estava a brincar. Ainda agora tinham estado a roçar-se um no outro na pista de dança.

O mais baixo disse:

– Vou andando. – Despediu-se de mim com um aceno e olhou para o amigo. Pareceu-me que ele também tinha sentido que havia aqui algo errado.

O outro, contudo, não estava em sintonia connosco. Estava interessado em Billie e disse:

– Desafio-te para outra partida, se ganhar tenho mais uma dança.

– Temos de ir. Morgan?

Peguei na mala e levantei-me. Billie já ia a caminho da porta. Pediu-me para conduzir e atirou-me as chaves.

Quando liguei o carro, o tipo mais alto bateu à janela e disse a Billie:

– Onde é que pensas que vais?

– O meu namorado está à minha espera – respondeu Billie.

– Oh, tens o namorado à espera – disse ele, com a cara muito vermelha. – Então vieste da cidade para gozar com os campónios, foi? É a tua ideia de diversão?

– Lembras-te daquela rapariga que estava ao balcão? Loura, a beber

sozinha? Pergunta-lhe qual a canção que a faz chorar mas tem vergonha de o admitir. – Billie olhou para mim quando disse as palavras. Pareceu-me um olhar de desdém, mas depois tive a certeza de que era impaciência; afinal, tivera de me dar a verdade de bandeja. – Depois vem dizer-me o que ela respondeu e eu volto a entrar contigo – disse ela ao homem, que se afastou na direção do bar. – Valha-me Deus, os homens são tão previsíveis.

Ela tinha planeado tudo isto. Escolhera o momento certo. Livrara-se dos homens e tinha-me dentro do carro dela, num parque de estacionamento vazio.

Levei a mão ao puxador da porta mas Billie deteve-me. Tinha uma arma na mão.

– Arranca.

– Para onde vamos?

– Para já, segue em direção a sul.

Pensei em bater com o carro, mas tive medo que a arma disparasse, por isso obedeci. Sentia-me tão estúpida que isso quase se sobrepunha ao medo. No entanto, as minhas mãos no volante estavam firmes; por fora, estava surpreendentemente calma.

– Que dia é hoje, sexta? – perguntou Billie. – Amanhã à noite, os hóspedes no Omni King Edward em Toronto vão começar a queixar-se do sabor da água.

Eu não fazia ideia do que ela estava a falar. Olhei para a arma.

– Um cadáver dentro de água, por exemplo num depósito de água, decompõe-se duas vezes mais depressa. Demora cerca de quarenta e oito horas para que um cadáver dentro de água comece a libertar gases suficientes para ser detetado.

– Quem é que está no depósito? – Eu sabia quem é que estava no depósito. Sabia quem é que pagara pelo quarto no Omni. Mudei de faixa com intenção de roçar na barreira do lado do passageiro. Mas, a oitenta quilómetros por hora, conseguiria controlar o carro?

– Diz-me tu.

O meu cérebro estava a trabalhar furiosamente. O que seria melhor para mim? Fazer-me de parva, ou mostrar os meus trunfos?

– Como queres que saiba?

– Por processo de eliminação.

– Posso tentar adivinhar quem, mas não porquê.

– Isso interessa-te a *ti*. O que me interessa a *mim* é por que motivo achas que não és tu que estás no depósito de água.

Mantive a velocidade estável, nos oitenta quilómetros por hora. A pergunta de Billie não era retórica.

– Já fiz essa pergunta a mim mesma.

– A causalidade é sobrevalorizada – disse Billie, aparentemente mudando de abordagem. – Quer dizer, há merdas que acontecem.

Estávamos a aproximar-nos de um entroncamento: sul para Nova Iorque ou oeste para New Jersey.

– Para onde?

– Segue para a cidade.

Assim fiz, e fiz também outra coisa. Buzinei. Ela não ia disparar a esta velocidade, pensei, mas foi o que fez – levantou a arma e disparou para o teto.

Gritei.

– Se isto não te trazer ajuda, não vai ser a buzina que a trará. Oh, vá lá, vamos conversar. Não tenho tido ninguém com quem falar desde que o Bennett morreu.

– Era ele a vítima pretendida naquela manhã?

– Não há resposta certa ou errada para essa pergunta.

Mas eu sabia que havia. Eu sabia que eles tinham um compromisso na minha cama nessa manhã.

Billie abriu o porta-luvas e tirou um pacote de pastilhas elásticas.

– Queres uma? Não têm açúcar.

Tirei uma mão do volante e abri-a. Billie usou a mão livre para tirar o papel antes de colocar a pastilha na minha mão.

– A Samantha não deu luta nenhuma. Foste tu que lhe disseste que ele estava morto. E eu disse-lhe «Estou vivo». Já sabes em quem é que ela acreditou. A única coisa que tive de fazer foi levá-la até Toronto.

– A Samantha suicidou-se? – Então Billie tinha estado em Toronto, e não nas Caraíbas.

– A Samantha não sabia nadar. Pergunta-me pela Susan.

– O Bennett sabia o que estavas a planejar?

– A Susan começou a cansar-me. Tão séria: os sem-abrigo, os sem-abrigo. Disse ao Bennett para deixar de a ver. Ele não o fez, por isso tive de agir, e pareceu-me certo. Estás a ver, na realidade a culpa foi do Bennett.

Embora esta coisa da atribuição de culpas seja enfadonha, não achas? Não leva a lado nenhum.

O depósito de gasolina estava quase vazio. Disse-o a Billie e ela respondeu que estávamos quase a chegar.

– Estás interessada em saber da Pat? – perguntou.

– Eras tu que estavas nos arbustos.

– Quem é que não tem casa de banho no estúdio? Não gostava dela, nem do trabalho dela. E tu? – Billie não esperou por resposta. – Mas o Bennett gostava. Manteve-se a par. Achava que os nus, os autorretratos com os corações de porco, mostravam uma coragem que não tinha visto antes de a deixar. Queria que eu comprasse um dos quadros, dizia que era um bom investimento. Mas quando vi o trabalho no estúdio, naquela noite, só veio confirmar a minha opinião. Não era corajoso, quer dizer, não era um coração *humano*. Penso naquilo que fiz como uma colaboração.

Não me atrevi a tirar os olhos da estrada.

– Oh, não fiques com essa cara.

Billie disse-me para sair para a 116th Street e pouco depois encontrámos um lugar de estacionamento em frente do anexo do canil. Billie saiu primeiro, contornou o carro até ao meu lado e pegou-me no braço. Senti a arma nas costelas.

Faltava pouco para as onze da noite e Billie sabia que a entrada da garagem ainda estaria destrancada mais uns quinze minutos, até os últimos funcionários saírem. Tal como esperávamos, Jose estava a descarregar uma das máquinas de secar industriais na garagem.

– *Buenas noches* – disse ele, sem perguntar o que estávamos ali a fazer àquela hora.

Esta seria provavelmente a minha última oportunidade de pedir ajuda, mas Jose já nos tinha voltado costas e continuado com o seu trabalho. Não adiantava lançar-lhe olhares suplicantes; por outro lado, assim não estava a colocar em perigo um homem inocente.

Passámos por ele e entrámos na ala onde se encontravam as gaiolas dos cães pequenos. A única luz era a proveniente dos sinais vermelhos de SAÍDA. Não havia ninguém a lavar o chão dos corredores nem as jaulas. Billie calculara perfeitamente a nossa chegada. Caminhámos pelo corredor, passando pelas várias alas.

– Nunca te fiz nada – disse-lhe eu.

À medida que nos aproximávamos da ala médica, comecei a tremer. Pensei que ela ia de certeza eutanasiar-me. Quer dizer, que maneira melhor de trocar de algo que era tão importante para mim? Mas não parámos aí.

Eu sabia que, assim que abríssemos a porta de uma das alas, o silêncio sobrenatural explodiria em latidos e ganidos. Billie estava agora atrás de mim. Não ia propriamente em bicos de pés, mas caminhava silenciosamente, alerta. Embora ela tivesse feito uma atuação na mesa de bilhar, estes movimentos eram autênticos. Estava no seu elemento, pareceu-me, e o fracasso não era uma opção. Ocorreu-me que era para este frémito de emoção que ela vivia. O momento em que abrisse a porta da ala seria como o momento em que um paraquedista salta de um avião.

Uma pessoa podia adiar o momento em que saltava – ou era empurrada – mas depois de estar no ar já não havia nada a fazer.

Billie abriu a porta da ala onde *Cloud* e *George* tinham estado e fez-me sinal para entrar.

Vivi o momento, primeiro, como uma experiência visual. Uma única lâmpada, a piscar como numa discoteca, de tal forma que, cada vez que iluminava Billie, ela estava numa pose diferente. Os cães nas suas jaulas estavam igualmente iluminados como criaturas selvagens numa trovoadas. Observei tudo isto antes de a muralha de som me atingir. Tal como esperava, o barulho era uma sensação visceral; senti o meu corpo a vibrar. Ouvi as diferentes vozes, os diferentes tons. Alguns eram ameaçadores, outros assustados, outros ainda assustadores.

Quando olhei para Billie, ela tinha um chaveiro na mão.

– Abre essas duas.

Esperou que eu abrisse as jaulas e, quando a luz se acendeu novamente, olhei para ver que cães estava a libertar. Por uma fração de segundo vi dois cães brancos e grandes, fantasmas na escuridão que se seguiu. Estranhamente, estavam em silêncio. Reconheci os dogues argentinos, nas jaulas onde antes tinham estado *Cloud* e *George*. As poses idênticas destes cães tinham-me impressionado na primeira vez que os vira. Não me sentia mais à vontade com eles, agora que os estava a libertar.

Billie ajoelhou-se em frente dos cães e começou a cantar-lhes uma espécie de canção de embalar, mas em alemão. Os cães estavam sentados, atentos, de olhos postos em Billie. Sem parar de cantar, ela pegou em duas trelas com laços de correr e disse-me para os enfiar nos pescoços grossos

dos cães.

– A *Heidi* e o *Gunther* não farão nada sem a minha autorização.

– Então estes cães são teus.

– Eu sou tão deles como eles são meus. *Sitz* – ordenou Billie.

Os cães sentaram-se.

– *Pass auf*.

Os cães rosnaram baixinho.

Ela enfiou a arma na mala.

Os cães estavam treinados para atacar. Eu lembrava-me o suficiente do alemão que aprendera na escola para saber que a segunda ordem significava «aguardar». Esperei que eles não estivessem à espera da ordem *Reeh veer*, «caçar». Se o corpo de Bennett fosse exumado, sabia agora que as marcas dos dentes coincidiriam com as dentaduras dos cães de Billie.

Revi mentalmente os métodos que aprendera para desarmar um atacante. Estava em inferioridade numérica, por isso só tinha duas opções: tentar humanizar-me aos olhos de Billie, ou correr para a segurança, se conseguisse chegar a um lugar seguro em cinco segundos ou menos. A primeira opção já falhara. Antes que pudesse tentar a segunda, Billie ordenou-me que abrisse uma terceira jaula. Olhei para o cartão nas grades e vi, na luz fraturada, as palavras a tinta vermelha: CUIDADO – EXTREMO.

– Morgan, este é o *Gotti* – disse Billie, em tom calmo. – Tem três anos de idade e está preso por morder. *Gotti*, a Morgan é uma mulher de trinta anos de idade que está aqui por não ter visto o que estava mesmo debaixo do seu nariz.

Gotti soltou um rosnado grave. Por instantes pensei que ele tinha apanhado a vibração de Billie, mas depois os dois dogues aproximaram-se. Billie não lhes tinha dado ordem para se moverem, e gritou *Sitz*. Um dos cães sentou-se imediatamente, o outro passou por trás de Billie e assumiu a mesma posição do lado oposto. *Gotti* ladrou ao trio em frente da sua jaula.

Billie disse-me para entrar. Com uma última vaga de adrenalina, e tudo a perder, aproximei-me da porta da jaula e, mesmo antes de a fechar atrás de mim, puxei a mala de Billie, partindo a alça.

Tinha agora a arma. Tinha também as chaves. Tranquei-me dentro da jaula.

Houve um compasso de silêncio – os outros cães na ala pararam de ladrar,

como se tivessem pressentido uma alteração no comando.

O cão ao meu lado estava de pé, mais alto do que eu, na minha posição agachada. Tinha espaço suficiente para me pôr de pé e recuar alguns passos. Comecei a repetir «Lindo menino» uma e outra vez, como um mantra. *Gotti* era um *pit bull* malhado. Tinha as orelhas cortadas rente à cabeça e emitia um cheiro fermentado, sinal de infeção.

Enfiei a mão na mala de Billie e fechei-a sobre o punho da arma. Mas o cão não atacou. Peguei no telemóvel e marquei o número das emergências.

– Qual é a sua emergência? – perguntou uma voz de mulher.

– Preciso de ajuda. Estou no anexo do canil na 119th, junto ao rio.

O telefone desligou-se, mas não percebi se acontecera antes ou depois de eu dizer onde estava. Billie, contudo, não sabia disso.

– Estou na Ala Quatro – continuei. – Uma mulher com cães de ataque fez-me refém.

Mantive os olhos em Billie enquanto falava. Quando ouviu isto, ela revirou os olhos e disse:

– Foste tu que te fechaste aí dentro.

– Por favor, despachem-se – disse, para o telemóvel desligado.

– Estou desiludida contigo, *Gotti*. Não cumpriste a tua parte. – Billie estava a agir como se eu não tivesse uma arma apontada a ela.

– A polícia não vai demorar – disse, tentando fazer valer o meu *bluff*.

– Não há rede aqui dentro. Ninguém consegue falar para lado nenhum daqui.

Sentou-se de pernas cruzadas em frente da jaula, como fizera quando vinha visitar os meus cães.

– Não tivemos oportunidade de comparar notas sobre o Bennett – disse, alegremente. – Tens andado a estudar homens que manipulam mulheres, mas a verdadeira diversão começa quando uma mulher manipula um homem para manipular as mulheres.

– O que é que retiraste de tudo isto? – perguntei, genuinamente curiosa.

– O que é que *não* retirei? Ele divertia-me. Com todas vocês. Nem imaginas como é excitante esse tipo de intimidade. É lealdade do grau mais elevado, uma troca singular. Não guardávamos nada. Não nos julgávamos um ao outro. Bom, pelo menos até ele começar a amolecer.

Os dogues estavam a assustar o *pit bull*, que tinha o pelo eriçado. Começou a rosnar, apesar de ninguém se ter mexido.

– Aposto que dormir encostada à parede não te parece assim tão assustador neste momento. Não culpes o Bennett por te ter obrigado a fazer isso; a ideia foi minha. Esse acabou por ser o problema dele: não tinha ideias. Estava a desperdiçar a sua energia contigo. Quando ele parou de gozar contigo e começou a defender-te, a diversão acabou. Sim, tu recolhes cães abandonados. Mas acabas por fazer com que eles sejam mortos.

Ela é que tinha feito com que os meus cães fossem mortos, mas não era a altura certa para o dizer.

– Ele era atraído pela virtude. Podia não sentir compaixão, mas começou a procurá-la. E depois foi longe demais... começou a falar em amor e pediu-vos a todas em casamento.

Eu ainda tinha a arma apontada para Billie, mas estava a ficar com a mão cansada e ela reparou. Encostei-me ao lado da jaula. *Gotti* continuava de pé, a centímetros de mim.

– Queres saber o que aconteceu naquela manhã, não é? Está bem. Ele não estava tão apaixonado por ti que fosse capaz de recusar a minha visita à tua cama. Já não gostou tanto de receber a *Heidi* e o *Gunther*. Mas, como eu lhe disse, eles tinham uma consulta no veterinário nessa manhã. Disse-lhe para fechar os teus cães na casa de banho, que não haveria problema. Mas houve um problema: ele não conseguiu pô-lo de pé. Era a primeira vez. E pôs as culpas em mim. Eu tinha feito isto e aquilo, e tinha trazido a merda dos cães. A merda dos cães.

«Eu tinha-os deixado do lado de fora do quarto, deitados. Saí da cama, vesti-me e fiquei à espera que ele pedisse desculpa, mas não pediu.»

O cão com quem eu estava a partilhar a jaula farejou a arma e perdeu o interesse nela.

Billie tinha respondido a todas as minhas dúvidas, exceto uma: teria de a matar?

– Vais incluir-me na tua tese? Sou mais interessante do que o Bennett.

Foi interrompida quando os cães da ala, todos eles, começaram a ladrar. Depois ouvi o que os tinha assustado. Ou pensei ouvir – uma voz de homem a gritar, algures dentro do canil. Inclinei a cabeça e ouvi-a de novo. Billie também ouviu. Uma voz de homem, desta vez um pouco mais próxima, a gritar palavras que agora conseguíamos compreender:

– Polícia! Está aqui alguém?

Billie levou o dedo aos lábios e espreitou pela janela de vidro reforçado

na porta da ala. Os cães dela viraram a cabeça, em simultâneo, sem a perderem de vista.

Billie baixou-se quando a luz de uma lanterna incidiu na janela.

– Estou aqui! – gritei.

– Este fica nas tuas mãos. – Billie abriu a porta da ala e disse aos cães: – *Reeh veer!*

Eles correram para o corredor, como espectros sincronizados, totalmente concentrados na presa.

Billie seguiu os cães.

Parecia que todos os cães no canil estavam a ladrar. O barulho desorientou-me de tal forma que não conseguia distinguir os cães de Billie dos restantes, isto se os cães de Billie estivessem sequer a fazer algum som durante o ataque. Mas conseguia ouvir um dos polícias a gritar, cada vez mais alto. Porque não usara a arma? Mas eu também não tinha usado a minha arma.

– Lindo menino – disse ao meu companheiro de cela, enquanto abria a porta da jaula.

O polícia estava caído no chão, mas já não gritava. Não percebi se ainda estava vivo, mas os cães em cima dele – vi-os no corredor fracamente iluminado – estavam cobertos de sangue.

Aproximei-me silenciosamente por trás de Billie, com a intenção de lhe dar uma coronhada na cabeça com a arma que não conseguia disparar. Teria de bater com força suficiente para ela perder os sentidos. Mas se eu a atacasse, o que fariam os cães? Nunca tinha feito mal a ninguém, nem tinha perícia suficiente para atingir um alvo em movimento. Essa ideia deixava-me agoniada. Depois vi, à minha esquerda, a porta que dava para o pátio de exercício vedado. Quando saí para o pátio, sem que Billie me visse, foi com uma ideia, embora a mera possibilidade de não resultar me deixasse agoniada: talvez conseguisse ter rede no telemóvel.

No pátio às escuras, no meio de bolas espalhadas e de uma mangueira enrolada que quase me fez cair, peguei no telemóvel e movi-o à procura de sinal. Mas o que ouvi primeiro foi um tiro dentro do canil. Um tiro. Contra quem é que o segundo polícia teria disparado? Um dos cães? Isso não faria parar o outro. Esperei por um segundo tiro.

Em vez disso, apanhei rede.

– Qual é a emergência?

– Um polícia está a ser atacado. Estamos na East 119th Street, no canil.
Por favor, despachem-se.

A porta do canil abriu-se. Billie. Com um dos dogues ao seu lado.

Billie olhou em volta.

– Imagina só, é o único sítio que têm para fazer exercício.

– Os teus cães mataram aquele polícia.

– Aquele polícia matou um dos meus cães.

Vi movimento atrás de Billie, e o cão também viu. A porta abriu-se e vi o segundo polícia de arma em punho. Antes que ele conseguisse sair, o dogue saltou. O polícia conseguiu disparar, mas o cão atacara o braço da arma e a bala atingiu Billie, que caiu, mas não inconsciente. Praguejou e agarrou-se à perna. O dogue tinha feito a arma saltar da mão do polícia com tanta força que deslizara pelo chão e estava agora mais perto de Billie do que de mim.

Dei-lhe um pontapé para longe do alcance dela e virei-me para o polícia e para o cão. Ele estava deitado de costas, a contorcer-se e a tentar defender-se com os braços. Apontei a arma, mas tinha receio de acertar no polícia e não no cão.

– Manda-o parar! – gritei a Billie.

– É a fêmea. É a *Heidi*.

Virei a arma para Billie.

– Manda-a parar – disse, em tom firme.

– Como se fosses capaz de disparar contra mim.

Por muito que me custasse, ela tinha razão.

Disparei contra a cadela e acertei.

Ouvi sirenes por cima do som caótico dos latidos, sugerindo uma reação em grande escala – havia um polícia ferido. Apontei a arma para Billie e esperei que nos encontrassem.

– Não podes dizer que não foi interessante – disse ela.

– Aqui fora – gritei, sem saber se os polícias já estavam suficientemente perto para me ouvir.

– Sempre à procura de um homem para te salvar.

Depois a porta do pátio abriu-se e apareceram vários polícias de armas em punho.

– Largue a arma – gritou um deles. Por um momento, não percebi que era comigo que ele estava a falar. – Ponha a arma no chão.

Obedeci.

Um dos polícias deu-lhe um pontapé e disse:

– De joelhos. – Abriu-me as pernas, revistou-me, agarrou-me nos braços e puxou-os para trás das costas para me algemar.

– Ela atingiu-me – gritou Billie. – A minha perna! Não consigo andar.

– Chamem uma ambulância – gritou um dos polícias.

– O outro agente está bem? – perguntou Billie.

– Não é comigo que deviam estar preocupados – disse ao polícia que me estava a segurar. Ele não respondeu, e pôs-me de pé com um puxão.

– Está ferida em mais algum lado? – perguntou um dos polícias a Billie.

– Não sei de onde é que ela apareceu. Eu sou só uma voluntária.

Os paramédicos chegaram e começaram a tratar do polícia ferido. Segundos depois, outros dois entraram rapidamente no pátio e ajoelharam-se ao lado de Billie.

– Está ferida em mais algum lado? – perguntou um deles.

– Não sinto a perna.

Finalmente, encontrei a minha voz.

– Os cães brancos são dela. São cães de ataque. Ela ordenou-lhes que atacassem os polícias.

– Acho que não estou ferida em mais lado nenhum – disse Billie.

Um polícia saiu para o pátio e disse ao colega, o que me estava a segurar:

– Perdemos o Scott. Os cabrões dos cães rasgaram-lhe a garganta. – Agarrou-me no pescoço. – Devia fazer-lhe o mesmo.

– Aqui não – disse o que me segurava.

Depois de os paramédicos prestarem os primeiros socorros a Billie, puseram-na numa maca, mas esperaram que o polícia inconsciente fosse evacuado primeiro.

Apesar de toda a atividade à minha volta, sentia-me como se estivesse tudo a acontecer em câmara lenta. Olhei para cima, para os prédios degradados que havia ao lado do pátio. Havia luzes acesas, janelas abertas, e pessoas em todos os pisos a observar e a tirar fotografias com os telemóveis.

Cerca de uma dúzia de polícias cercou-me – a mim, a culpada – e empurraram-me para dentro do canil. Quando passámos pelo corpo do polícia morto, pararam e obrigaram-me a olhar. Vomitei. Billie tinha razão – o sangue dele estava nas minhas mãos.

Lá fora, o cenário era militar; havia até helicópteros a apontar holofotes

para o canil. Enquanto me enfiavam num carro, um dos polícias leu-me os meus direitos.

Fui escoltada por um comboio de carros até à esquadra, a 25.^a. Levaram-me diretamente para uma sala de interrogatórios e algemaram-me à mesa.

Eu tinha a certeza dos bons cidadãos de que tudo se ia esclarecer. Mas, ao mesmo tempo, senti o medo aterrador de que isso não acontecesse.

Não haveria qualquer testemunha, se o segundo polícia morresse. Mesmo que sobrevivesse, ele não sabia quem era a responsável. Seria a palavra de Billie contra a minha, e era ela que tinha uma bala no corpo.

Pensavam que eu era uma assassina de polícias. Talvez, de certa forma, até fosse. Tivera oportunidade de matar Billie e os seus cães e não a aproveitara. Comecei a sentir comichões no corpo todo. Senti a pele a ficar irritada nas costas, no peito, e fiquei com falta de ar. Sabia que a ansiedade podia causar uma série de sintomas somáticos. Queria que entrasse alguém na sala de interrogatório e, ao mesmo tempo, tinha medo que isso acontecesse. Agitei-me na cadeira para tentar coçar as costas. E estava aflita para ir à casa de banho.

Depois da primeira hora, desisti de olhar para o relógio. Sem fazer qualquer ideia de quem me observava do outro lado do vidro espelhado, debati-me para tentar baixar as calças de ganga com a mão livre, o suficiente para urinar ali mesmo, no chão da sala de interrogatório. Dar-lhes um espetáculo, se era isso que estavam decididos a ver.

Inclinei o corpo de modo a esconder-me o mais possível do vidro e agachei-me. Mas, depois de esperar tanto tempo, não consegui esvaziar a bexiga de imediato. Rezei para que não entrasse ninguém agora. Embora fosse possível que alguns dos agentes estivessem a divertir-se à grande com a minha aflição.

A poça cobriu uma grande área por baixo da mesa à qual eu estava algemada e da cadeira onde eu me sentara. Descobri que era mais fácil baixar as calças só com uma mão do que voltar a vesti-las. Era impossível puxar o fecho. Não me passou despercebida a ironia de que tinha feito as necessidades no meu próprio espaço, como um cão enjaulado.

Dois detetives à paisana entraram, um deles com um *dossier* na mão, o outro a tapar o nariz.

– Que raio é que aconteceu aqui?

– Quando é que posso fazer o telefonema a que tenho direito?

O que parecia mais repugnado bateu na porta.

– Tragam um rolo de papel.

Depois de o trazerem, atirou-o na minha direção e disse-me para limpar o chão.

- Estou algemada.
- Conseguiu baixar as calças.
- Não me mexi.
- Quero fazer o meu telefonema.
- O que trazia o *dossier* perguntou:
- Conhece um tal de Jimmy Gordon?
- Repeti o que queria.

Ele tentou de novo, desta vez mostrando-me uma fotografia da cena do crime: o meu quarto.

- Telefonema.
- Acaba de matar um polícia. Se fosse a si, começava a colaborar – disse o detetive que tinha pedido o rolo de papel.
- Quero o meu advogado.

Percebi que os detetives estavam a tentar usar a desatualizada técnica de interrogatório Reid, que eu aprendera no primeiro ano de Psicologia. Um dos polícias procura sinais de ansiedade durante o interrogatório: braços cruzados, olhar agitado, a perna a abanar, toques no cabelo. Tentam minimizar as consequências morais: «Enfim, toda a gente discute com os namorados.» A ironia era que o caso do detetive John Reid, que deu o nome ao método, tinha afinal sido baseado numa confissão falsa.

Um dos detetives fez sinal na direção da janela a pedir um telefone e, pouco depois, abriu a porta e alguém lhe deu um telefone fixo. Ligou o fio a uma tomada na parede e pousou-o à minha frente.

- Só chamadas locais.
- Liguei para Steven.
- Estava acordado à espera que me dissesse alguma coisa. – O alívio dele era palpável.
- A chamada pode estar a ser escutada.
- A Billie está contigo?
- Estou na esquadra em East Harlem. A Billie está no hospital.
- Diz-me que estás bem.
- Estou algemada a uma mesa numa sala de interrogatório.
- Faz sentido.
- Compreendo mais neste momento do que nos últimos seis meses. Ainda não me acusaram formalmente, mas acho que estou detida por pensarem que matei um polícia.

– Não digas nada até eu chegar.

Antes de desligar, pedi a Steven que informasse também McKenzie.

Os detetives levaram o telefone quando saíram da sala de interrogatório. Deixaram o rolo de papel de cozinha e, agora que sabia que o meu irmão vinha a caminho, amachei um monte de papéis e comecei a limpar o chão, para o caso de o trazerem para esta sala.

Depois de eu ter acabado e de haver um monte de papéis molhados debaixo da mesa, os detetives voltaram e anunciaram que me iam levar para o Registo Central.

– Mas o meu irmão vem aí.

– Diga-lhe que contacte um advogado.

– Ele é advogado.

– Então terá de ir ter consigo ao centro – foi tudo o que o detetive disse.

Levaram-me num carro-patrolha, com os dois detetives que me tinham interrogado. Lembrei-me do dia, na John Jay, em que o professor trouxera uma crítica no Yelp que dava uma estrela ao Registo Central. Era delicioso que tal coisa existisse sequer e, quando o professor a leu em voz alta, a turma ficou doida:

– «Deixem-me começar por dizer... *Yo nigga!* Saí de lá a falar crioulo. Tenho uma educação universitária, sim, mas isso não vale nada. Sou gestor de uma companhia farmacêutica. Lido com centenas de profissionais de saúde com licenciaturas, doutoramentos e mestrados em merdas que nem sequer consigo pronunciar. A única coisa que ouvi foi a palavra *niga*. *Nigga* isto, *nigga* aquilo, *nigga* o outro.»

Sim, eu sabia-a de cor, de tal forma me impressionara. Talvez escrevesse também uma quando saísse daqui.

Cortámos através de Chinatown até dois edifícios cinzentos, sem janelas, em White Street – o tribunal e as Catacumbas³, ligados por uma passagem sem janelas, a uma altura de três andares. Na fachada do centro de detenção está o mural de Richard Haas, *Imigração no Lower East Side*. Ironicamente, a forma como está posicionado parece estar a mandar os imigrantes diretamente para a cadeia.

Fui processada da maneira que qualquer pessoa que veja séries policiais na televisão conhece. Porém, uma coisa era ver no conforto do sofá, a comer chocolates, e outra era ser revistada no Registo Central. Fui escoltada a uma cela onde, para meu alívio, era a única ocupante. Por enquanto.

Conseguia ouvir outras prisioneiras do sexo feminino a falar e a praguejar, mas não as via. A cela estava gelada. Onde é que eu ouvira dizer que mantinham sempre a temperatura nas Catacumbas nos cinco graus?

Devia conseguir provar que fora Billie que levava os dois dogues argentinos para o canil. Devia conseguir provar que ela estivera em minha casa na manhã em que Bennett morrera – estava tudo ali, nos *e-mails* de Libertine, os *e-mails* que provavam também que ela matara Susan Rorke e Samantha. Mas os *e-mails* seriam prova suficiente?

Calculei que ainda faltavam algumas horas para amanhecer. Tinham-me tirado o relógio, mas deviam ser pelo menos três da manhã. O banco de metal onde me sentei era tão escorregadio que quase caí dele abaixo. Dormir estava fora de questão. Esta era a «noite escura da alma» de que falava o poeta. O primeiro pensamento que me ocorreu foi que era responsável pela morte de um homem e pelos ferimentos graves de outro. O jogo da culpa não fazia bem a ninguém, como Billie dissera, mas ali estava. Li alguns dos *graffiti* nas paredes da cela. *Nunca apanhes a arma de um homem morto. Perdoem-me, mas tenho poucas opções. Faz aquilo que achares que é no teu melhor interesse.*

Ouvi uma discussão vinda de uma das celas. Duas mulheres a discutirem sobre quem tinha direito ao telefone a seguir.

Os meus pensamentos passaram de preocupações lógicas e práticas para imagens e sentimentos que nunca mais queria voltar a enfrentar. Senti realmente o momento em que regressei à realidade e dei por mim sentada no chão da cela, encolhida na mesma posição em que me tinham encontrado na banheira depois de ter descoberto o corpo de Bennett. Sabia o que me estava a acontecer: uma variante do *stress* pós-traumático. Acabara de ver um homem assassinado por cães, pela segunda vez. Fiz um esforço para respirar fundo, de modo a não hiperventilar e a acalmar a pulsação. Forcei-me a imaginar cenas marítimas pacíficas – praias de areia branca, estar a boiar em água azul à mesma temperatura da minha pele. Contudo, até essa visão falhou – a água quente fazia-me lembrar sangue.

Levantei-me e percorri a cela, de um lado para o outro. Lembrei-me de uma história que Steven me contara quando voltara do Afeganistão. Numa visita a uma prisão, ele tinha reparado numa cela isolada ao fundo de um corredor húmido. Ao espreitar por um pequeno orifício na porta, vira uma rapariga, talvez com treze anos de idade, deitada, a fitar a porta com

expressão vazia, numa cela em que havia apenas uma tarimba. Pediu ao intérprete que perguntasse ao diretor da prisão por que motivo ela ali estava. Este explicou que o pai a trouxera porque ela tinha fugido com o namorado, as famílias tinham-nos apanhado e depois eles tinham voltado a fugir. Steven perguntara por que razão ela não tinha água e estava tão isolada – não era uma crueldade? O diretor disse que sim, que tinha pena dela, mas que não tinha guardas do sexo feminino para cuidar dela. Steve viu que a rapariga estava a enlouquecer; informou a embaixada dos EUA e, por fim, conseguiram negociar a sua libertação.

Agora estava tudo silencioso; a discussão por causa do telefone terminara. Não havia guardas à vista. Eu estava nas Catacumbas – sepultada viva.

Esta noite destruir-me-ia ou mostraria aquilo de que eu era feita. Outra pessoa talvez se tivesse sentido galvanizada pelo carácter extremo da situação, e desse por si a tentar perceber o que lhe passara despercebido, o que levara à morte de um polícia e aos ferimentos de outro. Podia rever todas as oportunidades que tivera de deter Billie, de impedir esta carnificina, mas isso não mudaria o que acontecera.

Sentei-me no chão, encostada à parede, e vieram-me à cabeça os primeiros versos de um poema de Emily Dickinson: «Depois de uma grande dor chega o sentimento / Formal – os nervos descansam silenciosamente como túmulos...» Claro que era por isso que me ocorrera aqui.

Foi o último pensamento que tive antes de acordar com o barulho de chaves e um guarda a dizer:

– Quando ouvirem o vosso nome, saiam, em silêncio. Vão ser presentes a tribunal. Não digam uma palavra. Não façam sinal a ninguém no tribunal. Fiquem sentadas, a olhar para a frente, até o vosso nome ser chamado.

Foram chamados meia dúzia de nomes, mas não o meu.

Dez minutos depois, dois polícias vieram buscar-me. Algemaram-me e prenderam-me os pulsos a um cinto colocado à volta da cintura. Fui levada ao Tribunal Criminal, a menos de cem metros dali, para a tradicional «caminhada dos criminosos» pelos degraus de granito.

Assim que o carro da polícia estacionou, um enxame de repórteres com câmaras e microfones estava à minha espera. Fui levada por entre eles, até o tribunal. Aí, subimos num elevador até ao quarto andar, onde, numa pequena cabina anexa a uma cela, Steven estava à minha espera. Os polícias deixaram-me a sós com o meu irmão.

– Inacreditável. – Steven abraçou-me e deu-me um beijo na testa.
Ao sentir o toque dele, desatei a chorar.
– O que vai acontecer agora?
– Vão acusar-te de homicídio. De um polícia.
– Mas os cães eram da Billie. O alvo era eu, não o polícia.
– Ouve, só temos uns minutos. Vou pedir fiança, mas não podemos contar com isso.

– E o segundo polícia? Vai recuperar?
– Está nos Cuidados Intensivos no Hospital Presbiterano de Columbia.
Pensam que sobreviverá.

– Não quero parecer insensível, mas achas que ele conseguirá falar em breve? Talvez tenha visto o que realmente aconteceu.

– Saberás assim que eu souber.
– É lá que a Billie está?
– Ela teve alta esta manhã. Era um ferimento ligeiro. A avó veio buscá-la.

– Mas os cães dela mataram um polícia.
– Ela disse à polícia que tu é que soltaste os cães das jaulas. O que sabes sobre aqueles cães?

– A Billie deu-lhes ordens em alemão. Estão treinados para atacar.
– Céus.

Eu disse-lhe que sabia como eram tratados os suspeitos de homicídio de polícias. Lera o livro de Mumia Abu-Jamal, *Live From the Death Row*. Vira o famoso vídeo de Esteban Carpio, a ser espancado até ficar irreconhecível e ter de usar uma máscara como a de Hannibal Lecter ao ser levado a julgamento por ter matado um polícia. Disse a Steven que, se fosse condenada, passaria vinte e três horas por dia em total isolamento.

Um guarda abriu a porta e disse a Steven que tinha de sair. Steven disse-me que nos veríamos na sala de audiências dentro de poucos minutos.

A sala de audiências era ao lado. O guarda levou-me até lá e mandou-me sentar na mesa da defesa. À minha direita, abriu-se uma porta e um grupo de mulheres com fatos de macaco cor de laranja e algemas foi conduzido ao lugar dos jurados. Um verdadeiro júri dos meus pares.

Steven entrou na sala pela porta do público e sentou-se ao meu lado na mesa.

O juiz leu as acusações. Steven indicou-me o momento em que eu devia

declarar-me «inocente». Acabou tudo em menos de meia hora. Fiança negada.

³ No original, «The Tombs», nome por que é conhecido o complexo de Detenção de Manhattan. (*N. do E.*)

A única forma que eu tinha de controlar a passagem do tempo era pela chegada das refeições, não que conseguisse comer alguma coisa. O cheiro a urina e fezes era constante. Não queria deitar-me no banco; tentei tocar no mínimo de superfícies possível. Tinha mau hálito por causa de ter vomitado na noite anterior. As minhas roupas tresandavam. A comichão acalmara, mas as manchas ainda lá estavam. A ansiedade transformara-se em terror – dos próximos dez minutos, e do resto da minha vida.

Pouco depois do almoço – uma sanduíche de mortadela e um pacotinho de leite – em que não toquei, um guarda veio buscar-me, novamente algemada, e levou-me até uma pequena sala onde McKenzie estava à minha espera.

– Pode tirar-lhe as algemas – disse McKenzie, que se levantara.

– Tem a certeza? – perguntou o guarda.

McKenzie disse que sim e esperou enquanto o guarda me tirava as algemas. Assim que ficámos sozinhos, puxou-me para si e abraçou-me durante muito tempo. De todos os motivos de preocupação que eu tinha, o que mais me incomodou nesse momento foi o meu mau aspeto e mau cheiro.

– Sabes que foi a Billie que fez isto, certo?

– Já estive no canil a verificar os registos de admissão. Dizem que os dogues foram entregues por «Morgan Prager».

Observou-me, à espera da minha reação.

– Claro.

– O Steven disse-me que eles estavam treinados para atacar. Falei com todas as escolas de treino num raio de três estados e ninguém trabalhou com dogues argentinos nos últimos três anos. O que significa que ela teve de os mandar treinar noutro lado, ou que os treinou ela própria. Fazes alguma ideia de onde os costumava ter?

– Nunca fui a casa dela.

– Nem eu. – A minha gratidão por estas palavras deve ter sido evidente, porque ele as repetiu. – E a morada que ela me deu quando trabalhou para

mim era falsa.

– A avó dela tem uma quinta de cavalos no Connecticut.

– O advogado da família disse-me que preciso de uma ordem do tribunal para poder passar revista à propriedade.

– Onde quer que ela os guardasse, já os tem há seis meses, pelo menos.

Perguntei-lhe o que dizia a comunicação social da história.

– Amanhã já estarão a falar de outra coisa.

– Espero que seja dos homicídios da Susan Rorke, da Pat Loewi e da Samantha Couper.

– O Steven contou-me tudo.

– Ela não seria a primeira pessoa a cometer um crime e a sair em liberdade – disse-lhe.

– As pessoas cometem erros, mesmo alguém como a Billie.

– A menos que não cometam.

– O Steven está a falar com uma advogada de defesa criminal neste preciso momento. A Carol Anders estará aqui logo de manhã. É excelente; trabalhava com a minha mulher.

«E agora que já tratámos desse assunto, posso dizer-te que me encontrei com a Billie antes de ela ter alta do hospital. A avó dela estava presente... foi esta manhã, bem cedo. Embora não tivesse grande esperança disso, fui lá para a tentar convencer a cooperar, a dizer a verdade. Perguntei-lhe onde tinha os dogues. A avó disse-me para a deixar em paz e Billie sugeriu à avó que fosse beber um café enquanto nós falávamos.

«Estava furiosa, mas de uma forma gelada e calma. Não podia correr o risco de chamar a atenção do pessoal, por isso falou em voz baixa, mas a raiva nos seus olhos era assustadora. Viu que eu acreditava em ti e não nela. E percebeu que não conseguia controlar-me.»

– Conheceste a Libertine. – Conteí toda a história a McKenzie.

– Eu soube, desde o princípio, que alguma coisa não batia certo.

– Mesmo assim, continuaste a vê-la.

– Eu sei que é um *cliché*, mas ela é como uma droga. Só quando veio trabalhar para o meu escritório é que caí em mim. Vi como ela tratava as pessoas de quem não precisava. – Levantou a mão para indicar ao guarda impaciente, lá fora, que precisava de mais cinco minutos. – Ela não perguntou pelo segundo polícia, se ele ia sobreviver. Acho que está convencida de que se vai safar. E acho que está a gostar de tudo isto.

– É por isso que é tão perigosa. Acabo de encontrar o lado positivo da minha detenção. A Billie não pode fazer-me mal aqui dentro.

– Tenho um investigador no caso dos dogues. E esperamos que o polícia ferido possa prestar declarações em breve.

Pedi-lhe para contactar o detetive de Boston, para lhe falar sobre os *e-mails* que eu lera, onde Billie, como Libertine, confessava ter assassinado Susan Rorke.

Fiz-lhe a pergunta que me ocorrera antes:

– Os *e-mails* são admissíveis em tribunal?

– Se for possível confirmar quem os mandou.

McKenzie pediu desculpa por ter de me deixar aqui e disse que podia fazer mais por mim lá fora.

Eu não podia discutir com isso. Estava completamente impotente.

*

Não podia fazer nada, exceto, claro, invocar o único ato que me podia exonerar.

Depois de McKenzie sair, disseram-me que tinha de esperar na minha cela até haver «corpos» – era o que nos chamavam – suficientes para levar para cima. Aí, algemaram-nos aos pares e levaram-nos pelas escadas até ao piso térreo, onde nos esperava um autocarro para Rikers Island. Era difícil estar sentada, presa a outra pessoa, e os amortecedores do autocarro praticamente não existiam; uma vez que o caminho passava por algumas das piores estradas da cidade, foi uma viagem penosa. Eu só tinha entrado em Rikers na minha qualidade de estudante, para fazer as horas de formação clínica exigidas. Senti o impulso absurdo de puxar dos galões, imediatamente reprimido pela mulher a quem estava acorrentada, que não parava de tossir. Shalonda, a transexual com quem eu fizera amizade, dissera-me que a incidência de tuberculose em Rikers é três vezes mais elevada do que na cidade, e de uma estirpe resistente aos antibióticos.

As mulheres foram separadas dos homens e levadas para o Centro Rose M. Singer, a prisão feminina. Libertaram-me da minha parceira e levaram-me para uma pequena ala com apenas oito portas, onde fui colocada numa cela. Não sabia para onde as restantes mulheres estavam a ser levadas.

A minha cela tinha uma plataforma com um colchão, um lavatório

metálico, uma sanita sem qualquer privacidade e uma espécie de secretária, presa à parede. Sentei-me na cama, completamente alerta. Pensei em todas as sessões que tinha tido com os prisioneiros – o tipo que não conseguia parar de contar anedotas ainda aqui estaria? E aquele que se exibira no Museu Metropolitano? Lembrei-me das últimas palavras que Shalonda me dissera:

– É uma sensação boa, surpreendermo-nos a nós próprias... vai ver.

Deitei-me com os braços debaixo da cabeça, já que não havia almofada. Nas paredes de betão imundas, há muito caiadas, não havia nada que me captasse a atenção, nem sequer *graffiti*. Forcei-me a imaginar um quarto que era o oposto daquele onde me encontrava. E qual foi o quarto que me veio à cabeça? O de Billie, aquele que vira na casa da avó dela. Não tanto um quarto, mas mais uma ala, uma galeria, recordei. Os soalhos cobertos de alcatifas brancas, os quadros em exposição, obras de arte valiosas de Motherwell e de Kooning. E, na divisão contígua, a eletrizante tela negra com a silhueta vermelha, a fazer lembrar a letra *H*, cheia de sangue. Este era de Loewi. O avô de Pat.

Sustive a respiração.

Estava de novo no estúdio de Pat, enquanto ela me mostrava os seus nus, e aquela cadela, a *rottweiler*, se atirava contra a janela. Não a tinham encontrado depois de descobrirem o corpo de Pat.

Como é que eu não reparara nisto? Billie levava uma *rottweiler* para a For Pitties' Sake. Quando eu e ela lá fomos, ela perguntara a Alfredo como estava a dar-se a cadela que trouxera. Lembrei-me do que Billie comentara:

– Estava preocupada com ela.

Perguntei ao guarda se podia fazer um telefonema.

McKenzie não demorou muito a descobrir que a *rottweiler* tinha um *microchip*. A informação que o veterinário encontrou ao lê-lo dizia que a dona da cadela era Pat Loewi. Alfredo disse que Billie lhe dissera que o dono da cadela tinha morrido, por isso nem sequer se dera ao trabalho de ler o *chip*. Disponibilizou-se a testemunhar que fora Billie que trouxera a *rottweiler*. Estava impressionado por a cadela de quem estava a tratar ser prova numa investigação de homicídio.

McKenzie informou Bienvenido, o detetive primo de Amabile, da polícia

de Suffolk County, já que o caso de Pat pertencia à jurisdição dele.

Steven já tinha ido buscar o meu computador e entregou-o à polícia, cujo especialista informático identificou o endereço IP de Libertine como pertencente a Billie.

Assim que a polícia começou a suspeitar de Billie, apreenderam-lhe o carro e, embora ela o tivesse mandado limpar depois da viagem, encontraram pelo correspondente aos dogues.

Billie foi detida em casa da avó. Gosto de pensar que a colocaram na cela que eu acabara de deixar vaga. Carol Anders, a advogada criminal que Steven e McKenzie tinham contratado para mim, conseguiu que todas as acusações fossem retiradas assim que Billie foi detida. Ela foi acusada do homicídio de um polícia e tentativa de homicídio de um segundo, e do homicídio de Pat Loewi. Cerca de dois dias depois, a polícia de Boston encontrou o martelo que matara Susan Rorke. Billie escondera-o no mesmo armário, em casa da avó, onde guardava os brinquedos. O batom cor de tiramisu encontrado no porta-luvas do carro de Billie fora usado por Samantha Couper – as análises de ADN provaram-no. A polícia de Nova Iorque entregou estas provas à polícia de Toronto e o homicídio de Samantha Couper foi adicionado à lista de acusações. O que deixava apenas Bennett. Ou Jimmy Gordon. O procurador disse-me que, para poderem acusar Billie deste homicídio, teriam de exumar o corpo de Jimmy. Pensei no que isso faria à mãe dele. O estado de Nova Iorque acabara com a pena de morte em 2007; Billie nunca mais sairia da prisão, mesmo sem ser condenada pelo homicídio dele.

Eu sabia que algumas pessoas procuravam uma conclusão, acreditavam nisso. Como detestava essa falsa noção, de que era possível atar as pontas soltas do mistério e da dor. Significaria isso que a pessoa deixava de estar assombrada, noite e dia? Significaria que podia prosseguir com a sua vida? Eu achava que era um termo cruel, um Santo Graal impossível de encontrar. Mas talvez algumas pessoa o encontrassem. Ou se convencessem de que o tinham encontrado.

Desde que resultasse para elas.

Na minha qualidade de alguém que fora profundamente enganada, não por uma pessoa, mas por duas, e mais do que enganada, exposta a um homicídio múltiplo, dei por mim a examinar tanto a minha capacidade de continuar com o trabalho que escolhera, como a definição das pessoas que eram objeto do meu estudo. Nem o termo *sociopata* nem *psicopata* aparecem no *DSM-5*. O que se aproxima mais de *sociopata* é *transtorno de personalidade antissocial*. Os critérios para o diagnóstico incluem distúrbios a nível de: auto-estima, independência, empatia, intimidade, e ainda a recorrência à manipulação e ao engano, a presença de hostilidade, indiferença, irresponsabilidade, impulsividade e uma falta de preocupação com as próprias limitações, levando a riscos excessivos.

O teste mais usado para a psicopatia é a PCL-R – Escala de Avaliação de Psicopatia, Revista – também conhecido como a Escala de Avaliação de Hare. O psicólogo canadiano Robert Hare observou que os sociólogos se concentram mais em facetas influenciáveis por fatores ambientais ou sociais, enquanto os psicólogos e psiquiatras incluem os fatores genéticos, cognitivos e emocionais no seu diagnóstico.

Acabei por usar o caso de Billie no último capítulo da minha tese. Terminei com a pergunta: *Deveriam estas pessoas ser perdoadas?*

Eu não conseguia perdoar-me a mim própria.

O meu irmão e McKenzie não compreendiam que motivos eu tinha para precisar de me perdoar a mim própria. Por pensar o melhor das pessoas? Por ter um coração crédulo? Mas eu precisava de encontrar outra forma de pensar sobre o perdão – algumas pessoas acham que a capacidade de perdoar surgirá a dada altura, mas outras reconhecem que pode ser uma escolha. Que pode manifestar-se como outra forma de empatia, uma dádiva que damos a nós próprios.

O dinheiro da avó de Billie pagou um exército de advogados que estão a

lutar para que Billie seja condenada a internamento num hospital psiquiátrico privado, em vez de ir para a prisão. Isto apesar de se julgar que os psicopatas não beneficiam em nada com a intervenção psiquiátrica. Por enquanto, ela está no Centro Kirby de Psiquiatria Forense, um hospital de segurança máxima gerido pelo Gabinete de Saúde Mental do Estado de Nova Iorque, onde está a ser avaliada por um psiquiatra estatal nomeado pela acusação e por eminentes testemunhas especializadas contratadas pela defesa. É aquela grande estrutura sinistra que Billie e eu vimos do outro lado do rio Harlem no dia em que fomos buscar *Cloud* ao canil e passeámos com ela junto à água, deixando-a saborear e cheirar a sua liberdade.

Quando conhecemos alguém durante uma crise, cria-se uma história comum imediata, dissera-me Cilla. Passamos por cima das revelações e embaraços insignificantes. Passamos por cima do quotidiano e vamos diretamente ao essencial.

McKenzie vira-me na prisão. Vira-me crédula, com medo e com ciúmes. Vira-me a ignorar o que estava mesmo debaixo do meu nariz. Mas vira-me.

E queria voltar a ver-me. Todos temos uma fantasia que colide com a realidade. Eu nunca teria imaginado um primeiro beijo ao ser libertada de Rikers, com o cabelo sujo, banho por tomar, um momento em que me sentia menos desejável do que nunca. Mas foi nesse momento que McKenzie me puxou para si, me segurou no rosto – esse gesto que é, ao mesmo tempo, terno e possessivo – e me beijou. Pensei na velha canção de Betty Everett: «Se queres saber se ele te ama, a resposta está no seu beijo.» A realidade foi melhor do que a fantasia. Melhor porque o desejo se fundiu com tranquilidade, não com a ansiedade que acompanha a obsessão. Melhor porque ele fora cortês e porque eu sabia quem era este homem.

McKenzie apresentou um pedido para a libertação de *Cloud* uma semana depois da minha própria libertação.

Oferecera-se para ir comigo buscá-la ao abrigo, mas eu queria ir sozinha. Passei pelo Centro Kirby de Psiquiatria Forense no caminho. Billie estava atrás de uma daquelas mil janelas com grades.

O dia estava limpo, com algumas nuvens que, segundo os boletins

meteorológicos, aumentariam mais para o fim da tarde, com possibilidade de aguaceiros. Havia pouco trânsito e eu conduzi dentro do limite de velocidade, apesar da pressa que tinha de ir buscar a minha cadela. Não liguei o rádio nem pus um CD. Regozijei-me na clareza que sentia depois de sobreviver. Estava orgulhosa por saber que tinha lutado pela minha vida. Parecia óbvio – que uma pessoa lutasse pela sua vida – mas na altura não fora. Não quero minimizar o papel da sorte, pois também tive sorte. Sentia-me humilde ao pensar na sorte que tivera.

Faltavam ainda uns quarenta minutos até chegar à saída para o bar onde Billie se revelara como Libertine. A transformação ainda me angustiava. Enquanto bebíamos umas cervejas, ela revelara os sete sinais de um psicopata.

Ia no carro de Steven, e virei para uma estação de serviço. No passado, chegara a pensar que não tinha vindo a este mundo para pôr gasolina num carro, mas agora até gostava. Havia algo de satisfatório no facto de o saber fazer, e na gratificação instantânea de encher o depósito. Paguei em dinheiro e tive um desconto por isso.

Estava quase a chegar à saída de Greenwich, onde vivia a avó de Billie. Vira-a novamente durante o meu testemunho em tribunal. Ela estava sentada, sozinha, num banco à saída da sala de audiências. Há um ditado que diz que uma mulher jovem se veste para agradar, e uma mulher velha se veste para não desagradar. A avó de Billie estava impecável, num fato *Chanel* intemporal, com o obrigatório colar de pérolas. Dominara a arte de olhar através de uma pessoa sem demonstrar que a estava a ver, e foi o que fez quando tentei captar-lhe o olhar. Quando chamaram o meu nome e entrei, vi que Billie, que estava sentada a uma mesa com a sua equipa de defesa, parecia ter sido vestida pela avó. Nunca a tinha visto de fato, nem com *collants* e sapatos de salto baixo. O cabelo comprido estava preso num rabo de cavalo. Não tinha maquilhagem e parecia benigna. Ao contrário da avó, Billie olhou para mim, embora eu não conseguisse interpretar a sua expressão. Senti-me como uma professora num museu, a falar sobre as pinceladas de um dos velhos mestres. Um ligeiro interesse, foi tudo o que me pareceu ver, como se o julgamento fosse apenas algo para passar o tempo.

Era quase meio-dia quando cheguei à For Pitties' Sake. Alfredo estava na pista de agilidade com dois cães. Um deles era a minha *Cloud*, e o outro um

pit bull de nariz azul. Os cães caminhavam lado a lado e, quando Alfredo me viu, acenou e conduziu-os na minha direção. Passou o *pit bull* a um assistente. Depois soltou a trela de *Cloud* e eu chamei-a. A cerca de cem metros de mim, *Cloud* levantou a cabeça. Chamei-a novamente pelo nome. Desta vez ela baixou a cabeça e correu para mim. Quando se aproximou, abrandou o passo para não me atirar ao chão. Mesmo à minha frente, deitou-se de costas, com as patas no ar. Deitei-me na relva ao lado dela e deixei-a rebolar para cima de mim. Ficámos assim abraçadas, até *Cloud* encostar a testa à minha; costumávamos fazer isto – encostar as testas e fechar os olhos. Bom, eu fechava os olhos – quando os abria, *Cloud* estava sempre a olhar para mim.

– Vais para casa, miúda – disse Alfredo a *Cloud*. Depois virou-se para mim. – Enganou toda a gente, aquela Billie. Mas nunca enganou os cães. Aquela *rottweiler* que ela trouxe, pensei que tivesse medo da Billie como tinha medo de toda a gente. – Alfredo sentou-se ao pé de nós na relva. – Quando a Billie a trouxe, eu devia ter percebido que a cadela vira qualquer coisa que a assustara. Era saudável, mas alguma coisa a deixara muito transtornada.

– A cadela viu a dona ser assassinada.

– Ela disse que a *Audie* pertencia a um senhor de idade que tinha morrido. Disse que a *Audie* tinha ficado em casa com o corpo alguns dias antes que os encontrassem.

– Como está ela? – Lembrei-me de pensar que a cadela estava a portar-se de forma estranha, naquele dia no estúdio de Pat, mas na verdade *Audie* estava a portar-se de forma adequada, tendo em conta que Billie estava escondida no bosque. Perguntei a mim própria como é que Billie a teria dominado. Teria Pat aberto a porta, julgando que era eu que tinha voltado? Teria Billie drogado a cadela?

– É uma querida, afinal. Protege os cães mais pequenos e não tenho problemas em deixá-la com eles – disse Alfredo. – Não sei se já ouviu a expressão *florescer*? Quando uma cadela se vê fora de uma má situação e se sente segura?

Ela floresce.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às seguintes pessoas o apoio na escrita deste livro: Rebecca Ascher-Walsh, Scott Ciment, Yolanda Crous, Martha Gallahue, Chiu-yin Hempel, Susanne Kirk, Jeff Latzer, Pearson Marx, Arnold Mesches, Barbara Oakley e o seu livro *Cold-Blooded Kindness* e, enquanto coeditora, *Pathological Altruism*, aos fantásticos agentes, Liz Darhansoff e Gail Hochman, e, na Scribner: Dan Cuddy, Daniel Loedel, Paul O'Halloran, e especialmente à nossa maravilhosa editora, Nan Graham, cujo entusiasmo, rigor e sabedoria nos guiou ao longo desta colaboração.